

Bruna Karla Pereira

*A sintaxe cartográfica de 'lá' no
português brasileiro: um estudo
da periferia esquerda*

Faculdade de Letras
Universidade Federal de Minas Gerais
Belo Horizonte
2011

Bruna Karla Pereira

A sintaxe cartográfica de 'lá' no português brasileiro: um estudo da periferia esquerda

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial para obtenção do título de Doutor em Linguística.

Área de concentração: Linguística teórica e descritiva.

Linha C: Estudo da estrutura gramatical da linguagem.

Orientadora: Jânia Martins Ramos (Universidade Federal de Minas Gerais).

Faculdade de Letras
Universidade Federal de Minas Gerais
Belo Horizonte
2011



Universidade Federal de Minas Gerais

Faculdade de Letras

Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos

Tese intitulada “A sintaxe cartográfica de ‘lá’ no português brasileiro: um estudo da periferia esquerda”, defendida por Bruna Karla Pereira em 22 de setembro de 2011 e aprovada por banca examinadora constituída pelos seguintes professores:

Dra. Jânia Martins Ramos - UFMG
Orientadora

Dra. Mary Aizawa Kato - UNICAMP

Dr. Sergio de Moura Menuzzi - UFRGS

Dra. Ilza Maria de Oliveira Ribeiro - UFBA

Dr. Lorenzo Teixeira Vitral - UFMG

*Dedico esta tese àquele que acompanhou,
sentiu e vivenciou junto comigo
cada passo, cada dor e cada conquista
que este trabalho significa na minha vida.*

AGRADECIMENTOS

Agradeço ao Pai Criador por conceder proteção, direcionamento e força para a concretização de meus projetos de vida. Agradeço aos meus pais pelo sacrifício e pela abdição que ofereceram, quando ainda tão jovens, para minha criação e meus estudos. Com eles, aprendi o caminho do trabalho, da luta e da dignidade. Agradeço ao meu noivo, pela presença, pela palavra amiga, pelo apoio incansável, pelo cuidado, pela generosidade e pelo entusiasmo. Agradeço também à minha irmã, pelo carinho e pelo brilho, e à minha querida vó, pelas preces e orações.

Agradeço à FAPEMIG pela bolsa que permitiu a minha dedicação exclusiva à pesquisa na UFMG. Sem esse apoio, minha produtividade estaria comprometida. Agradeço também à CAPES pela oportunidade de realização do doutorado no exterior, um sonho que trazia comigo há muitos anos.

Na UFMG, agradeço a todos os funcionários do PosLin, em especial, à Malu, à Graça e à Cida pela acolhida e pela prontidão. Ao Prof. Luiz Francisco, coordenador do PosLin na gestão 2007/2009, pela disposição para atender sempre que necessário. Ao Prof. Lorenzo Vitral cujas aulas me permitiram descobrir o gosto pelo estudo da sintaxe formal. À Profa. Jânia Ramos, por me receber e assumir minha orientação. À Profa. Sônia Cyrino (UNICAMP), pelos comentários valiosos e pelas indicações de leitura na banca de qualificação.

Na University of Cambridge, agradeço ao Prof. Ian Roberts pela coorientação, acessibilidade, atenção e presteza, além do compromisso e incentivo. Ao professores Giuseppe Longobardi, Cristina Guardiano, Liliane Haegeman e Theresa Biberauer pelo interesse e pela colaboração. Aos amigos da Link House, pela companhia e pelas conversas que me permitiram conquistar mais prática e intimidade com a língua inglesa.

Finalmente, agradeço a todos os que acompanharam o meu trabalho e que, de alguma forma, deram a sua contribuição.

*A palavra ainda me não chegou à língua,
e já, Senhor, a conheceis toda.*

*Vós me cercais por trás e pela frente,
e estendeis sobre mim a vossa mão.*

(Sl 138, 4 - 5)

*É ainda vossa mão que lá me levará,
e vossa destra que me sustentará.*

(Sl 138, 10)

RESUMO

Esta tese examina o advérbio 'lá', no português brasileiro, que pode assumir valores outros além de dêixis. Para esse exame, objetiva-se: catalogar as diferentes realizações de 'lá', descrever as suas propriedades e explicar as suas posições na hierarquia sintática.

Muitos autores observaram a multiplicidade de usos que 'lá' pode admitir, como Martelotta & Rego (1996) e Greco & Vitral (1999), no PB, e Martins (2010), no PE. Os dois primeiros trabalhos não oferecem um estudo sintático, restringindo-se a explicações sobre os valores semânticos e discursivos veiculados. O terceiro, diferentemente, formaliza uma análise. Contudo, a proposta é problemática por reunir, em uma única categoria (Spec,TP), propriedades muito diversas. Além disso, a categorização oferecida ora não contempla dados com 'lá' no PB ora não se aplica a eles.

Por outro lado, a proposta de análise que desenvolvemos parte essencialmente de dois pressupostos: primeiro, advérbios ocupam a posição de especificador e checam traços dos núcleos de projeções funcionais (CINQUE, 1999); segundo, a periferia esquerda é um campo rico em projeções funcionais que se caracterizam por comportar elementos de interface, isto é, relacionados concomitantemente à sintaxe e ao discurso (RIZZI, 1997).

Com base nesses pressupostos, levantamos a hipótese segundo a qual 'lá' ocuparia a posição de especificador em projeções diversas das periferias do IP, vP e NP. A hipótese é corroborada quando se verifica que as restrições na posição de 'lá' e suas propriedades de interface correspondem a restrições e propriedades contidas em projeções de foco, tópico, força, dentre outras.

Dessa forma, em posição pré-verbal, 'lá' ocuparia projeções altas na periferia do IP. Em contrapartida, em posição pós-verbal, 'lá' ocuparia projeções baixas na periferia do vP, com algumas ressalvas. Por exemplo, em sentenças imperativas, 'lá' linearmente é pós-verbal, mas hierarquicamente está na periferia externa, pois V alça, no domínio do CP, a uma posição mais alta. Por último, 'lá' também pertenceria a projeções da periferia do NP, sendo pré ou pós-nominal. Neste caso, a posição pós-nominal também seria resultado do alçamento do NP.

Assim sendo, lançando mão das categorias funcionais periféricas, a proposta desenvolvida consegue captar, de forma unificada, as restrições sintáticas e as propriedades de interface contidas em cada realização de 'lá' no PB.

Palavras-chave: advérbio 'lá'; especificador funcional; periferias esquerdas do IP, vP e NP.

ABSTRACT

This thesis examines Brazilian Portuguese ‘lá’, an adverb which bears many properties other than deixis. As such, this investigation aims at: cataloguing the different realizations of ‘lá’, describing its properties and specifying its positions in the syntactic hierarchy.

Several researchers have pointed out how diverse the phenomenon involved in the uses of ‘lá’ is, such as Martelotta & Rego (1996) for BP and Martins (2010) for EP. However, the former does not offer a syntactic view on the issue, being restricted to explanations on the semantic content of ‘lá’. The latter does depict an analytical proposal. Nonetheless, this analysis puts together, in a sole category (Spec,TP), a bunch of different interfacial features, which seems to be problematic. In addition, the categorization so far suggested is intended for EP data. That is why, as expected, it neither covers thoroughly all BP data nor applies properly to them.

Trying to face these problems, the analysis that we develop is based essentially on two theoretical assumptions: firstly, AdvPs are functional specifiers checking head-features (CINQUE, 1999); secondly, the left periphery is a fine-grained domain rich in functional projections that bear an interface system, that is, they are linked to both syntax and discourse (RIZZI, 1997).

Regarding these assumptions, we hypothesize that ‘lá’ is a functional specifier merged in different projections of the left periphery. This is confirmed when one finds correspondence between, on one hand, the order restrictions on ‘lá’ and its interfacial properties, and, on the other hand, the requirements for Focus, Topic, Force, and so forth.

Therefore, we argue that, when pre-verbal, ‘lá’ would be merged in high positions of the IP-periphery. In contrast, when post-verbal, ‘lá’ would be in low positions of the vP-periphery. Despite this, it is worthwhile mentioning that, in some sentences, for instance, in imperatives, ‘lá’ is linearly post-verbal, but derivationally it is situated in the IP-periphery, because V raises to a position higher than ‘lá’ in the CP-domain. Lastly, ‘la’ would be located in the NP-periphery either following the noun, in case of NP-raising, or preceding it.

To sum up, considering the many functional projections in the three left peripheries, our proposal tries to explain, in a unified framework, the syntactic restrictions and the interfacial properties conveyed by each realization of ‘lá’ in BP.

Key words: adverb ‘lá’; functional specifier; IP, vP and NP left peripheries.

LISTA DE FIGURAS

Capítulo 1

Figura 1: Tópico e Comentário	45
Figura 2: Foco e Pressuposição	46
Figura 3: A periferia do IP	47
Figura 4: A periferia do VP	52

Capítulo 2

Seção 2.1

Figura 1: ‘Lá’ em Spec,FocusP de questões retóricas	61
Figura 2: ‘Lá’ em Spec,FocusP de imperativas	68

Seção 2.2

Figura 1: ‘Lá’ em Spec,TopP em construções com ‘vir’	85
Figura 2: ‘Lá’ em Spec,TopP em construções com ‘ter’	86
Figura 3: ‘Lá’ em Spec,TopP em estruturas com ‘lá vem’ e ‘lá vai’	90

Seção 2.3

Figura 1: ‘Lá’ em Spec,FinP nas estruturas com verbos ‘vir’ e ‘ir’	111
--	-----

Seção 2.4

Figura 1: ‘Lá’ diretivo em Spec,ForceP	134
Figura 2: ‘Lá’ em Spec,ForceP de assertivas enfáticas	146

Capítulo 3

Seção 3.1

Figura 1: A posição de ‘não’ ₁	152
Figura 2: A posição de ‘não’ ₂	156
Figura 3: A posição de ‘não’ ₃	159
Figura 4: ‘Lá’ em Spec,FocusP interno	166

Seção 3.2

Figura 1: ‘Lá’ em Spec,TopP interno	180
-------------------------------------	-----

Capítulo 4

Seção 4.1

Figura 1: A posição hierárquica de ‘lá’ locativo e de ‘lá’ não locativo	187
Figura 2: A cartografia do DP e o alçamento do NP	208
Figura 3: ‘La’ em SpP no crioulo mauritano	213
Figura 4: ‘Lá’ em Spec,SpP na cartografia do DP	215

Seção 4.2

Figura 1: ‘Lá’ pré-nominal em Spec,QP intensificador	221
Figura 2: ‘Lá’ pré-nominal em Spec,QP universal	223

Seção 4.3

Figura 1: ‘Lá’ em Spec,DP	226
Figura 2: ‘Lá’ em Spec,NP e em Spec,AdvP	227
Figura 3: ‘Lá’ em Spec,PP e em Spec,AP	228
Figura 4: ‘Lá’ em Spec,QP versus ‘lá’ em Spec,ForceP [+condicional] com QP em Spec,FocusP	234
Figura 5: ‘Lá’ em Spec,DP versus ‘lá’ em Spec,ForceP [+condicional] com DP em Spec,FocusP	235
Figura 6: ‘Lá’ em Spec,NP versus ‘lá’ em Spec,ForceP [+condicional] com NP em Spec,FocusP	236
Figura 7: ‘Lá’ em Spec,AdvP versus ‘lá’ em Spec,ForceP [+condicional] com AdvP em Spec,FocusP	237
Figura 8: ‘Lá’ em Spec,PP versus ‘lá’ em Spec,ForceP [+condicional] com PP em Spec,FocusP	238
Figura 9: ‘Lá’ em Spec,AP versus ‘lá’ em Spec,ForceP [+condicional] com AP em Spec,FocusP	239

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	15
CAPÍTULO 1	
FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	21
1.1 O programa minimalista	21
1.1.1 Recapitulação: o programa minimalista	28
1.2 A teoria dos especificadores funcionais	30
1.2.1 Os especificadores funcionais	32
1.2.2 A ordem dos advérbios	33
1.2.3 A ordem dos núcleos funcionais	37
1.2.4 A correspondência entre a hierarquia dos advérbios e a dos núcleos funcionais	37
1.2.5 Recapitulação: a teoria dos especificadores funcionais	38
1.3 A cartografia das estruturas sintáticas	39
1.3.1 O projeto cartográfico	39
1.3.2 A periferia esquerda	44
1.3.2.1 A periferia do IP	44
1.3.2.2 A periferia do vP	48
1.3.2.3 A periferia do NP	52
1.3.3 Recapitulação: a cartografia das estruturas sintáticas	56
CAPÍTULO 2	
‘LÁ’ NA PERIFERIA EXTERNA DO IP: O DOMÍNIO DO CP	57
2.1 ‘Lá’ em Spec,FocusP	57
2.1.1 Questões retóricas	57
2.1.1.1 As propriedades de uma questão retórica	58
2.1.1.2 Proposta de análise	59
2.1.1.3 Uma discussão da proposta de Martins (2010)	63
2.1.2 Imperativas	66
2.1.3 Recapitulação: ‘lá’ em Spec,FocusP	71
2.2 ‘Lá’ em Spec,TopP	72
2.2.1 Análise de ‘lá’ em Spec,IP	72
2.2.1.1 EPP	73
2.2.1.2 Os três pilares da análise de ‘lá’ em Spec,IP	74
2.2.1.3 Dispositivos teóricos para a análise de ‘lá’ em Spec,IP	77
2.2.2 Problemas com a análise de ‘lá’ em Spec,IP	77

2.2.2.1 Redobro de ‘lá’ e suposta perda de significado locativo	78
2.2.2.2 A ordem [XP V (DP)]	81
2.2.2.3 O PB como língua de sujeito nulo parcial	82
2.2.3 Análise de ‘lá’ em Spec,TopP	83
2.2.3.1 ‘Lá’ + ‘vir’	86
2.2.3.2 ‘Lá’ + ‘ir’	88
2.2.4 A compatibilidade de ‘lá’ com ‘aqui’ e ‘aí’ na qualidade de fonte, alvo e meio.	90
2.2.4.1 ‘Lá’ tópico + ‘vir’	91
2.2.4.2 ‘Lá’ tópico + ‘ir’	92
2.2.5 A questão da inversão locativa	94
2.2.5.1 Conceito, exemplos e diagnósticos	94
2.2.5.2 Análises e controvérsias	98
2.2.6 Recapitulação: ‘lá’ em Spec,TopP	104
2.3 ‘Lá’ em Spec,FinP	106
2.3.1 ‘Lá’ modal + ‘vir’	106
2.3.2 ‘Lá’ modal + ‘ir’	108
2.3.3 Recapitulação: ‘lá’ em Spec,FinP	113
2.4 ‘Lá’ em Spec,ForceP	114
2.4.1 Diretivas	114
2.4.1.1 ‘Lá’ em Spec,TopP	115
2.4.1.2 ‘Lá’ em Spec,FinP	116
2.4.1.3 ‘Lá’ diretivo em Spec,ForceP	117
2.4.1.3.1 <i>Voilà/ci</i> no francês	118
2.4.1.3.1.1 Um paralelo entre <i>voilà</i> no francês e ‘lá vai’ diretivo no PB	124
2.4.1.3.1.1.1 As propriedades	124
2.4.1.3.1.1.2 Os dados	130
2.4.1.3.1.2 Diferenças entre ‘lá’ modal e ‘lá’ diretivo	130
2.4.1.3.1.3 ‘Lá vai’ diretivo: ‘lá’ em Spec,ForceP	133
2.4.1.3.1.3.1 Análise	133
2.4.1.3.1.3.2 Força ilocucionária diretiva	135
2.4.1.3.2 Um paralelo entre <i>there is/there you go/there you are</i> no inglês e ‘lá vai’ no PB	137
2.4.1.3.2.1 As propriedades	137
2.4.1.3.2.2 Os dados	138
2.4.1.4 Resumo das diferenças entre ‘lá’ tópico, modal e diretivo	142
2.4.1.5 Recapitulação: ‘lá’ tópico, modal e diretivo	144
2.4.2 Assertivas enfáticas	144

2.4.3 Recapitulação: ‘lá’ em Spec,ForceP	147
2.5 Conclusão do capítulo 2: ‘Lá’ na periferia externa do IP	148
CAPÍTULO 3	
‘LÁ’ NA PERIFERIA INTERNA DO IP	150
3.1 ‘Lá’ em Spec,FocusP interno	150
3.1.1 ‘Lá’ marcador de questões retóricas <i>versus</i> ‘lá’ marcador de negação	150
3.1.2 Negação pós-verbal	151
3.1.3 Um paralelo entre ‘lá’ pós-verbal e ‘não’ final	160
3.1.4 A posição de ‘lá’ negativo	161
3.1.5 Um paralelo entre ‘lá’ e ‘não’ ₃ : as posições de foco interno e externo	164
3.1.6 Uma discussão da proposta de Martins (2010)	168
3.1.6.1 ‘Lá’ e a negação no PE	169
3.1.6.1.1 ‘Lá’ como NPI?	169
3.1.6.1.2 ‘Lá’ como marcador de negação metalinguística?	169
3.1.6.2 A posição de ‘lá’ marcador de negação segundo Martins (2010)	174
3.1.6.3 Recapitulação: ‘lá’ em Spec,FocusP interno	175
3.2 ‘Lá’ em Spec,TopP interno	177
3.2.1 Propriedades e análise	177
3.3 Conclusão do capítulo 3: ‘Lá’ na periferia interna do IP	181
CAPÍTULO 4	
‘LÁ’ NA PERIFERIA DO NP: O DOMÍNIO DO DP	182
4.1 ‘Lá’ em Spec,SpP	182
4.1.1 Propriedades sintáticas e semânticas de estruturas contendo ‘lá’ pós-nominal.	184
4.1.1.1 ‘Lá’ locativo <i>versus</i> ‘lá’ não locativo	184
4.1.1.2 ‘Lá’ não locativo e ‘qualquer’ pós-nominal	189
4.1.1.3 ‘Lá’ não locativo e <i>this</i> indefinido específico	194
4.1.1.4 ‘Lá’ não locativo e o conceito de especificidade	198
4.1.1.5 ‘Lá’ e ‘aí’ marcadores de especificidade	202
4.1.2 A posição do NP e de XPs modificadores na configuração do DP	207
4.1.3 Análise formal de ‘lá’ operador de especificidade	209
4.1.3.1 A partícula ‘lá’ no crioulo mauritano	210
4.1.3.2 ‘Lá’ operador de especificidade em Spec,SpP	214
4.1.4 Recapitulação: ‘lá’ em Spec,SpP	215
4.2 ‘Lá’ em Spec,QP	219
4.2.1 Intensificadores	219

4.2.2	Quantificadores universais	222
4.2.3	Recapitulação: ‘lá’ em Spec,QP	224
4.3	‘Lá’ em estruturas predicativas	225
4.3.1	Especificador em categorias lexicais?	229
4.3.2	‘Lá’ em Spec,ForceP [+condicional] no domínio do CP	229
4.3.3	Recapitulação: ‘lá’ em estruturas predicativas	240
4.4	Conclusão do capítulo 4: ‘Lá’ na periferia do NP	241
	CONCLUSÃO	242
	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	247

INTRODUÇÃO

Observa-se que o advérbio ‘lá’ no português brasileiro pode apresentar diferentes realizações. Além de indicar dêixis locativa, também pode indicar negação, imperativo, questão retórica, especificidade, tópico, força ilocucionária assertiva, etc. Esta tese se propõe a descrever e analisar, de um ponto de vista formal, essas diversas realizações de ‘lá’ no português brasileiro.

Vários trabalhos já descreveram a multiplicidade de usos que ‘lá’ admite. Podemos dividi-los em pelo menos dois grupos. Adiante, vamos eleger um representante de cada grupo de modo que tenhamos, para o momento, uma visão sucinta do problema.

O primeiro grupo concentra-se, de modo geral, nos valores semânticos e ou discursivos admitidos por ‘lá’, sem, no entanto, fornecer uma análise sintática ou mesmo uma descrição sistematizada e teoricamente adequada das propriedades de ‘lá’ identificadas em cada ambiente sintático.

Por exemplo, Martelotta & Rego (1996) analisam as diversas funções de ‘lá’ sob o viés funcional de gramaticalização. Para isso, os autores entendem que este fenômeno segue um ciclo (espaço > (tempo) > texto/emoção). Assim sendo, o ‘lá’ locativo, como em “Olha *lá* o marido da Maria com a outra” (MARTELOTTA; RÊGO, 1996, p. 241), passaria por dois caminhos de mudança: textual e emocional. Percorrendo o primeiro caminho, ‘lá’ se tornaria um elemento endofórico “A gente ouve um monte de disco... que tem *lá* na sala” (MARTELOTTA; RÊGO, 1996, p. 241). Por sua vez, percorrendo o segundo caminho, o emocional, ‘lá’ se tornaria um “modalizador”, como em “Eu sei *lá* o que ele quer dizer com isso!” (MARTELOTTA; RÊGO, 1996, p. 244) e expressaria “afastamento ou desinteresse” por parte do falante.

Esse estudo apresenta intuições interessantes sobre diferentes realizações de ‘lá’, porém não traz uma análise formalista, mas sim funcionalista fornecendo uma descrição detalhada de seu funcionamento textual e discursivo. Por não categorizar ‘lá’ de um ponto de vista sintático, não traz uma descrição exaustiva dos ambientes sintáticos em que ocorre e não formaliza uma análise.

O segundo grupo de trabalhos que trata de ‘lá’ produz propostas de análise sintática, mas não oferece instrumentos capazes de captar as restrições e peculiaridades de cada realização analisada.

Por exemplo, Martins (2010) sistematiza dados com diversas realizações de ‘lá’ no português europeu. De acordo com sua proposta, Spec,TP é a posição na qual itens locativos não argumentais, quando aí inseridos diretamente, atuam como marcadores enfáticos destituídos de conteúdo locativo. Esse uso enfático dos locativos é encontrado em diferentes ambientes sintáticos, tais como questões retóricas, sentenças imperativas, declarativas e em negação metalinguística. Portanto, vale a mesma explicação, isto é, a inserção direta de ‘lá’ em Spec,TP para justificar o uso “enfático” e “não locativo” de ‘lá’ em todos esses ambientes.

A proposta tem o intuito de ser abrangente e generalizante. Contudo, perde no que se refere à capacidade de identificar e explicar as peculiaridades sintáticas ou mesmo semânticas de cada sentença onde ‘lá’ aparece. Ora, reunir, em uma única categoria sintática, Spec,IP/TP, propriedades tão diversas e atribuir a esta única categoria tal poder seria minimamente problemático. Faz-se necessária uma proposta que seja sim generalizante, mas ao mesmo tempo capaz de acomodar a identidade de cada uma destas diferentes realizações.

Além disso, quando aplicada ao PB, a proposta mostra limitações, pois outras restrições posicionais e estruturais se manifestam nas realizações de ‘lá’ e, por isso, boa parte da categorização adotada não se mostra adequada ao PB. Como veremos com detalhe no capítulo 2, apenas uma ínfima parte dos dados em que ‘lá’ é considerado pela autora como marcador de negação, encontraria correspondente no PB, como “sei lá”, por exemplo. Estruturas como “Eu sou lá criatura que adoeça!” (MARTINS, 2010, p. 12) ou “Eu sou lá criatura que adoeça?” configurariam, no PB, questões retóricas, isto é, estruturas que têm a propriedade de inverter a polaridade da sentença, fazendo com que perguntas afirmativas sejam interpretadas como assertivas negativas. Nesses casos, ‘lá’ não seria de forma alguma um marcador de negação, como será visto no capítulo 2.

Portanto, os estudos em questão trazem dados com ‘lá’ e elucidam propriedades neles presentes. Contudo, faltam, por parte de alguns, sistematização, análise e categorização. Por parte de outros, falta uma análise consistente com as propriedades singulares de cada realização de ‘lá’ no PB.

Diante dessas observações, tentamos oferecer instrumentos e subsídios para que se possam preencher essas lacunas. Sendo assim, os objetivos principais desta tese são:

- ✓ Catalogar as diferentes realizações de ‘lá’ no PB;
- ✓ Oferecer uma descrição de suas propriedades, tais como posição sintática, valor semântico, ambientes sentenciais, dentre outras;
- ✓ Categorizar essas realizações;
- ✓ Produzir uma análise sintática relativamente unificada que seja consistente com as singularidades de cada uma dessas realizações de ‘lá’.

Para alcançarmos esses objetivos, seguiremos os seguintes procedimentos metodológicos:

- ✓ Determinar critérios para uma categorização coerente e eficaz, como, por exemplo, ambiente frasal (se interrogativa, declarativa, imperativa, quando no domínio da sentença) e posição (se pré ou pós-nominal, quando no domínio do nome, ou se pré ou pós-verbal, quando no domínio da sentença);
- ✓ Apresentar dados provenientes de fontes diversas, tais como entrevistas, *internet*, conversas informais, programas de TV, intuição, dentre outras.
- ✓ Comparar, quando possível, as realizações de ‘lá’ com elementos de outras línguas, por exemplo, *la* do crioulo mauritano, *there* do inglês em expressões como “*there you go*”, *là* do francês em *voilà*, *bene* do italiano em “*va bene*”, etc.
- ✓ Analisar os dados.

Para que possamos realizar a análise dos dados, partiremos dos seguintes pressupostos teóricos:

- ✓ Primeiro, AdvPs são especificadores de projeções funcionais, de acordo com Cinque (1999). Desse modo, eles teriam uma ordem rígida determinada pela

Gramática Universal e checariam, nesta posição, traços funcionais de um núcleo.

- ✓ Segundo, as categorias sintáticas IP (RIZZI, 1997), vP (BELLETTI, 2004) e NP (ABOH *et al*, 2010; GIUSTI, 1996; HAEGEMAN, 2004) projetariam cada qual um domínio específico para a representação de elementos de interface, isto é, elementos relacionados concomitantemente à sintaxe e ao discurso. Esses domínios são chamados periferias esquerdas e contêm um espaço rico e complexo de projeções funcionais para alocar tópico, foco, força, dentre outros.
- ✓ Terceiro, a sintaxe é regida por mecanismos simples, como selecionar, compor e mover que são, por outro lado, capazes de gerar blocos hierárquicos altamente complexos. O projeto cartográfico (CINQUE; RIZZI, 2008) tem como objetivo identificar e mapear as categorias sintáticas que constituem essa hierarquia.

Com base nesses pressupostos teóricos, levantamos a hipótese segundo a qual ‘lá’ checaria traços de categorias funcionais nas periferias do IP, vP e NP. Essa hipótese se justifica, de modo geral, devido ao caráter “enfático” e às restrições sintáticas de ‘lá’, que não é distribuído livremente nas estruturas em estudo. Sendo assim, esta tese se divide em quatro capítulos. Enquanto o primeiro trata dos pressupostos teóricos que acabamos de mencionar, os outros tratam, cada qual, de ‘lá’ nessas três periferias.

O capítulo 2 examina categorias da periferia externa ao IP e é dividido em quatro grandes seções. A seção 2.1 aborda estruturas com questão retórica (1) e imperativo (2) nas quais analisamos ‘lá’ como Spec,FocusP. A seção 2.2 contempla estruturas com verbos inacusativos ‘ir’ (3a) e ‘vir’ (3b) e com o verbo existencial ‘ter’ (3c) nas quais analisamos ‘lá’ como Spec,TopP. A seção 2.3 examina outros tipos de estruturas com ‘ir’ e ‘vir’ nas quais ‘lá’ parece checar traços de modo (*ir*)*realis* em sentenças com gerúndio (4a) ou infinitivo (4b), razão por que analisamos ‘lá’ como Spec,FinP. Por último, a seção 2.4 faz um estudo de ‘lá’ em diretivas (5) e em assertivas enfáticas (6) nas quais propomos que ‘lá’ ocupa a posição Spec,ForceP.

- (1) Eu **lá** sou mulher de levar desaforo pra casa?
- (2) Calma **lá**! Você não pode me acusar assim.

- (3) a. **Lá** vai o ônibus.
 b. **Lá** vem a Maria.
 c. **Lá** tinha uma escultura de pedra.
- (4) a. “Embrulhados assim, os ovos têm proteção suficiente para aguentar os trancos que **lá** vão *tomando* na cangalha” (repórter Nelson Araújo, Rede Globo, programa Globo Rural, tema Tropeiros do Parmesão, aos 19 de setembro de 2010).
 b. Eu **lá** ia *tomar* café, quando derramei tudo.
- (5) A chave! **Lá** vai. (Cena: a esposa joga a chave para o marido, dizendo (5)).
- (6) A: _A vida não tem sentido sem trabalho e fé.
 B: _**Lá** isso é verdade.

O capítulo 3 investiga a periferia do vP, isto é, a periferia interna ao IP e é dividido em duas seções. A seção 3.1 aborda estruturas nas quais ‘lá’ é um marcador de negação (7). Propomos que ‘lá’ ocupa a posição Spec,FocusP interno sendo a contraparte de ‘não’ final, que estaria, por sua vez, em Spec,FocusP externo. Por sua vez, a seção 3.2 trata de estruturas com valor de concessão (8) nas quais analisamos ‘lá’ como Spec,TopP interno.

- (7) “Eu sei **lá** como, mas ele apareceu na casa da minha mãe” (fala de personagem Guilherme a respeito de um robô que encontrou na casa de sua mãe, novela *Morde e Assopra*, Rede Globo, junho de 2011).
- (8) “Que ela seja paqueta ainda vai **lá**. Agora, sair com o Romário ...” (MARTELOTTA; RÊGO, 1996, p. 246).

O capítulo 4 examina a periferia do NP, isto é, o domínio do DP e se divide em três seções. A seção 4.1 tem como foco as ocorrências de ‘lá’ pós-nominal (9) nas quais sugerimos que ‘lá’ é um marcador de especificidade inserido em Spec,SpP (*Specificity Phrase*). As seções seguintes se concentram nas ocorrências de ‘lá’ pré-nominal. A seção 4.2 descreve estruturas nas quais ‘lá’ precede intensificadores (10a) e o quantificador universal ‘qualquer’ (10b), razão por que analisamos ‘lá’ como Spec,QP.

(9) “eu tinha [um colega meu **lá**] que ele trabalhava com negócio de obra” (ALMEIDA; CARNEIRO, 2008, p. 4).

(10) a. Eu não tenho [**lá** tanto talento em esportes].

b. Seja [**lá** qualquer pessoa que for], receba com educação.

Por último, a seção 4.3 realiza um estudo de ‘lá’ em estruturas predicativas pós-cópula *seja [lá x for]* (11), nas quais ‘lá’ precede categorias diversas, tais como NPs, APs, DPs, AdvPs e outros. O predicativo complexo *lá x for*, que é composto por *x* mais oração relativa (CP), é um item *wh* podendo ser traduzido no inglês por *whoever, whichever, wherever*, etc. Neste caso, apesar de termos proposto uma análise de ‘lá’ no domínio nominal, tivemos de oferecer uma outra solução. Esses itens *wh* seriam movidos para Spec,FocusP, enquanto ‘lá’ seria inserido em Spec,ForceP. Notemos que, neste caso, o domínio relevante para a análise é o CP e não o DP.

(11) Seja [**lá** que livro for], você precisa ler mais.

A partir deste breve panorama da catalogação, categorização e descrição de pelo menos onze diferentes realizações de ‘lá’ no PB, propomo-nos a oferecer uma análise unificada do fenômeno e coerente com as suas restrições e singularidades. A unificação se sustentaria na periferia esquerda onde se alojam os elementos de interface. Por sua vez, as restrições e singularidades nas ocorrências de ‘lá’ seriam contempladas ao se desvelarem correspondências entre essas singularidades e as propriedades das projeções funcionais (FocusP, TopicP, ForceP, FinP, SpP, QP) situadas na periferia de cada fase estrutural: flexional (IP), verbal (vP) e nominal (NP).

CAPÍTULO 1

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Este capítulo se divide em três seções que tratam, respectivamente, do programa minimalista, da teoria dos especificadores funcionais e do projeto cartográfico. Esta breve síntese tem o propósito de definir noções básicas a partir das quais se estabelece a interlocução com o projeto cartográfico dentro do qual a presente tese se desenvolve.

1.1 O programa minimalista

No Programa Minimalista, parte-se do pressuposto já abordado na teoria de P&P de que a mente humana é dotada de princípios que configuram a Faculdade da Linguagem (FL), isto é, quando alguém nasce, a sua FL se encontra em um estado inicial (FL_0), “que assumimos ter uma complexidade rica e uniforme para toda a espécie humana” (RAPOSO, 1999, p. 16).

O estado inicial da FL_0 é chamado de *Gramática Universal* (UG). “ FL_0 contém dois tipos de princípios: princípios ‘rígidos’ e princípios ‘abertos’ com dois valores possíveis, e que só são ‘ligados’ (como um interruptor elétrico) [...] pelos dados linguísticos particulares a que a criança é exposta” (RAPOSO, 1999, p. 21). Por exemplo, sendo exposta ao português, uma criança ativar positivamente o parâmetro do sujeito nulo; ao passo que, sendo exposta ao inglês, ativar negativamente o mesmo parâmetro.

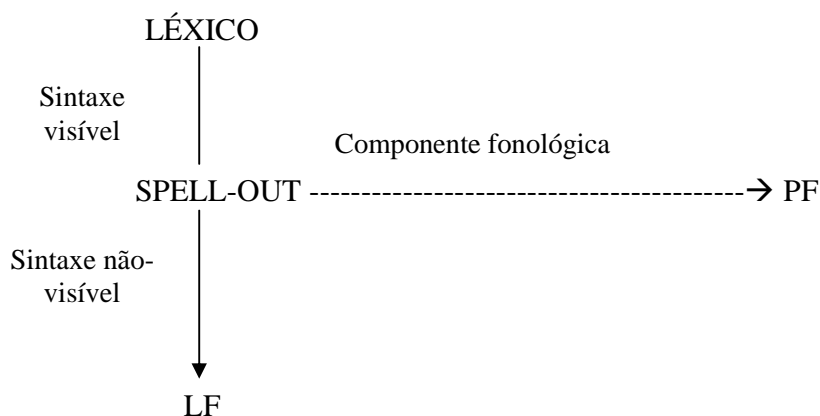
Assim sendo, o desenvolvimento da FL é determinado parcialmente pela experiência externa do falante no ambiente em que vive e parcialmente por um sistema interno e uniforme a toda espécie humana. Esse sistema é conhecido como *Sistema Computacional* (da linguagem humana) ou C_{HL} e comporta os princípios, isto é, as regras “que operam recursivamente sobre os itens do léxico e sobre as expressões complexas formadas a partir destes” (RAPOSO, 1999, p. 18).

No decorrer do crescimento de uma pessoa, a FL passa por várias fases até atingir seu estado final (FL_f). Essas diversas fases do desenvolvimento da Faculdade de Linguagem são chamadas de línguas-I. Portanto, a FL_f de uma pessoa é uma língua-I final, isto é, “uma gramática da ‘língua’ que ela fala [...] que lhe permite compreender, produzir e perceber um número infinito de expressões” (RAPOSO, 1999, p. 16) ou, em outras palavras, “um repositório de conhecimentos sobre sons, significados e organização estrutural” (RAPOSO, 1999, p. 18).

Nesse sentido, “a língua-I tem duas componentes: um léxico e um sistema de princípios” (RAPOSO, 1999, p. 18) capazes de gerar um conjunto infinito de expressões. A língua-E, por sua vez, é “caracterizada como o conjunto das frases ‘gramaticais’ de uma língua, enquanto objeto sociológico, ‘externo’” (RAPOSO, 1999, p. 18). Não se pode, no entanto, confundir Descrição Estrutural (DE) com língua-E. A DE, na teoria de P&P, é “um conjunto de quatro níveis de representação simbólica: {Estrutura-D, Estrutura-S, PF (Forma Fonética), LF (Forma Lógica)}” (RAPOSO, 1999, p. 18).

Esses níveis de representação da teoria de P&P, no entanto, são reduzidos, no Programa Minimalista, apenas aos níveis de interface PF e LF, que são interpretados, respectivamente, nos sistemas articulatório-perceptual e cognitivo-intencional. Assim, o modelo minimalista conteria apenas aquilo que é conceitualmente necessário, conforme representação abaixo (RAPOSO, 1999, p. 27).

Figura 1: O sistema computacional da linguagem humana



Nesta representação, “SPELL-OUT é o ponto da computação em que a estrutura formada até aí dá entrada na componente fonológica” (RAPOSO¹, 1999, p. 26). A componente fonológica “recolhe as propriedades fonéticas de E, juntamente com a sua estrutura silábica e prosódica” (RAPOSO, 1999, p. 20), enquanto a componente lógica “recolhe as propriedades de significação (‘semânticas’) de E, derivadas com base nas propriedades semânticas de seus itens lexicais, e incluindo aspectos como estrutura argumental, funções temáticas (θ) [...] etc.” (RAPOSO, 1999, p. 20).

Sendo assim, o Princípio de Interpretação Plena (FI) “implica que as interfaces (PF e LF) não possuam elementos ‘estranhos’ aos sistemas de performance respectivos” (RAPOSO, 1999, p. 27). “Se uma interface satisfaz FI, dizemos que a derivação que a gera *converge* [...] caso contrário, a derivação *fracassa*” (RAPOSO, 1999, p. 28).

Entretanto, além de as informações fornecidas terem de ser acomodadas nos dois sistemas de interface, isto é, convergirem em PF e em LF, é preciso que a derivação satisfaça certas condições como a economia, por exemplo. Uma aplicação de compor (*merge*) é mais econômica do que uma aplicação de mover (*move*) e, portanto, a segunda é preterida em detrimento da primeira.

Em (1), por exemplo, a derivação mais econômica é (1a) porque “*there* é inserido imediatamente no [Spec,IP] [...] em detrimento da elevação de *a man*” (RAPOSO, 1999, p. 31). Neste caso, “as computações menos econômicas são bloqueadas mesmo se convergirem” (CHOMSKY, 1999, p. 308, tradução de Raposo). Assim, mesmo sendo convergente, a derivação de (1b) é degradada por ser menos econômica.

(1) a. “There seems [t to be a man in the room]”.

Parece estar um homem no quarto (RAPOSO, 1999, p. 31).

b. “There seems [a man to be t in the room]”.

Parece um homem estar no quarto (RAPOSO, 1999, p. 31).

¹ Atente-se para o fato de que, quando sinalizamos “(RAPOSO, 1999)”, referimo-nos à apresentação, escrita por Raposo, de sua tradução ao *The Minimalist Program* (CHOMSKY, 1995). Esta apresentação contempla, portanto, ideias de Chomsky, mas se trata de uma resenha de autoria de Raposo. Por isso, abrimos, nas referências bibliográficas, um único item para nos referirmos especificamente a esta apresentação sinalizada na tese como “(RAPOSO, 1999)”. Quando não estivermos tratando desta apresentação, mas sim de fragmentos traduzidos de Chomsky (1995) por Raposo, em 1999, sinalizamos como “(CHOMSKY, 1999, p. x, tradução de Raposo)”. Por sua vez, quando utilizamos citação do original em inglês, sinalizamos simplesmente como “(CHOMSKY, 1995)”. Cada uma dessas sinalizações encontra seu correspondente nas referências bibliográficas.

Em vista do que foi apresentado, uma derivação é gerada a partir de um par (π, λ) cujos componentes são interpretados, respectivamente, nas interfaces articulatório-perceptual (A-P) e conceitual-intencional (C-I).

C_{HL} projeta um arranjo A de escolhas lexicais no par (π, λ) [...] A tem de indicar quais são as escolhas lexicais e quantas vezes cada uma delas é seleccionada por C_{HL} na formação de (π, λ) . Vamos definir o conceito de *numeração* como um conjunto de pares (IL, i) , em que IL é um item do léxico, e i é o seu índice, compreendido como o número de vezes que IL é seleccionado. Vamos agora considerar que A é (pelo menos) uma numeração N [...] Considerando a língua L [ou língua-I, conforme Raposo (1999)] como um procedimento gerador de derivações, podemos considerar que L se aplica sobre uma derivação N, e forma uma sequência S de elementos [...] Dada a numeração N, as operações de C_{HL} constroem recursivamente objetos sintácticos a partir dos itens em N e de objetos sintácticos já formados (CHOMSKY, 1999, p. 314, tradução de Raposo).

Dentre as operações de C_{HL} , SELECIONAR

é um procedimento que selecciona um item lexical IL da numeração, reduzindo o seu índice de 1, e o introduz na derivação [...] Uma derivação só converge se esta operação se aplicar tantas vezes quantas as necessárias para ficarmos com um só objecto sintáctico, esgotando igualmente a numeração inicial. A operação mais simples desse tipo que podemos conceber toma como ponto de partida um par de objectos sintácticos (OS_i, OS_j) e substitui-os por um novo objeto sintáctico composto OS_{ij} . Chamemos a esta operação COMPOR. (CHOMSKY, 1999, p. 314, tradução de Raposo).

Assim sendo, a operação COMPOR (*merge*) é aquela que

forma unidades maiores a partir daquelas já construídas [...] Aplicada sobre dois objetos α e β , Compor forma o novo objeto K, eliminando α e β [...] K tem [...] a forma $\{\gamma, \{\alpha, \beta\}\}$, em que γ identifica o tipo a que pertence K, indicando as suas propriedades relevantes. Chamemos a γ a *etiqueta* de K. (CHOMSKY, 1999, p. 335, tradução de Raposo).

A operação MOVER, por sua vez, “consiste na verificação de traços, a operação que determina o movimento com base na condição do Último Recurso” (CHOMSKY, 1999, p. 318, tradução de Raposo). Assim, V, por exemplo, pode ser movido para checar traços de Agr.

Porém, se ele será movido na sintaxe visível (PF) ou na componente invisível (LF), dependerá da força de Agr, que é determinada parametricamente. “Um traço forte [...] desencadeia uma operação visível, antes do Spell-Out” (CHOMSKY, 1999, p. 323, tradução de Raposo).

Observemos os dados abaixo:

- (2) a. “*Eles brutalmente agrediram o prisioneiro” (RAPOSO, 1999, p. 33).
- b. “Eles agrediram brutalmente *t* o prisioneiro” (RAPOSO, 1999, p. 33).
- (3) a. “They brutally hit the prisoner” (RAPOSO, 1999, p. 33).
- b. “*They hit brutally *t* the prisoner” (RAPOSO, 1999, p. 33).

Se Agr é fraca, como em inglês, o movimento do verbo é adiado para LF, após *Spell-Out*, obedecendo à condição Procastinar². Por isso, justifica-se a posição pós-adverbial de *hit* em (3a). Contudo, se Agr tem traço forte, como em português, o verbo deve se mover na sintaxe visível (2b) para que este traço seja eliminado antes de *Spell-Out*, visto que “a derivação fracassa se a força chegar a PF” (RAPOSO, 1999, p. 33).

Os traços formais podem ser intrínsecos, sendo “determinados por propriedades enumeradas na entrada lexical” (CHOMSKY, 1999, p. 321, tradução de Raposo) ou opcionais sendo “acrescentados no momento em IL entra na numeração” (CHOMSKY, 1999, p. 321, tradução de Raposo).

No caso de *airplane*, as propriedades intrínsecas deste item incluem o traço categorial [nominal], o traço de pessoa [3ª pessoa] e o traço de gênero [-humano]. As suas propriedades opcionais incluem os traços não-categoriais de número e Caso. As propriedades intrínsecas de *build* incluem o traço categorial [verbal] e o traço Casual [atribuir acusativo], mas os seus traços-f e o seu tempo são opcionais (CHOMSKY, 1999, p. 321, tradução de Raposo).

O léxico é entendido como

um repositório de ‘exceções’, aquilo que não é uma consequência de princípios gerais. Estes princípios pertencem a duas categorias: os da UG, e os de uma língua específica [...] Uma propriedade idiossincrática de *book* codificada na sua entrada lexical é a relação som-significado. Para além disso, a entrada lexical indica, por registro ou por implicação, que a palavra

² “Minimizar o número de operações na sintaxe visível” (CHOMSKY, 1999, p. 32, tradução de Raposo).

possui o traço categorial [N] [...] Mas a entrada lexical não deve indicar que *book* tem Caso ou traços- ϕ ; isso é uma consequência do facto de ser uma categoria [N] (presumivelmente devido a princípios UG) [...] o Caso e os traços- ϕ são arbitrariamente acrescentados a um nome no momento em que este é seleccionado para a numeração. (CHOMSKY, 1999, p. 326 - 329, tradução de Raposo).

Sendo assim, o léxico contém

elementos substantivos (nomes, verbos, ...) com propriedades idiossincráticas. E parece pelo menos razoavelmente claro que o léxico contém algumas categorias funcionais: complementador (C), por exemplo. Mas a situação é mais obscura no caso de outras categorias funcionais possíveis, em particular T, Agr, traços- ϕ específicos, uma categoria Caso K, e assim por diante” (CHOMSKY, 1999, p. 332, tradução de Raposo).

Em suma, a entrada lexical de um item contém três tipos de traços: fonológicos, semânticos e formais. Por exemplo, um traço fonológico de *airplane* é que começa com vogal, um traço semântico é que se trata de um artefato e um traço formal é que é uma categoria nominal (CHOMSKY, 1999, p. 320, tradução de Raposo). Por sua vez, os traços formais se distinguem em dois tipos: os intrínsecos, determinados arbitrariamente pelo léxico, e os opcionais, especificados na formação da numeração. Para os nomes, os traços intrínsecos são categoria [N], gênero e pessoa, e os opcionais incluem número e Caso. Para os verbos, os traços intrínsecos são categoriais [V] e Casuais [e.g.; atribuir Caso acusativo], mas os traços-f (número e pessoa) e de tempo são opcionais (CHOMSKY, 1999, p. 321, tradução de Raposo).

Além disso, os traços formais podem ser distinguidos entre interpretáveis e não interpretáveis.

certos traços [...] participam nos processos interpretativos em LF, ao passo que outros não são interpretáveis, e têm de ser eliminados para obter convergência [...] Entre os traços Interpretáveis, encontram-se os traços categoriais e os traços- ϕ dos elementos nominais [...] Assim, o traço opcional [\pm plural] dos nomes é interpretável, logo não é eliminado em LF. Os traços Casuais de V e T são intrínsecos, mas –Interpretáveis, logo são eliminados em LF [...] Os traços Interpretáveis, assim, são os traços categoriais em geral e os traços- ϕ dos nomes. Os outros são –Interpretáveis. (CHOMSKY, 1999, p. 381, tradução de Raposo).

Por exemplo, vejamos a tabela abaixo que lista os traços interpretáveis e não interpretáveis dos itens lexicais da sentença (4).

(4) “The cat drank milk” (ROBERTS, 2010, p. 4)³.

Tabela 1: traços interpretáveis e não interpretáveis

	<i>Cat</i>	<i>Drink</i>	<i>milk</i>
interpretáveis	[N], [3 ^a pessoa] e [contável]	[V] e [passado]	[N], [3 ^a pessoa] e [não contável]
não interpretáveis	[Nominativo]	[3 ^a pessoa], [sing] e [Acusativo]	[Acusativo]

Sendo assim, Caso e concordância verbal (traços-phi) são não interpretáveis. Por quê?

Quanto ao Caso, de acordo com Roberts (2010, p. 4, tradução nossa),

Caso estrutural serve para identificar DPs como sendo capazes de preencher uma função sintática particular (sujeito, objeto, etc), isto é, Caso diz respeito à sintaxe e não exatamente à semântica sintaticamente relevante⁴.

Assim, por ser o Caso estrutural um componente sintático, ele não é visível/lido/interpretável em LF, que é um componente pós-sintático. Portanto, deve ser apagado/verificado antes de Spell-Out para que possa se tornar “invisível em LF, mas acessível ao sistema computacional” (CHOMSKY, 1999, p. 384, tradução de Raposo). Os traços interpretáveis, ao contrário, permanecem “acessíveis à computação e visíveis em LF” (CHOMSKY, 1999, p. 385, tradução de Raposo).

Por sua vez, a concordância verbal

simplesmente ‘espelha’ as instâncias primárias de traços traços-phi presentes no sujeito (e/ou no objeto em línguas que exibem concordância com o objeto [...]). A ideia é basicamente a seguinte: concordância é um fenômeno secundário que surge como consequência da presença determinante de um outro elemento. A concordância é vista como não-interpretável porque a LF não precisa de dois conjuntos de um mesmo traço para atribuir uma interpretação à estrutura [...] Portanto, em todos os casos de especificação

³ Exemplo e tabela traduzidos por mim do inglês e fornecidos por Roberts (2010, p. 4), em aula do dia 27 de janeiro de 2010, Sidgwick Site, Lecture Block, University of Cambridge, UK.

⁴ “structural Case serves to identify DPs as being able to fulfil a particular syntactic function (subject, object, etc.), i.e., it’s concerned with syntax rather than with syntactically relevant semantics.” (ROBERTS, 2010, p. 4).

redundante, espera-se que somente um dos traços duplicados, triplicados, etc seja interpretável⁵ (ROBERTS, 2010, p. 4, tradução nossa).

1.1.1 Recapitulação: o programa minimalista

O programa minimalista é um empreendimento de pesquisa que busca responder quais os mecanismos que regem e constituem o sistema computacional da linguagem humana, isto é, a Faculdade de Linguagem (FL).

Sendo assim, neste quadro teórico, não se pergunta a respeito das escolhas do falante por uma determinada numeração em vez de outra, pois isso equivaleria a esperar “que uma teoria dos mecanismos da visão ou da coordenação motora explicasse por que é que alguém escolhe olhar para um pôr do sol, ou pegar uma banana” (CHOMSKY, 1999, p. 316, tradução de Raposo). Da mesma forma, a teoria não tenta explicar a formação de um som oclusivo em detrimento de um som fricativo. Estes são elementos de interface que constituem, respectivamente, a Forma Lógica e a Forma Fonética. Essas componentes são lidas pelo sistema conceitual-intencional e articulatório-perceptual.

Ao contrário, o programa tem como foco as operações que ocorrem na sintaxe estrita, isto é, no percurso realizado do léxico ao Spell-Out. O léxico é um conjunto de propriedades arbitrárias determinadas de um lado pela UG e de outro por uma língua específica. Ele se constitui de traços fonéticos, semânticos e formais.

O programa minimalista se interessa pelos traços formais, que podem ser intrínsecos (nominais: gênero, categoria, pessoa; verbais: categoria, Caso) ou opcionais (nominais: número, Caso; verbais: traços-phi, tempo). Os traços intrínsecos são determinados no léxico e os opcionais são especificados na formação da numeração.

Além disso, os traços formais podem ser interpretáveis (nominais: categoria, pessoa, número, gênero; verbais: categoria e tempo) ou não interpretáveis (nominais: Caso; verbais:

⁵ “it simply ‘mirrors’ the primary instantiation of phi-features present on the subject (and/or object in languages which exhibit object agreement [...]). The idea is basically that agreement is a secondary phenomenon which arises as consequence of the determining presence of another element. Verbal agreement is viewed as uninterpretable since LF doesn’t need 2 sets of the same feature to assign an interpretation to the structure [...] So in all cases of redundant specification, you would expect only one of the duplicating/triplicating, etc. features to be interpretable.” (ROBERTS, 2010, p. 4).

traços-phi, Caso). Estes devem ser apagados antes de Spell-Out; do contrário, a derivação não converge. Aqueles são visíveis e ficam disponíveis para LF.

A Computação da linguagem humana opera a partir de três mecanismos da numeração ao Spell-Out. A numeração é um conjunto de itens já especificados retirados do léxico. Cada item da numeração deve ser reduzido a zero para a formação do objeto sintático. Esta operação é feita a partir de Selecionar. Outra operação é Compor e consiste em combinar dois itens diferentes α e β formando um único arranjo $\gamma = \{\alpha, \beta\}$, que pode ter como núcleo α $\{\alpha\{\alpha, \beta\}\}$ ou β $\{\beta\{\beta, \alpha\}\}$. Esta operação é mais econômica que Mover. Contudo, para a checagem de traços, é muitas vezes necessário recorrer a Mover, como último recurso, que é uma operação custosa, menos econômica e composta de Cópia e Compor⁶. Em geral, Mover é aplicado para checar a força de um traço, determinada parametricamente. Assim, por meio desta operação, traços fortes de uma categoria devem ser eliminados antes de Spell-Out para se tornarem invisíveis aos componentes de interface.

O sistema computacional da linguagem consiste, portanto, em mecanismos *a priori* simples que permitem ao ser humano gerar blocos recursivos de objetos sintáticos. O programa minimalista busca entender esses mecanismos.

⁶ “Move = 2 operations: Copy + Merge” (Roberts, *handout* p. 9), curso *Introduction to Minimalism*, aula do dia 20 de janeiro de 2010, Sidgwick Site, Lecture Block, University of Cambridge, UK.

1.2 A teoria dos especificadores funcionais

Atualmente, duas propostas divergentes têm sido discutidas no estudo da sintaxe dos advérbios: a dos adjuntos e a dos especificadores funcionais. Na abordagem dos adjuntos, de acordo com Ernst (2007, p. 1009), os AdvPs são adjungidos livremente às projeções funcionais e sua ordem é regulada por princípios semânticos. Diferentemente, na abordagem dos especificadores, de acordo com Cinque (1999), os advérbios são especificadores de categorias funcionais e, assim sendo, checam traços do núcleo destas categorias. Além disso, os AdvPs são ordenados de modo rígido em respeito a uma hierarquia disponibilizada pela UG. É esta última proposta que adotaremos nesta tese.

A assim chamada teoria dos especificadores funcionais traz um novo olhar para o estudo dos AdvPs, pois questiona sua caracterização como constituinte marginal e acessório, como é o caso dos adjuntos.

Segundo Cinque (1999),

Embora use ocasionalmente o termo *advérbio* (por brevidade), eu não assumo que advérbio seja um núcleo tomando o VP, ou alguma projeção dominando o VP, como complemento [...] A evidência contra essa alegação deriva do fato de que advérbios não bloqueiam movimento de várias formas verbais além do fato de que alguns deles podem passar por movimento de Topicalização e Foco, que são abertos a XPs mas não a X⁰. (CINQUE, 1999, p. 4, tradução nossa).

Interessante notar de antemão que, assim como os AdvPs descritos por Cinque (1999), o advérbio ‘lá’ no português brasileiro não impede o movimento do verbo (cap. 2, seção 2.1) e pode ocupar posições de Foco (cap. 2, seção 2.1) e de Tópico (cap. 2, seção 2.2), o que corroboraria sua análise como XP e não como núcleo.

Além disso, ‘lá’ pode preceder núcleos funcionais expressos foneticamente como Q (cap. 4, seção 4.2) e D (cap. 4, seção 4.3), além de outros núcleos como A, P, N e Adv (cap. 4, seção 4.3), o que corroboraria a sua posição de especificador, pois especificadores ficam à

⁷ “Although I occasionally use the term *adverb* (for brevity), I do not assume it to be a head taking the VP, or some projection dominating the VP, as complement [...] The evidence against this assumption ranges from the fact that adverbs do not block head movement of various verbal forms, to the fact that some of them can undergo Topicalization and Focus Movement, which are open to XPs but not to X⁰.” (CINQUE, 1999, p. 4).

esquerda⁸. Com efeito, veremos que o advérbio ‘lá’ no PB parece checar traços do núcleo de categorias funcionais como negação, modo e especificidade, por exemplo, sendo, portanto, componente integrante da estrutura sentencial na posição de especificador.

Antes de passarmos a uma revisão da teoria dos especificadores funcionais, é preciso deixar claro, porém, que Cinque (1999) distingue advérbios propriamente ditos de itens adverbiais ou circunstanciais. A principal diferença entre essas duas classes é que os advérbios propriamente ditos ocupam posição rígida enquanto os circunstanciais são mais flexíveis do que resulta na impossibilidade de análise destes como especificadores funcionais⁹, como se confere abaixo.

Nesta seção, eu considero brevemente a classe de itens adverbiais, algumas vezes chamados de circunstanciais [...] que segue os complementos do verbo dentro do VP. Eles compreendem uma variada classe de elementos: lugar, tempo, modo, meio, companhia, razão, objetivo, e assim por diante [...] eles parecem diferir da classe de advérbios que acaba de ser considerada (os AdvPs propriamente ditos) por não serem rigidamente ordenados em relação ao outro [...] Advérbios circunstanciais também diferem dos AdvPs propriamente ditos por serem realizados tipicamente (com exceção parcial dos itens adverbiais de modo) na forma preposicional (por três horas, na cozinha, com grande zelo, para o seu amor, de um modo rude, com uma bicicleta, etc.) ou na forma de um NP nu ([...] amanhã, assim, aqui, etc [...]) Essas [...] propriedades, que distinguem advérbios circunstanciais dos AdvPs propriamente ditos examinados aqui, sugerem um tratamento inteiramente diferenciado para eles¹⁰. (CINQUE, 1999, p. 28 - 29, tradução nossa).

Diante disso, a análise proposta nesta tese contrasta basicamente dois grupos diferentes de realizações de ‘lá’. Em um grupo, ‘lá’ seria um item circunstancial locativo (“Vi o menino lá (no refeitório)”), com relativa mobilidade na sentença e, por isso, pertenceria à classe dos

⁸ “Specs are normally (necessarily in Kayne’s theory) taken to be on left branches.” (CINQUE, 1999, p. 45).

⁹ “the ‘free’ order of circumstantial phrases would correlate with the fact that they are not generated in specifier positions of functional projections” (CINQUE, 1999, p. 29).

¹⁰ In this section I briefly consider the class of adverbials, sometimes called circumstantial [...] which follow the verb’s complements within the VP. They comprise a varied selection of elements: place, time, manner, means, company, reason, purpose, and so forth [...] they appear to differ from the adverb classes just considered (the AdvPs proper) in not being rigidly ordered with respect to one another [...] Circumstantial adverbials also differ from AdvPs proper in that they are typically realized (with the partial exception of manner adverbials) in prepositional form (for three hours, in the kitchen, with great zeal, for your love, in a rude manner, with a bicycle, etc.) or in bare NP form (the day after, tomorrow, this way, here, etc [...]) These [...] properties, distinguishing circumstantial adverbials from the AdvPs proper examined here, suggest an entirely separate treatment for them. (CINQUE, 1999, p. 28 - 29).

itens circunstanciais. Em outro grupo, ‘lá’ conteria propriedades não locativas além de apresentar ordenação rígida na estrutura sentencial e, portanto, pertenceria à classe dos advérbios propriamente ditos. É exatamente este grupo o foco de atenção desta tese.

Posto isso, abordaremos a proposta de Cinque (1999) no que se refere às evidências oferecidas para o fato de (i) os advérbios serem ordenados rigidamente (1.2.2); (ii) os núcleos funcionais serem ordenados rigidamente (1.2.3); e (iii) os advérbios estarem intimamente vinculados aos núcleos de categorias funcionais (1.2.4).

1.2.1 Os especificadores funcionais

Cinque (1999) propõe uma análise dos AdvPs, não como adjuntos, mas como especificadores únicos de projeções máximas distintas. Segundo o autor, esta análise se justifica na medida em que AdvPs apresentam uma correspondência biunívoca com projeções funcionais, tais como aspecto, negação e modalidade.

Deste modo, o advérbio ‘pas’ do francês se relaciona a um núcleo funcional de negação, o advérbio *always* se relaciona a um núcleo funcional de aspecto, enquanto o advérbio *probably* se relaciona a um núcleo funcional de modalidade. Havendo, então, uma hierarquia universal fixa de projeções funcionais, isso direcionaria a análise dos AdvPs para uma ordenação também rígida, que se estabelece translinguisticamente.

Segundo Cinque (1999, p. v-vi, tradução nossa),

diferentes classes de AdvPs entram em uma relação Spec-núcleo transparente com os diferentes núcleos funcionais da oração [...] Em outras palavras, minha sugestão é que advérbios são a manifestação explícita de (especificadores de) diferentes projeções funcionais, que em certas línguas podem também se manifestar via material foneticamente realizado nas posições de núcleo correspondentes¹¹.

¹¹ “different classes of AdvPs enter into a transparent Spec head relation with the different functional heads of the clause [...] In other words, my suggestion is that adverbs are the overt manifestation of (the specifiers of) different functional projections, which in certain languages may also manifest themselves via overt material in the corresponding head positions.” (CINQUE, 1999, p. v-vi).

Esta correspondência entre AdvP e núcleo funcional é justificada teoricamente com base na checagem de traços e na posição dos itens. Conforme explica Laenzlinger (2002, p. 71, tradução nossa):

No sistema de Kayne, múltipla adjunção é banida bem como anexação de especificadores à direita. A única configuração possível é [Spec X° Compl]. Advérbios são (...) especificadores anexados à esquerda. Linearmente, eles precedem o núcleo aos quais estão associados¹².

1.2.2 A ordem dos advérbios

Em Cinque (1999), encontra-se uma distinção entre advérbios que ocupam posições mais baixas na estrutura gramatical da sentença e advérbios que ocupam posições mais altas. Os primeiros são os advérbios Pré-VP, como *usually, again, often, already, soon*, etc. Por sua vez, os advérbios que ocupam posições mais altas têm, em geral, escopo sobre a sentença e compreendem exemplos como *frankly, unfortunately, apparently, probably*, etc. Assim, os advérbios mais altos são antepostos aos advérbios mais baixos. Além disso, internamente a cada uma destas classes, há uma ordenação dos advérbios entre si.

Na classe dos mais baixos, como observa e exemplifica o autor, advérbios de hábito como *généralement* precedem advérbios de negação *pas* (1), a negação *pas* deve preceder *déjà* (2) e *déjà* deve preceder *plus* (3), conforme mostram os seguintes pares (CINQUE, 1999, p. 5):

(1) a. “A deux heures, Gianni n’a **généralement pas** mangé, encore”.

Às duas horas, Gianni NEG ter-AUX.PRES geralmente NEG comer-PART.PASS, ainda.

‘Às duas horas, Gianni geralmente ainda não comeu’.

b. “*A deux heures, Gianni n’a **pas généralement** mangé, encore”.

¹² “In Kayne’s system multiple adjunction is banned, as well as right attachment of specifier. The only possible configuration is [Spec X° Compl]. Adverbs are (...) specifiers attached to the left. Linearly they precede the head with which they are associated” (LAENZLINGER, 2002, p. 71).

Às duas horas, Gianni NEG ter-AUX.PRES NEG geralmente comer-PART.PASS, ainda.

‘Às duas horas, Gianni geralmente ainda não comeu’.

(2) a. “Si tu n’a **pas déjà** mangé, tu peux le prendre”.

Se você NEG ter-AUX.PRES NEG já comer-PART.PASS, você pode CL pagar.

‘Se você já não comeu, pode pegá-lo’.

b. “*Si tu n’a **déjà pas** mangé, tu peux le prendre”.

Se você NEG ter-AUX.PRES já NEG comer-PART.PASS, você pode CL pagar.

‘Se você já não comeu, pode pegá-lo’.

(3) a. “A l’époque, il ne possédait **déjà plus** rien”.

PREP ART época, ele NEG possuía já mais nada

‘Na época, ele já não mais possuía nada’.

b. “*A l’époque, il ne possédait **plus déjà** rien”.

PREP ART época, ele NEG possuía mais já nada

‘Na época, ele já não mais possuía nada’.

Em face disso, a ordem dos advérbios baixos pode ser vista da seguinte maneira:

(4) *généralement*> *pas*> *déjà/encore*> *plus/encore*> *toujours/jamais*>
complètement/partiellement> *tout/rien*> *bien/mal* (CINQUE, 1999, p. 11).

geralmente> Neg> já/ainda> mais/ainda> sempre/jamais>
completamente/parcialmente> tudo/nada> bem/mal

No que se refere aos advérbios altos, a ordem esperada é a seguinte:

(5) *franchement*> *heureusement*> *évidemment*> *probablement*> *maintenant*> *peut-être*>
intelligemment (CINQUE, 1999, p. 13).

francamente> felizmente> evidentemente> provavelmente> agora> talvez>
inteligentemente

Os exemplos abaixo mostram que os advérbios **pragmáticos** (de atos de fala) precedem os **avaliativos** (6), que, por sua vez, precedem os **evidenciais** (7). Além disso, os de modo **irrealis** precedem os **orientados para o sujeito** (8).

- (6) a. “**Francamente** ho **purtroppo** una pessima opinione di voi” (CINQUE, 1999, p. 12).
Francamente tenho infelizmente uma péssima opinião de você.
‘Francamente, tenho infelizmente uma péssima opinião sobre você’.
- b. “***Purtroppo** ho **francamente** una pessima opinione di voi” (CINQUE, 1999, p. 12).
Infelizmente tenho francamente uma péssima opinião de você.
??? ‘Infelizmente, tenho francamente uma péssima opinião sobre você’.
- (7) a. “**Heureusement, sans doute** que Pierre viendra” (CINQUE, 1999, p. 12).
Felizmente, sem dúvida que Pierre virá.
‘Felizmente, sem dúvida, Pierre virá’.
- b. “***Sans doute, heureusement** que Pierre viendra” (CINQUE, 1999, p. 12).
Sem dúvida, felizmente que Pierre virá.
Sem dúvida, felizmente, Pierre virá.
- (8) a. “Gianni acceterà **forse saggiamente** il vostro aiuto” (CINQUE, 1999, p. 12).
Gianni aceitará talvez sabiamente a vossa ajuda.
‘Gianni talvez aceitará sabiamente a sua ajuda’.
- b. “*Gianni acceterà **saggiamente forse** il vostro aiuto” (CINQUE, 1999, p. 12).
Gianni aceitará sabiamente talvez a vossa ajuda.
‘Gianni sabiamente talvez aceitará a sua ajuda’.

Entretanto, tais AdvPs podem ser dispostos em ordens diferentes daquelas delineadas em (4) e em (5). Assim, o autor lista fontes típicas de contra-exemplos, meramente aparentes, para a existência de uma única ordem canônica dos AdvPs:

(i) Quando uma porção mais baixa da oração (contendo um AdvP) é alçada sobre um AdvP mais alto (CINQUE, 1999, p. 21-22):

(9) a. “A Natale, credo che avesse **di già [completamente]** perso la testa”.

No Natal, acredito que ter-SUBJ.PASS já completamente perder-PART.PASS a cabeça
‘No Natal, acredito que já tivesse perdido a cabeça completamente’.

b. A Natale, credo che avesse [completamente] perso la testa **di GIÀ**”.

No Natal, acredito que ter-SUBJ.PASS completamente perder-PART.PASS a cabeça já
‘No Natal, acredito que tivesse perdido a cabeça completamente já’.

(ii) Quando um único e mesmo AdvP é gerado em duas posições diferentes na oração, recebendo, na posição baixa, interpretação de modo e, na posição alta, interpretação orientada para o sujeito da sentença (CINQUE, 1999, p. 19):

(10) a. “John has answered their questions **cleverly**”.

João tem respondido deles(-as) questões inteligentemente.

‘O João respondeu às questões deles inteligentemente’.

b. “John has **cleverly** answered their questions”.

João tem inteligentemente respondido deles(-as) questões.

‘O João inteligentemente respondeu às questões deles’.

(iii) Quando um AdvP é usado parenteticamente (com uma entonação de foco que os distingue da entonação corrente) (CINQUE, 1999, p. 32):

(11) a. “Da allora, non è **più, [purtroppo]**, venuto a trovarci”.

Desde então, não ser-PRES mais, infelizmente, vir-PART.PASS para visitar

‘Desde então, ele infelizmente não veio mais nos visitar’.

b. “Riuscirò a leggere **tutto, [forse]**, per la prossima settimana”.

Conseguirei PREP ler tudo, talvez, para a próxima semana.

‘Conseguirei ler tudo talvez para a próxima semana’.

Para o autor, casos como estes de ordens inesperadas não são suficientes para negar que os advérbios estabeleçam entre si uma ordem rígida.

1.2.3 A ordem dos núcleos funcionais

Cinque (1999) demonstra que a ordem de sufixos e de verbos auxiliares motiva uma ordenação específica e translinguística dos núcleos funcionais. Nesse sentido, uma sentença como (12a), em inglês, e sua equivalente (12b), em espanhol, fornecem evidência para a ordem dos núcleos funcionais explicitada em (13).

- (12) a. “These books have been being read all year” (CINQUE, 1999, p. 57).
b. “Esos libros han estado siendo leídos todo el año” (CINQUE, 1999, p. 57).
Esses livros ter-PRES estar-PART.PASS ser-GER ler- PART.PASS todo o ano.
‘Esses livros têm sido lidos todo o ano’.

- (13) Tense > Aspect_{perfect} > Aspect_{progressive} (CINQUE, 1999, p. 57).

Com base na observação de auxiliares, sufixos e partículas funcionais de várias línguas, tais como coreana, basca, turca, chinesa, una, tauya, alemã, italiana, francesa e também línguas crioulas, dentre outras, o autor apresenta evidências para uma única ordem dos núcleos funcionais.

1.2.4 A correspondência entre a hierarquia dos advérbios e a dos núcleos funcionais

Segundo Cinque (1999, p. 77), pode-se observar uma correspondência notável entre certa classe de advérbios e o núcleo de categorias funcionais. Esta correspondência se deve à

coincidência da ordenação entre os núcleos funcionais destas categorias e os AdvPs, conforme “hierarquia universal das projeções funcionais”¹³, reproduzida abaixo.

(14) [*frankly* Mood_{speech act}] [*fortunately* Mood_{evaluative}] [*allegedly* Mood_{evidential}] [*probably* Mod_{epistemic}] [*once* T(Past)] [*then* T(Future)] [*perhaps* Mood_{irrealis}] [*necessarily* Mod_{necessity}] [*possibly* Mod_{possibility}] [*usually* Asp_{habitual}] [*again* Asp_{repetitive(I)}] [*often* Asp_{frequentative(I)}] [*intentionally* Mod_{volitional}] [*quickly* Asp_{celerative(1)}] [*already* T(Anterior)] [*no longer* Asp_{terminative}] [*still* Asp_{continuative}] [*always* Asp_{perfect(?)}] [*just* Asp_{retrospective}] [*soon* Asp_{proximative}] [*briefly* Asp_{durative}] [*characteristically*(?¹⁴) Asp_{generic/progressive}] [*almost* Asp_{prospective}] [*completely* Asp_{SgCompletive(I)}] [*tutto* Asp_{PICompletive}] [*well* Voice] [*fast/early* Asp_{celerative(II)}] [*again* Asp_{repetitive(II)}] [*often* Asp_{frequentative(II)}] [*completely* Asp_{SgCompletive(II)}] (CINQUE, 1999, p. 106).

1.2.5 Recapitulação: a teoria dos especificadores funcionais

Em suma, segundo Cinque (1999), os advérbios fazem parte de projeções funcionais XPs e ocupam a posição de especificador nessas projeções. Eles se comparam a morfemas e partículas funcionais indicadoras de tempo, modo, modalidade, aspecto, dentre outros, porque, como esses morfemas, eles se ordenam rigidamente de acordo com regras da Gramática Universal. Sendo assim, na posição de especificador, os AdvPs checam traços de núcleos funcionais que podem estar ou não expressos foneticamente.

¹³ *Mood* (Modo – atitude ou opinião do falante diante da proposição, expressa em geral por morfemas, como subjuntivo e indicativo), *Mod* (Modalidade – expressa por palavras independentes, tais como *must*, *can*, *should*, *might*), *Asp* (Aspecto - maneira particular em que o evento é apresentado (finalizado, em processo, habitual, etc.)), *T* (tempo).

¹⁴ Os pontos de interrogação são mantidos como no original (CINQUE, 1999, p. 106).

1.3 A cartografia das estruturas sintáticas

Esta seção se divide em duas subseções básicas. Na primeira (1.3.1), tentamos responder o que é o projeto cartográfico, quais suas origens e métodos, além de mostrarmos em que aspectos o projeto cartográfico e o programa minimalista se dividem ou se complementam. Na segunda seção (1.3.2), tratamos das propostas de mapeamento das periferias esquerdas do IP, do VP e do NP, de forma a especificar e detalhar como o projeto cartográfico pode ser realizado.

1.3.1 O projeto cartográfico

Segundo Cinque & Rizzi (2008, p. 42, tradução nossa), o projeto cartográfico das estruturas sintáticas é:

a tentativa de delinear mapas os mais precisos e detalhados possíveis das configurações sintáticas. Amplamente construída desta maneira, a cartografia não é uma abordagem ou uma hipótese, é um tópico de pesquisa que levanta a questão: quais são os mapas estruturais corretos para a sintaxe da linguagem natural?¹⁵

Esse tópico de pesquisa surge de modo paralelo ao programa minimalista e tem como principais fatores desencadeadores: a explosão de núcleos funcionais nos domínios verbal e nominal, que levou à cisão do CP e do DP, e a possibilidade de geração de um bloco X-barra em outros blocos funcionais mais altos.

Segundo Cinque & Rizzi (2008),

a idéia de se concentrar em mapas estruturais ergueu-se por volta do início da década de 90, seguindo um rastro paralelo a e interagindo com o Programa Minimalista. Talvez, o principal fator desencadeador tenha sido da explosão de núcleos funcionais identificados e implicados na análise sintática nos primeiros dez anos da teoria de Princípios e Parâmetros. Um passo crítico foi

¹⁵ “the attempt to draw maps as precise and detailed as possible of syntactic configurations. Broadly construed in this way, cartography is not an approach or a hypothesis: it is a research topic asking the question: what are the right structural maps for natural language syntax?”

a extensão pormenorizada da teoria X-barra até os elementos funcionais da oração [...] como a estrutura do CP– IP – VP bem como a observação de que outras configurações, e.g., expressões nominais eram sensíveis à hipótese da estrutura hierárquica tendo uma projeção lexical encaixada dentro de uma estrutura funcional [...] Esses avanços forneceram um formato natural para os estudos da estrutura de sintagmas e orações como sequências hierárquicas do mesmo bloco construtor, isto é, o esquema X-barra fundamental [...] orações e sintagmas são formados por uma estrutura lexical e uma estrutura funcional mais alta, ambos correspondentes a blocos construtores elementares hierarquicamente organizados¹⁶ (CINQUE; RIZZI, 2008, p. 42-43, tradução nossa).

Sendo assim, o projeto cartográfico se baseia inicialmente na cisão do IP em núcleos flexionais diferenciados que expressam propriedades como modo, modalidade e tempo. Esta seria uma direção de análise de baixo (VP) para cima (IP) que explora a estrutura interna do IP. Em uma direção contrária, isto é, de cima para baixo, o projeto cartográfico tenta explorar o limite superior da complexidade estrutural¹⁷.

Mais precisamente, a abordagem cartográfica assume, como as evidências dos últimos anos parecem indicar, que as hierarquias distintas das projeções funcionais que dominam VP, NP, AP, PP, IP, etc. podem ser universais no tipo de núcleos e especificadores que eles envolvem, tanto em número quanto em ordem, mesmo que as línguas possam diferir no tipo de movimentos que admitem ou no fato de expressarem ou não foneticamente cada núcleo e especificador [...]¹⁸ (CINQUE; RIZZI, 2008, p. 45, tradução nossa).

¹⁶ “the idea of focusing on structural maps arose around the early nineties, following a track parallel to and interacting with the Minimalist Program. Perhaps, the main triggering factor was the explosion of functional heads identified and implied in syntactic analysis in the first ten years of the Principles and Parameters framework. One critical step was the full-fledged extension of X-bar theory to the functional elements of the clause [...] as the CP – IP – VP structure; and the observations that other configurations, e.g. nominal expressions, were amenable to a hierarchical structure hypothesis with a lexical projection embedded within a functional structure [...] These advances provided a natural format for the study of the structure of phrases and clauses as hierarchical sequences of the same building block, the fundamental X-bar schema [...] clauses and phrases are formed by a lexical structure and a higher functional structure, both corresponding to elementary building blocks hierarchically organized” (CINQUE; RIZZI, 2008, p. 42-43).

¹⁷ “The logic of this argumentation [...] led to a finer splitting of the inflectional space into a sequence of functional heads expressing properties of mood and modality, tense, aspect, voice [...] One of the driving ideas of the cartographic projects was precisely to complement this trend of bottom-up, problem-related discovery with a more top-down, global perspective, trying to make a rough estimate of the upper limit of the structural complexity.” (CINQUE; RIZZI, 2008, p. 44).

¹⁸ “More precisely the cartographic approach assumes, as the evidence of the last several years seems to indicate, that the distinct hierarchies of functional projections dominating VP, NP, AP, PP, IP, etc., may be universal in the type of heads and specifiers that they involve, in their number and in their relative order, even if languages differ in the type of movements that they admit or in the extent to which they overtly realize each head and specifier [...]” (CINQUE; RIZZI, 2008, p. 45).

Sendo assim, o projeto cartográfico parte do princípio de que,

se alguma língua fornece evidência para a existência de um núcleo funcional particular (e sua projeção), então esse núcleo (e sua projeção) deverá estar presente em qualquer outra língua, se ela oferecer evidência explícita disso ou não¹⁹ (CINQUE; RIZZI, 2008, p. 45, tradução nossa).

Por exemplo, “a postulação de um núcleo Top é sustentada imediatamente pelo fato de que em muitas línguas um marcador de Top é, de fato, foneticamente realizado, por exemplo, *yá* no gungbe [...], *wa* no japonês”²⁰ (CINQUE; RIZZI, 2008, p. 51).

Segundo Cinque & Rizzi (2008, p. 47), o inventário de núcleos funcionais é consideravelmente amplo e compreende elementos tais como: determinantes, complementizadores, preposições, morfemas de modo, tempo, aspecto, polaridade e voz, verbos auxiliares, cópulas e outros verbos que carecem de uma estrutura argumental clara, demonstrativos, quantificadores, numerais, palavras de grau, itens *Wh*, pronomes indefinidos, morfemas de caso, morfemas comparativos e superlativos, dentre muitos outros.

Metodologicamente, estudos comparativos são cruciais para a abordagem cartográfica. Com eles, podem-se identificar as categorias funcionais e também determinar a ordem relativa delas:

Estudos aprofundados de uma única língua ou de poucas línguas, aprofundados como forem, deixam a desejar na revelação da riqueza real da estrutura funcional/gramatical da UG devido ao caráter frequentemente silenciado de uma certa categoria funcional em uma certa língua [...] Mais importante, porém, como notado, a comparação de muitas línguas diferentes pode fornecer evidência para a determinação de uma ordem relativa precisa nas diferentes línguas, o que, em princípio, deveria ser uma ordem/hierarquia consistente e única, imposta pela UG²¹. (CINQUE; RIZZI, 2008, p. 48, tradução nossa).

¹⁹ “if some language provides evidence for the existence of a particular functional head (and projection), then that head (and projection) must be present in every other language, whether the language offers overt evidence for it or not” (CINQUE; RIZZI, 2008, p. 45).

²⁰ “The postulation of a Top head is immediately supported by the fact that in many languages a Top marker is in fact morphologically realized, i.e. Gungbe *yá* [...], Japanese *wa*” (CINQUE; RIZZI, 2008, p. 51).

²¹ “In-depth studies of a single, or of few languages, however deep they may be, fall short of revealing the actual richness of the functional/grammatical structure of UG owing to the often silent character of a certain functional category in a certain language [...] More importantly still, as noted, comparison of many different languages may provide evidence for determining the precise relative order of the different languages into what, in principle, should be a unique consistent order/hierarchy, imposed by UG.” (CINQUE; RIZZI, 2008, p. 48).

Quanto à relação entre o projeto cartográfico e o programa minimalista, Cinque & Rizzi (2008) destacam que parece existir uma tensão entre a complexidade do primeiro e a simplicidade do segundo. No entanto, essa tensão é apenas aparente, pois a cartografia seria um desdobramento do minimalismo. Com efeito, “limitar o número de XPs por oração não é em si minimalista: a abordagem de Cinque (1999), que postula cerca de 40 projeções funcionais no lugar de TP e de vP, está [...] de acordo com o espírito minimalista”²² (ROBERTS, 2010, p. 1, tradução nossa).

Em outros termos, pode-se depreender que a cartografia seria uma visão microscópica enquanto o minimalismo seria uma visão macroscópica das estruturas sintáticas, como explicado adiante.

O minimalismo tem como foco os mecanismos elementares que estão envolvidos nas computações sintáticas e alega que eles podem ser reduzidos a operações combinatórias extremamente simples, quais sejam, *Merge* externo e interno, completado por algum tipo de operação de busca (*Agree* de Chomsky) para identificar os candidatos de *Merge*. Um mecanismo computacional empobrecido não implica a geração de uma estrutura empobrecida: uma operação recursiva muito simples pode originar uma estrutura muito rica e complexa, como uma função do inventário de elementos sobre o qual ele opera, e, primeiro e principalmente, de sua natureza altamente recursiva. As representações estruturais muito simplificadas [...], expressas pelo sistema C-T-v-V, são algumas vezes tomadas literalmente, como hipótese substantiva a respeito da natureza das configurações oracionais, mas a estrutura dos argumentos raramente implica uma interpretação literal; ela é frequentemente compatível com uma interpretação de C-T-v-V como um código simplificado de estruturas cartográficas mais complexas [...] nas quais C, T, and v são tomados como ‘abreviaturas’ para zonas complexas da estrutura funcional. A divisão de trabalho aqui é que o Minimalismo tem como foco os dispositivos de geração enquanto a cartografia tem como foco os detalhes pormenorizados das estruturas geradas, dois tópicos de pesquisa que podem ser perseguidos em paralelo e de uma maneira inteiramente consistente²³ (CINQUE; RIZZI, 2008, p. 49, tradução e grifos nossos).

²² “limiting the number of XPs per clause isn’t in itself minimalist: the approach in Cinque (1999), which posits 40-ish functional projections in place of TP and vP, is [...] in the spirit of minimalism” (ROBERTS, 2010, p. 1).

²³ “Minimalism focuses on the elementary mechanisms which are involved in syntactic computations, and claims that they can be reduced to extremely simple combinatorial operations, ultimately external and internal Merge, completed by some kind of search operations (Chomsky’s Agree) to identify the candidates of Merge. An impoverished computational mechanism does not imply the generation of an impoverished structure: a very simple recursive operation can give rise to a very rich and complex structure, as a function of the inventory of elements it operates on, and, first and foremost, of its very recursive nature. The very simplified structural representations [...] expressed by the C-T-v-V system, are sometimes taken literally, as substantive hypothesis on

Outro motivo de tensão apontado pelos críticos seria a suposta ameaça à autonomia da sintaxe, visto que categorias interpretativas como tópico e foco são consideradas no mapeamento da estrutura sintática. Para Cinque & Rizzi (2008, p. 51), não seria vantajoso propor um sistema de núcleos sintáticos que faz uso de apenas elementos opacos como flexão e complementizador, ignorando-se tempo e aspecto, de um lado, e foco, tópico ou Q, de outro.

Nesse sentido, os autores concluem:

Os estudos cartográficos podem ser vistos como uma tentativa de “sintaticizar” o máximo possível os domínios interpretativos, rastreando algoritmos interpretativos para propriedades como [...] escopo e estrutura informacional [...] ingredientes familiares desvelados e refinados em meio século de sintaxe formal²⁴. (CINQUE; RIZZI, 2008, p. 52).

Em suma, o projeto cartográfico é a tentativa de mapear a estrutura sintática dando visibilidade aos mais diversos núcleos funcionais. Essa proposta nasce a partir da cisão do IP em diversas categorias que leva, portanto, à cisão do CP e do DP. Por isso, o mapeamento das estruturas sintáticas deixaria transparecer, de modo refinado, a complexidade contida nelas.

Nesse sentido, ao contrário do que parece, a cartografia não se choca com o minimalismo, pois, enquanto este tem como foco o processo de geração de uma estrutura simples (X-barra), que pode se multiplicar em vários outros blocos organizados hierarquicamente, aquele tem como foco o detalhamento dos diversos blocos e a observação do modo como eles se organizam. Nesse sentido, o minimalismo traz uma visão macro enquanto a cartografia, uma visão micro da estrutura sintática.

Outro ponto de tensão aparente seria a visibilidade dada ao domínio de interface entre sintaxe e interpretação, podendo se configurar como uma ameaça à autonomia daquela. No entanto, o projeto cartográfico tem como empreendimento justamente a tentativa de

the nature of clausal configurations, but the structure of the arguments rarely implies a literal interpretation, and often is compatible with an interpretation of C-T-v-V as a shorthand for more complex cartographic structures [...] with C, T, and v taken as ‘abbreviations’ standing for complex zones of the functional structure. The division of labor here is that Minimalism focuses on the generating devices, and cartography focuses on the fine details of the generated structures, two research topics which can be pursued in parallel in a fully consistent manner” (CINQUE; RIZZI, 2008, p. 49).

²⁴ “The cartographic studies can be seen as an attempt to ‘syntacticize’ as much as possible the interpretive domains, tracing back interpretive algorithms for such properties as [...], scope, and informational structure [...] familiar ingredients uncovered and refined in half a century on formal syntax.” (CINQUE; RIZZI, 2008, p. 52).

‘sintaticizar’ propriedades consideradas *a priori* de caráter meramente discursivo ou interpretativo.

1.3.2 A periferia esquerda²⁵

Esta seção se subdivide em três partes, que tratam respectivamente das periferias esquerdas do IP, do VP e do NP.

1.3.2.1 A periferia do IP

Influenciado pelo texto seminal de Pollock (1989) sobre a cisão do IP em uma série de categorias funcionais (TP, AspP e AgrP), Rizzi (1997) propõe que o CP também pode ser analisado a partir de uma estrutura mais refinada.

Assim, o autor introduz seu trabalho tratando da subdivisão da oração em pelo menos três camadas que projetam, cada qual, uma categoria XP. Na camada lexical (VP), ocorre a atribuição de papéis temáticos. Por sua vez, na camada flexional (IP), ocorre o licenciamento de caso e concordância. Por fim, na camada complementizadora (CP), tem-se espaço para elementos topicalizados e focalizados, além de operadores, tais como pronomes relativos e interrogativos.

Os elementos que fazem parte do CP determinam a interpretação (Wh, Top, Focus) da projeção que os hospeda²⁶. Sendo assim, o sistema complementizador se constitui como “a interface entre o conteúdo proposicional (expresso pelo IP) e a estrutura supra-ordenada”²⁷ (RIZZI, 1997, p. 283, tradução nossa). A estrutura supra-ordenada, por sua vez, seria ou a oração principal, articulada com a sua subordinada, ou o discurso, articulado com uma oração

²⁵ Uma versão parcial desta seção foi publicada em Pereira (2010c).

²⁶ “such features have an interpretive import (Wh, Neg, Top, Foc, ...): they determine the interpretation of the category bearing them” (RIZZI, 1997, p. 282).

²⁷ “the interface between a propositional content (expressed by the IP) and the superordinate structure (a higher clause or, possibly, the articulation of discourse, if we consider a root clause).” (RIZZI, 1997, p. 283).

matriz. Dessa forma, é esperado que o CP expresse informações que estão no limiar das dimensões interna e externa da sentença²⁸.

Considerando-se as informações relativas à articulação com o discurso, o CP expressa a força da oração (ForceP), ou seja, se ela é interrogativa, declarativa, exclamativa relativa, adverbial, etc. Assim, em Force^o, situam-se complementizadores como *that* e ‘que’.

Considerando-se agora as informações relativas à articulação com o IP, observa-se que a escolha do complementizador reflete as especificações de finitude (FinP) expressas no sistema flexional. Por exemplo, na escolha de *that*, o verbo será finito (1). Diferentemente, na escolha de ‘for’, o verbo será infinito (2). Assim, em Fin^o, situam-se os complementizadores preposicionais, como *for* do inglês²⁹.

(1) “... that John will leave tomorrow” (RIZZI, 1997, p. 301).

(2) “...for John to leave tomorrow” (RIZZI, 1997, p. 301).

Além do sistema Força-Finitude, o sistema Tópico-Foco também constitui a periferia esquerda do IP.

O tópico é anteposto, geralmente separado da oração por vírgula e dado (isto é, expressa informação disponível no discurso), conforme o seguinte exemplo:

(3) O carro, o João comprou (ele) de segunda-mão.

Na articulação tópico-comentário, o tópico ocupa a posição de especificador, enquanto o comentário ocupa a posição de complemento, da seguinte maneira:

Figura 1: Tópico e Comentário

²⁸ “we expect the C system to express at least two kinds of information, one facing the outside and the other facing the inside.” (RIZZI, 1997, p. 283).

²⁹ “Complementizers such as ‘that’, ‘que’, etc. are in Force^o [...] while prepositional complementizers in Romance are in Fin^o.” (RIZZI, 1997, p. 325).



(RIZZI, 1997, p. 286).

Por sua vez, o elemento focalizado, ou seja, pronunciado com foco entonacional, é geralmente anteposto e novo (expressa informação não disponível previamente), conforme exemplo seguinte:

- (4) UM CARRO, o João comprou (não uma casa).

Na articulação foco-pressuposição, o foco ocupa a posição de especificador, enquanto a pressuposição ocupa a posição de complemento, da seguinte maneira:

Figura 2: Foco e Pressuposição



(RIZZI, 1997, p. 286)

A focalização pode também ocorrer *in situ* (5), embora haja, segundo Rizzi (1997, p. 287), movimento em LF do item focalizado para a periferia.

- (5) O João comprou O CARRO (não a casa).

Além de itens nominais, a posição de foco abre espaço também para operadores *Wh*, dentre outras razões, porque eles são incompatíveis com itens focalizados e, portanto, disputam com tais itens a mesma posição (6, 7).

(6) “*A chi IL PREMIO NOBEL dovrebbero dare?” (RIZZI, 1997, p. 298).

a quem o prêmio Nobel devem dar

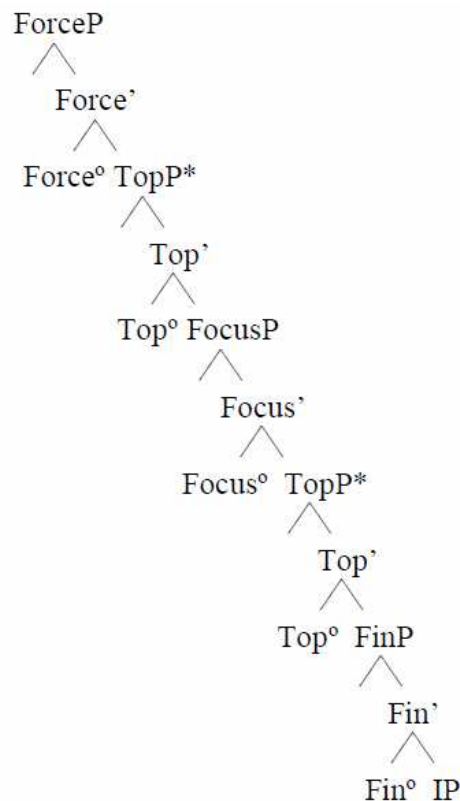
(7) “*IL PREMIO NOBEL a chi dovrebbero dare?” (RIZZI, 1997, p. 298).

o prêmio Nobel a quem devem dar

Ainda de acordo com Rizzi (1997), no sistema C, TopP e FocusP estão presentes apenas se houver algum constituinte na sentença que comporte as propriedades destas categorias. Assim, TopP e FocusP, se ativados, são inseridos entre ForceP e FinP, que são projetadas sempre e que devem ocupar as posições terminais, conforme a seguinte representação:

Figura 3: A periferia do IP³⁰

³⁰ Os asteriscos indicam que o tópico tem a propriedade de ser recursivo.



(RIZZI, 1997, p. 297).

1.3.2.2 A periferia do VP

Na seção anterior, observou-se que a área externa do IP, isto é, o sistema C é constituído por um espaço rico em camadas funcionais diferenciadas. Nesta seção, observaremos que a área interna do IP, localizada imediatamente acima do v/VP, também disponibiliza um espaço rico em categorias funcionais.

Belletti (2003) se propõe a analisar a “refinada cartografia estrutural da área interna e baixa da oração (IP)”³¹ e a mostrar que esta área revela uma semelhança significativa com a periferia esquerda alta (CP), disponibilizando uma posição de foco que se interpõe entre duas ou mais posições de tópico.

Apesar de haver algumas diferenças na interpretação e na entonação das categorias realizadas em ambas as periferias, uma configuração significativamente paralela introduz o VP

³¹ “fine-grained structural cartography of the clause’s (IP) internal low area” (BELLETTI, 2003, p. 17).

e o IP. Nesse sentido, vP/VP teria uma periferia parecida com o CP. Para desenvolver sua hipótese, a autora se concentra nas propriedades do que seria a posição de foco interna, identificada em construções com sujeito posposto.

Inicialmente, a autora pontua as diferenças entre inversão livre (FI: *Free Inversion*) e inversão estilística (SI: *Stylistic Inversion*).

A inversão livre tem as seguintes características: ocorre em línguas de sujeito nulo e é um fenômeno interno ao IP. Assim, em FI, o sujeito pós-verbal é baixo, visto que o verbo se move sobre o sujeito sem alçar até o domínio do CP.

Diferentemente, a inversão estilística ocorre em línguas que não têm sujeito nulo e é um fenômeno externo ao IP. Assim, em SI, o sujeito pós-verbal é alto, visto que ele é movido para a periferia do IP. O IP, por sua vez, é também movido para uma posição acima do sujeito no domínio do CP.

O contraste entre FI e SI é evidenciado nos respectivos exemplos do italiano e do francês retirados de Belletti (2003, p. 18).

(8)

<p>a. “Ha parlato Gianni”. <i>has spoken Gianni</i> ‘Falou Gianni’.</p> <p>b. “E’ partito Gianni”. <i>is left Gianni</i> ‘Partiu Gianni’.</p> <p>g. “Il giorno in cui ha parlato/è partito Gianni” <i>the day in which has spoken/is left Gianni</i> ‘O dia em que falou/partiu Gianni’.</p> <p>h. “E’ necessario che parli/parta Gianni”. <i>it is necessary that speak/leave (subj.) Gianni</i> ‘É necessário que fale/parta Gianni’.</p>	<p>c. “*A parlé Jean”. <i>has spoken Jean</i> ‘Falou Jean’.</p> <p>d. “*Est parti Jean”. <i>is left Jean</i> ‘Partiu Jean’.</p> <p>e. “Le jour où a parlé/est parti Jean”. <i>the day when has spoken/is left Jean</i> ‘O dia em que falou/partiu Jean’.</p> <p>f. “Il faut que parle/parte Jean”. <i>it is necessary that speak/leave (subj.) Jean</i> ‘É necessário que fale/parta Jean’.</p>
---	---

(BELLETTI, 2003, p. 18)

Observa-se que as construções (8e) e (8f) do francês, na segunda coluna, correspondentes aos exemplos (8g) e (8h) do italiano, na primeira coluna, são gramaticais, embora (8c) e (8d) não sejam. Em (8e) e (8f), os complementizadores ‘que’ e ‘où’ funcionam como gatilhos (*triggers*) para o movimento do IP em direção ao domínio do CP. Na falta de *triggers* como estes, a inversão não ocorre (8c, d).

Estabelecida esta diferença entre FI e SI, a autora se atém ao primeiro tipo de inversão para explicar as razões por que o sujeito pós-verbal seria interno ao IP.

A primeira razão está na sua posição: sempre após os advérbios baixos. Isto indica que o sujeito pós-verbal é muito baixo na hierarquia, conforme atestado em (9b) onde o NP não se move para uma posição mais alta que o advérbio.

(9) a. “?Capirà completamente Maria” (BELLETTI, 2003, 18).

Entenderá completamente Maria

b. “*Capirà Maria completamente” (BELLETTI, 2003, 18).

Entenderá Maria completamente

A segunda razão é que o sujeito pós-verbal não é um domínio de extração, por exemplo, a extração *wh* não é viável, conforme exemplos abaixo:

(10) a. “Ha telefonato il direttore del giornale al presidente”.

has phoned the director of the newspaper to the president (BELLETTI, 2003, p. 20).

‘Telefonou o diretor do jornal ao presidente’.

b. “?? Il giornale di cui ha telefonato il direttore al presidente”.

the newspaper of which phoned the director to the president (BELLETTI, 2003, p. 20).

?? ‘O jornal do qual telefonou o diretor ao presidente’.

Isto significa que a posição do sujeito pós-verbal não parece ser uma posição argumental, característica que, segundo Belletti (2003, p. 21), identifica o sujeito pós-verbal com Spec,FocusP.

Tendo explicitado as razões por que o sujeito pós-verbal em FI é baixo, a autora parte para uma discussão sobre a interpretação do sujeito pós-verbal.

Os pares de pergunta (11a) e resposta (11b) abaixo mostram que o sujeito pós-verbal pode ser interpretado como informação nova (foco):

- (11) a. “Chi è partito/ha parlato?” (BELLETTI, 2003, p. 21).
who has left/has spoken
‘Quem partiu/falou?’
- b. “E’ partito/ha parlato Gianni” (BELLETTI, 2003, p. 21).
has left/has spoken Gianni.
‘Partiu/Falou Gianni’.
- c. “#Gianni è partito/ ha parlato” (BELLETTI, 2003, p. 21).
Gianni has left/has spoken
‘Gianni partiu/falou’.

Além disso, com a apropriada entonação e as apropriadas condições pragmáticas, o sujeito pós-verbal pode também receber interpretação tópica (informação dada):

- (12) a. “Che cosa ha poi fatto Gianni?” (BELLETTI, 2003, p. 22).
What has Gianni finally done?
‘Que coisa fez finalmente Gianni?’
- b. “Ha parlato, Gianni” (BELLETTI, 2003, p. 22).
He has spoken, Gianni
‘Falou, Gianni’.

Segundo Belletti (2003, p. 22, tradução nossa), a possibilidade de troca de interpretação em (12b) de foco a tópico “pode fornecer indicação direta de uma configuração refinada da área interna e baixa do IP em discussão”³².

Além disso, na relação entre (11b e c), nota-se que apenas a posição pós-verbal carrega informação nova. Portanto,

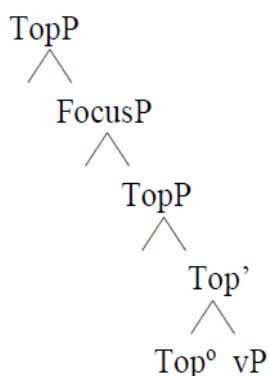
³² “can provide a direct indication of the fine configuration of the low IP internal area under discussion” (BELLETTI, 2003, p. 22).

a interpretação de foco do sujeito pós-verbal deve derivar otimamente da configuração sintática em que o DP sujeito é inserido. Como mostrei que o sujeito é baixo na estrutura sentencial, isso naturalmente resulta na proposta de que ele preencheria uma posição de Foco ou (de Tópico [...]). Isso, por sua vez, é um argumento a favor da existência de tal posição internamente à sentença.”³³ (BELLETTI, 2003, p. 22, tradução nossa).

Ainda quanto à noção de foco, Belletti (2003) argumenta que, na periferia alta, o foco está sistematicamente associado à interpretação contrastiva/corretiva e carrega uma entonação mais forte. Segundo a autora, embora seja o portador de informação nova, nenhuma interpretação ou entonação equivalente está necessariamente associada ao sujeito pós-verbal.

Finalmente, a periferia baixa do vP pode ser representada da seguinte maneira:

Figura 4: A periferia do VP



(BELLETTI, 2003, p. 25).

1.3.2.3 A periferia do NP

A seguir, sintetizaremos as principais características que fazem com que a estrutura nominal seja simétrica à estrutura oracional, podendo-se dizer que o DP, assim como o CP, é decomposto em diferenciadas categorias funcionais. As características são (i) semelhança na

³³ “the focus interpretation of the postverbal subject should optimally come out of the syntactic configuration in which the subject DP is inserted. As I have shown that the subject is low in the clause structure, this naturally leads to the proposal that it should fill a low Focus position (or Topic [...]). This, in turn, argues in favor of the existence of such a position clause internally.” (BELLETTI, 2003, p. 22).

distribuição de funções gramaticais; (ii) deslocamento de constituintes; (iii) concordância; (iv) conversão em argumento e (v) relação entre estrutura e discurso.

Em relação à distribuição de funções gramaticais, vejamos que o sintagma ‘the enemy’ ocupa a posição de especificador e funciona como um sujeito tanto de V, em (13a’), quanto de N, em (13b’). Por sua vez, ‘the city’ funciona como um objeto direto tanto de V, em (13a’), quanto de N, em (13b’).

- (13) a. “The enemy destroyed the city” (ABOH et al., 2010, p. 782).
b. “The enemy’s destruction of the city” (ABOH et al., 2010, p. 782).

Em relação ao deslocamento de constituintes, Aboh *et al* (2009, p. 782) comentam que o fenômeno da passivização, por exemplo, não é restrito ao domínio sentencial. Assim como o NP complemento de V^o se move para uma posição de especificador nas passivas (14a), o NP complemento de N^o também sofreria este movimento (14b).

- (14) a. “The city was destroyed by the enemy” (ABOH et al., 2009, p. 782).
b. “The city’s destruction by the enemy” (ABOH et al., 2009, p. 782).

Em relação ao fenômeno de concordância, a relação entre possuído e possessivo é paralela à relação de concordância entre sujeito e verbo. Sendo assim, a estrutura nominal também seria composta por um sistema AgrP (ou InflP) interno. No IP oracional, este sistema seria subdividido em AgrSP, TP e AspP. Por sua vez, o IP nominal seria subdividido em diversas projeções funcionais ocupadas por possessivos, demonstrativos, variadas classes de adjetivos (CINQUE, 1993), dentre outros.

Em relação à conversão em argumento, segundo Coene e D’Hulst (2002, p. 2, tradução nossa), “tanto o complementizador quanto os artigos são subordinadores no sentido em que eles capacitam a oração ou o sintagma nominal a agirem como argumentos”³⁴.

Em uma versão mais elaborada desta idéia, Haegeman (2004, p. 235) considera que D, ao ser decomposto em diferentes categorias funcionais, desmembra uma posição específica

³⁴ “both the complementizer and the articles are subordinators in the sense that they enable the clause or noun phrase to act as arguments”.

para codificar definitude. Nesta posição, $D_{fin}(\text{iteness})P(\text{hrase})$, o artigo é inserido. Simetricamente ao domínio do CP, $D_{fin}P$, na periferia nominal, seria equivalente a $Fin(\text{iteness})P$ no domínio oracional.

Sendo assim, enquanto Fin determina o estado finito ou infinito da oração como sendo um argumento do sistema C, D_{fin} determina a interpretação do nome em definido ou indefinido como sendo um argumento do sistema D. Ainda no que se refere a esta simetria, Haegeman (2004, p. 235-6) afirma que, da mesma forma que Fin ancora o evento no espaço temporal, D_{fin} ancora o nome no espaço referencial.

Em relação à ligação entre discurso e estrutura, da mesma forma que C teria um estatuto de interface, isto é, estaria no limiar entre a face interna (configuração estrutural: IP) e a face externa (configuração discursiva: ato de fala, tópico-comentário, foco-suposição, ...) da sentença, D também teria este perfil, que caracteriza o que se concebe como periferia.

Assim, como já apontado acima, a face interna de D seria identificada na relação de concordância entre os traços formais (número, por exemplo) de D^o e de N^o . Por sua vez, a face externa de D seria identificada na inversão de constituintes, que caracteriza a topicalização de elementos e, conseqüentemente, a alteração no seu caráter interpretativo. Portanto, D seria decomposto em um sistema complexo de categorias funcionais, tais como $D(\text{fin})P$, AP, DemP, PossP, e, possivelmente, TopP e FocusP, de acordo com Giusti (1996).

Giusti (1996) discute dados que evidenciam a presença de TopP e FocP na estrutura do DP, embora assuma que a estrutura do DP é defectiva do ponto de vista translinguístico porque cada uma destas posições pode não ser encontrada em todas as línguas. Adiante, traremos alguns exemplos do albanês para a posição de FocusP e do italiano para TopP.

De acordo com Giusti (1996, p. 111), no albanês, a ordem dos adjetivos pós-nominais é fixa. Assim, ‘tjetër’ “outra” precede ‘e bukur’ “bonita” (15a), sendo excluída a ordem invertida (15b).

(15) a. “një grua tjetër e bukur” (GIUSTI, 1996, p. 111).

uma mulher outra a bonita

b. “*një grua e bukur tjetër” (GIUSTI, 1996, p. 112).

uma mulher a bonita outra

Entretanto, a anteposição se torna possível quando o adjetivo recebe ênfase (15c). Isso sugere que a posição pré-nominal é derivada pelo movimento do AP cujo alvo, segundo a autora, é FocusP.

- (15) c. “e bukura grua tjetër” (GIUSTI, 1996, p. 114).
a bonita-a mulher outra

Por sua vez, no italiano, a ordem invertida do adjetivo pode derivar uma interpretação diferenciada. Assim, a autora considera os seguintes exemplos:

- (16) a. “i suoi capelli bianchi” (GIUSTI, 1996, p. 118).
‘os seus cabelos brancos’
b. “i suoi bianchi capelli” (GIUSTI, 1996, p. 118).
‘os seus brancos cabelos’

Segundo explicação de Giusti (1996, p. 118), (16a) pode tanto significar que todo o cabelo da pessoa referida é branco ou que essa pessoa tem apenas alguns fios brancos. Com o AP anteposto (16b), a única interpretação é de que todo o cabelo dele é branco. Esta interpretação está correlacionada, segundo a autora, com o fato de que adjetivos pré-nominais expressam uma propriedade prototípica do nome e, portanto, uma informação dada.

Considerando-se a ordem relativa dos adjetivos no italiano, adjetivos descritivos como *brutale* em (17a) ocupam uma posição baixa na estrutura. No entanto, em um contexto no qual todos sabemos que a invasão marciana foi brutal, é possível tanto (17a), em que ‘brutale’ está na sua posição básica, quanto (17b) em que *brutale* se move para uma posição mais alta imediatamente abaixo do DP.

- (17) a. “La ultima vera **brutale** aggressione marziana al pianeta sara nel prossimo secolo” (GIUSTI, 1996, p. 120).

A última verdadeira brutal agressão marciana ao planeta será no próximo século

- b. “Sappiamo tutti che la **brutale** ultima vera aggressione marziana al pianeta è la causa della distruzione dei dinosauri” (GIUSTI, 1996, p. 120).

Sabemos todos que a brutal última verdadeira agressão marciana ao planeta é a causa da destruição dos dinossauros.

c. “?*la loro brutale ultima vera aggressione ...” (GIUSTI, 1996, p. 120).

a sua brutal última verdadeira agressão

d. “*la loro ultima brutale vera aggressione ...” (GIUSTI, 1996, p. 120).

a sua última brutal verdadeira agressão

De acordo com Giusti (1996, p. 121), (17b) mostra que TopP é a posição mais alta na estrutura nominal abaixo de DP. Com efeito, nada, com exceção do artigo, pode preceder o adjetivo topicalizado (17c, d).

Além disso, de acordo com a autora, adjetivos prenominais são sempre tópicos (carregam informação compartilhada) e, portanto, não podem ser focalizados no italiano, língua em que FocusP não está presente na estrutura nominal, reproduzida abaixo:

(18) [DP Art [TopP AP_j Top [AgrP POSS [AgrP ...t_j ... [AgrP Ni [...t_i]]]]]] (GIUSTI, 1996, p. 121)

Em suma, as cinco características listadas nesta seção possibilitam o estabelecimento de um paralelo entre as estruturas oracional e nominal.

1.3.3 Recapitulação: a cartografia das estruturas sintáticas

Esta seção mostrou como surge e como se constitui o projeto de mapeamento das estruturas sintáticas. Trata-se de uma lente microscópica posta sobre as categorias funcionais com o objetivo de reconhecê-las, discriminá-las e depreender sua posição hierárquica determinada pela UG.

Sendo assim, não apenas núcleos funcionais internos, como a flexão, mas também categorias de interface e, portanto, periféricas seriam “sintaticizadas” e formalizadas no projeto cartográfico.

CAPÍTULO 2

‘LÁ’ NA PERIFERIA EXTERNA DO IP: O DOMÍNIO DO CP³⁵

Este capítulo trata de estruturas nas quais ‘lá’ faria parte da cartografia do CP. Argumentaremos que ‘lá’ ocuparia a posição de especificador nas projeções funcionais: FocusP (2.1), TopP (2.2), FinP (2.3) e ForceP (2.4).

2.1 Lá em Spec,FocusP

Esta seção contém duas subseções que tratam de ‘lá’ em questões retóricas (2.1.1) e em sentenças imperativas (2.1.2).

2.1.1 Questões retóricas³⁶

Nesta subseção, vamos propor uma análise para ‘lá’ em sentenças como (1a) na qual ‘lá’ pertence a uma estrutura de questão retórica. Para isso, introduzimos brevemente uma explicação sobre as propriedades das questões retóricas (2.1.1.1). Posteriormente, argumentamos a favor de uma proposta de análise em que lá’ em (1a) seria inserido por *merge* em Spec,FocusP na periferia do IP (2.1.1.2). Finalmente, abordamos a análise de Martins (2010) atribuída a dados do PE. Argumentamos na direção de mostrar que sua proposta não dá conta dos dados do PB, que demandam uma análise diferenciada (2.1.1.3). Nesse íterim, também vamos esclarecer que ‘lá’ marcador de questão retórica não pode ser confundido com ‘lá’ marcador de negação.

³⁵ Uma versão bem resumida deste capítulo será publicada em PEREIRA (2011d).

³⁶ Uma versão parcial desta seção foi publicada em PEREIRA (2010c).

2.1.1.1 As propriedades de uma questão retórica

Vejamos a sentença (1a), que é uma questão retórica.

- (1) a. O João (**lá**) comprou (**lá**) um carro?

Em (1a), ‘lá’ pertence a uma questão retórica, que, por definição, (i) não é feita para obter informações do ouvinte e (ii) tem a capacidade de inverter a polaridade da sentença, como será explicado adiante.

De acordo com Han (1998, p. 1, tradução nossa), “Enquanto uma questão comum demanda informação [...] do ouvinte, uma questão retórica não é feita para obter uma resposta.”³⁷. Em outras palavras, para Guariglia (2008), uma questão retórica consiste na

tentativa de refutar um argumento por meio de um questionamento, cuja principal característica é trazer já a resposta [...] Exemplificando: Note o enunciado *É correto que adolescente esteja acompanhado de um criminoso adulto?* Essa interrogativa já traz a seguinte resposta [...] *Obviamente a companhia de um criminoso adulto não é adequada a um adolescente* (GUARIGLIA, 2008, p. 128).

Sendo assim, “o enunciado interrogativo retórico não depende da manifestação de uma resposta do interlocutor” (GUARIGLIA, 2008, p. 128). Além de não objetivar uma resposta, outra característica da questão retórica é a polaridade reversa³⁸.

Segundo Han (1998), “uma questão retórica positiva tem a força ilocucionária de uma asserção negativa e uma questão retórica negativa tem a força ilocucionária de uma asserção positiva” (HAN, 1998, p. 1, tradução nossa)³⁹. Desta maneira, a questão retórica positiva (2a)

³⁷ While an ordinary question seeks information [...] from the hearer, a rhetorical question does not expect to elicit an answer (HAN, 1998, p. 1).

³⁸ “polarity reversal” (HAN, 1998, p. 6).

³⁹ “a rhetorical positive question has the illocutionary force of a negative assertion and a rhetorical negative question has the illocutionary force of a positive assertion” (HAN, 1998, p. 1).

recebe uma paráfrase negativa (2b). Por sua vez, a questão retórica negativa (3a) recebe uma paráfrase positiva (3b).

- (2) a. “Did I tell you that writing a dissertation was easy?” (HAN, 1998, p. 2).
‘Eu lhe disse que escrever uma dissertação era fácil?’
b. “I didn’t tell you that writing a dissertation was easy” (HAN, 1998, p. 2).
‘Eu não lhe disse que escrever era fácil’.
- (3) a. “Didn’t I tell you that writing a dissertation was easy?” (HAN, 1998, p. 2).
‘Eu não lhe disse que escrever uma dissertação era fácil?’
b. I told you that writing a dissertation was easy (HAN, 1998, p. 2).
‘Eu lhe disse que escrever uma dissertação era fácil’.

Da mesma forma, (1a) não é feita para obter uma resposta, mas para incitar um questionamento diante do ouvinte. Além disso, (1a) também pode ser parafraseada por uma sentença negativa (1b).

- (1) a. O João (**lá**) comprou (**lá**) um carro?
b. O João não comprou um carro.

Por isso, pode-se dizer que, em (1a), ‘lá’ pertence a uma estrutura de questão retórica.

2.1.1.2 Proposta de análise

Nessa estrutura, ‘lá’ pode ser tanto pré-verbal quanto pós-verbal e também pode ser omitido, sem alterar o conteúdo da sentença.

Como ‘lá’ pode ocupar a posição pré-verbal, ele está situado acima da categoria que aloja o verbo, no caso, acima de IP, muito provavelmente na periferia esquerda porque ‘lá’ veicula informações de caráter enfático e discursivo condizentes com o domínio do CP. Desta

forma, quando ‘lá’ ocupa a posição pós-verbal, essa ordenação seria justificada a partir do alçamento do verbo para uma posição mais alta que aquela onde ‘lá’ está.

Por isso, supomos que em (1a) ‘lá’ é inserido por *merge* no domínio do CP, possivelmente em Spec,FocusP, porque ‘lá’ recebe foco entonacional, é incompatível com itens focalizados (4) e permite recursão de tópico acima e abaixo dele (5), conforme explicado adiante.

Nota-se que ‘lá’, em questões retóricas, não coocorre com itens focalizados:

- (4) a. TUDO, o João comprou. Não faltou nada.
b. *TUDO, o João lá comprou?

Dessa maneira, os itens sublinhados abaixo não admitem leitura de foco.

- (5) A: O João comprou um carro recentemente.
B: a. Você quis dizer: O PAI DO JOÃO comprou um carro recentemente.
b. O João lá comprou um carro? Foi o pai dele.
c. Lá um carro o João comprou? Aquilo é uma lata velha.

Os itens sublinhados, diferentemente de “o pai do João” em (5Ba), carregam informação disponível no contexto discursivo e, assim sendo, recebem interpretação tópica.

Uma evidência disso é que, enquanto “o pai do João”, que é foco, pode ser clivado (6a), “o João” (6b) e “um carro” (6c) não podem ser clivados no contexto de interrogativas com ‘lá’:

- (6) a. Foi o pai do João que comprou um carro recentemente.
b. *Foi o João que lá comprou o carro?⁴⁰
c. ≠Foi lá um carro que o João comprou?⁴¹

⁴⁰ A sentença não seria tão degradada, se ‘lá’ fosse interpretado como locativo.

⁴¹ Em (6c), ‘lá’ não está mais relacionado ao VP cujo núcleo é ‘comprou’, mas à oração matriz com núcleo ‘foi’. Por isso, mesmo que (6c) possa ser gramatical, não se trata de um contra-exemplo para a alegação segundo a qual foco e ‘lá’ não são compatíveis na mesma oração, já que ambos estariam em orações diferentes.

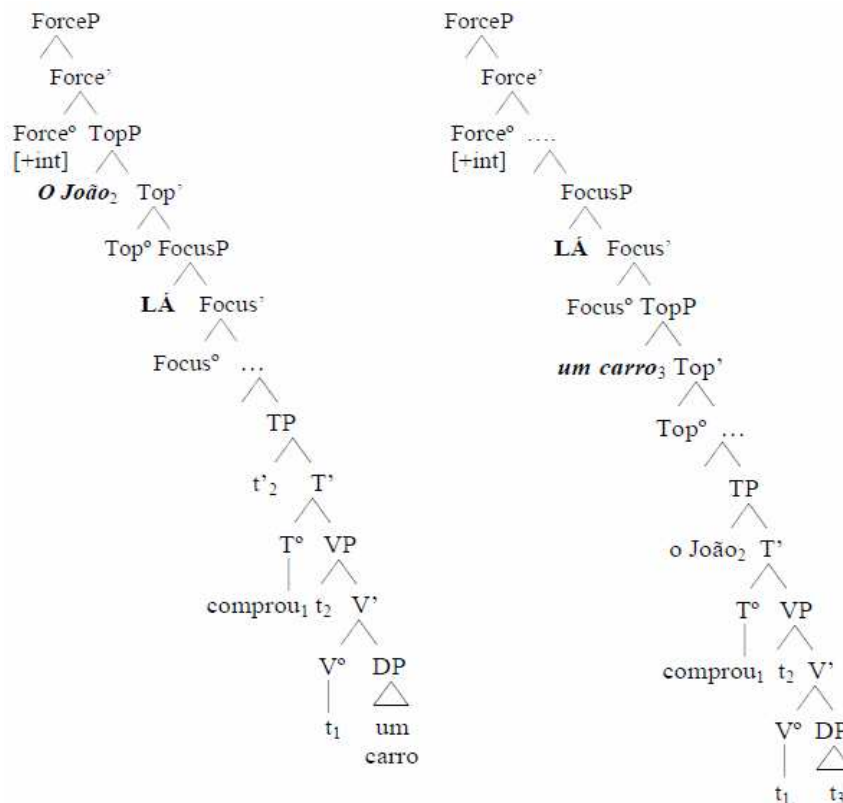
Particularmente, as interrogativas retóricas permitem uma variada ordenação dos seus constituintes:

- (5) b. O João lá comprou um carro? Foi o pai dele.
 c. Lá um carro o João comprou? Aquilo é uma lata velha.
 d. Lá o João comprou um carro? Foi o pai dele.
 e. O João comprou lá um carro? Aquilo é uma lata velha.
 f. (?)Lá comprou carro o João? Ele pediu emprestado ao pai dele.

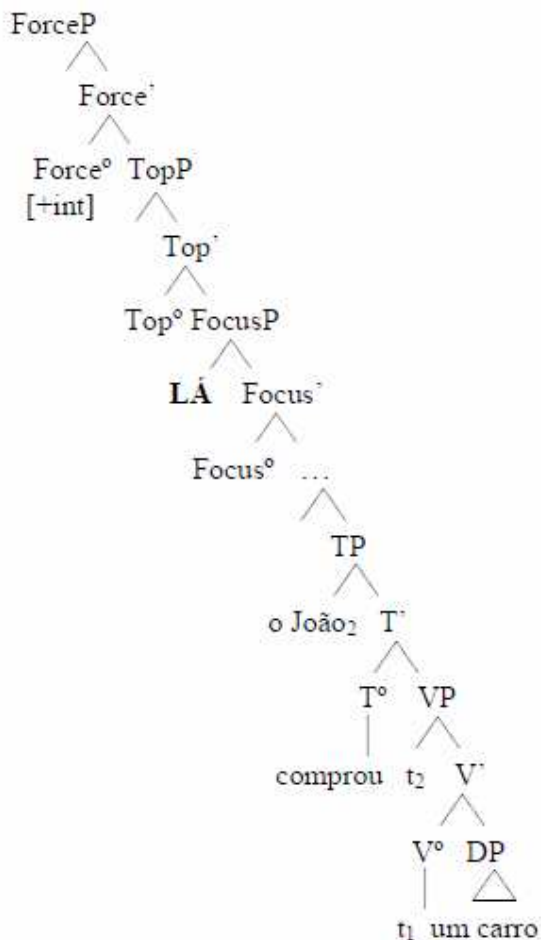
No entanto, ao que parece, ‘lá’ permanece em posição de foco, enquanto “o João” (5b), “um carro” (5c), “o João” (5d) e “comprou” (5e) se movem para posições de tópico mais altas ou mais baixas que aquela ocupada por ‘lá’, conforme derivações apresentadas na figura 1.

Figura 1: ‘Lá’ em Spec,FocusP de questões retóricas

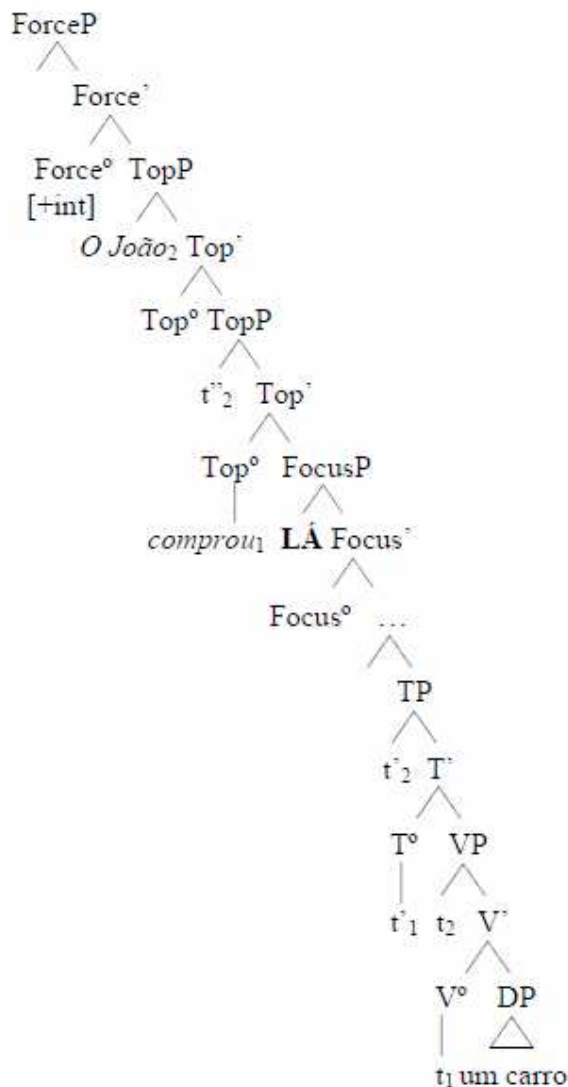
- (5) b. O João lá comprou um carro? Foi o pai dele. (5) c. Lá um carro o João comprou? Aquilo é uma lata velha.



(5) d. Lá o João comprou um carro? Foi o pai dele.



(5) e. O João comprou lá um carro? Aquilo é uma lata velha.



Além disso, se a razão de ser de uma questão retórica é colocar em xeque informações disponíveis em determinado contexto discursivo, a topicalização de NPs é mais previsível que a focalização.

Se 'lá' é incompatível com itens focalizados e está em Spec,FocusP, é preciso averiguar também se 'lá' pode ou não coocorrer com itens *Wh*. Em alguns casos, a compatibilidade se evidencia claramente (7a, b); em outros, porém, a coocorrência de 'lá' e itens *Wh* não parece ser permitida (7c, d).

- (7) a. Por que eu lá teria precedentes para duvidar de você?
 b. O que eu lá teria feito para ela se magoar?
 c. *Como você lá comprou o carro?
 d. ??Quem lá comprou o carro?⁴²

De acordo com Rizzi (2001), advérbios como *perché* do italiano ocupariam uma posição mais alta que FocusP (destinada a itens QU) e mais baixa que ForceP a qual ele designa Int(errogative)P(hrase). Sendo assim, “por que” (7a) no PB também seria realizado em uma posição mais alta que FocusP. Por isso, seria compatível com ‘lá’ em questões retóricas.

Em suma, como esperado para itens em posição de foco, ‘lá’ seria incompatível tanto com itens *Wh* inseridos nesta posição, quanto com itens focalizados. Portanto, ‘lá’ disputaria com eles a mesma posição.

2.1.1.3 Uma discussão da proposta de Martins (2010)

Martins (2010) atribui uma análise diferente para dados do PE, como (1b).

- (1) c. Eu doente? Ora essa! Eu sou **lá** criatura que adoença! (MARTINS, 2010, p. 12).

Segundo análise de Martins (2010), ‘lá’ em (1c) está em uma posição mais baixa que o verbo, pois ‘lá’ é estritamente pós-verbal no PE, neste caso. Esta posição, em sua análise, seria Spec,TP. O sujeito, por sua vez, não faria parte de Spec,TP, mas de uma projeção mais alta, Spec,ΣP, cujo núcleo seria a posição para onde o verbo se move.

Para a autora,

⁴² Segundo observação da Profa. Ilza Ribeiro, por ocasião da defesa desta tese, ‘lá’ em questões retóricas poderia sim ocorrer com itens *wh* do tipo de ‘quem’. Seu exemplo foi: “Quem lá compra carro hoje em dia? É melhor andar de metrô”. Reconhecendo essa possibilidade, seria necessário admitir recursão de foco (‘lá’ e ‘quem’) na mesma sentença, o que a princípio não é esperado por Rizzi (1997). No entanto, para Benincà & Poletto (2004, p. 53), “Foco não é uma projeção única, mas é em si um conjunto de projeções” (“Focus is not a single projection but is itself a set of projections”). Dentro desta perspectiva, podemos assumir que, na coocorrência de ‘lá’ e ‘quem’, não seria excluída a análise de ‘lá’ na posição de FocusP, pois mais de uma projeção de foco pode ser admitida. Cada uma delas, porém, teria suas características próprias, tais como foco entonacional e foco informativo.

Spec,TP no português europeu é uma posição dedicada à expressão do tempo da enunciação [...] que pode ter visibilidade a partir de locativos dêiticos ancorados no falante/na enunciação. Locativos dêiticos argumentais podem sofrer *scramble* de dentro do domínio do VP até Spec,TP; locativos dêiticos não argumentais podem atribuir conteúdo a Spec,TP por *merge* externo, caso em que eles atuam como marcadores enfáticos⁴³ destituídos de significado locativo.⁴⁴ (MARTINS, 2010, p. 18, tradução nossa).

Contudo, no PB, ‘lá’ em (1a), como vimos, pode ser pré-verbal. Isso indica que ‘lá’ estaria na verdade em uma posição mais alta que T/IP.

- (1) a. O João (**lá**) comprou (**lá**) um carro?

Um último esclarecimento a respeito de ‘lá’ em questões retóricas precisa considerar o seguinte exemplo discutido por Martins (2010):

- (1) d. Eu estou *lá* um pouco preocupado. Estou morto de preocupação. (MARTINS, 2010, p. 2).

De acordo com a autora, ‘lá’ em (1d) seria diferente de ‘lá’ in (1e). O primeiro seria um marcador de negação, enquanto o segundo seria um marcador de questão retórica.

- (1) e. “Há **lá** coisa melhor que estar na praia?” (MARTINS, 2010, p. 16).

Em (1d), ‘lá’ seria um marcador de negação de negação metalinguística e, portanto, um item de polaridade negativa. Justifica-se essa afirmação, pois a negação recai sobre “um pouco” mas não sobre a proposição. Contudo, no PB, (1d) é agramatical se não for pronunciado com curva entonacional interrogativa. Isso significa que (1d), quando

⁴³ De acordo com Martins (2010, p.2), esse uso enfático dos locativos inseridos em Spec,TP é encontrado não só nas questões retóricas, mas também em sentenças imperativas, em declarativas e em negação metalinguística. Portanto, vale a mesma explicação, isto é, inserção direta de ‘lá’ em Spec,TP para todos esses usos de ‘lá’.

⁴⁴ “Spec,TP in European Portuguese is a dedicated Utterance Time position [...] which can be made visible by speaker/utterance-anchored deictic locatives. Argumental deictic locatives may scramble from within the VP domain to Spec,TP; non-argumental deictic locatives may give content to Spec,TP by external merge, in which case they act as emphatic markers devoid of locative meaning” (MARTINS, 2010, p. 18).

pronunciado no PB, é, na verdade, uma questão retórica e receberia a mesma análise dada a (1a, 5b - f).

Resta saber agora por que (1a, d - e; 5b - f) são interpretados como negação. Isso ocorre devido a uma propriedade das interrogativas retóricas, mencionada anteriormente, que é a polaridade reversa. De acordo com Han (1998, p. 1, tradução nossa),

De modo geral, uma questão retórica tem a força ilocucionária de uma asserção forte e expressa polaridade oposta àquela aparentemente presente na pergunta [...] isto é, uma questão retórica positiva tem a força ilocucionária de uma asserção negativa⁴⁵.

Sendo assim, mesmo que ‘lá’ seja elidido nas estruturas com questão retórica de polaridade positiva, a sentença ainda assim será entendida como negação. Isso ocorre em todas os exemplos seguintes:

- (8) a. O João (lá) comprou um carro?
b. Eu sou (lá) mulher de levar desaforo para casa?
c. Vê (lá) se eu vou aceitar meu marido mandar em mim?

A conclusão direta advinda destes fatos é que ‘lá’ nas questões retóricas não é, de forma alguma, um marcador de negação⁴⁶. A negação se dá puramente por vias de força ilocucionária.

Em suma, ‘lá’ em (1a) seria inserido por *merge* em Spec,FocusP na periferia do IP. Neste caso, ‘lá’ faz parte de uma sentença com entonação interrogativa, recebe foco

⁴⁵ “In general, a rhetorical question has the illocutionary force of a strong assertion of opposite polarity from what is apparently asked [...] That is, a rhetorical positive question has the illocutionary force of a negative assertion” (HAN, 1998, p. 1).

⁴⁶ Só existe um tipo de realização de ‘lá’ que poderia ser considerado efetivamente um marcador de negação, mas não é o caso dos dados apresentados nesta subseção. Isso parece ocorrer apenas com “Sei lá” e “Importa-me lá”, que normalmente são respostas a enunciados prévios. Neste caso, ‘lá’ não pode ser omitido, senão a sentença se transforma em afirmativa. Além da possibilidade de omissão, a compatibilidade com expressões idiomáticas de polaridade negativa seria outro teste para distinguir o ‘lá’ marcador de questão retórica do ‘lá’ negação, pois, ao contrário daquele (i), este é agramatical com tais expressões (ii). No capítulo 3, na seção 3.1, analisaremos esse tipo de estrutura em detalhes.

- (i) a. A Maria lá tem um tostão furado?
b. A Maria lá moveu uma palha para nos ajudar?
- (ii) a. *Sei lá nadica de nada.
b. *Sei lá uma ova.

entonacional, pode estar tanto em posição pré quanto em posição pós-verbal e pode ser omitido sem alterar o conteúdo proposicional da sentença. Esta propriedade indica que a interpretação de negação veiculada por (1a) não se deve à presença de ‘lá’, mas a uma inversão de polaridade causada puramente pela força ilocucionária das questões retóricas.

2.1.2 Imperativas

Nesta subseção, vamos propor uma análise para ‘lá’ em sentenças imperativas como (9). Nessa análise, consideraremos que ‘lá’ é inserido por *merge* em Spec,FocusP no domínio do CP. Assim sendo, embora ‘lá’ em imperativas ocupe a mesma posição de ‘lá’ em questões retóricas, nas imperativas, o verbo alça para Force, deixando ‘lá’ sempre na posição pós-verbal. Lembremos que, em questões retóricas, o verbo pode alçar opcionalmente para uma posição TopP, mas não para ForceP.

Vejamos então o exemplo (9).

(9) Calma⁴⁷ **lá!** Você não pode me acusar assim.

Em (9), ‘lá’ é compatível com “aqui” (9a) e intercambiável com ‘aí’ (9b), corroborando o esvaziamento de seu valor locativo. Notemos que, neste caso, seria esperado que apenas ‘aí’ fosse usado, visto que o comando é dirigido ao interlocutor e não a uma terceira pessoa. No entanto, ‘lá’ e ‘aí’ são plenamente intercambiáveis, neste caso. Portanto, ‘lá’ tem seu valor distal locativo de 3ª pessoa enfraquecido.

⁴⁷ Um parecerista anônimo dos Anais do XXVI ENAPL (cf. PEREIRA, 2011d) afirma que, “em ‘calma lá’, ‘calma’ não é um verbo como assumido no artigo. É um nome.”. Discordamos. Em variantes coloquiais do PB, em vez de se dizer “Acalme-se!”, diz-se “Calma!”. Assim, o verbo ‘acalmar’ é realizado na forma de imperativo verdadeiro (e não superlativo), sem o pronome reflexivo ‘se’ e sem o segmento vocálico inicial ‘a-’. Com efeito, dicionários, como Houaiss (2001), reconhecem o verbo ‘calmar’. Além disso, a estrutura em análise é produtiva com outros verbos: “Pensa lá no que você vai fazer”; “Veja lá o que fala”; “Raciocina lá comigo”; “Traz lá a água sanitária”, etc. No caso de “Calma lá”, existiria uma homofonia com o nome “calma”, mas se trata definitivamente do verbo ‘calmar’ no imperativo. Existe, no entanto, a possibilidade de ‘lá’ imperativo ocorrer com itens lexicais outros além de verbos, como ocorre na expressão “Auto lá!”.

- (9) a. Raciocina **lá** comigo **aqui** nessa conta.
b. Calma **aí!** Você não pode me acusar assim.

Além disso, ‘lá’ é rigidamente pós-verbal e, como esperado para imperativas, é incompatível com condicionais (9c), subordinadas (9d) e infinitivas (9e).

- (9) c. *Se você calma lá, podemos entrar em um acordo.
d. *Eu disse que calma lá.
e. *Acalmar lá é a chave para evitar brigas.

De acordo com Martins (2010), ‘lá’ em imperativas expressa “um pedido veemente através do qual o falante deseja garantir uma resposta positiva do interlocutor”⁴⁸ (Martins, 2010, p. 13, tradução nossa), como em (10), dados do PE.

- (10) A: Dá-me um beijo.
B: Não.
A: Dá **lá**. (Martins, 2010, p. 13-14).

Para a autora, também nesse caso, ‘lá’ estaria em Spec,TP devido à sua posição pós-verbal e devido ao *merge* direto em Spec,TP, resultando na interpretação enfática do locativo e na destituição de seu valor dêitico. Diferentemente do que propõe Martins (2010), argumentamos que ‘lá’ em (9), dado do PB, pertence à periferia do CP e é inserido provavelmente em Spec,FocusP.

Nossa hipótese considera que: primeiro, ‘lá’ é incompatível com itens focalizados (9f) muito provavelmente porque disputa com eles a mesma posição; segundo, ‘lá’ é rigidamente pós-verbal (9g), posição esta decorrente do alçamento de V a Force, como é previsto para sentenças imperativas (PLATZACK & ROSENGREN, 1998); e terceiro, ‘lá’, além de pós-verbal, é adjacente (9h). Portanto, ‘lá’ deve estar na primeira posição abaixo de ForceP, que seria FocusP.

⁴⁸ “vehement requests, by which the speaker intends to grant a positive response from the interlocutor” (Martins, 2010, p. 13).

- (9) f. *Calma VOCÊ lá⁴⁹.
g. *Lá calma!
h. *Raciocina comigo/com ele/com atenção lá nessa conta.

Sendo assim, apesar de ‘lá’ ser inserido em Spec,FocusP e marcar algum tipo de ênfase tanto nas questões retóricas quanto nas imperativas, ‘lá’ pertence a estruturas diferentes. Nas questões retóricas, não há alçamento de V para Force, como ocorre nas imperativas. Além disso, enquanto Force, nas questões retóricas, comporta traços [+Interrogativa], nas imperativas, Force é [+Imperativa].

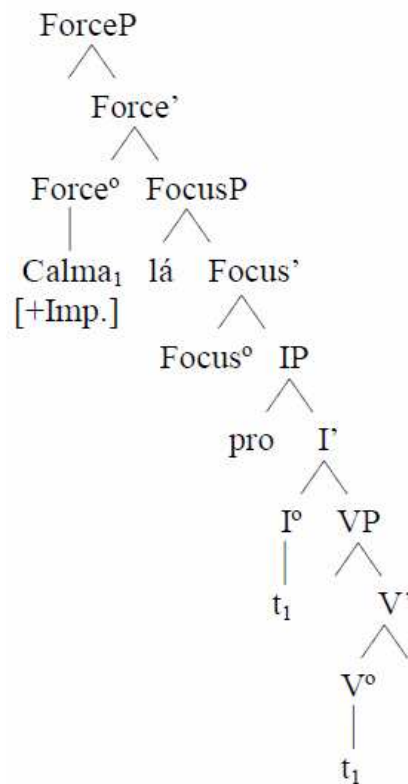
Ademais, a possibilidade de atribuir a mesma posição para ‘lá’ tanto em questões retóricas quanto em imperativas é permitida pelo fato de que seria impossível a concomitância de imperativa e questão retórica em uma mesma sentença. Portanto, essas duas diferentes realizações de ‘lá’ ocorreriam na mesma posição, mas em diferentes construções.

Com base nisso, propomos a seguinte derivação para (8).

Figura 2: ‘Lá’ em Spec,FocusP de imperativas

(9) Calma lá!

⁴⁹ “‘Calma lá’, você!” é possível. Porém, a leitura atribuída a ‘você’, neste caso, não é de foco propriamente, mas de vocativo, como em “Calma lá, João!”. Por sua vez, em “João, você calma lá, hein?”, ‘João’ seria o vocativo, enquanto ‘você’ seria o sujeito do imperativo, que teria alçado de Spec,IP e movido possivelmente para Spec,ForceP. Porém, como apontado tanto por pela Profa. Ilza Ribeiro quanto pelo Prof. Sérgio Menuzzi, por ocasião da defesa desta tese, haveria a possibilidade de ‘lá’ coocorrer com item focalizado como em “Calma lá você e não eu”. Se “você” for entendido como foco contrastivo, então será necessário novamente recorrer à proposta mencionada há pouco em nota (42) de Benincà & Poletto (2004, p. 53), que admitem mais de uma projeção de foco em uma mesma sentença. Trata-se, portanto, de uma investigação para o futuro.



Tendo em vista essa proposta de análise, vale a pena comentar ainda alguns exemplos:

(11) a. “Vá lá que o patrão chega aqui e vê a gente dormindo.” (MARTELOTTA & RÊGO, 1996, p. 246).

b. Vai (lá) que o patrão chega aqui e vê a gente dormindo.

Nesse caso, ‘ir lá’ não implica um movimento ou ação de ir a algum lugar. ‘Vá lá’ apresenta um significado completamente diferente do valor *default* de ‘ir’. Seguindo a intuição de Martelotta & Rêgo (1996, p. 247), “‘vá lá’ expressa um convite do falante para que o interlocutor imagine (vá lá) aquela situação hipotética por ele proposta ou acompanhe o raciocínio do falante”.

Essa intuição relacionada a “convite” nos permite inferir que ‘vá lá’ possui força diretiva. Nesse sentido, pode-se parafrasear ‘vá’ com verbos no imperativo⁵⁰ indicadores de

⁵⁰ Os verbos abaixo estão no imperativo verdadeiro (forma indicativa) que difere do imperativo supletivo (forma subjuntiva) (SCHERRE *et al.*, 2007).

hipótese, tais como: ‘imaginar’, ‘pensar’ e ‘ver’ (no sentido de ‘pensar’), conforme exemplos em (12):

- (12) a. Imagina lá que/se o patrão chega aqui e vê a gente dormindo.
b. Pensa lá que/se o patrão chega aqui e vê a gente dormindo.
c. Veja lá que/se o patrão chega aqui e vê a gente dormindo.

Portanto, “que o patrão chega aqui” funciona inusitadamente como oração subordinada completiva verbal da expressão ‘vá lá’. Aparentemente, a expressão ‘vá (lá)’ é transitiva, pois o verbo está no imperativo e, portanto, o sujeito verbal estaria elíptico. O ‘comando’ é dado a um interlocutor “você” implícito nas sentenças imperativas. Por isso, não é possível que “que o patrão chega aqui” seja analisado como subordinada subjetiva⁵¹.

Agora, observemos o dado em (13):

- (13) “Então, vamos lá!” (Proferido por Roberta Zampetti, programa *Brasil das Gerais*, Rede Minas, para anunciar os comerciais).

Notemos que, na sentença em (13), a apresentadora não está convidando os participantes do programa para irem a algum lugar, mas finalizando o seu aviso de que o tempo de discussão para aquele bloco expirou e que haverá uma interrupção breve para os comerciais. O enunciado, portanto, é um “convite” aos telespectadores para acompanhar os comerciais e posteriormente a continuação do programa.

Por último, consideramos ‘lá’ em (14):

- (14) Só vou lavar o banheiro na semana que vem e olhe lá!

Neste caso, o falante (estudante) proferiu esta sentença para comentar que deixaria de lavar o banheiro na semana corrente. A expressão “olhe lá” ou “olha lá” indica que já seria grande vantagem se conseguisse lavá-lo na semana seguinte, diante do acúmulo de atividades

⁵¹ Interessante notar que estruturas hipotéticas deste tipo também podem ser realizadas com o verbo ‘poder’: “Pode que chova hoje”. Neste caso, porém, o verbo não está no imperativo. Sendo assim, a oração subordinada é analisada como subjetiva, como em “Parece que vai chover hoje”.

que ele tinha de realizar. Em outras palavras, “olha lá” é um “apelo” para que o interlocutor entenda (“olhe para”) as circunstâncias atuais nas quais está difícil para o falante encontrar um tempo para lavar banheiro.

Sendo assim, nossa proposta de análise para esses exemplos e especialmente para (10a, b), dados que introduziram esta subseção, é a inserção direta de ‘lá’ em Spec,FocusP, logo abaixo de Force^o [imp]. Esta, por sua vez, é a posição para onde o verbo seria movido, devido à força ilocucionária imperativa da sentença.

2.1.3 Recapitulação: ‘lá’ em Spec,FocusP

Nesta seção, argumentamos a favor da análise de ‘lá’ em questões retóricas e em imperativas como especificador de FocusP. Justificamos essa análise com base principalmente nos seguintes fatos: ‘lá’ recebe foco entonacional e apresenta incompatibilidade tanto com itens focalizados quanto com itens *Wh*.

Apesar de ‘lá’ ocupar a mesma posição em imperativas e em questões retóricas, deve-se mencionar que uma e outra estrutura são diferentes. Nas imperativas, o verbo alça para ForceP, enquanto nas questões retóricas, o verbo alça opcionalmente para TopP.

Por isso, nas imperativas, ‘lá’ é rigidamente pós-verbal, enquanto, nas questões retóricas, ‘lá’ pode aparecer tanto antes quanto após o verbo.

2.2 ‘Lá’ em Spec,TopP⁵²

Esta seção trata das sentenças apresentadas em (1a) e (2a) nas quais ‘lá’ tem sido analisado como expletivo em posição de sujeito. Propomos um deslocamento desta análise, argumentando que ‘lá’ é inserido por *merge* em Spec,TopP⁵³ e não em Spec,IP⁵⁴.

(1) Construções inacusativas

a. Lá vem a Maria.

(2) Construções existenciais

a. “Lá tinha um trem lá” (BUTHERS, 2009, p. 76).

Sendo assim, nesta seção, objetivamos inicialmente fazer um panorama dos estudos que defendem essa análise (2.2.1); posteriormente, pontuar os seus problemas (seção 2.2.2) e, finalmente, apresentar nossa proposta (seção 2.2.3).

Como informação suplementar, também abrimos outras duas subseções. Com a subseção (2.2.4), pretendemos tratar da (in)compatibilidade de ‘lá’ inicial com AdvPs finais ‘aqui’ e ‘aí’ contendo valores de fonte, alvo ou meio. Posteriormente, com a subseção (2.2.5), pretendemos reforçar a idéia de que as estruturas em análise são mais apropriadamente explicadas pela topicalização do que pela inversão locativa.

2.2.1 Análise de ‘lá’ em Spec,IP

Nascimento & Kato (1995), Greco & Vitral (1999) e Butthers (2009) sugerem que ‘lá’ em sentenças como (1) e (2) é um expletivo foneticamente realizado em posição de sujeito. Por se constituir como uma versão mais completa e extensa dessa proposta, a tese de Butthers (2009) terá destaque na resenha elaborada adiante que, em algumas passagens, também estabelece um diálogo com os trabalhos de Nascimento & Kato (1995) e Greco & Vitral

⁵² Uma versão desta seção foi publicada em PEREIRA (2010b).

⁵³ Esta proposta, portanto, contesta e reformula aquela que adotei em Pereira (2010a).

⁵⁴ As nomenclaturas IP e TP serão usadas indistintamente.

(1999). Antes, porém, faremos uma breve revisão do conceito de EPP para darmos prosseguimento à reflexão desses autores.

2.2.1.1 EPP

O Princípio de Projeção Estendida ou EPP, conforme abordado no Programa Minimalista (CHOMSKY, 1995), requer que toda oração tenha sujeito⁵⁵. Sujeito, por sua vez, é a categoria situada em Spec,I(nflection)P e se destina a checar traços ϕ do núcleo I.

Em (3a), por exemplo, ‘he’ em Spec,IP checa traços de número e pessoa do núcleo I [3^ap., sing.] pela operação *agree*. Esses traços também podem ser checados pela operação *merge* que insere um expletivo ‘there’ em Spec,IP, como exemplificado em (3b).

- (3) a. *He* lives in London.
b. *There* is a dog in that house.

De acordo com Svenonius (2002, p. 5 - 6, tradução nossa), “sujeitos expletivos, pleonásticos ou ‘dummy’ [...] são identificados pela sua falta de conteúdo semântico”. Portanto, “expletivos são, por definição, semanticamente vazios”⁵⁶, mas servem à sintaxe pois agem como sondas (*probes*) na checagem e apagamento de traços formais.

Assim, em (3b), embora o DP ‘a dog’ cheque os traços de pessoa e número de I [3^ap., sing.], esse DP não é capaz de valorar EPP, pois se encontra em uma posição mais baixa na derivação. Nesse sentido, para satisfazer EPP, ‘there’ é inserido por *merge* em Spec,IP em construções existenciais do inglês. Na qualidade de expletivo, ‘there’ é vazio semanticamente e, portanto, não apresenta valor locativo.

As línguas diferem parametricamente no modo como satisfazem EPP. O inglês se insere na classe de línguas que não permitem sujeito nulo e que, por isso, são conhecidas como línguas não *pro-drop*. Nessas línguas, Spec,IP deve ser preenchido por uma categoria visível fonologicamente. Esta é a razão por que (3a’) e (3b’) são agramaticais.

⁵⁵ “The *Extended Projection Principle* (EPP) states that [Spec, IP] is obligatory” (CHOMSKY, 1995, p. 55).

⁵⁶ “*Expletive, pleonastic, or dummy* subjects [...] are identified by their lack of semantic content [...] Expletives are by definition semantically empty” (SVENONIUS, 2002, p. 5 - 6).

- (3) a'. *lives in London.
b'. *is a dog in that house.

Contrastivamente, o português se insere na classe de línguas *pro-drop*, que permitem o não preenchimento da posição de sujeito por uma categoria visível fonologicamente. Esta classe se subdivide em várias outras (línguas de sujeito nulo expletivo, de sujeito nulo parcial, de sujeito nulo consistente e de *pro-drop* discursivo (cf. ROBERTS; HOLMBERG, 2010, p. 5 -13)), de acordo com o grau de permissibilidade no apagamento de Spec,IP.

Para o momento, no entanto, é suficiente mencionar que o português do Brasil é uma língua de sujeito nulo (parcial⁵⁷). Neste aspecto, sentenças que são agramaticais (3a', b') no inglês são gramaticais no PB (3c, d).

- (3) c. Moro em Londres.
d. Há/Tem um cachorro naquela casa.

A satisfação de EPP em (3c) se dá a partir de um sujeito nulo ou *pro* que, sendo inserido em Spec,IP, teria os mesmos traços ϕ de I [1ªp., sing.]. Por sua vez, nas construções impessoais (3d), EPP seria valorado por um expletivo nulo.

Portanto, parte-se do princípio de que todas as línguas satisfazem EPP, mesmo que algumas licenciem *pro* e outras não. A proposta a ser reproduzida na próxima seção e discutida subsequentemente tenta aproximar inglês e português no modo como satisfazem EPP, em certas construções. Nesse sentido, 'lá' supostamente assemelhar-se-ia a 'there' e, como tal, estaria passando de locativo a expletivo em Spec,IP.

2.2.1.2 Os três pilares da análise de 'lá' em Spec,IP

⁵⁷ Para um aprofundamento neste tema, ver Biberauer *et al.* (2010).

Listaremos adiante três argumentos apontados por Buthers (2009) que justificariam essa proposta de análise: o redobro de ‘lá’, a ordem “[XP V (DP)]” e o estatuto do PB como língua de sujeito nulo parcial.

Quanto ao redobro (2a), para Buthers (2009, p. 93), “o esvaziamento semântico do advérbio locativo ‘lá’ fica evidenciado (i) pela ocorrência do redobro, (ii) por vir o primeiro lá com valor de expletivo em posição à esquerda do verbo”.

(2) a. “Lá tinha um trem lá” (BUTHERS, 2009, p. 76).

Assim, ‘lá’ teria passado pelo mesmo processo “ocorrido com o advérbio ‘there’ do inglês, que, expletivizado, figura na posição de sujeito justamente em construções existenciais e inacusativas para permitir a valoração do traço EPP” (BUTHERS, 2009, p. 91).

Também Greco & Vitral (1999) assumem claramente que

O uso do locativo no início e no final da frase faz com que uma das ocorrências não seja interpretada como locativo e sim como um item com redução de significado, ou seja, um expletivo. É possível supor assim que [...] ‘lá’ pode estar ocupando a posição de sujeito, como é proposto, normalmente, para o inglês [...]. (GRECO & VITRAL, 1999, p. 12).

Quanto à ordem [XP V (DP)], a autora explica que “os itens XPs [...] por exemplo, os itens lá, aqui, ai [...] embora [...] possam vir à direita do verbo, há certa preferência, nos dados, de eles virem à esquerda dos verbos nas sentenças” (BUTHERS, 2009, p. 85), como ocorre em (1a) e (2a) e também em (5, 6a, b) abaixo. Nessa ordem, portanto, o DP ocupa a posição pós-verbal, enquanto o advérbio ocupa a posição pré-verbal. Esta posição “coincide justamente com a posição canônica de sujeito” (BUTHERS, 2009, p. 86).

Também Nascimento & Kato (1995, p. 43) propõem que

se adotarmos a hipótese da existência, no português, de um Adverbial Locativo Nulo com as mesmas propriedades de ‘there’ [...] poderemos analisar as construções existenciais dessa língua exatamente como analisamos sua contraparte em inglês.

Em seguida, indagam se “a categoria vazia adverbial postulada não teria uma contraparte, lexicalizada, que ocorreria em exemplos como [...] Lá tem um homem na porta”

(NASCIMENTO & KATO, 1995, p. 65) e “Lavai/Lavém um corrupto” (NASCIMENTO & KATO, 1995, p. 66). Portanto, também Nascimento & Kato (1995) consideram a possibilidade de ‘lá’ ser analisado como contraparte fonética de um locativo nulo em construções existenciais e inacusativas.

Por último, quanto ao estatuto do PB como língua de sujeito nulo parcial, Buthers (2009, p. 136) afirma que “o PB contemporâneo tem passado a preencher a posição de sujeito, inclusive em contextos considerados como de sujeito nulo obrigatório”, conforme exemplo (4).

(4) “**A chuva** tá chovendo forte. **Ela** chove sem parar” (BUTHERS, 2009, p. 136).

Então, a autora sugere que “o português do Brasil começa a apresentar novas estratégias para permitir a valoração do traço EPP. Contudo, diferentemente do inglês e do francês [...] o PB ainda não elegeu itens específicos para figurarem como expletivos”. (BUTHERS, 2009, p. 136).

Sendo assim, Buthers (2009) observa que não só advérbios (5, 6a, b), mas também pronomes⁵⁸ (6c) seriam candidatos a figurarem como expletivos em Spec,IP.

(5) Construções inacusativas

“**Aqui** vive alguém” (BUTHERS, 2009, p. 88).

(6) Construções impessoais

a. “**Lá** tinha um trem lá” (BUTHERS, 2009, p. 144).

b. “**Aqui** neva sempre” (BUTHERS, 2009, p. 78).

c. “**Eles** fazia tempo que eu não via” (BUTHERS, 2009, p. 80).

Em síntese, o redobro de ‘lá’, resultante do processo de suposta perda de seu significado locativo, a ordem [XP V (DP)] e o estatuto do PB como língua de sujeito nulo

⁵⁸ Para Carrilho (2000), em certas variantes do Português Europeu, o pronome ‘ele’ atuaria como expletivo, e.g., “**Ele** choverá hoje?” (ERVEDOSA apud CARRILHO, 2000, p. 3), e seria [-referencial]. Notemos, porém, que, no PB, os pronomes ‘ela’ em (4) e ‘eles’ em (6c) são referenciais, pois ‘ela’ retoma ‘a chuva’ e ‘eles’ estaria co-indexado ao complemento de ‘via’ (t). Portanto, nos exemplos do PB, em que o pronome é [+referencial], a expletivização é consideravelmente menos plausível que nos exemplos do PE, em que o pronome é [-referencial].

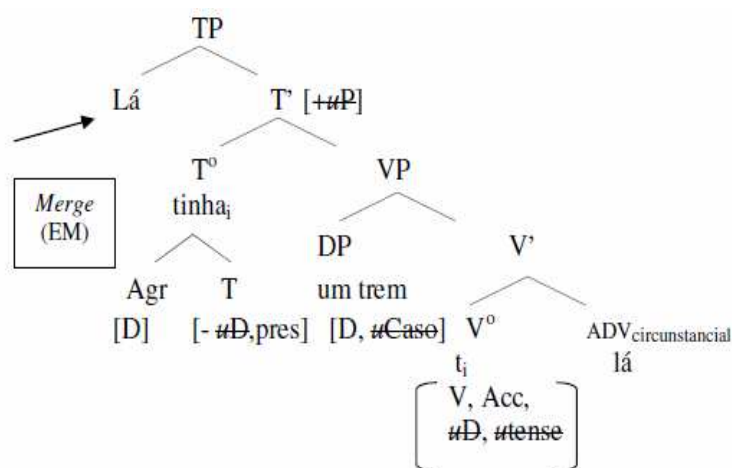
parcial são os principais argumentos utilizados para se justificar a análise de ‘lá’ pré-verbal em Spec,IP.

2.2.1.3 Dispositivos teóricos para a análise de ‘lá’ em Spec,IP

Consoante Holmberg (2000), o EPP se constitui por traços [D], realizados, por exemplo, no verbo a partir de morfemas flexionais de concordância, e traços [P], que licenciam a realização fonológica da posição de Spec,IP. Traços [P], de ‘phonological’, devem ser checados “por uma categoria visível fonologicamente, movida ou juntada (*merged*) em Spec-IP” (BUTHERS, 2009, p. 117).

Sendo assim, para Buthers (2009, p. 146), “o item ‘lá’, na posição Spec,IP, é um mero expletivo (como ‘there’, do inglês), inserido aí por *merge* externo para valorar o traço ininterpretável [*uPforte*] da sonda T°.”, conforme derivação abaixo:

(2) a. “**Lá** tinha um trem lá” (BUTHERS, 2009, p. 146).



(BUTHERS, 2009, p. 146).

2.2.2 Problemas com a análise de ‘lá’ em Spec,IP

Conforme resenha elaborada acima, o redobro de ‘lá’, a ordem “[XP V (DP)]” e o estatuto do PB como língua de sujeito nulo parcial são as justificativas geralmente atribuídas para a análise de ‘lá’ como Spec,IP. Adiante, discutiremos a plausibilidade de cada uma delas.

2.2.2.1 Redobro de ‘lá’ e suposta perda de significado locativo

O redobro é usado como evidência para o “esvaziamento semântico” do ‘lá’ inicial. Contudo, observa-se que a reduplicação adverbial só é viável com ‘lá’ e, portanto, ‘lá’ inicial é incompatível com ‘aqui’ ou ‘aí’ (1b, 2b) em posição final.

- (1) b. Lá vem a Maria *aqui/*aí/lá⁵⁹.
- (2) b. Lá tinha um trem *aqui/*aí/lá.

Ora, se ‘lá’ inicial fosse vazio de valor locativo, ele poderia coocorrer com qualquer item adverbial em posição final.

Ainda, quanto ao valor locativo de ‘lá’, é importante notar que o verbo ‘vir’ rejeita ‘lá’ como argumento circunstancial de direção alvo (1c). Para direção alvo, somente ‘aqui’ e ‘cá’ seriam aceitos.

- (1) c. A Maria vem cá/aqui/*lá muito raramente.

Com isso, conclui-se que o uso de ‘lá’ em posição pós-verbal, como argumento de ‘vir’, só é gramatical se ‘lá’ tiver valor locativo de fonte/origem (1d, e).

- (1) a. Lá vem a Maria.
d. Está vindo a Maria (de) lá.
e. Vem a Maria (de) lá.

⁵⁹ ‘Lá’ é incompatível com ‘aqui’ e ‘aí’ finais, nas estruturas com ‘vir’, quando estes advérbios forem interpretados com valor semântico de fonte, mas não quando ‘aí’ e ‘aqui’ tiverem valor de “meio” ou quando ‘aqui’ tiver valor de “alvo” (cf. seção 2.2.4).

Assim, a única razão que justificaria a gramaticalidade de ‘lá’ com ‘vir’ em (1a) seria a interpretação do ‘lá’ inicial como fonte locativa de ‘vir’ à semelhança do ‘lá’ em (1d, e). Porém, em (1a), ‘lá’ está em posição de tópico, em vez de argumento, e sem a preposição ‘de’, que pode ser omitida mesmo em posição final (1e).

Outro argumento que confirma o valor de fonte locativa de ‘lá’, em (1a), é a sua incompatibilidade com o item *Wh* ‘onde’. A incompatibilidade entre ‘onde’ e ‘lá’ (1f) se evidencia porque ‘lá’ já informa a localização. Portanto, é inócuo fazer uma pergunta sobre fonte, se a fonte já está explicitada.

(1) f. *(De) onde lá vem a Maria?

Além disso, é importante observar que ‘lá’ não pode ser substituído por ‘aí’, sem causar alteração no conteúdo proposicional da sentença. Em (1g), por exemplo, a Maria vem de uma direção relativa à 2ª pessoa, enquanto em (1a), a Maria vem de uma direção relativa à 3ª pessoa. Portanto, ao usar ‘aí’, indica-se que o lugar de onde vem a Maria está mais próximo do ouvinte (e do falante). Por outro lado, ao usar ‘lá’, indica-se que o lugar de onde vem a Maria está mais distante do ouvinte (e do falante).

(1) a. Lá vem a Maria.

g. Aí vem a Maria.

Por fim, é importante mencionar que, em diferentes variantes regionais do PB, ‘vir’ pode ser precedido por ‘em’, ‘im’, ‘ê’ ou ‘é’, como nos seguintes exemplos:

(1) h. “Ói, já é vem, fumegando, apitando, chamando os que sabem do trem” (*Trem das 7*, Raul Seixas⁶⁰).

i. “Lá ê vem a moça dos cachos dourados”⁶¹.

j. “Lá **em** vem outra história ... né?!”⁶².

⁶⁰ Disponível em: <<http://letras.terra.com.br/raul-seixas/48335/>>. Acesso em: 18 jul. 2010.

⁶¹ Disponível em: <<http://abridordelatas.wordpress.com/2008/06/>>. Acesso em: 09 jun. 2010.

⁶² Disponível em: <<http://recantodasletras.uol.com.br/juvenil/1702915>>. Acesso em: 09 jun. 2010.

k. “E naquele embalo que eu **im** vinha, quando eu moitei pra passar no vão do arame, acho que eu baxei demais ... e veio uma ferpa e pregô, aí vazô” (*O Causo do Porquinho*, Geraldinho⁶³).

‘Em’, ‘im’, ‘ê’ e ‘é’ são variações do mesmo agrupamento fonético completamente destituído de conteúdo semântico no português contemporâneo. Nossa hipótese é que essas variantes consistem em retenções do advérbio *ende*⁶⁴ (português arcaico) < *inde* (latim), que, segundo Sánchez Lancis (2001), expressava origem de movimento (‘de lá’).

Além disso, de acordo com Mattos e Silva (1989, p. 238), ‘ende’ também resultou na forma partitiva ‘en’ do francês (7), que é pré-verbal e enclítica à semelhança dos exemplos (1h - k).

(7) *J'adore les fruits et j'en mange beaucoup*⁶⁵.

Eu adoro as frutas e eu PART como muito

Adoro frutas e como bastante.

Considerando-se essa provável razão de ser de tais clíticos completamente destituídos de sentido no PB contemporâneo, sugerimos que ‘lá’ é inserido em posição inicial como uma forma de suprir e enfatizar a noção de fonte locativa já ausente nesses agrupamentos fonéticos. Por isso, é possível a coocorrência⁶⁶ dos dois locativos (‘lá’ e retenções de ‘ende’) em (1i, j).

Em suma, ‘lá’, antecedendo os verbos ‘ter’ e ‘vir’, é sim locativo, pois é incompatível com ‘aqui’ e ‘aí’ finais. Além disso, ‘lá’ com ‘vir’ indica fonte, como se confirma pela sua incompatibilidade com o *Wh* ‘onde’. Adicionalmente, confirma-se que ‘lá’ é um locativo distal

⁶³ Transcrevemos apenas o trecho relevante da narração oral disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=6DKawUuMA6o>>. Acesso em: 18 jul. 2010.

⁶⁴ Agradeço ao Prof. Ian Roberts por ter apontado, em comunicação pessoal, a correlação com ‘ende’ na análise desses dados.

⁶⁵ Disponível em: <<http://pattypatches2.unblog.fr/2010/03/31/10eme-bon-conseil/>>. Acesso em: 19 jul. 2010.

⁶⁶ Tendo observado a possibilidade de ocorrência de ‘lá’ com ‘em’, ‘im’, ‘ê’ e ‘é’, o que podemos supor a respeito dos dados de (i) a (iii) é que eles resultam, muito provavelmente, de processos fonético-fonológicos de supressão, adição ou alteração. Sendo assim, tornam-se possíveis não somente as pronúncias nos dados de (i) a (iii), como também ‘él’aía’ para “ela lá ia”, “‘él’invin(ha)” para “ele lá im vinha”, “él’évem” para “ela lá em vem”, dentre outras.

(i) “lei-vou; lei-ia; lei-vinha” (NUNES, 2007, p. 29).

(ii) “lei-vai/lai-vai; lei-vem; lei-vinha” (NUNES, 2007, p. 29).

(iii) “Quando ele lei-ia morrendo naquele lugar, ele acordou.” (NUNES, 2007, p. 29).

de 3ª pessoa, pois não pode ser substituído por ‘aí’ sem alteração no conteúdo semântico da sentença.

Diante do que foi exposto, pode-se concluir que a posição inicial de ‘lá’ tanto em (1a) quanto em (2a) estaria muito mais vinculada a questões discursivas relativas a ênfase e a topicalização do que a uma suposta destituição de seu valor locativo.

2.2.2.2 A ordem [XP V (DP)]

Embora Buthers (2009) defenda que ‘lá’ estaria ocupando a posição canônica de sujeito em (1a) e (2a), acreditamos que seja mais plausível uma análise desse advérbio no domínio do CP. A primeira razão já foi apresentada acima e tem a ver com o fato de que ‘lá’ não é vazio semanticamente para atuar como um expletivo.

A segunda razão é que, apesar das aparências, ‘lá’ não está no domínio do IP, mas mais alto, em posição de tópico, por veicular informação dada e por permitir recursão de tópico, como será explicado adiante.

Quanto ao estatuto de ‘lá’ como informação dada, (1a) e (2a) não são sentenças construídas necessariamente para informar a localização de algo. Por isso, elas respondem, respectivamente, às perguntas (8) e (9), que se concentram no evento, mas não às perguntas (10) e (11), que se concentram na localização das entidades. As respostas mais adequadas para (10) e (11) seriam, respectivamente, (10B’) e (11B’). Sendo assim, pode-se entender que ‘lá’ traz informação dada e tópica em (1a) e em (2a).

(8) A: O que está acontecendo?

B: (1a). Lá vem a Maria.

(9) A: O que tinha lá?

B: (2a). Lá tinha um trem lá.

(10) A: De onde está vindo a Maria?

B: (1a). *Lá vem a Maria (não é uma resposta adequada para (10)).

B’: De lá.

(11) A: Onde tinha um trem?

B: (2a). *Lá tinha um trem lá (não é uma resposta adequada para (1)).

B': Lá.

Além disso, é possível a recursão de tópicos. Assim sendo, o DP, localizado inicialmente em posição pós-verbal, pode ser alçado para o domínio do CP a uma posição de tópico mais alta que aquela onde 'lá' está (11). Portanto, esse DP precisa passar pela posição de Spec,IP até alcançar a Spec,TopP (cf. figura 1, seção 2.2.3). Se 'lá' estivesse em Spec,IP, o DP não poderia passar por essa posição.

(1) 1. A Maria lá *em* vem.

Em suma, por veicular informação dada e por possibilitar recursão de tópico, somos levados a concluir que a posição pré-verbal de 'lá' não constitui indicação de pertencimento ao domínio do IP, mas ao domínio do CP.

2.2.2.3 O PB como língua de sujeito nulo parcial

Como apontado por Sheehan (2007), mesmo que,

em alguns dialetos de línguas românicas, seja confirmada a existência de 'expletivos' foneticamente realizados [...] muitos desses expletivos não ocupam uma posição em Spec,IP; ao contrário, são inseridos por *merge* na periferia do CP como 'partículas discursivas'⁶⁷. (SHEEHAN, 2007, p. 254 - 255, tradução nossa).

Seguindo esta afirmação e os questionamentos acima apresentados, não parece haver evidências suficientemente claras para se defender que 'lá' seja inserido em Spec,IP no PB.

Nesse sentido, a noção de checagem de traços P [forte], além de ser *ad hoc*, mostra-se pouco efetiva diante do fato de que 'lá' pode ser precedido pelo DP sujeito, que, ao ser topicalizado, passa pela posição Spec,IP. Assim sendo, Spec,IP deve estar livre para o

⁶⁷ "in some dialects of Romance overt 'expletives' are attested [...] many of these overt expletives do not occupy a position in Spec,IP but rather are merged in the CP-periphery as 'discourse-particles'." (SHEEHAN, 2007, p. 254 - 255).

movimento do DP. Essa seria uma razão para excluir não apenas a possibilidade de ‘lá’ ser inserido por *merge* em Spec,IP mas também a possibilidade de ‘lá’ ser *movido* para Spec,TopP via Spec,IP.

Logo, embora possa haver razões para se assumir a classificação do PB como língua de sujeito nulo parcial, sentenças como (1a) e (2a) não corroboram essa análise, pois o sujeito mantém-se nulo nesses casos. Com efeito, segundo Belletti (2004, p. 25), em estruturas com sujeito pós-verbal, EPP é valorado por *pro* em Spec,IP⁶⁸.

2.2.3 Análise de ‘lá’ em Spec,TopP

Na subseção anterior (2.2.2), mostramos, com relação aos dados em (1a) e (2a) que: semanticamente, ‘lá’ sustenta valor locativo; discursivamente, veicula informação dada; linearmente, ocupa posição inicial; e, sintaticamente, pode ser precedido por um DP topicalizado.

Além de tudo isso, vale destacar que uma diferença entre construções existenciais e apresentativas. No inglês, como explicado por Bergen & Plauché (2005), construções existenciais com *there* podem ser negadas (11a), o que não ocorre nas apresentativas (11b).

- (11) a. “There isn’t any food upstairs” [Existencial] (BERGEN; PLAUCHÉ, 2005, p. 31).
‘Não há comida alguma no andar de cima’.
- b. “*There isn’t a poodle” [Dêitico] (BERGEN; PLAUCHÉ, 2005, p. 31).
‘*Não lá está um poodle’.

Como nas apresentativas, as sentenças com ‘ir’ e ‘vir’ precedidas por ‘lá’ não podem ser negadas:

- (11) c. *Lá não vem/vai a Maria.

⁶⁸ “Let us ask: what would fill the preverbal subject position in FI [Free Inversion] structures? Or, alternatively put, what would satisfy EPP in FI? I will assume that, as in traditional accounts, the preverbal subject position is filled by [...] *pro*, the associate of the postverbal subject” (BELLETTI, 2004, p. 25).

Temos, portanto, um indício de que, diferentemente das construções existenciais com *there*, as construções com ‘lá’ mais ‘ir’ e ‘vir’ não podem ser negadas. Esse fato⁶⁹, além de outros já mencionados, permite-nos dizer que ‘lá’ não pode ser considerado um expletivo em posição de sujeito como ocorre com *there* nas existenciais do inglês.

Por essas razões, propomos que ‘lá’ pode ser analisado como sendo inserido por *merge* em Spec,TopP, onde mantém seu valor locativo, dada a incompatibilidade com advérbios ‘aí’ e ‘aqui’ e com o item *Wh* ‘onde’.

Assim, sugerimos que ‘lá’ não está em Spec,IP, mas em uma posição mais alta no domínio do CP, conforme derivações de (1a), (11) e (2a) delineadas, respectivamente, nas figuras 1 e 2. Nessas derivações, Spec,IP é realizado por uma categoria *pro*, enquanto o DP pós-verbal situa-se em Spec,VP⁷⁰.

⁶⁹ Agradeço ao Prof. Sérgio Menuzzi pela observação deste fato.

⁷⁰ De acordo com Nagase (2007, p. 76 - 77), haveria dois tipos de estruturas com sujeito posposto. Em um tipo, o DP posposto teria “foco restrito”, veiculando informação nova e contrastiva (i).

(i) a. A: “Quais as minhas roupas que estão prontas?” (PILATI, 2002 apud NAGASE, 2007, p. 63).

B: “Só tá pronto o vestido azul (as outras peças não estão prontas)” (PILATI, 2002 apud NAGASE, 2007, p. 63).

b. “Naquela praça, estão as crianças” (NAGASE, 2007, p. 64).

c. “Abre o placar o time do Palmeiras” (NAGASE, 2007, p. 64).

Em outro tipo, o DP não comportaria “foco restrito”. Assim, a sentença, como um todo, teria “foco largo” e responderia a perguntas sobre um evento como “O que está acontecendo” ou “O que aconteceu?” (ii).

(ii) O que aconteceu?

a. “Na Anchieta tinha muito trânsito” (NAGASE, 2007, p. 79).

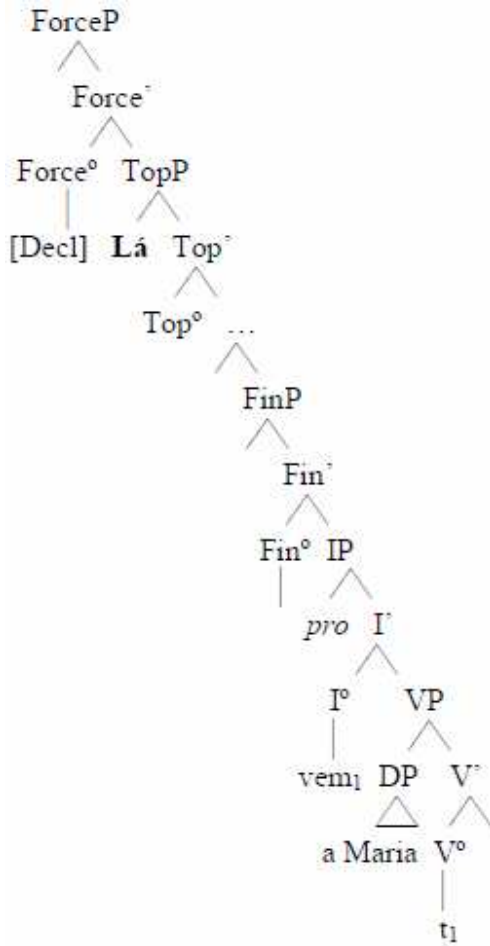
b. “No escritório chegaram/chegou as encomendas” (NAGASE, 2007, p. 79).

c. “Nos documentos foram feitas todas as autenticações” (NAGASE, 2007, p. 79).

Para o primeiro caso, a autora adota a análise de outros teóricos (BELLETTI, 2001; MIOTO, 2003 e QUAREZEMIN, 2006 apud NAGASE, 2007) e afirma que o DP ocupa a posição de Spec,FocusP interno, isto é, na periferia esquerda do VP. Para o segundo caso, a autora não informa em que posição estaria o DP. Acreditamos que os dados referidos neste capítulo com ‘ir’, ‘vir’ e ‘ter’ se encaixam exatamente no segundo caso, isto é, na idéia de “foco amplo”, pois respondem a sentenças como “O que está acontecendo?”. Assim sendo, o DP pós-verbal não traz informação nova. É por esta razão que preferimos analisá-lo como Spec,VP em vez de situá-lo em posição de foco interno.

Figura 1: 'Lá' em Spec,TopP em construções com 'vir'

(1) a. Lá vem a Maria.



(1) l. A Maria lá em vem.

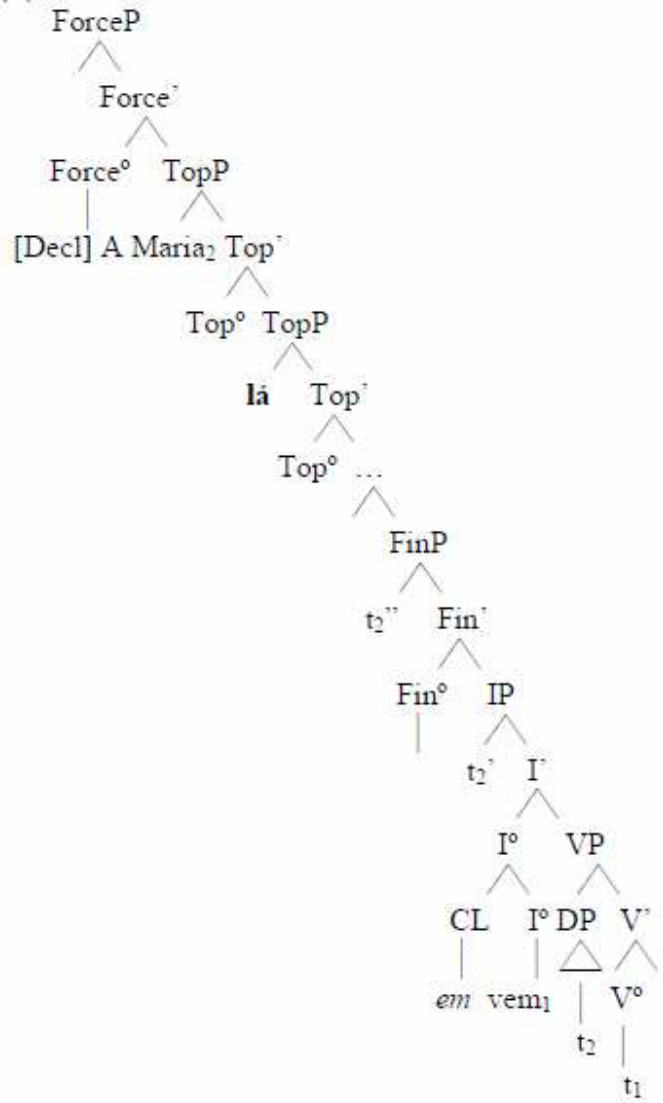
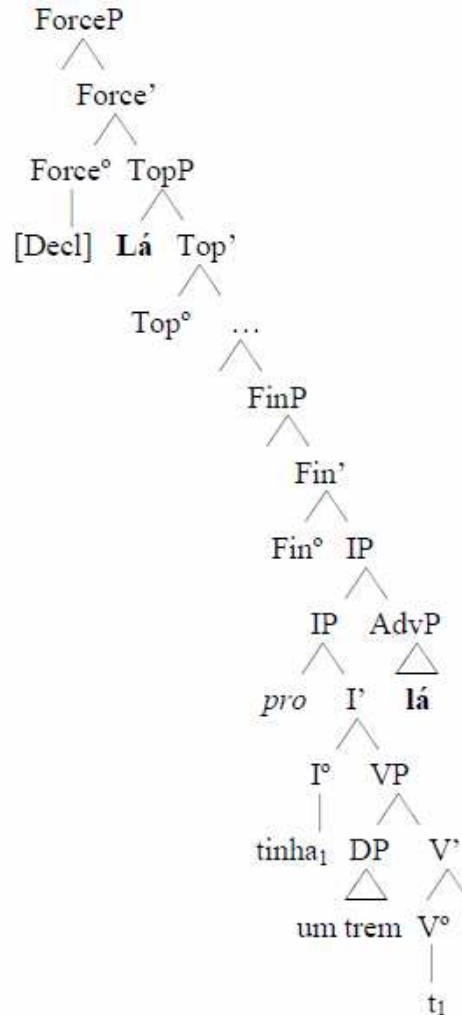


Figura 2: ‘Lá’ em Spec,TopP em construções com ‘ter’

(2) a. Lá tinha um trem lá.



Até então, apresentamos uma discussão a respeito das estruturas com ‘lá vem’ e ‘lá tem’, constituídas, respectivamente, por verbos inacusativo e existencial. Nessas estruturas, ‘lá’ ocuparia a posição de tópico. Parece que a mesma análise também pode ser atribuída a certas estruturas com ‘lá vai’. Sendo assim, adiante, abordaremos, de forma mais sistematizada, as propriedades semânticas de ‘lá’ nas estruturas com ‘lá vem’ e ‘lá vai’.

2.2.3.1 ‘Lá’ + ‘vir’

Vejam as seguintes estruturas.

- (1) m. O Sílvio Santos está vindo de lá.
n. O Sílvio Santos vem de lá.
o. O Sílvio Santos vem lá.
p. Lá vem o Sílvio Santos.

Nelas, 'lá' apresenta o seguinte feixe de traços:

[+Fonte]
[+Locativo]
[+Distal]
[+3ª pessoa]

Assim sendo, em (1p), 'lá':

A: Indica fonte, porque seria derivado de (1n, o) e porque rejeita o item *Wh* '(de) onde'. Ora, não faria sentido fazer uma pergunta sobre fonte, se a fonte já está informada na pergunta.

- (1) q. *De onde lá vem o Sílvio Santos?

B: É um locativo distal de 3ª pessoa, pois não é intercambiável com 'aí'. 'Aí' indica localização, mas é menos distal e se trata de um advérbio de 2ª pessoa. Por isso, (1m - p) é diferente semanticamente de (1q - t), em que 'aí' contém o seguinte feixe de traços:

[+Fonte]
[+Locativo]
[-Distal]
[+2ª pessoa]

- (1) q. O Sílvio Santos está vindo d'aí.
 r. O Sílvio Santos vem d'aí.
 s. O Sílvio Santos vem aí.
 t. Aí vem o Sílvio Santos.

2.2.3.2 'Lá' + 'ir'

Agora vejamos as estruturas abaixo.

- (1) u. O ônibus está indo pra lá.
 v. O ônibus vai pra lá.
 x. O ônibus vai lá.
 w. Lá vai o ônibus.

Nelas, 'lá' apresenta o seguinte feixe de traços:

- [+Alvo]
- [+Locativo]
- [+Distal]
- [+3ª pessoa]

Assim sendo, em (1w), 'lá':

A: Indica alvo, porque seria derivado de (1v, x). Neste caso, porém, 'lá' não rejeita o item *Wh* '(pra) onde'⁷¹ (1y), a não ser que 'lá' esteja na posição final (1z). Isso significa que (1w), diferentemente de (1p), já apresenta uma ambiguidade entre o uso de 'lá'

⁷¹ Outros usos de 'lá' com 'ir' parecem rejeitar o item *Wh* 'onde', como em (i) e (ii), corroborando que existem estruturas de 'lá' com 'ir' nas quais 'lá' tem valor de alvo locativo em posição de tópico, sem apresentar ambiguidade com o 'lá' indicador de iminência/decorrência.

- (i) a. Lá se foi meu dinheiro.
 b. *Onde lá se foi meu dinheiro?
 (ii) a. Lá fomos nós.
 b. *Onde lá fomos nós?

locativo tópico e 'lá' modal, indicador de iminência/decorrência, como será explicado adiante.

- (1) y. Pra onde lá vai o ônibus?/ Onde (vo)cê lá vai?
z. *Onde o ônibus vai lá?

B: É um locativo distal de 3ª pessoa, pois não é intercambiável com 'aí'. 'Aí' indica localização, é menos distal e se trata de um advérbio de 2ª pessoa, conforme feixe de traços resumidos abaixo.

[+Alvo]
[+Locativo]
[-Distal]
[+2ª pessoa]

Por isso, (1u - w) é diferente semanticamente de (1i - iv).

- (1) i. O ônibus está indo pr' aí.
ii. O ônibus vai pr' aí.
iii. O ônibus vai aí.
iv. Aí vai o ônibus.

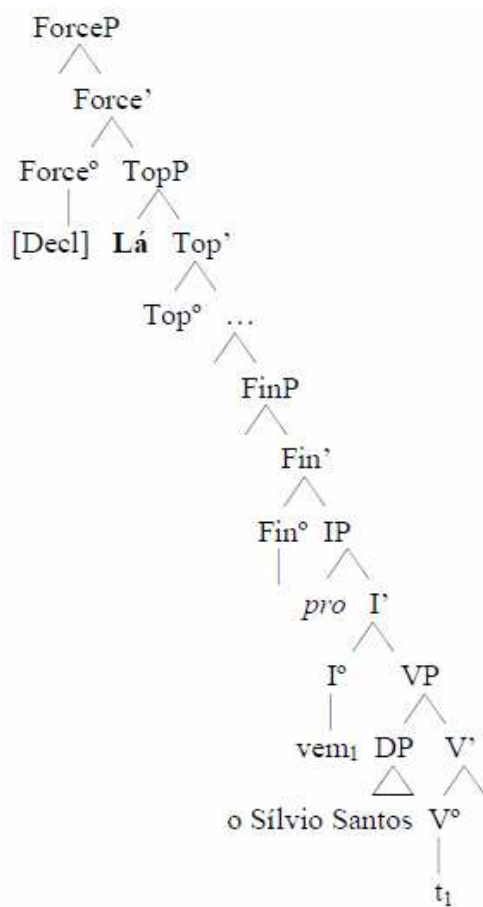
Fica evidente o fato de que 'lá' não é intercambiável com 'aí' na seguinte situação. Suponhamos que o João está deixando o recinto onde a Maria também está. Ele só pode dizer a ela (1v), mas não (1vi). Isso ocorre, pois as sentenças com 'lá' e 'aí', neste caso, veiculam interpretações semânticas distintas. (1v) indica que o locutor vai se distanciar do interlocutor, enquanto (1vi) indica que o locutor vai se aproximar do interlocutor.

- (1) v. Lá vou eu!
vi. ≠Aí vou eu!

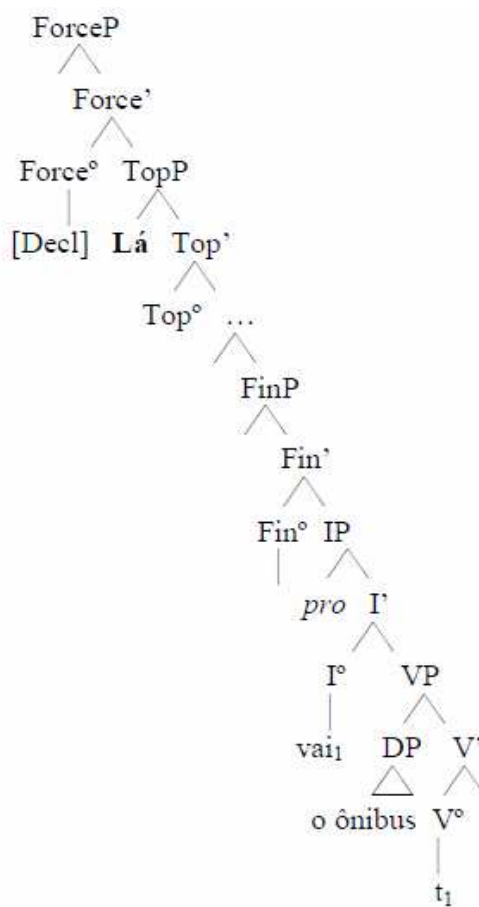
Em resumo, nossa proposta é que estruturas com ‘lá vem’ e ‘lá vai’ nas quais ‘lá’ é incompatível com item *Wh* e/ou insubstituível por ‘aí’, ‘lá’ teria sido inserido diretamente em Spec,TopP, conforme derivações apresentadas abaixo.

Figura 3: ‘Lá’ em Spec,TopP em estruturas com ‘lá vem’ e ‘lá vai’

(1) p. Lá vem o Sílvia Santos.



(1) w. Lá vai o ônibus.



2.2.4 A compatibilidade de ‘lá’ com ‘aqui’ e ‘aí’ na qualidade de fonte, alvo e meio

É preciso esclarecer que ‘lá’ é incompatível com ‘aqui’ nas estruturas com ‘lá vem’, se ‘aqui’ for interpretado como fonte, mas não como alvo ou meio. Da mesma forma, ‘lá’ é

incompatível com ‘aqui’ nas estruturas com ‘lá vai’, se ‘aqui’ for interpretado como alvo, mas não como meio.

2.2.4.1 ‘Lá’ tópico + ‘vir’

‘Lá’ é incompatível com ‘aqui’ nas estruturas com ‘lá vem’, apenas se ‘aqui’ for interpretado como fonte. Por exemplo, imaginemos uma situação em que o falante está esperando seu ônibus em uma parada. Subitamente, o ônibus esperado aparece a dois quarteirões à frente e vem em direção ao ponto.

Nessa situação, o passageiro pode dizer (12a). Nessa sentença, a reduplicação adverbial só é possível com ‘lá’. Em (12b) e em (12c), ‘aqui’ e ‘aí’ recebem interpretação de fonte. Essas sentenças são agramaticais, porque ‘lá’ inicial tem valor de fonte e, então, haveria um choque entre a idéia de o ônibus “vir de lá e daqui” ao mesmo tempo ou “de lá e daí” ao mesmo tempo. Nesse caso, portanto, ‘lá’ é incompatível com ‘aqui’ e ‘aí’.

‘Lá’, ‘aqui’ e ‘aí’ com valor de fonte

- (12) a. Lá vem o ônibus lá.
b. *Lá vem o ônibus aqui.
c. *Lá vem o ônibus aí.

Em outro caso, se ‘aqui’ recebe interpretação de alvo, como “vir aqui”, ‘lá’ e ‘aqui’ são compatíveis visto que o primeiro indicaria fonte e o segundo alvo, como em (13b). Por sua vez, mesmo se ‘aí’ tiver valor de alvo, a sentença é agramatical (13c) porque ‘aí’ não pode ser argumento alvo de ‘vir’, que aceita apenas ‘aqui’ ou ‘lá’. É também por esta razão que (13a) é agramatical, pois, assim como ‘aí’, ‘lá’ não é um argumento alvo adequado para a grade de ‘vir’.

‘Lá’, ‘aqui’ e ‘aí’ finais com valor de alvo

- (13) a. *Lá vem o ônibus lá.
b. Lá vem o ônibus aqui.

c. *Lá vem o ônibus aí.

Existe ainda uma última possibilidade em que ‘lá’ seria compatível tanto com ‘aqui’ quanto com ‘aí’. Neste caso, os itens adverbiais finais teriam valor de meio. Suponhamos, por exemplo, que existem três faixas nas quais o ônibus esperado pode passar. Essas faixas seriam, portanto, o meio de passagem do ônibus, como nos exemplos (14), em que ‘lá’ é compatível com ‘aí’ (14c), ‘aqui’ (14b) e ‘lá’ (14a). Nesse caso, ‘lá’ inicial seria fonte, como visto até então, e os itens adverbiais finais não seriam nem fonte e nem alvo, mas meio.

‘Lá’, ‘aqui’ e ‘aí’ finais com valor de meio

- (14) a. Lá vem o ônibus lá naquela pista.
b. Lá vem o ônibus aqui nesta pista.
c. Lá vem o ônibus aí nessa pista.

As relações de compatibilidade e incompatibilidade de ‘lá’ com os locativos ‘aqui’ e ‘aí’ são definidas a partir dos valores que estes itens podem assumir, seja como fonte, alvo ou meio. Isso serve para corroborar a argumentação segundo o qual ‘lá’ apresenta valor de fonte locativa em estruturas como (1a) repetida abaixo, pois a sua coocorrência com outros locativos só é possível, se eles não disputarem com ‘lá’ este mesmo valor.

- (1) a. Lá vem a Maria.

2.2.4.2 ‘Lá’ tópico + ‘ir’

‘Lá’ é incompatível com ‘aqui’ nas estruturas com ‘lá vai’, apenas se ‘aqui’ for interpretado como alvo. Por exemplo, imaginemos que um passageiro está caminhando até o ponto de embarque. Ele avista o ônibus e começa a correr em sua direção, mas não chega a tempo e o perde. Então, ele diz:

- (15) a. Droga! Lá vai o ônibus.

b. Droga! Lá se foi meu ônibus.

A reduplicação adverbial só é possível com ‘lá’, conforme atesta (16a). Em (16b) e em (16c), ‘aqui’ e ‘aí’ recebem interpretação de alvo. Essas sentenças são agramaticais, porque ‘lá’ inicial já tem valor de alvo e, então, haveria um choque entre a idéia de o ônibus “ir pra lá e pr’aí” ao mesmo tempo (16c). Ou então haveria incompatibilidade entre ‘ir’ e ‘aqui’ (16b), devido à grade argumental de ‘ir’, que só pode ter ‘lá’ e ‘aí’ como alvo.

‘Lá’, ‘aqui’ e ‘aí’ com valor de alvo

- (16) a. Lá vai o ônibus lá.
b. *Lá vai o ônibus aqui.
c. *Lá vai o ônibus aí⁷².

Em outra situação, ‘lá’ seria plenamente compatível tanto com ‘aqui’ quanto com ‘aí’. Nesse caso, os itens adverbiais finais teriam valor de meio. Suponhamos, como sugerido anteriormente, que existem três faixas nas quais o ônibus esperado pode passar. Essas faixas seriam, portanto, o meio de passagem do ônibus, como nos exemplos (17). Assim sendo, enquanto ‘lá’ inicial seria alvo, os itens adverbiais finais seriam meio.

‘Lá’, ‘aqui’ e ‘aí’ finais com valor de meio

- (17) a. Lá vai o ônibus lá naquela pista.
b. Lá vai o ônibus aqui nesta pista.
c. Lá vai o ônibus aí nessa pista.

Portanto, a coocorrência de ‘lá’, em “lá vai”, com outros locativos só parece ser possível, se eles não disputarem com ‘lá’ o valor de alvo.

⁷² (16c) seria possível em uma situação em que o falante avisa ao seu interlocutor por telefone que o ônibus já está chegando no lugar onde o seu interlocutor está. Nesse caso, ‘aí’ seria alvo e ‘lá’ não seria mais alvo, mas indicaria iminência/decorrência de uma ação, como será explorado na seção 2.3 *‘Lá’ em Spec,FinP*.

2.2.5 A questão da inversão locativa

Há, pelo menos, duas diferentes versões da análise que atribui a locativos pré-verbais a posição Spec,IP. Em seções anteriores, abordamos estudos que justificam essa análise a partir de um suposto “esvaziamento” semântico de ‘lá’, que, por sua vez, levaria à sua expletivização em Spec,IP. Uma outra versão dessa análise se justifica pelo processo de inversão locativa.

2.2.5.1 Conceito, exemplos e diagnósticos

De acordo com Levin & Hovav (1995, p. 218, tradução nossa), as construções com inversão locativa apresentam duas propriedades principais. Primeiro, caracteriza-se “por uma ordem não canônica, ‘PP V NP’ [(18a)], que parece ser o resultado da troca de posições do NP e do PP na ordem canônica ‘NP V PP’”⁷³ (18b). Segundo, o PP pré-verbal é, de modo geral, um PP locativo ou direcional.

(18) a. “In the distance APPEARED the towers and spires of a town which greatly resembled Oxford.” (LEVIN & HOVAV, 1995, p. 218).

‘Na distância surgiam as torres e os ápices de uma cidade que muito se parecia com Oxford’.

b. “The towers and spires of a town which greatly resembled Oxford APPEARED in the distance.” (LEVIN & HOVAV, 1995, p. 218).

‘As torres e os ápices de uma cidade que muito se parecia com Oxford surgiam na distância’.

No inglês, também estruturas com *there-insertion* são consideradas construções com inversão locativa. Com efeito, embora não seja o consenso, estudos propõem que as

⁷³ “it is characterized by a noncanonical word order, “PP V NP”, that appears to be the result of switching the positions of the NP and the PP in the canonical “NP V PP” word order” (LEVIN & HOVAV, 1995, p. 263).

construções com inversão locativa, como aquelas em (18a), seriam derivadas de construções com *there-insertion*, como em (18c), com a diferença de que o *there* teria sido elidido.

(18) c. “In the distance there APPEARED the towers and spires of a town which greatly resembled Oxford.” (LEVIN & HOVAV, 1995, p. 219).

d. “There APPEARED in the distance the towers and spires of a town which greatly resembled Oxford.” (LEVIN & HOVAV, 1995, p. 219).

Na inversão locativa, o PP teria alçado de dentro do domínio do vP até o domínio do IP, para checagem de Caso ou de traços EPP. Contudo, apontaremos que, muitas vezes, o que se considera como inversão locativa pode ser, ao contrário, um caso de topicalização. Assim sendo, o locativo fronteado, em vez de sujeito, pode vir a ser analisado como tópico no PB.

Avelar & Cyrino (2008, p. 61) exemplificam a ocorrência de inversão locativa com diferentes tipos de verbos, tais como inacusativos (18e), inergativos (18f) e transitivos ergativizados (18g). Segundo esses autores (2008, p. 62), “os PPLoc estão licenciados no lócus comumente identificado como posição de sujeito”.

(18) e. “Na casa da Maria *chegou* algumas cartas” (AVELAR & CYRINO, 2008, p. 61).

f. “Naquela fábrica *trabalha* muitos amigos meus” (AVELAR & CYRINO, 2008, p. 61).

g. “Naquele bairro *aluga* casa de todos os jeitos” (AVELAR & CYRINO, 2008, p. 61).

Para Nagase (2007, p. 77), “a inversão do LOC constituiria uma estratégia de preenchimento da posição de SUJ para não deixá-la vazia foneticamente”, como ocorre em (18h), com verbo existencial.

(18) h. “Na Anchieta tinha muito trânsito” (NAGASE, 2007, p. 77).

Avelar & Cyrino (2008, p. 62 - 64) aplicam testes para justificar a inserção do PP locativo em Spec,IP/TP. Segundo os autores, o PP Loc é obrigatório em contextos com DPs pós-verbais (19), deve ser alçado a Spec,TP/IP na presença de verbos de alçamento (20) e é coindexado em coordenadas (21).

- (19) a. “(Naquele quarto) várias pessoas dormiram” (AVELAR & CYRINO, 2008, p. 62).
 b. “*(Naquele quarto) dormiu várias pessoas” (AVELAR & CYRINO, 2008, p. 62).
- (20) a. “*Parece na casa da Maria chegar muitas cartas” (AVELAR & CYRINO, 2008, p. 62).
 b. “Na casa da Maria parece chegar muitas cartas” (AVELAR & CYRINO, 2008, p. 62).
- (21) a. “[Naquele fábrica]_i trabalha muita gente e ainda assim cv_i vai contratar mais cem funcionários até o final do ano” (AVELAR, 2009, p. 236).

Para questionarmos a agramaticalidade de estruturas como (19b), podemos imaginar a seguinte situação: suponhamos que um grupo de usuários de droga, menores de idade, foi pego pela polícia em flagrante. Eles foram levados para uma detenção provisoriamente. No dia seguinte, um agente social vai à penitenciária e pergunta o que ocorreu depois que eles chegaram. Então, o policial diz (19b’). Nesse caso, portanto, não parece obrigatória a presença do locativo.

- (19) b’. “*Dormiram (-iu) vários deles*, que já estavam dopados, mas alguns ainda permaneceram bem agitados e tivemos que controlar a situação”.

De acordo com Pilati (2006, p. 200), orações com ordem V(O)S do PB “não apresentam obrigatoriamente um PP em posição inicial”, conforme exemplos (19c, d) provindos de narrações de jogos de futebol e outros.

- (19) c. “(Agora) ergue o braço o juiz” (PILATI, 2006, p. 200).
 d. “(Nesse momento) pega a bola o goleiro do flamengo” (PILATI, 2006, p. 200).
 e. “Tomou posse o novo presidente dos Estados Unidos” (PILATI, 2006, p. 164).
 f. “Merece destaque o item (d)” (PILATI, 2006, p. 164).
 g. “Tem a palavra a Senadora Heloísa Helena” (PILATI, 2006, p. 164).
 h. “Chegaram as cartas” (PILATI, 2006, p. 172).

A autora acrescenta ainda que “a presença de um elemento locativo na posição inicial não altera a interpretação das sentenças nem interfere na sua gramaticalidade” (PILATI, 2010, p. 200).

Por sua vez, para questionarmos a agramaticalidade de (20a), observa-se que sentenças como esta podem ser usadas em contextos contrastivos:

(20) a'. “Parece, *na casa da Maria*, chegar muitas cartas, mas não na casa do Pedro”.

Como em (19b') e em (20a'), 'lá' não é obrigatório em (19c) e também não precisa alçar em (20c). Sendo assim, 'lá' não obedece aos testes de obrigatoriedade do locativo em construções com DP pós-verbal nem a restrições determinadas por verbos de alçamento.

(19) c. A: E o Pedro? Ele vem?

B: Vem o Pedro e toda a família dele.

(20) c. Parece lá (da sala) vir o Pedro (e não daí do quarto).

Por último, quanto a (21a), a pergunta que se faz é se realmente haveria uma coindexação entre o locativo e uma categoria vazia. Notemos que, se o DP pós-verbal fosse plural, haveria possibilidade de concordância do verbo com o DP.

(21) b. “Naquela fábrica *pro_i* trabalham [muitas pessoas]_i e ainda assim *pro_{arb.}* vai contratar mais cem funcionários até o final do ano”.

Nesse caso, como seria possível justificar a posição do locativo singular em Spec,TP, se a checagem de traços phi ocorre com o DP pós-verbal? De fato, *pro* estaria coindexado a este DP pós-verbal e não a um locativo, como representamos em (21b).

Além disso, na segunda oração, o sujeito de “vai contratar” recebe interpretação arbitrária⁷⁴, isto é, “eles vão/vai contratar mais cem funcionários”. Portanto, esta posição só

⁷⁴ De acordo com Holmberg *et al.* (2009, p. 7), “It is important to make a distinction [...] between generic and arbitrary null subject pronoun. By *generic pronoun* we mean a pronoun best translated into English as either ‘one’ or ‘you’, the semantic defining characteristic being that it denotes people in general including the speaker and the addressee. By *arbitrary* we mean a pronoun which is best translated into English as *they*, as *They speak*

poderia ser ocupada por um *pro* de referência arbitrária, isto é, menos determinada. O mesmo ocorreria na sentença (21c) com ‘lá’ no lugar de um PP Loc.

(21) c. Lá *pro*_i tem [muitos funcionários]_i e ainda assim *pro*_{arb.} vai contratar mais até o final do ano.

Vale ressaltar ainda que Duarte (1995, p. 65) exclui de sua análise o ambiente sintático em que se tem uma sequência de orações coordenadas, pois, segundo a autora, “uma estrutura como essa pode ter igualmente o sujeito nulo em línguas não-pro-drop, como o inglês, graças às propriedades de coordenação”, como no exemplo abaixo.

(22) “Ah, eu tou jogando bola com o Marcelo, eles_i pegam vem, cv_i tira a bola, cv_i começa a brincar” (NEGRÃO & MÜLLER apud DUARTE, 1995, p. 65).

Portanto, um teste de coindexação em coordenadas talvez não fosse o melhor diagnóstico para se definir o locativo como sujeito, pois a posição de sujeito em coordenadas é um ambiente de *pro* inclusive em línguas não-pro-drop e não um ambiente de expletivos ou locativos.

Com base nesta breve discussão dos testes usados para alocar o locativo em Spec,TP, pode-se alegar que os diagnósticos referentes à obrigatoriedade do locativo com DP pós-verbal, ao seu alçamento e à sua coindexação em coordenadas não são plenamente decisivos para se defender que o locativo estaria em Spec,TP.

2.2.5.2 Análises e controvérsias

Avelar (2009) propõe que ‘lá’, em sentenças como (23a, b), é movido de uma posição adjunta a vP para SpecIP a fim de checar traços de Caso.

many different languages in India, the semantic defining characteristic being that it denotes people in general (in some domain), but excluding the speaker and the addressee.”. Segundo Holmberg *et al.* (2009, p. 20), nas línguas de sujeito nulo, estes *pros* arbitrário e genérico estariam em Spec,vP e não em Spec,TP. Não discutiremos este ponto, apenas aproveitaremos a idéia de que esses autores consideram que o sujeito nulo (arbitrário ou genérico) é um *pro*.

- (23) a. “Lá vende muitos livros” (AVELAR, 2009, p. 241).
b. “Lá no shopping vende muitos livros” (AVELAR, 2009, p. 241).

Segundo o autor, ‘lá’ é um item (pro)nominal.

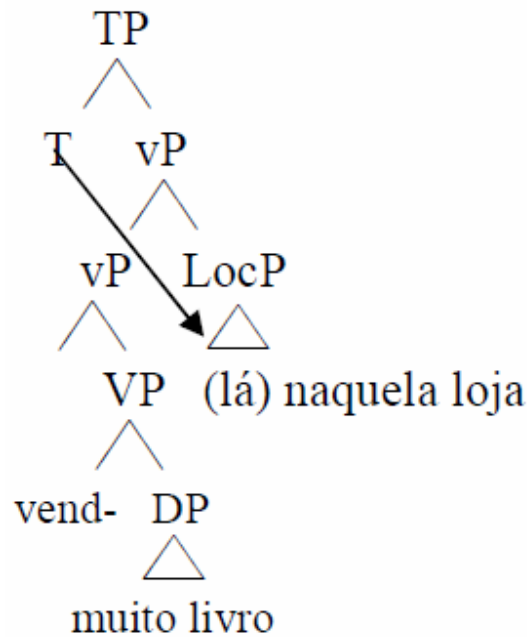
Isso quer dizer que o núcleo do sintagma locativo não é a preposição à frente do PP_{Loc}, mas o pronome adverbial que antecede a preposição: (**aqui**) na sala, (**aí**) embaixo da mesa, (**lá**) na cidade. Se esta idéia estiver correta, o locativo preposicionado deve ser tratado como um constituinte nominal, dado que os pronomes adverbiais são (por óbvio) categorias nominais. (AVELAR, 2009, p. 241).

Sendo um item nominal, o locativo precisa receber Caso. Segundo Avelar (2009, p. 241), “Por corresponder à projeção de uma categoria nominal, o sintagma locativo (LocP/PP_{Loc}) não deve causar nenhum estranhamento quando em uma posição destinada a constituintes que precisam receber Caso.”.

Contudo, o próprio autor aponta para o fato de que o locativo pode também aparecer em posição final, como em (23c).

- (23) c. “Vende muitos livros (lá) naquele shopping” (AVELAR, 2009, p. 241).

A justificativa apresentada pelo autor é que, nessa situação, o Caso do locativo seria checado à distância, mesmo estando o locativo em posição de adjunto a vP, conforme derivação abaixo.



(AVELAR, 2009, p. 242).

Perguntamo-nos, porém, se essa justificativa explicaria dados com verbos monoargumentais. Por exemplo, como ficaria a atribuição de Caso para os dois sintagmas pós-verbais em (23d)?

(23) d. Dorme muita criança lá.

Além disso, a idéia de atribuição de caso a locativo não é incontroversa. Segundo Pilati (2006, p. 207),

Loc [...] é defeitivo em relação a traços-phi, por causa disso, T não pode atribuir Caso a Loc (e nem poderia já que Loc geralmente é um sintagma preposicionado) e irá procurar em seu domínio DPs com os quais possa checar seus traços não interpretáveis, por meio de uma relação de *probe-goal*.

Outra justificativa apresentada por Avelar (2009) para se propor a posição Spec,TP como o lócus de locativos pré-verbais é que T no PB teria um caráter defeitivo. Devido ao fato de haver uma simplificação no paradigma flexional do PB, T aceitaria, para o estabelecimento de Agree, apenas uma concordância em pessoa, sem ser necessária a concordância em número.

Essa simplificação no paradigma flexional resultaria, de modo geral, em uma redução do padrão flexional no PB que, de 6 flexões (24a) diferenciadas, passaria a ter apenas duas (24b).

- (24) a. Eu **falo**. Tu **falas**. Ele **fala**. Nós **falamos**. Vós **falais**. Eles **falam**.
b. Eu **falo**. Tu **fala**. Ele **fala**. Nós/A gente/ **fala**. Vocês **fala**. Eles **fala**.

As duas únicas flexões restantes, em (24b), seriam então diferenciadas apenas pelo traço de pessoa, isto é, 1ª ou 3ª pessoas do singular. Assim, prossegue o autor:

é suficiente para T_{DEF} interagir com uma categoria que só apresente a marca de pessoa. Esse é exatamente o caso dos pronomes adverbiais, que, pela minha hipótese, nucleiam o $LocP/PP_{Loc}$: tais pronomes trazem codificado (*sic*) apenas a marca de pessoa (a terceira), mas não de número [...]. (AVELAR, 2009, p. 246).

Assim sendo, ‘lá’, em (23a), repetido abaixo, estaria em relação de concordância com $T_{[3^a p.]}$.

- (23) a. “Lá vende muitos livros” (AVELAR, 2009, p. 241).

Sabe-se que os “pronomes” locativos ‘aqui’, ‘aí’ e ‘lá’ codificam, de certa forma, traços de pessoa, mas pessoas diferentes, respectivamente, primeira, segunda e terceira. Diante disso, perguntamo-nos como se explicaria a relação de Agree entre $T_{[3^a p.]}$ e os locativos de primeira e segunda pessoas.

- (25) a. Aqui vende muito livro.
b. Aí vende muito livro.

Com base nesta breve discussão, observa-se que as justificativas usadas para alocar ‘lá’ em $Spec, I/TP$ podem gerar dúvidas. Como vimos, atribuição de Caso a item em posição de adjunto e estabelecimento de concordância entre $T_{[3^a p.]}$ e locativos de primeira e segunda pessoas são explicações bastante *ad hoc*.

Acrescido a isso, é importante mencionar que nem sempre é fácil distinguir inversão locativa de topicalização. Kempchinsky (2002, p.2, tradução nossa) afirma que, no espanhol, por exemplo, “não há distinção óbvia entre ‘inversão locativa’ e ‘topicalização de PP’”⁷⁵. Também ressalta que, no italiano, “‘inversão locativa’ é ou topicalização de PP ou alçamento de sujeito locativo, mas não movimento de um argumento locativo PP a [Spec,TP]”⁷⁶ (KEMPCHINSKY, 2002, p.3, tradução nossa). Por sua vez, no inglês, “Isso deixa aberta a questão de saber se o PP se move para uma posição topicalizada depois do movimento para Spec,TP, como proposto por várias análises”⁷⁷ (KEMPCHINSKY, 2002, p.3, tradução nossa).

Com relação ao inglês, Landau (2010, p. 123) mostra que “o locativo frontado no inglês exibe um comportamento misto típico tanto de sujeito quanto de tópicos sintáticos [...] Como sujeito padrão, o locativo passa por alçamento a sujeito ou a objeto e engatilha efeitos de *that-trace*.”⁷⁸

(26) a. “[In these villages]_i are likely t_i to be found the best example of this cuisine” (LANDAU, 2010, p. 123).

‘Nestas vilas, é provável encontrar os melhores exemplos desta culinária’.

b. “[On this wall]_i I expect t_i to be hung a portrait of our founder” (LANDAU, 2010, p. 123).

‘Nesta parede, eu espero ser pendurado um retrato de nosso fundador’.

c. “It’s in these villages that we all believe (*that) t_i can be found the best examples of this cuisine” (LANDAU, 2010, p. 123).

‘É nestas vilas que nós todos acreditamos que podem ser encontrados os melhores exemplos desta culinária’.

⁷⁵ “There is no obvious distinction between ‘locative inversion’ and ‘PP topicalization’” (KEMPCHINSKY, 2002, p.2).

⁷⁶ “Italian ‘locative inversion’ is either PP topicalization or fronting of a locative subject, but not movement of a locative argument PP to [Spec,TP]”. (KEMPCHINSKY, 2002, p.3).

⁷⁷ “This leaves open the question of whether the PP moves to a topicalized position after movement to [Spec,TP], as proposed by several analyses” (KEMPCHINSKY, 2002, p.3).

⁷⁸ “the fronted locative in English exhibits a mixed behaviour, typical of both subjects and syntactic topics [...] Like standard subjects, the locative undergoes raising to subject or object and triggers *that-trace* effects.” (LANDAU, 2010, p. 123).

“Contudo, diferentemente de sujeitos padrão e como tópicos, o locativo fronteado não pode coocorrer predicativamente com uma relativa reduzida de participio, não inverte com auxiliares em interrogativas e não pode ser controlado.”⁷⁹ (LANDAU, 2010, p. 123).

(27) a. “She stood on the corner *(on which was) standing another woman” (LANDAU, 2010, p. 123).

‘Ela parou em pé na esquina na qual estava parada uma outra mulher’.

b. “*Did in the corner stand your friend?” (LANDAU, 2010, p. 124).

‘Seu amigo parou em pé na esquina?’

c. “*[On the top of the page]_i was stated the methodology of the research [without PRO_i being stated its purpose]” (LANDAU, 2010, p. 124).

‘No topo da página, foi informada a metodologia da pesquisa [sem ser informada a sua proposta]’.

Além disso, para o autor, “Que o locativo fronteado é de fato um sujeito movido a uma posição de tópico é corroborado ainda pela sua incapacidade de ficar na posição de sujeito”⁸⁰ (LANDAU, 2010, p. 124, tradução nossa), como se pode comparar (26b), repetida abaixo, e (28).

(26) b. “[On this wall]_j I expect t_i to be hung a portrait of our founder” (LANDAU, 2010, p. 123).

‘Nesta parede, eu espero ser pendurado um retrato de nosso fundador’.

(28) “*I expect on this wall to be hung a portrait of our founder” (LANDAU, 2010, p. 124).

‘Eu espero nesta parede ser pendurado um retrato do nosso fundador’.

Portanto, para Landau (2010), a análise atribuída para a inversão locativa no inglês seria a que se segue, com o locativo no domínio do CP e não do domínio do TP:

⁷⁹ “Nonetheless, unlike standard subjects and like topics, the fronted locative cannot combine predicatively with a participial (reduced) relative, does not invert with auxiliaries in questions, and cannot be controlled.” (LANDAU, 2010, p. 123).

⁸⁰ “That the fronted locative is actually a subject moved to a topic position is further corroborated by its inability to stay in the subject position” (LANDAU, 2010, p. 124).

(29) “[_{CP} [In the corner]_i] [_{TP} t_i stood a woman]” (LANDAU, 2010, p. 124).

Nesse mesmo tom, também Levin & Hovav (1995, p. 263, tradução nossa) deixam claro que “há uma diferença de opinião no que concerne a se o PP pré-verbal em uma inversão locativa está realmente em uma posição de sujeito [...] ou se ele está em alguma outra posição inicial da sentença”⁸¹.

Visto esse impasse, arrematamos esta subseção com um apontamento de Kempchinsky (2002, p. 14). Segundo a autora, ainda é preciso desenvolver um exame aprofundado para se poderem distinguir os efeitos do movimento dirigido por traços EPP e do movimento dirigido por traços P(eriféricos)⁸². No caso das sentenças estudadas nesta seção, como aquelas repetidas abaixo, acreditamos que a posição pré-verbal de ‘lá’ não se justifica pela necessidade de checagem de traços EPP, mas sim por uma demanda discursiva que é, como se espera, codificada na periferia esquerda.

(1) a. Lá vem a Maria.

w. Lá vai o ônibus.

(2) a. “Lá tinha um trem lá” (BUTHERS, 2009, p. 73).

2.2.6 Recapitulação: ‘lá’ em Spec,TopP

A análise de ‘lá’ em construções inacusativas com ‘vir’ e em construções existenciais com ‘ter’ tem sido pautada pela proposta segundo a qual ‘lá’ seria um expletivo em posição de sujeito.

Na presente seção, diferentemente, tentamos elaborar uma argumentação contra essa proposta, que está ancorada em três pilares: suposto esvaziamento do valor locativo de ‘lá’, posição pré-verbal e checagem de traços fonológicos [P] de EPP.

⁸¹ “There is a difference in opinion concerning whether the preverbal PP in a locative inversion is actually in subject position [...] or whether it is in some other sentence-initial position” (LEVIN & HOVAV, 1995, p. 263).

⁸² “Thus a deeper examination of these constructions may prove a fertile ground for teasing apart the effects of movement driven by EPP/phi features and movement driven by P(eripheral) features”. (KEMPCHINSKY, 2002, p. 14).

Mostramos, ao contrário, que ‘lá’ sustenta valor semântico locativo distal de 3ª pessoa e indica direção fonte, com verbo ‘vir’, e direção alvo, com verbo ‘ir’. Esse feixe de traços se evidencia principalmente devido à incompatibilidade de ‘lá’ com o item *wh* ‘pra/de onde’ e devido à alteração no conteúdo semântico da sentença, quando ‘lá’ é substituído por ‘aí’. O teste com redobro de AdvPs é também uma evidência disso, mas a (in)compatibilidade de ‘lá’ com ‘aqui’ e ‘aí’ é relativa e depende da interpretação dada a estes itens, se meio, fonte ou alvo.

Além disso, alegamos que os requerimentos de checagem de traços [P] ou de Caso são *ad hoc* e não se aplicam aos dados em (1a) e (2a), visto que ‘lá’ estaria acima de IP, em uma projeção funcional de tópico, pois permite recursão de tópico e indica informação dada. Logo, a posição inicial de ‘lá’ seria justificada pelo seu pertencimento à periferia do IP, especificamente a Spec,TopP.

2.3 ‘Lá’ em Spec,FinP

Existe um outro uso de ‘lá vem’ e de ‘lá vai’ em que ‘lá’, para muito além da idéia de fonte ou alvo, indica iminência ou decorrência de uma atividade.

A idéia de iminência, no modo *irrealis*, é realizada formalmente por verbo auxiliar no indicativo mais principal no infinitivo, enquanto a idéia de decorrência, no modo *realis*, é realizada formalmente por verbo no indicativo seguido ou não de gerúndio. FinP é a categoria onde se codificam essas diferenças. Por isso, adotamos a proposta segundo a qual ‘lá’ ocupa a posição de especificador nessa projeção funcional.

Para explicarmos isso, dividiremos esta seção em duas subseções que tratam, respectivamente, de ‘lá’ modal + ‘vir’ e de ‘lá’ modal + ‘ir’.

2.3.1 ‘Lá’ modal + ‘vir’

Vejamos o dado em (1a) e sua paráfrase em (1a’).

- (1) a. Lá vem você contar piada de novo.
a’. Já vai você começar a contar piada de novo.

Em (1a), ‘lá’ apresenta o seguinte feixe de traços:

[-Fonte]
[+Locativo]
[+Distal]
[+3^a pessoa]
[+Iminência]

(1a) tem seu valor de fonte enfraquecido, pois não rejeita o item *Wh* ‘de onde’. Ora, se (1b) abaixo favorece a coocorrência de ‘lá’ com ‘de onde’, isso significa que ‘lá’ provavelmente não apresenta mais valor de fonte.

- (2) b. De onde lá vem você com tanta piada?
c. De onde lá vem chumbo grosso? Da sua sogra ou da sua própria mulher?

Embora o valor de fonte se enfraqueça, parece que o valor locativo distal de 3ª pessoa se mantém, porque (1d), por exemplo, onde ‘lá’ é substituído por ‘aí’, não veicula o mesmo sentido de iminência veiculado em (1a). ‘Aí’, em (1d), é ambíguo entre ‘então’ (1d’) e ‘fonte’ (1d’”), como se confirma pela incompatibilidade de ‘aí’ com o item *Wh* ‘de onde’ em (1e).

- (1) d. Aí vem você com piada de novo.
d’. Então, vem você com piada de novo.
d’’. Você vem (d’)aí com piada de novo.
e. *De onde aí vem você com piada de novo?

Dados semelhantes a (1a) também foram apresentados por Butthers (2009), como aqueles em (1f) e em (1g):

- (1) f. “Lá vem eles com mentira” (BUTHERS, 2009, p. 65).
f’. De onde lá vem eles com (tanta) mentira?
g. “Lá vem o Lula com mais impostos” (BUTHERS, 2009, p. 65).
g’. De onde lá vem o Lula com (tanto) imposto?

Eles são semelhantes a (1a) porque não rejeitam “de onde”, conforme testado em (1f’) e em (1g’). Por isso, nessas sentenças, ‘lá’ não indica fonte, mas iminência de uma ação, o que não foi abordado pela autora mencionada.

Nesse sentido, uma ação que está para acontecer (1f’, 1g’”) é apresentada como se já estivesse acontecendo (1f, 1g), no presente do indicativo. Trata-se de um futuro presentificado.

- (1) f’’. Eles vão (começar a) falar mentira.
g’’. O Lula vai (começar a) cobrar mais impostos.

Segundo proposta de Buthers (2009), nas sentenças (1f, g), ‘lá’ seria um expletivo inserido em Spec,IP. Como expletivo, ‘lá’ teria seu conteúdo semântico esvaziado. Essa análise, portanto, não reconhece (ou mesmo oculta) o valor modal de ‘lá’ acima evidenciado, além de seu valor distal de 3ª pessoa.

Portanto, esses dados parecem reclamar uma análise diferenciada daquela apresentada por Buthers (2009), como um expletivo em Spec,IP, e daquela apresentada na seção anterior por nós, como um tópico em Spec,TopP, visto que, neste caso, propriedades diferentes estão envolvidas nas estruturas com ‘lá vem’ e ‘lá vai’.

2.3.2 ‘Lá’ modal + ‘ir’

Vejam agora (2a) e sua paráfrase em (2a’).

- (2) a. Lá vai você contar mais piada.
a’. Você já vai começar a contar mais piada.

Em (2a), ‘lá’ apresenta o seguinte feixe de traços:

[-Alvo]
[+Locativo]
[+Distal]
[+3ª pessoa]
[+Iminência]

(2a) tem seu valor de alvo enfraquecido, pois não rejeita o item *Wh* ‘(pra) onde’. Ora, se (2b) favorece a coocorrência de ‘lá’ com ‘onde’, isso significa que ‘lá’ provavelmente não apresenta mais valor de alvo.

- (2) b. Onde você lá vai contar piada?

Embora o valor de alvo se enfraqueça, parece que o valor locativo distal de 3ª pessoa se mantém, porque o dado (2c), em que ‘lá’ foi substituído por ‘aí’, não veicula o mesmo sentido de iminência veiculado em (2a). ‘Aí’, em (2c), é ambíguo entre ‘então’ (2c’) e ‘alvo’ (2c’), como se confirma pela incompatibilidade de ‘aí’ com o item *Wh* ‘pra onde’ em (2d).

Portanto, pelo fato de ‘lá’ não ser intercambiável com ‘aí’, acreditamos que ainda se mantém o valor locativo distal de 3ª pessoa na sentença (2a) que veicula principalmente valor de iminência de uma ação.

- (2) c. Aí vai você com piada de novo.
c’. Então, vai você com piada de novo.
c’’. Pr’aí vai você com piada de novo.
d. *(Pra) onde aí vai você com piada de novo?

Assim sendo, ‘aí’ em (2c) se constitui a partir dos traços listados abaixo e não veicula valor de iminência como ‘lá’ o faz em (2a).

[+Alvo]
[+Locativo]
[-Distal]
[+2ª pessoa]
[-iminência]

Os mesmos traços descritos para ‘lá’ em (2a) se aplicam às sentenças abaixo. Porém, o traço [+iminência], em alguns casos, é alterado pelo traço [+decorrência].

- (2) e. O João estava arrumando suas malas para viajar, quando pegou às pressas seu pen-drive sobre a mesa da cozinha e disse: “Eu já **lá ia deixar** pra trás”.
e’. Eu já estava quase deixando o pen-drive pra trás.
f. “ele arriou a mulona dele e o ôto arriou um cavalin véi lá do pai dele e saíru os dois ... sadio ... [...] eles **lá ia berano** um matão” (*Causo do Marimbondo*, Geraldinho).
f’. Eles estavam beirando um matão.

g. “A gente tá entrando na BR 381, [o trânsito] tá meio agarrado, mas lá vai andando”.
(conversa espontânea por telefone registrada em 29 de julho de 2011).

g’. “... mas está andando”.

Pela paráfrase (2e’), entende-se que (2e) indica um evento em iminência. Por outro lado, pelas paráfrases (2f’) e (2g’), entende-se que (2f) e (2g) indicam um evento em decorrência. Também no poema abaixo (2h), todas as ocorrências de ‘lá vai’ parecem se referir a eventos que estão ocorrendo. Por isso, teriam o traço [+decorrência] em vez de [+iminência]. Igualmente, em (2j) prevalece o traço [+decorrência]. Ao contrário, (2i) já teria o traço [+iminência].

(2) h. “Lá vai o trem com o menino/ Lá vai a vida a rodar/ Lá vai ciranda e destino/ Cidade e noite a girar” (*O Trenzinho do Caipira*, Ferreira Gullar).

h’. Está indo o trem com o menino/ A vida está rodando / A ciranda, o destino, a cidade e a noite estão girando.

i. Eu lá ia tomar café, quando derramei tudo.

i’. Eu ia começar a tomar café, quando derramei tudo.

j. “Embrulhados assim, os ovos têm proteção suficiente para aguentar os trancos que lá vão tomando na cangalha” (Proferido por repórter Nelson Araújo, Rede Globo, programa Globo Rural, tema Tropeiros do Parmesão, aos 19 de setembro de 2010).

A alternância entre decorrência e iminência é codificada, respectivamente, nos modos *realis* e *irrealis*. Vejamos ainda que essa diferença é marcada linguisticamente. O modo *realis* é identificado pelo verbo ‘ir’ no indicativo com ou sem gerúndio (ou com “a + infinitivo” significando gerúndio). Por exemplo: “lá vai o trem” em (2h), “lá ia berano” em (2f), “lá vai andando” em (2g) e “lá vai a vida a rodar” em (2h), que significa “lá vai a vida rodando”. Diferentemente, o modo *irrealis* é identificado por verbo no indicativo mais infinitivo. Por exemplo: “lá ia deixar” em (2e) e “lá ia tomar” em (2h).

Essa diferença entre iminência (*irrealis*) e decorrência (*realis*) é representada hierarquicamente em FinP, onde se define a finitude verbal no domínio do CP. Assim, “para expressar a correspondência entre Fin e Modo/Tempo, vamos assumir que Fin^o atrai um traço

[finito], também presente em Tempo e Modo”⁸³ (PLATZACK & ROSENGREN, 1998, p. 13, tradução nossa).

Falando de um modo geral, o Modo indica se o evento descrito é relevante para o nosso mundo (indicativo) ou para algum outro mundo (subjuntivo), enquanto o Tempo relaciona o evento ou situação referida pela oração a uma linha de tempo. A Finitude, finalmente, ancora o evento no tempo e no espaço, ao identificar um ponto na linha do tempo com o aqui e o agora do falante. Em outras palavras, uma enunciação finita se refere a um evento no mundo do falante ou em algum outro mundo⁸⁴. (PLATZACK & ROSENGREN, 1998, p. 15, tradução nossa).

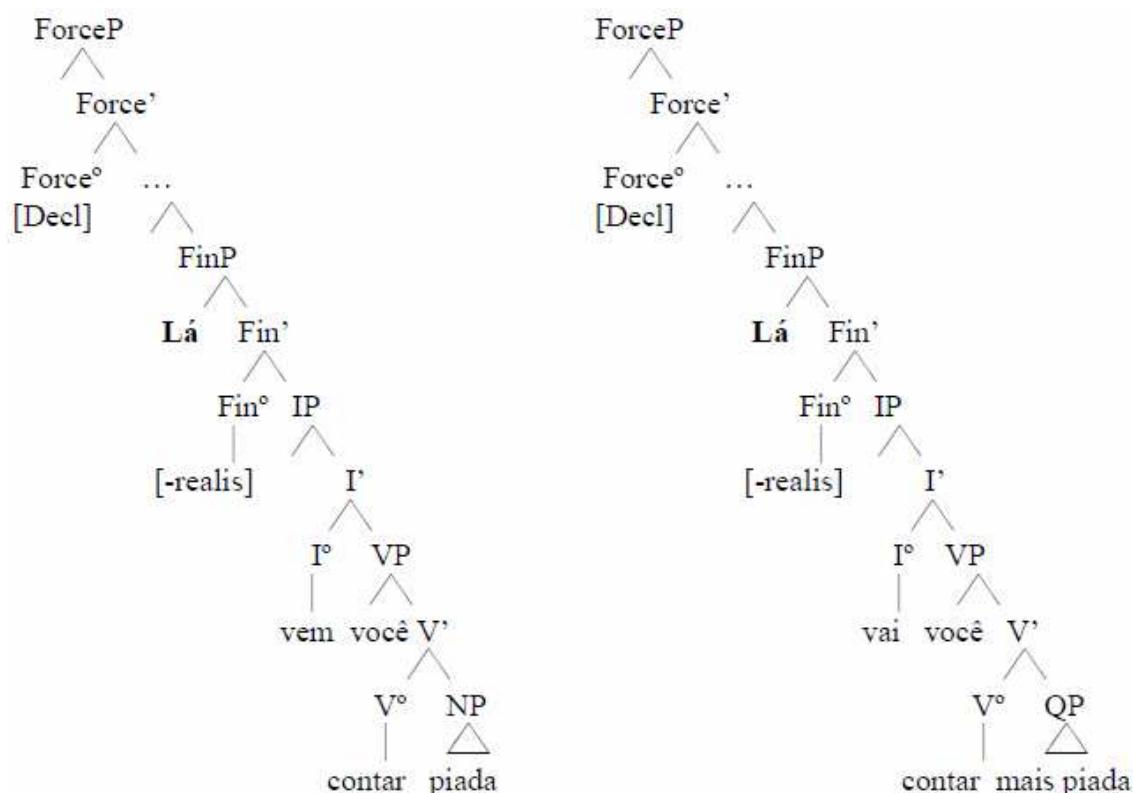
Por isso, propomos que ‘lá’ pertenceria exatamente a Spec,FinP, checando traços [\pm *realis*] deste núcleo, conforme derivações abaixo de estruturas com ‘lá vem’ e ‘lá vai’, respectivamente.

Figura 1: ‘Lá’ em Spec,FinP nas estruturas com verbos ‘vir’ e ‘ir’

- (1) a. Lá vem você contar piada. (2) a. Lá vai você contar mais piada.

⁸³ “To express the correspondence between Fin and Mood/Tense, we assume Fin^o to attract a feature [finite], present in Tense and Mood” (PLATZACK & ROSENGREN, 1998, p. 13).

⁸⁴ “Generally speaking, Mood indicates whether the event described is relevant for our world (indicative) or for some other world (subjunctive) whereas Tense relates the event or situation referred to by the clause to a time line. Finiteness, finally, anchors the event in time and space, by identifying a point on the time line with the speaker’s here and now. In other words, a finite utterance is referring to an event in the speaker’s world or some other world.” (PLATZACK & ROSENGREN, 1998, p. 15).



Resta ressaltar que, ao contrário do que se propõe aqui, Martins (2010) analisa (2p) no PE como um marcador de ênfase em declarativas, inserido por *merge* em Spec,TP.

(2) p. “Se não andavam sobre aviso lá ia a cepa e a cepeira” (Gil Vicent, séc. XVI apud Martins, 2010, p. 15).

Esta proposta, claramente, não percebe as questões cruciais referentes ao modo *(ir)realis* e à categoria FinP envolvidas neste tipo de estrutura. Em (2p), “lá ia a cepa e a cepeira” é uma oração principal que tem uma condicional subordinada a ela. A oração condicional estaria, portanto, no modo *irrealis*. Por sua vez, a oração principal descreve a ação resultante de uma condição infringida e, portanto, no modo *realis*. Morfologicamente, este modo está representado pelo verbo ‘ir’ no pretérito imperfeito do indicativo.

Portanto, a análise de ‘lá’ como um elemento em FinP não apenas dá visibilidade à alternância entre iminência e decorrência, que se manifesta em dados com ‘lá vai’ e ‘lá vem’,

mas também faz uso de um aparato coerente de análise para a alternância gerúndio e infinitivo⁸⁵, que também se manifesta nesses dados.

2.3.3 Recapitulação: ‘lá’ em Spec,FinP

Nesta seção, observamos que certos usos de ‘lá + vir/ir’ diferem consideravelmente daqueles usos apresentados na seção anterior. A primeira diferença é o fato de que ‘lá’ passa a ser compatível com item *Wh* ‘(de) onde’ ou ‘(para) onde’, indicando que os valores de fonte e alvo se enfraqueceram. A segunda diferença é o aparecimento da alternância entre as noções de iminência e decorrência de uma ação.

Para darmos conta dessas diferenças, observamos que formalmente a noção de iminência – e, portanto, modo *irrealis* – é realizada em geral por verbo auxiliar ‘ir’ ou ‘vir’ mais verbo principal no infinitivo. Diferentemente, a noção de decorrência – e, portanto, modo *realis* – é realizada por verbo ‘ir’ ou ‘vir’ no indicativo, seguido ou não de verbo principal no gerúndio. Essas diferenças são codificadas na categoria FinP, responsável pela finitude no domínio do CP.

Por essas razões, argumentamos a favor da proposta segundo a qual ‘lá’ é inserido por *merge* em Spec,FinP checando traços [\pm realis] do núcleo funcional Fin.

⁸⁵ Para além da alternância gerúndio e infinitivo no verbo principal, nota-se que também o verbo auxiliar pode sofrer alternâncias do ponto de vista da realização de traços-phi, nas estruturas com “lá + ir”. Por exemplo, é possível que, em (ib), o verbo auxiliar não estabeleça concordância em 1ª pessoa com o sujeito posposto, sendo flexionado na 3ª pessoa do singular.

(i) a. Lá vou eu fazendo confusão de novo.

b. “Lá vai eu fazendo confusão de novo” (dado de fala espontânea proferido em Belo Horizonte, no dia 05 de agosto de 2011).

Esse fato indica que a análise de ‘lá’ em Spec,FinP poderia ser justificada não apenas pela alternância infinitivo e gerúndio no verbo principal e sua consequente relação com modo (*ir*)*realis*, mas também pela interferência na realização de traços de pessoa no verbo principal. A causa disso seria, hipoteticamente, a possibilidade de realização de traços-phi em uma projeção do domínio do CP, no caso, FinP.

2.4 ‘Lá’ em Spec,ForceP

Esta seção trata de ‘lá’ em sentenças com força ilocucionária diretiva (2.4.1) e assertiva (2.4.2). Argumentamos a favor da hipótese segundo a qual ‘lá’ é inserido por *merge* em Spec,ForceP que contém traços [+diretivo], no caso de força ilocucionária diretiva, e [+declarativo], no caso de força ilocucionária assertiva.

2.4.1 Diretivas⁸⁶

Esta subseção tem como objetivo esclarecer as diferenças estruturais entre construções com ‘lá vai’ tópico, modal e diretivo no PB de modo que se possam definir as diferentes posições admitidas por ‘lá’ na hierarquia sentencial. Sendo assim, esta subseção se organiza em três unidades básicas, que tratam, respectivamente, de: ‘lá vai’ em (1), retomando informações da seção 2.2; ‘lá vai’ em (2), retomando informações da seção 2.3, e ‘lá vai’ em (3), introduzindo informações ainda não exploradas.

- (1) Lá vai o ônibus.
- (2) Lá vai você com piada de novo.
- (3) A chave! Lá vai. (Cena: a esposa joga a chave para o marido, dizendo (3)).

Diante do propósito de explorar as estruturas em (3), esta seção também compreende uma descrição de *voilà* no francês e de *there you go/are* no inglês, mostrando as semelhanças dessas expressões com o uso de ‘lá vai’ exemplificado em (3). Posteriormente, a partir vários testes, estabelecemos as diferenças entre ‘lá vai’, contraparte de *voilà* no PB (3), e outro ‘lá vai’ (2), marcador de *(ir)realis*.

Partimos da hipótese segundo a qual ‘lá’ checaria traços de tópico em Spec,TopP (1), de finitude em Spec,FinP (2) e de força diretiva em Spec,ForceP (3). Dessa forma, ‘lá’ faria parte do domínio do CP, como especificador, em todos os três casos, embora em categorias funcionais distintas.

⁸⁶ Uma versão parcial desta seção foi publicada em PEREIRA (2011c).

2.4.1.1 ‘Lá’ em Spec,TopP

Na seção 2.2, argumentamos a favor da hipótese segundo a qual ‘lá’, em sentenças como (1), ocupa uma posição de tópico na estrutura sentencial, porque ‘lá’: semanticamente, sustenta valor de alvo locativo, além de apresentar valor distal de 3ª pessoa; sintaticamente, pode ser precedido por um DP topicalizado; discursivamente, veicula informação dada e, aprioristicamente, seria derivado de um argumento locativo em posição pós-verbal.

(1) Lá vai o ônibus.

Em (1), ‘lá’ é pré-verbal e pode ser repetido ao final da sentença. Contudo, observa-se que a reduplicação adverbial só é viável com ‘lá’ e, portanto, ‘lá’ inicial é incompatível com ‘aqui’ ou ‘aí’ (1a) em posição final, quando estes também apresentam valor de alvo.

(1) a. Lá vai o ônibus *aqui/*aí/lá.

Além disso, ‘lá’ não é intercambiável com ‘aí’, pois isso resultaria em alteração no conteúdo proposicional da sentença. Enquanto ‘aí’ indica uma localização no domínio da segunda pessoa, ‘lá’ indica uma localização do domínio da terceira pessoa.

Ainda, em (1b), o DP, que estava localizado previamente em posição pós-verbal (1), pode ser alçado para o domínio do CP a uma posição de tópico. Isso seria condizente com a hipótese de ‘lá’ em TopP, pois o tópico, ao contrário do foco, é uma categoria recursiva.

(1) b. O ônibus lá vai.

Quanto ao estatuto de ‘lá’ como informação dada, (1) não é uma sentença construída necessariamente para informar a localização de algo. Por isso, (1) responde à pergunta (4), que se concentra no evento, mas não à pergunta (5), que se concentra na localização da entidade. Sendo assim, pode-se entender que ‘lá’ traz informação dada em (1).

<i>Evento</i>	<i>Localização</i>
(4) A: O que está acontecendo? B: (1) Lá vai o ônibus.	(5) A: Pra onde está indo o ônibus? B: (1) *Lá vai o ônibus.

Quanto à derivação de ‘lá’ tópico a partir de um argumento locativo, observemos a construção em (1c).

(1) c. O ônibus vai (pra) lá.

Em (1c), ‘lá’ é um argumento locativo de ‘ir’ que indica direção alvo. Nossa proposta é que a estrutura (1) deriva de (1c). Nesta derivação, ‘lá’ seria inserido diretamente em Spec,TopP, ‘o ônibus’ permaneceria *in situ* em Spec,VP, e a preposição seria apagada.

Em vista do que foi apresentado, sugerimos que ‘lá’ pertence ao domínio do CP, sendo inserido em Spec,TopP.

2.4.1.2 ‘Lá’ em Spec,FinP

Conforme visto na seção 2.3, ‘lá vai’ em (2) parece pertencer ao mesmo padrão das sentenças seguintes.

(2) **Lá** vai você com piada de novo.

a. “Embrulhados assim, os ovos têm proteção suficiente para aguentar os trancos que **lá** vão *tomando* na cangalha”. (Proferido por repórter Néelson Araújo, Rede Globo, programa Globo Rural, tema Tropeiros do Parmesão, aos 19 de setembro de 2010).

b. “ele arriou a mulona dele e o ôto arriou um cavalin véi lá do pai dele e saíru os dois... sadio ... [...] eles **lá** ia *berano* um matão” (*Causo do Marimbondo*, Geraldinho).

c. Ele **lá** ia *tomar* café quando derramou tudo na mesa.

Em todas essas sentenças, ‘lá’ precede o verbo ‘ir’, seja ele verbo principal (2) ou auxiliar (2a - c). Além disso, na condição de auxiliar, ‘lá’ pode ser seguido tanto por infinitivo (2c) quanto por gerúndio (2a, b).

Em (2c), a locução “ia tomar” representa uma dimensão hipotética do discurso e se refere a um evento que estava para acontecer, mas não aconteceu efetivamente. Nesse sentido, entendemos que o modo *irrealis* é constitutivo dessa sentença.

Por sua vez, em (2) e em (2a), ‘ir’ está no presente do indicativo, mas indica futuro. Trata-se de uma situação hipotética, mas, neste caso, refere-se a um evento iminente, isto é, que está para acontecer evidentemente. Além disso, com o uso do presente, o efeito é de um futuro presentificado, ou seja, é como se o evento (que ainda vai acontecer) já estivesse acontecendo. Nesse sentido, entendemos que essas sentenças operam no modo *realis*.

Semelhantemente, (2b) também acionaria o modo *realis*, pois ‘ia beirando’, no pretérito imperfeito do indicativo, refere-se a um evento em processo, e, portanto, acontecendo no passado.

Assim sendo, a diferença entre *irrealis* e *realis* seria definida não apenas semanticamente, mas também morfológicamente. Como se observa nos dados acima, *realis* é determinado pelo verbo flexionado (2, 2a, 2b), enquanto *irrealis* é determinado pelo verbo principal no infinitivo (2c).

Especificamente, FinP é a categoria no domínio do CP responsável por esse tipo de diferença e, por isso, ‘lá’ pertenceria exatamente a Spec,FinP, checando traços [\pm *realis*] deste núcleo.

2.4.1.3 ‘Lá’ diretivo em Spec,ForceP

Destacaremos adiante as características que contrastam e que assemelham *voilà* no francês e ‘lá vai’ no português (2.4.1.3.1). Posteriormente, vamos propor que a posição de ‘lá’ diretivo é Spec,ForceP (2.4.1.3.1.3), onde se realizam os traços de força ilocucionária. Além disso, também estabeleceremos uma comparação entre as características que assemelham ‘lá vai’ no português e *there you go/are* no inglês (2.4.1.3.2). Ao final, apresentaremos um resumo esquemático com as propriedades de ‘lá’ tópico, modal e diretivo (2.4.1.4).

1.4.1.3.1 *Voilà/ci* no francês

Bergen e Plauché (2001) listam pelo menos oito diferentes sentidos que *voilà* e *voici* podem expressar no francês contemporâneo, que são: (i) dêitico central (*central deictic*), (ii) dêitico eventivo (*event deictic*), (iii) dêitico discursivo (*discourse deictic*), (iv) dêitico central temporal (*central time deictic*), (v) dêitico agora (*now deictic*), (vi) dêitico estativo (*stative deictic*), (vii) dêitico de dimensão temporal e espacial (*span of time/distance deictic*) e (viii) modelo (*paragon*), conforme exemplificado abaixo:

(i) Dêitico central

O sentido dêitico central de *voilà* e *voici* é definido como uma cena primária de “apontar”. Dessa cena primária, mapeiam-se outros domínios conceituais, como tempo e discurso nos quais essas expressões também atuam.

“*voilà* e *voici* codificam tanto um comando para se focalizar a atenção (*voi-*) quanto a localização da entidade (*-ci* ou *-là*). O objeto direto dessas expressões é a entidade apontada.”⁸⁷ (BERGEN; PLAUCHÉ, 2001, p. 4, tradução nossa), conforme exemplo abaixo:

(6) b. “Voici son sac” (BERGEN; PLAUCHÉ, 2001, p. 4).

Here's his bag (BERGEN; PLAUCHÉ, 2001, p. 4).

‘Aí está a bolsa dele’.

Assim, a estrutura básica do dêitico central é uma construção com *voilà* ou *voici* mais um NP, que é o objeto direto dessa construção e que, por isso, pode ser pronominalizado por um pronome acusativo (7b).

(7) a. “Voilà les clés que tu cherchais” (BERGEN; PLAUCHÉ, 2001, p. 5).

b. “Les voilà” (BERGEN; PLAUCHÉ, 2001, p. 5).

⁸⁷ “*voilà* and *voici* explicitly encode both a directive to focus attention (*voi-*) and the location of the entity (*-ci* or *là*). Their direct object is the entity pointed out.” (BERGEN; PLAUCHÉ, 2001, p. 4).

De acordo com Bergen e Plauché (2001, p. 5), embora a pronominalização indique que essas estruturas são declarativas, a ação de “apontar” funciona de modo semelhante a um imperativo⁸⁸. Portanto, as sentenças com *voilà* têm “um conteúdo proposicional convencionalizado, especificamente, não só ‘olhe para aquela coisa’, como o imperativo indicaria, mas adicionalmente ‘aquela coisa está lá/aí’.”⁸⁹ (BERGEN; PLAUCHÉ, 2001, p. 6, tradução nossa).

Além da possibilidade de pronominalização do objeto direto, outra característica de declarativa pertencente a estruturas com *voilà* é a possibilidade de aparecer em encaixadas, especificamente, orações relativas.

(8) a. “L’homme que voilà est mon amant” (BERGEN; PLAUCHÉ, 2001, p. 7).

The man (who is) there is my lover (BERGEN; PLAUCHÉ, 2001, p. 7).

‘O homem que aí está é meu amante’.

Finalmente, “uma propriedades que caracteriza o uso de construções com *voilà* central gramaticalmente único é a sua rejeição à negação simples”⁹⁰ (BERGEN; PLAUCHÉ, 2005, p. 9, tradução nossa).

(9) a. “Il ne part pas” (BERGEN; PLAUCHÉ, 2005, p. 9).

He isn’t leaving (BERGEN; PLAUCHÉ, 2005, p. 9).

‘Ele não vai partir’.

b. “*Ne voilà pas ton frère” (BERGEN; PLAUCHÉ, 2005, p. 9).

There isn’t your brother (BERGEN; PLAUCHÉ, 2005, p. 9).

‘*Não aí está seu irmão’.

⁸⁸ “its syntax is like a declarative sentence, though the action of “pointing out” functions similarly to an imperative” (BERGEN; PLAUCHÉ, 2001, p. 5).

⁸⁹ “it has a conventionalized propositional content, specifically, not only look at that thing there’, as the imperative would indicate, but additionally, ‘that thing is there’.” (BERGEN; PLAUCHÉ, 2001, p. 6).

⁹⁰ “A [...] way in which the central *voilà*-construction is grammatically unique is in its rejection of simple negation”. (BERGEN; PLAUCHÉ, 2005, p. 9).

Assim sendo, “as estruturas centrais com *voilà* têm alguns aspectos de imperativas, alguns aspectos de declarativas, e algumas propriedades singulares”⁹¹ (BERGEN; PLAUCHÉ, 2001, p. 8, tradução nossa).

(ii) Dêitico eventivo

(10) *Voilà que Marie part.* (BERGEN; PLAUCHÉ, 2001, p. 8).

There is Marie leaving (BERGEN; PLAUCHÉ, 2001, p. 8).

Aí está a Maria partindo.

Voilà pode também ser usado para apontar um evento, em vez de um objeto. Sintaticamente, nessa construção, *voilà* é seguido por *que* (um complementizador) e uma oração finita. Esse caso se assemelha muito ao dêitico central, exceto pelo fato de que, em vez de um simples sintagma nominal indicando um objeto, *que* + oração finita [...] indica um evento ou ação⁹². (BERGEN; PLAUCHÉ, 2001, p. 8, tradução nossa).

Extensões

Tendo apresentado os sentidos que fazem parte do *voilà* central, os outros sentidos são, segundo Bergen e Plauché (2001, p. 9), extensões que derivam direta ou indiretamente do dêitico central. Sendo assim, as extensões metafóricas do dêitico central preservam a estrutura sintática discutida e também retêm a dêixis⁹³.

(iii) Dêitico discursivo

De acordo com Bergen e Plauché (2001, p. 10), o dêitico discursivo se baseia em várias metáforas, dentre elas, “o discurso imediatamente passado está em nossa presença a certa

⁹¹ “the Central *voilà* construction has some aspects of imperatives, some aspects of declaratives, and some unique properties” (BERGEN; PLAUCHÉ, 2001, p. 8).

⁹² “*Voilà* can also be used to point out an event, rather than an object. Syntactically, in this construction, *voilà* is followed by *que* (a complementizer) and a finite clause. This is much like the central case, except that instead of a simple noun phrase indicating an object, *que* + finite clause [...] indicates an event or action” (BERGEN; PLAUCHÉ, 2001, p. 8).

⁹³ “The rest of the meanings discussed in this paper will be shown to extend directly or indirectly from the Central Deictic, and so will preserve most of the structure we have discussed above. Our observations will confirm Moore’s (1998) claim that deixis is retained in metaphorical extensions.” (BERGEN; PLAUCHÉ, 2001, p. 9).

distância de nós”⁹⁴, que englobaria os casos de anáfora, e “o discurso no futuro imediato está se movendo em nossa direção”⁹⁵, que englobaria os casos de catáfora. Assim sendo,

“a forma proximal, *voici*, é usada para indicar elementos do discurso que ocorrerão em um futuro próximo [(11a)] enquanto a forma distal, *voilà*, aponta para elementos do discurso que ocorreram em um passado recente [(11b)]”⁹⁶. (BERGEN; PLAUCHÉ, 2001, p. 10, tradução nossa).

(11) a. “Voici deux exemples” (BERGEN; PLAUCHÉ, 2001, p. 10).

Here are two examples (to come) (BERGEN; PLAUCHÉ, 2001, p. 10).

‘Aqui estão dois exemplos (a saber ...)’.

b. “Voilà un bon point” (BERGEN; PLAUCHÉ, 2001, p. 10).

There is a good point (that’s just been made) (BERGEN; PLAUCHÉ, 2001, p. 10).

‘Lá está um ponto crucial (acaba de ser mostrado)’.

Além disso, como apontam Grenoble e Riley (1996), *voilà* também pode ser catafórico:

dêiticos [+proximais] (*here, this*) apontam adiante no texto e dêiticos menos proximais (*that*) apontam para trás no texto. Esta predição é comprovada no francês em que *voici* (apresentativo + proximal) introduz um texto que virá e *voilà* (apresentativo – proximal) aponta para falas prévias. Entretanto, no francês, *voilà* pode ocorrer também com essa função catafórica e já se apoderou desse papel quase que completamente na fala coloquial⁹⁷. (GRENOBLE; RILEY, 1996, p. 821, tradução nossa).

(iv) Dêitico central temporal

⁹⁴ “immediately past discourse is in our presence at a distance from us” (BERGEN; PLAUCHÉ, 2001, p. 10).

⁹⁵ “discourse in the immediate future is moving towards us” (BERGEN; PLAUCHÉ, 2001, p. 10).

⁹⁶ “the proximal form, *voici*, is used to indicate discourse elements that will occur in the near future [(11a)], whereas the distal form, *voilà*, points to discourse elements that occurred in the recent past [(11b)]” (BERGEN; PLAUCHÉ, 2001, p. 10).

⁹⁷ “+ proximal deictics (*here, this*) point forward in the text and –proximal deictic (*that*) point backward in the text. This prediction is borne out in French, where *voici* (+proximal presentative) introduces upcoming text and *voilà* (- proximal presentative) points back to prior utterances. However, in French *voilà* may also occur with this cataphoric function and has almost completely overtaken this role in colloquial speech.” (GRENOBLE; RILEY, 1996, p. 821).

Segundo Bergen e Plauché (2001, p. 10), “Este sentido é mapeado pelas metáforas ‘tempo é espaço’ e ‘pontos no tempo são pontos no espaço’. É usado para se referir a pontos no tempo com a mesma estrutura que nos referimos a pontos no espaço.”⁹⁸.

- (12) “Voilà l’instant que nous attendions tous” (BERGEN; PLAUCHÉ, 2001, p. 11).
Here’s the moment we’ve all been waiting for (BERGEN; PLAUCHÉ, 2001, p. 11).
‘Aí está o momento pelo qual nós todos esperávamos’.

(v) Dêitico agora

Segundo Bergen e Plauché (2001),

A próxima extensão do dêitico central [...] é o sentido de *voilà* que traduzimos como “agora”, mas o significado desta vez inclui a idéia do tempo presente, que se opõe ao uso do dêitico central⁹⁹. (BERGEN; PLAUCHÉ, 2001, p. 11, tradução nossa).

- (13) a. “Nous voilà au labo” (BERGEN; PLAUCHÉ, 2001, p. 12).
Now here we are in the lab (BERGEN; PLAUCHÉ, 2001, p. 12).
‘Agora aí estamos nós no laboratório’.

(vi) Dêitico Estativo

Segundo Bergen e Plauché (2001, p. 12, tradução nossa), “o dêitico estativo é mapeado através da metáfora ‘estados são localizações’ a partir do dêitico agora [...] O significado que emerge é que uma pessoa está agora em um estado em que ela não estava previamente”¹⁰⁰, conforme exemplo seguinte:

- (14) a. “Voilà mon oncle content” (BERGEN; PLAUCHÉ, 2001, p. 12).

⁹⁸ “This sense is mapped by the metaphors TIME IS SPACE, POINTS IN TIME ARE POINTS IN SPACE. It is used to refer to points in time with the same structure that we use to refer to objects in space.” (BERGEN; PLAUCHÉ, 2001, p. 10).

⁹⁹ “The next extension of the central deictic is [...] the sense of *voilà* that we translated as ‘now’, but the meaning now includes the idea of the present time, as opposed to the Central Deictic.” (BERGEN; PLAUCHÉ, 2001, p. 11).

¹⁰⁰ “The Stative Deictic is mapped through the metaphor STATES ARE LOCATIONS from the Now Deictic [...] The meaning that emerges is that a person is now in a state that they previously were not” (BERGEN; PLAUCHÉ, 2001, p. 12).

Now my uncle is happy (BERGEN; PLAUCHÉ, 2001, p. 12).

‘Aí está meu tio contente agora’.

(vii) Dêitico de dimensão temporal e espacial

(15) a. “Voilà deux heures que ça pue la vache” (BERGEN; PLAUCHÉ, 2001, p. 13).

‘Tem duas horas que isso está cheirando a vaca’.

b. “Voilà deux kilomètres que ça pue la vache” (BERGEN; PLAUCHÉ, 2001, p. 13).

‘Tem dois quilômetros que isso está cheirando a vaca’.

De acordo com os autores,

Analizamos este tipo de construção como um *blend*, baseado no fato de que existe uma outra construção que compartilha da sintaxe particular destas formas: *X NP [dimensão temporal] ‘que’ oração finita [...]* Especificamente, *X* pode ser tanto *ça fait* ‘it’s been’ quanto *il y a* ‘it’s been’, como em [(16)]¹⁰¹. (BERGEN; PLAUCHÉ, 2001, p. 13, tradução nossa).

(16) a. “Ça fait deux ans que je vous attend” (BERGEN; PLAUCHÉ, 2001, p. 13).

‘Faz/Tem dois anos que eu estou te esperando’.

(viii) Modelo

(17) a. “Voilà de la bonne littérature” (BERGEN; PLAUCHÉ, 2001, p. 14).

‘Aí está uma boa literatura’.

Sintagmas partitivos são os únicos permitidos nas construções com o *voilà* modelo [...] O dêitico modelo especificamente seleciona um membro (ou agrupamento de membros) de uma categoria. Isso é apropriadamente

¹⁰¹ “We analyze this construction as a blend, based on the fact that there exists one other construction that shares the particular syntax of these forms: *X NP [span of time] que* finite phrase [...] Specifically, *X* can be either *ça fait* ‘it’s been’ or *il y a* ‘it’s been’, as in [(16)].” (BERGEN; PLAUCHÉ, 2001, p. 13).

expresso pelo partitivo, que seleciona uma parte de um grupo [...] os membros modelos de um grupo¹⁰² (BERGEN; PLAUCHÉ, 2001, p. 15).

2.4.1.3.1.1 Um paralelo entre *voilà* no francês e ‘lá vai’ diretivo no PB

Nesta subseção, aproveitaremos as informações resumidas acima sobre os diferentes usos de *voilà* no francês de modo que possamos comparar as propriedades de *voilà* com ‘lá vai’ diretivo no PB, apontando os pontos de contraste e interseção.

2.4.1.3.1.1.1 As propriedades

Destacaremos adiante as características que contrastam e que assemelham *voilà* no francês e ‘lá vai’ no português, considerando-se: (i) a função sintática do NP pós-verbal; (ii) a compatibilidade com encaixadas; (iii) a realização de uma subordinada no lugar do NP; (iv) a substituição de ‘lá’ por ‘aí’; (v) a deiticidade de ‘lá’; (vi) a força ilocucionária diretiva; (vii) a rejeição à negação simples; (ix) a possibilidade de tradução ou de paráfrase com ‘aí está’ e ‘eis’; e, por fim, (vii) a representação de uma dimensão temporal/espacial.

A começar pela função sintática do NP pós-verbal, em francês (18a), o NP é argumento interno do verbo *voir* (‘ver’), enquanto no PB, o NP é argumento externo de ‘ir’ (18b). Portanto, as construções com *voilà* e ‘lá vai’ diferem neste aspecto.

- (18) a. **Voilà son sac** (argumento interno).
‘Aí está a bolsa dele’.
- b. **Lá vai a bolsa** (argumento externo).

¹⁰² “Partitive noun phrases are the only ones permitted in the Paragon *voilà* construction, which can be shown to derive once again from the pragmatics of this particular sense. The Paragon Deictic specifically picks out one member (or set of members) from a category. This is mostly aptly expressed syntactically with the partitive, which selects a part of a group [...] the paragon members of a group” (BERGEN; PLAUCHÉ, 2001, p. 15).

Além disso, nota-se que, enquanto *voilà* pode aparecer em **encaixadas**, por exemplo, em orações relativas (19a), ‘lá vai’ diretivo parece ser um fenômeno rigidamente de oração matriz¹⁰³, não sendo compatível com encaixadas (19b, c).

- (19) a. “L’homme **que voilà** est mon amant” (BERGEN; PLAUCHÉ, 2001, p. 7)
The man (who is) there is my lover.
‘O homem que aí está é meu amante’.
- b. *Esta é a bolsa **que lá vai**.
- c. *Eu disse **que lá vai** a bolsa¹⁰⁴.

Outra diferença entre *voilà* e ‘lá vai’ é a realização de uma **subordinada no lugar do NP**, que é permitida com *voilà* (20a), mas rejeitada com ‘lá vai’ (20b).

- (20) a. *Voilà que Marie part.* (BERGEN; PLAUCHÉ, 2001, p. 8).
There is Marie leaving (BERGEN; PLAUCHÉ, 2001, p. 8).
‘Aí está a Maria partindo’.
- b. **Lá vai que a Maria desaparece.*

Apesar dessas três características que contrastam *voilà* e ‘lá vai’, há pelo menos outras cinco características que tornam essas estruturas bastante semelhantes.

O locativo ‘lá’, tanto em *voilà* quanto em ‘lá vai’, pode ser substituído, sem prejuízo semântico, respectivamente, por ‘ci’ (21a) e ‘aí’ (21b).

- (21) a. *Voilà/ci son sac.* (Bergen; Plauché, 2001: 1).
Lá/Aí está a bolsa dele.
- b. **Lá/Aí** vai a chave que você pediu.

¹⁰³ Nota-se que ‘vá lá’ é diferente de ‘lá vai’, mas é também um fenômeno de matriz. Em (i), “vá lá” é uma oração matriz e tem como subordinada “que o patrão chega aqui”. ‘Vá lá’ funciona da mesma forma que “imagine”, como na paráfrase (ii).

(i) “Vá lá que o patrão chega aqui e vê a gente dormindo” (MARTELOTTA & RÊGO, 1996, p. 246).

(ii) Imagina se o patrão chega aqui e vê a gente dormindo.

¹⁰⁴ Em uma situação na qual o locutor entrega/joga/envia a bolsa para seu interlocutor, ele só pode alertar seu interlocutor a respeito disso com uma oração matriz como “Lá vai (a bolsa)”. Neste caso, portanto, parece que não é possível que ‘lá vai’ esteja inserido em uma subordinada.

Segundo Bergen e Plauché (2001),

voilà e *voici* eram usados historicamente para diferenciar relações proximais de distais, como ainda o fazem *ci* e *là* [(22)]. Atualmente, *voilà* e *voici* são, em geral, intercambiáveis sem efeito semântico, sendo que *voilà* tem sido usado mais frequentemente, enquanto *voici* tem se tornado menos comum entre falantes jovens.

[(22)] a. Tu parles de ce type-là?

Você está falando daquele cara là?

b. Non, de ce type-ci!

Não, deste cara aqui! (BERGEN; PLAUCHÉ, 2001, p. 2, tradução nossa)¹⁰⁵.

Sendo assim, embora não estabeleçam mais uma diferença nítida entre valor distal ou proximal e sejam intercambiáveis, ‘ci’ e ‘là’ ainda assim são dêiticos nas estruturas com *voilà*, pois ainda “apontam” para uma determinada direção.

Da mesma forma, o ‘lá’, claramente incompatível com ‘aí’ em (23), onde veicula valor distal, é diferente de ‘lá’ em (3), onde tem seu valor distal de 3ª pessoa diluído. Apesar disso, ‘lá’ em (3) é incompatível com ‘onde’ (3a), possivelmente pelo fato de que ‘lá’ ainda seria dotado de traços dêiticos em (3).

(23) *Vi **aí** o menino **lá**.

(3) A chave. **Lá/Aí** vai! (Dito quando se joga uma chave para alguém).

a. *A chave. Onde **lá** vai? (Dito quando se joga uma chave para alguém).

Outra semelhança entre ‘voilà’ e ‘lá vai’ é a **realização de um ato de fala** que demanda uma reação por parte do interlocutor. Esse ato de fala é mais claramente evidenciado em *voilà*, porque ‘voi-’ deriva-se da forma imperativa do verbo ‘voir’. Por isso, ‘voilà’ conteria originalmente um comando como “olhe para aquela coisa”¹⁰⁶ (BERGEN; PLAUCHÉ, 2001, p.

¹⁰⁵ “*voilà* and *voici* were historically used to differentiate between proximal and distal relations, as *ci* and *là* still do [(22)]. At present, *voilà* and *voici* are mostly interchangeable without semantic effect with *voilà* generally used and *voici* becoming less common among younger speakers.

[(22)] a. *Tu parles de ce type-là?*

Are you talking about that guy there?

b. *Non, de ce type-ci!*

No, about this guy here!” (Bergen; Plauché 2001: 2).

¹⁰⁶ ““look at that thing there””(BERGEN; PLAUCHÉ, 2001, p. 6).

6, tradução nossa). Segundo Bergen e Plauché (2001), “*Voilà* e *voici* derivam historicamente de formas imperativas do verbo ‘ver’, que, em francês moderno, tem a forma *voir* mais um advérbio dêitico locativo, seja ‘*ci*’ *aqui* ou ‘*là*’ *lá*”¹⁰⁷. (Bergen; Plauché 2001: 2, tradução nossa).

Essa idéia de comando não é tão evidente formalmente com ‘lá vai’, visto que ‘ir’ é um verbo no indicativo sem origem em uma forma verbal imperativa. Além disso, (3), por exemplo, é uma sentença declarativa.

No entanto, como já foi mencionado anteriormente, ‘lá vai’ diretivo não é compatível com encaixadas, sendo rigidamente um fenômeno de matriz, característica compartilhada por sentenças imperativas. Além disso, ‘lá vai’ diretivo, em geral, pressupõe um contexto no qual o falante entrega ou envia algo ao ouvinte, como se pode observar nas cenas abaixo.

(24) Cena: No escritório. Ação: um funcionário, assentado à sua mesa, repassa o documento pedido à mesa ao lado, que é de outro funcionário, e diz:

a. Lá vai (o contrato).

Cena: No e-mail. Ação: a irmã responde ao e-mail do irmão e escreve:

b. Lá vai (o endereço que pediu): Rua da Bahia, n. 16, CEP

Cena: Em casa. Ação: a esposa joga a chave pedida da janela do quarto para o marido e diz:

c. Lá vai.

Note que, em cada uma dessas cenas, ‘lá vai’ pode ser substituído por um verbo no imperativo, como ‘tome’, ‘receba’ ou ‘pegue’. Nesse sentido, ‘lá vai’, assim como *voilà*, também veicula um ato de fala diretivo, pois provoca uma reação de atenção imediata do falante ou mesmo uma ação física, como é o caso da cena (24c), em que o ouvinte deverá se posicionar para pegar a chave que será lançada.

¹⁰⁷ “*Voilà* and *voici* derive historically from imperative forms of the verb ‘to see’, which in Modern French has the form *voir*, plus a deictic locative adverb, either *ci* ‘here’ or *là* ‘there’”. (Bergen; Plauché 2001: 2).

Uma outra semelhança entre *voilà* e ‘lá vai’ é a rejeição à negação, conforme exemplos abaixo:

- (25) a. *Ne voilà pas ton frère.
‘Aí não está seu irmão’.
- b. *Lá não vai a chave (Considerando-se a cena (24c) em que se joga uma chave para alguém).

Uma última semelhança a ser notada entre *voilà* e ‘lá vai’ diretivo é que *voilà* pode ser traduzido e ‘lá vai’ parafraseado por ‘**aí está**’ ou ‘**eis**’, no sentido em que ambas são também estruturas apresentativas. A adequação de ‘aí’, em vez de ‘lá’, justifica-se, pois é o advérbio de segunda pessoa que localiza o objeto na esfera do interlocutor. Portanto, ‘aí’ apresenta o objeto ao interlocutor no intuito de promover um ato de fala no qual o interlocutor deve receber tal objeto, que acaba de ser situado em sua esfera. No entanto, no caso de ‘lá vai’ diretivo esta diferença não se aplica, visto que o valor distal de ‘lá’ fica diluído em ‘lá vai’ diretivo.

- (26) a. Voilà les clés.
Aí estão as chaves.
Eis as chaves.
- b. Lá/Aí vai/vão as chaves.
Aí estão as chaves.
Eis as chaves.

Em resumo, (i) a função sintática do NP pós-verbal; (ii) a compatibilidade com encaixadas e (iii) a realização de uma subordinada no lugar do NP contrastam *voilà* no francês e ‘lá vai’ diretivo. Diferentemente, assemelham *voilà* e ‘lá vai’: (iv) a possibilidade de substituir o locativo, (v) a deitricidade, (vi) a força ilocucionária de imperativo, (vii) a possibilidade de tradução do francês ou de paráfrase no português por ‘aí está’ e ‘eis’ e (viii) a rejeição à negação simples, que é pré-verbal no português.

Para além destas propriedades, há ainda um outro ponto de interseção entre *voilà* e ‘lá vai’, porém, neste caso, não se trata de ‘lá vai’ diretivo. Ambas as expressões apresentam a possibilidade de representar uma duração temporal (27a, 28a) ou espacial (27b, 29a) e, assim sendo, compartilham características de construções impessoais como, por exemplo, ‘ça fait’ e ‘il y a’, no francês, e ‘tem’/‘faz’/‘há’ (28b, 29b), no português.

- (27) a. *Voilà deux heures que ça pue la vache.* (BERGEN; PLAUCHÉ, 2001, p. 13).
Tem/Faz duas horas que isso está cheirando a vaca.
- b. *Voilà deux kilomètres que ça pue la vache.* (BERGEN; PLAUCHÉ, 2001, p. 13).
Tem dois quilômetros que isso está cheirando a vaca.
- (28) a. Lá vai pra dois anos que nossa filha não vem em casa.
- b. **Tem/Faz/Há** quase dois anos que nossa filha não vem em casa.
- (29) a. Lá vai pra 200 km que não avistamos um posto de gasolina.
- b. **Tem/Faz/Há** quase 200 km que não avistamos um posto de gasolina.

Contudo, (28a) e (29a) são estruturas com ‘lá vai’ diferentes daquelas em (24). Em (24), ‘lá’ é diretivo. Em (28a) e (29a), ‘lá’ não é diretivo, pois ‘lá vai’ não pode ser parafraseado por verbo no imperativo (30b), por ‘eis’ (30c), ou por ‘aí está’ (30d), e ‘lá’ não pode ser substituído por ‘aí’ (30e), sem afetar o conteúdo semântico da sentença.

- (30) a. Lá vai pra dois anos que ela não aparece.
- b. *Tome/Pegue/Receba pra dois anos que ela não aparece.
- c. *Eis pra dois anos que ela não aparece.
- d. *Aí estão pra dois anos que ela não aparece.
- e. ≠Aí, vai pra dois anos que ela não aparece.

Em (28a) e (29a), ‘lá’ é provavelmente um modal, pois a estrutura (31a) indica que se vai completar uma distância ou um tempo, que ainda não se completaram. Por isso, a paráfrase

(31b) com verbos impessoais é composta também pelo advérbio ‘quase’, deixando clara a idéia de iminência.

- (31) a. “LÁ IR PRA *expressão de tempo ou espaço* QUE ...”
b. “FAZER, TER ou HAVER quase *expressão de tempo ou espaço* QUE ...”

2.4.1.3.1.1.2 Os dados

Como já apresentado em alguns dos dados na seção anterior, a correspondência entre *voilà* e ‘lá vai’ não se dá com todos os usos de *voilà*, mas pode ocorrer com os tipos apresentacionais, tais como dêitico central (32), dêitico discursivo (catafórico) (33), dêitico central temporal (34) e modelo (35).

- (32) a. “**Voilà** les clés que tu cherchais.” (BERGEN; PLAUCHÉ, 2001, p. 4).
b. **Lá vai** a chave que você estava procurando.
- (33) a. “Tu m’as demandé de te donner deux exemples. Les **voici** ...” (BERGEN; PLAUCHÉ, 2005, p. 28).
b. Você me pediu para lhe dar dois exemplos. **Lá vão eles**. [Exemplos adiante].
- (34) a. “**Voilà** l’instant que nous attendions tous.” (BERGEN; PLAUCHÉ, 2001, p. 11).
b. **Lá vai** o momento mais esperado de todos os tempos.
- (35) a. “Voilà de la bonne littérature.” (BERGEN; PLAUCHÉ, 2001, p. 14).
b. **Lá vai** um bom vinho.

2.4.1.3.1.2 Diferenças entre ‘lá’ modal e ‘lá’ diretivo

As construções com ‘lá vai’ (*ir*)*realis* e ‘lá vai’ diretivo, que seria a contraparte de *voilà*, podem ser diferenciadas uma da outra a partir de pelo menos sete testes, quais sejam: (i) possibilidade de substituir ‘lá vai’ por verbo no imperativo; (ii) possibilidade de substituir ‘lá’ por ‘aí’; (iii) compatibilidade com o item *wh* ‘onde’; (iv) compatibilidade com interrogativa;

(v) compatibilidade com *question tag*; (vi) alçamento do DP à posição pré-verbal e (vii) localização no domínio da terceira pessoa.

Aos testes (i) e (ii), 'lá' diretivo responde positivamente (37i, ii), enquanto 'lá' modal responde negativamente (36i, ii). Aos testes (iii), (iv), (v) e (vi), 'lá' diretivo responde negativamente (37iii, iv, v, vi), enquanto 'lá' modal responde positivamente (36iii, iv, v, vi).

(36) **Lá vai** a Maria (comendo pipoca pela rua afora).

- i. *Tome a Maria (comendo pipoca pela rua afora).
- ii. ≠Aí vai a Maria (comendo pipoca pela rua afora) [Altera-se a direção].
- iii. Onde lá vai a Maria?
- iv. E então, a Maria lá vai (viajar/prá festa)?
- v. Lá vai a Maria. Não vai?
- vi. A Maria lá vai (comendo pipoca pela rua afora).

(37) Cena: Em casa. Ação: a esposa joga a chave pedida da janela do quarto para o marido e diz:

Lá vai (a chave).

- i. Tome (a chave).
- ii. Aí vai a chave.
- iii. ≠Onde lá vai a chave?
- iv. ≠Lá vai a chave?
- v. ≠Lá vai a chave. Não vai?
- vi. ≠A chave lá vai.

Deve-se mencionar ainda que, diante dos testes (iii - vi), as sentenças geradas a partir de 'lá' diretivo (37iii - vi) se transformam em 'lá vai' modal. Contextualizadas, as estruturas em (37iii - vi) são possíveis, mas não podem mais ser substituídas por verbo no imperativo (exemplo b), nem 'lá' pode ser substituído por 'aí' (exemplos c), conforme dados de (38) a (41).

- (38) a. Onde lá vai a chave? (Cena: uma pessoa sai, sem paradeiro, carregando a chave).
b. *Onde tome a chave?

- c. *Onde aí vai a chave?
- (39) a. Lá vai a chave? (Cena: o locutor quer se certificar de que seu interlocutor está carregando a chave).
 b. *Tome a chave?
 c. ≠Aí (no seu bolso) vai a chave?
- (40) a. Lá vai a chave (para o diretor). Não vai? (Cena: o locutor quer se certificar de que seu interlocutor está carregando a chave).
 b. *Tome a chave. Não vai?
 c. ≠Aí (no seu bolso) vai a chave (para o diretor). Não vai?
- (41) a. A chave lá vai (para o diretor). (Cena: uma pessoa está levando a chave para alguém).
 b. *A chave tome.
 c. ≠A chave aí (no seu bolso) vai (para o diretor).

Finalmente, quanto ao teste (vii), isto é, localização de algo no domínio da terceira pessoa, enquanto ‘lá’ modal não é intercambiável com ‘aí’, visto que as estruturas com ‘aí’ apresentam uma ambiguidade entre ‘então’ e alvo, é interessante notar que ‘lá’ diretivo tem seu valor de advérbio de 3ª pessoa completamente diluído. Conseqüentemente, também fica diluída a diferenciação entre valor distal e proximal.

Com efeito, se a esposa joga a chave para o seu marido, seria esperado que apenas ‘aí’, localizando o objeto no domínio da 2ª pessoa, fosse usado. No entanto, ‘lá’ é produtivamente usado no lugar de ‘aí’: “Aí vai!” ou “Lá vai!”. Neste caso, ‘lá’ não significa a localização de algo no domínio da 3ª pessoa. Não apresenta esse valor semântico. ‘Lá’ parece atuar exatamente da mesma forma que ‘aí’, sem promover qualquer diferença aparente entre os valores pessoal (2ª ou 3ª pessoa) e distal (mais proximativo e mais distal).

Em resumo, ‘lá’ diretivo e modal diferem-se um do outro a partir de pelo menos sete propriedades que incluem: (i) possibilidade de substituir ‘lá vai’ por verbo no imperativo; (ii) possibilidade de substituir ‘lá’ por ‘aí’; (iii) compatibilidade com o item *wh* ‘onde’; (iv) compatibilidade com interrogativa; (v) compatibilidade com *question tag*; (vi) alçamento do DP à posição pré-verbal e (vii) localização de algo no domínio da terceira pessoa.

2.4.1.3.1.3 ‘Lá vai’ diretivo: ‘lá’ em Spec,ForceP

Depois de constatarmos que ‘lá’ modal e ‘lá’ diretivo são categorias diferentes, é preciso prever uma análise da posição deste item consistente com tal fato. Assim sendo, esta subseção se divide em duas partes, na primeira, apresentamos nossa proposta de análise, na segunda, tratamos brevemente do conceito de ato de fala diretivo.

2.4.1.3.1.3.1 Análise

De acordo com Bergen e Plauché (2001), *voilà* deriva-se do verbo *voir* no imperativo mais um locativo que, posteriormente, tornaram-se uma unidade lexical¹⁰⁸.

Voilà e *voici* derivam historicamente de formas imperativas do verbo ‘ver’, que em francês moderno tem a forma *voir*, mais um advérbio dêitico locativo, que pode ser tanto *ci* ‘aqui’ quanto *là* ‘lá’ [...] Formas muito antigas atestadas mantinham a flexão verbal e permitiam que certos pronomes viessem entre a forma verbal e o clítico locativo [(42)].

[(42)] veez me là
‘Here I am’ (Le Mort le Roi Artu).
Aqui eu estou.

[...] até o começo do século XIV, entretanto, essas formas tanto perderam flexão quanto se tornaram um aglomerado em um único item lexical, conforme evidenciado [...] pela ortografia e invariabilidade de forma. (BERGEN; PLAUCHÉ, 2001, p. 2, tradução nossa)¹⁰⁹

¹⁰⁸ De acordo com Morin (1985), essa unidade é verbal. Para corroborar a análise de *voici* e *voilà* como formas verbais, Morin (1985) menciona o caso de certos dialetos do francês em que esses itens adquiriram conjugação em pessoa (i) e tempo (ii).

(i) ... *nous v'lons toutes [tous] en ligne.* (MORIN, 1985, p. 811)

...aí estamos todos nós em fila.

(ii) *Le voil-aura qui reviendra.* (MORIN, 1985, p. 815)

...Aí está ele que retornará.

Essas mudanças, no entanto, “não encontraram caminho nas variedades padrão do francês” (MORIN, 1985, p. 817, tradução nossa): “Such changes, however, have not found their way into standard varieties of French”. Trata-se de pressões (MORIN, 1985, p. 813) para regularizar o uso desses verbos que são, em geral, invariáveis. Segundo conclusão do autor, “these are verbs but they are defective for mood and tense, and they constitute a special subcategory of subjectless verbs (MORIN, 1985, p. 817).

¹⁰⁹ “*Voilà* and *voici* derive historically from imperative forms of the verb ‘to see’, which in Modern French has the form *voir*, plus a deictic locative adverb, either *ci* ‘here’ or *là* ‘there’ [...] Very early attested forms

A princípio, seria tentadora uma análise de ‘lá vai’ diretivo como uma unidade, tal como *voilà*, visto que essas expressões são semelhantes na sua distribuição e que ‘lá vai’ pode ser substituído por uma única forma verbal imperativa.

No entanto, no PB, o verbo ‘ir’ mantém a sua capacidade flexional, como em “lá vai(ão) a(s) chave(s)”, ao contrário de *voir* em *voilà*, que é invariável. Além disso, ‘lá’ pode ser substituído por ‘á’, que também é uma forma independente. Logo, ‘lá vai’ não pode ser uma forma *una*¹¹⁰.

Nossa proposta considera a força ilocucionária de ‘lá vai’ em (3) e em (24) e trabalha com a hipótese segundo a qual esse advérbio é inserido diretamente em Spec,ForceP, para checar traços do núcleo [+diretivo]. Como a estrutura é de declarativa/exclamativa, o verbo não alça a Force, semelhantemente ao que se observa na figura 1 e diferentemente do que se prevê para imperativas (PLATZACK & ROSENGREN, 1998).

Figura 1: ‘Lá’ diretivo em Spec,ForceP

(3) Lá vai (a chave)!

maintained verbal inflection and permitted certain pronouns to come between the verbal form and the locative clitic [(42)].

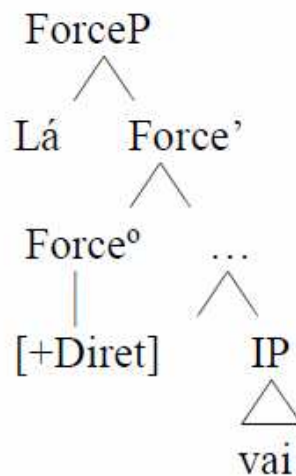
[(42)] *veez me lá*

‘Here I am’ (Le Mort le Roi Artu)

[...] as early as the 14th century, however, these forms both lost their inflection and became agglomerated into a single lexical item, as their orthography and invariability of form” (BERGEN; PLAUCHÉ, 2001, p. 2).

¹¹⁰ Vale a pena observar que, no PB, ‘lá’ também pode ocorrer com o verbo ‘olhar’ (i). Como ‘voilà’, ‘olha lá’ é constituído exatamente por um verbo no imperativo mais o locativo ‘lá’, que também se combinam em uma única expressão ‘alá’. A combinação “olha lá” pode sofrer reduções até chegar em um único fonema, como se observa nos estágios descritos em (ii) e no exemplo em (iii). Esse, porém, não é o caso de “lá vai”, que não parece sofrer redução fonética.

- (i) Olha lá o Campero! (o falante se refere a um cachorro chamado ‘Campeiro’).
- (ii) *Olha lá > Óia lá > Alá > A*
- (iii) Ao Campero!



2.4.1.3.1.3.2 Força ilocucionária diretiva

Segundo a teoria dos atos de fala (AUSTIN, 1988), os enunciados se compõem por um tripé de atos locucionário, ilocucionário e perlocucionário. Basicamente, o primeiro corresponde ao conteúdo do que é dito (sentido), o segundo a como é dito (força), e o terceiro ao efeito causado no interlocutor.

Assim sendo, a sentença pode ser enunciada com diferenciados tipos de forças que configuram os seguintes atos, conforme resumido por Silva (2005):

1. os representativos [ou assertivos] (mostram a crença do locutor quanto à verdade de uma proposição: afirmar, asseverar, dizer);
2. os diretivos (tentam levar o alocutário a fazer algo: ordenar, pedir, mandar);
3. os comissivos (comprometem o locutor com uma ação futura: prometer, garantir);
4. os expressivos (expressam sentimentos: desculpar, agradecer, dar boas vindas);
5. e os declarativos (produzem uma situação externa nova: batizar, demitir, condenar) (SILVA, 2005).

De acordo com Searle (2002), não existe sempre uma correspondência biunívoca entre forma e força, isto é, entre estrutura sintática e ato ilocucionário. Por exemplo, o ato diretivo “predica, a respeito do ouvinte, uma linha de ação futura” (SEARLE, 2002, p. 264). Este ato pode ser realizado direta ou indiretamente.

Será realizado diretamente a partir do imperativo (43a) ou de um verbo performativo específico (43b, c, d).

- (43) a. Faça o almoço hoje!
b. Eu lhe peço que faça o almoço hoje.
c. Eu lhe ordeno que faça o almoço hoje.
d. Eu lhe exijo que faça o almoço hoje.

Por outro lado, o ato diretivo será realizado indiretamente a partir de interrogativas (44a) e declarativas (44b), por exemplo.

- (44) a. Você faria a gentileza de ir agora? (SEARLE, 2002, p. 270).
b. Você poderia sair do meu pé (SEARLE, 2002, p. 269).

Nestas sentenças, “o propósito primário ilocucionário da emissão é um pedido para que se faça algo, mas o propósito ilocucionário literal e secundário é o de uma questão ou de um enunciado”. (SEARLE, 2002, p. 269). “Todas são usadas, de maneira muito natural, como pedidos indiretos” (SEARLE, 2002, p. 270).

Portanto, quando afirmamos que ‘lá vai’ veicula um ato diretivo, estamos nos referindo a um ato diretivo realizado indiretamente a partir de uma sentença afirmativa ou exclamativa. Conforme evidenciado nas cenas em (24a - c), repetidas abaixo para conveniência do leitor, dados com ‘lá vai’ diretivo mobilizam o interlocutor a realizar algum tipo de ação, no caso, receber a informação ou o objeto que lhe estão sendo repassados.

(24) Cena: No escritório. Ação: um funcionário, assentado à sua mesa, repassa o documento pedido à mesa ao lado, que é de outro funcionário, e diz:

- a. Lá vai (o contrato).

Cena: No e-mail. Ação: a irmã responde ao e-mail do irmão e escreve:

- b. Lá vai (o endereço que pediu): Rua da Bahia, n. 16, CEP

Cena: Em casa. Ação: a esposa joga a chave pedida para o marido e diz:
c. Lá vai.

2.4.1.3.2 Um paralelo entre *there is/there you go/there you are* no inglês e ‘lá vai’ no PB

Na subseção anterior, exploramos as semelhanças e diferenças entre *voilà* do francês e ‘lá vai’ no PB. Na presente subseção, vamos estabelecer um paralelo entre ‘lá vai’ e estruturas com *there* do inglês, principalmente expressões como “*there you are*” e “*there you go*”.

2.4.1.3.2.1 As propriedades

“As construções com *there* no inglês são compostas por um advérbio dêitico demonstrativo, *here* ou *there*, seguido de um verbo flexionado e um sintagma nominal”¹¹¹ (BERGEN; PLAUCHÉ, 2005, p. 23, tradução nossa), conforme exemplo (45).

(45) “There’s {Harry, Harry with a new hat, my favorite actor}” (BERGEN; PLAUCHÉ, 2005, p. 24)

‘Lá está {Harry, Harry com um novo chapéu, meu ator favorito}’.

Em construções com *there*, a palavra *there* deve aparecer primeiro. Se qualquer elemento aparecer antes de *there*, acarreta-se uma construção diferente. Por exemplo, [(46)] não é um exemplo de construções com *there* dêitico central [...] trata-se simplesmente de uma sentença declarativa copular padrão¹¹². (BERGEN; PLAUCHÉ, 2005, p. 26, tradução nossa).

(46) “My dog is there” (BERGEN; PLAUCHÉ, 2005, p. 26).

‘Meu cachorro está lá’.

¹¹¹ “English *there*-constructions are composed of a deictic demonstrative adverb, *here* or *there*, followed by an inflected verb, and a following noun phrase” (BERGEN; PLAUCHÉ, 2005, p. 23).

¹¹² “In *there*-constructions, the word *there* must come first. Placing any other sentential element before *there* yields a different construction. For example, [(46)] is not an example of the central deictic *there*-construction [...] it is simply a standard copular declarative sentence.” (BERGEN; PLAUCHÉ, 2005, p. 26).

Além disso, algumas das características das construções com *voilà* também se aplicam a construções com *there*, tais como:

(i) O NP se pronominaliza, embora não seja um objeto direto (47).

(47) “There he is” (BERGEN; PLAUCHÉ, 2005, p. 25).
‘Lá está ele’.

(ii) O dêitico central ‘there’ não pode ser negado (48).

(48) “*There isn’t Harry” (BERGEN; PLAUCHÉ, 2005, p. 25).
‘Lá não está Harry’.

(iii) O dêitico central ‘there’ introduz um novo elemento no espaço discursivo, constituindo-se como uma estrutura apresentativa¹¹³ (BERGEN; PLAUCHÉ, 2005, p. 25).

2.4.1.3.2.2 Os dados

Segundo Bergen e Plauché (2005, p. 27-28), os dêiticos eventivo (49), discursivo (50) e modelo (51) do francês encontram correspondentes no inglês, conforme exemplos seguintes:

(49) “There’s Mary brushing her hair”. (BERGEN; PLAUCHÉ, 2005, p. 28).
‘Lá está a Maria escovando os cabelos’.

(50) a. “Tu m’as demandé de te donner deux exemples. Les voici ...” (BERGEN; PLAUCHÉ, 2005, p. 28).

“You asked me to give you two examples. **Here they are.** [Examples follow]”.

‘Você me pediu para lhe dar dois exemplos. Lá vão eles. [Exemplos adiante]’.

¹¹³ “English central deictic *there* also introduces a new element into the current perceptual space [...] the presentationals are themselves metaphorical extensions of the very same deictic *there*-construction.” (BERGEN; PLAUCHÉ, 2005, p. 26).

b. “Tu m’as demandé de te donner deux exemples. Les voilà ...” (BERGEN; PLAUCHÉ, 2005, p. 28).

“[Exemplos precede] ... You asked me to give you two examples. **There they are**”.

‘[Exemplos antecedem] Você me pediu para lhe dar dois exemplos. *Aí estão eles*’.

(51) “En voilà un chien/*le chien.” (BERGEN; PLAUCHÉ, 2005, p. 29).

Now **there’s a**/*the dog (for you)! (BERGEN; PLAUCHÉ, 2005, p. 29).

‘Lá está um cachorro (de verdade)!’

Entretanto, os dêiticos relacionados a tempo, tais como o central temporal, o agora e o estativo não têm exemplos correlatos no inglês. Por exemplo, enquanto *voilà* indica uma dimensão temporal em (52a), o dêitico *there* do inglês não promove esse tipo de estrutura (52b).

(52) a. “Voilà deux ans qu’on s’est marié” (BERGEN; PLAUCHÉ, 2005, p. 30).

It has been 2 years now since we got married.

‘Faz dois anos que nos casamos’.

b. *There’s two years ago that we got married.

Ao contrário do francês, porém, que não faz uso de *voilà* em construções existenciais para as quais dispõe de *il y a*, o inglês faz uso exatamente de *there* nesse tipo de construção, como nos exemplos abaixo:

(53) a. “There’s the shopping to think about [Existencial infinitivo]” (BERGEN; PLAUCHÉ, 2005, p. 31).

‘Tem a compra pra programar’.

b. “There’s a Santa Clauss [Existencial ontológico]” (BERGEN; PLAUCHÉ, 2005, p. 31).

‘Existe um Papai Noel’.

c. “There walked into the room a camel [Existencial apresentativo]” (BERGEN; PLAUCHÉ, 2005, p. 31).

‘Entrou um camelo na sala’.

Há alguns testes para se distinguir *there* nas construções existenciais e de *there* nas construções de dêitico central. Segundo Bergen e Plauché (2005, p. 31 - 32), *there*, nas construções existenciais, não pode ser enfatizado entonacionalmente (55a), o que pode ocorrer com o *there* dêitico (54b).

- (54) a. “There’s my hat” [Existencial] (BERGEN; PLAUCHÉ, 2005, p. 31).
‘Há/Tem meu chapéu’.
- b. “*There’s* my hat” [Dêitico] (BERGEN; PLAUCHÉ, 2005, p. 31).
‘Lá está meu chapéu’.

Além disso, *there* nas construções existenciais (55a) não é um dêitico (55b), pois não aponta para a entidade, ao contrário, sinaliza que ela existe “em um espaço mental (o espaço da existência) e não em um local do espaço físico presente”¹¹⁴ (BERGEN; PLAUCHÉ, 2005, p. 32, tradução nossa).

- (55) a. “There is a snake” [Existencial] (BERGEN; PLAUCHÉ, 2005, p. 33).
‘Tem/Há uma cobra’ [“em algum espaço relevante”].
- b. “*There is* a snake” [Dêitico] (BERGEN; PLAUCHÉ, 2005, p. 33).
‘Aí está uma cobra’ [“no espaço físico presente”].

Uma última diferença entre os dois usos é que construções existenciais com *there* podem ser negadas (56a), o que não ocorre com o *there* dêitico central (56b).

- (56) a. “There isn’t any food upstairs” [Existencial] (BERGEN; PLAUCHÉ, 2005, p. 31).
‘Não há comida alguma no andar de cima’.
- b. “**There isn’t* a poodle” [Dêitico] (BERGEN; PLAUCHÉ, 2005, p. 31).
‘*Não lá está um poodle’.

¹¹⁴ “The central *there* existential (1a) [...] asserts that an entity exists in a mental space (the space of existence) rather than in a location in current physical space” (BERGEN; PLAUCHÉ, 2005, p.32).

Esse breve excuro sobre as diferenças entre *there* em construções existenciais e dêiticas se justifica para deixar claro que a comparação entre ‘*there is/are*’ no inglês e ‘lá vai’ diretivo no português pode se aplicar apenas àquelas estruturas em que *there* é usado como dêitico, especificamente, dêitico central (57a) e discursivo (57b). Portanto, a comparação não se aplica quando *there* faz parte de construções existenciais.

(57) a. “**There’s** the money you lent me”.

‘**Lá vai**/Toma (o dinheiro que você me emprestou)’.

b. “You asked me to give you two examples. **There they are**” (BERGEN & PLAUCHÉ, 2005, p. 28).

‘Você me pediu para lhe dar dois exemplos. Aí estão/**Lá vão** eles’. [Exemplos adiante].

Além dos dêiticos central e discursivo, ‘lá vai’ diretivo pode ser comparado a outras estruturas do inglês com *there* que não foram mencionadas por Bergen e Plauché (2001, 2005). Estamos nos referindo às expressões “*there you go*” e “*there you are*” que são usadas principalmente quando se “está dando algo a alguém ou mostrando algo”¹¹⁵, como exemplificado em (58) e em (59).

(58) T/HERE YOU ARE

a. “There you are. I’ll just wrap it up for you”¹¹⁶.

‘Lá/Aí vai//Aí está. Eu vou só embrulhar pra você primeiro’.

b. “Here you are. A box full of tools”¹¹⁷.

‘Lá/Aí vai//Aí está. Uma caixa cheia de ferramentas’.

(59) T/HERE YOU GO

a. A lady has just paid for her shopping in the supermarket. After packing her groceries, the cashier gives her the bags, saying: “There you go!”.

¹¹⁵ T/here you are//t/here you go: “used when you are giving something to someone, or showing something to them”. Definição de LONGMAN. Disponível em: <<http://www.ldoceonline.com/dictionary/here>>. Acesso em: 15 mar. 2011.

¹¹⁶ Disponível em: <http://www.ldoceonline.com/dictionary/there_2>. Acesso em: 15 mar. 2011.

¹¹⁷ Disponível em: <<http://www.ldoceonline.com/dictionary/here>>. Acesso em: 15 mar. 2011.

‘Uma senhora acaba de pagar pelas suas compras no supermercado. Depois de embalar as mercadorias, o caixa entrega as sacolas dizendo: “Aí/Lá vai//Aí estão!”’.

b. “‘Here you go’. Callum handed her a glass of orange juice”¹¹⁸.

‘Aí/Lá vai//Aí está. Callum entregou a ela um copo de suco de laranja’.

Notemos que, à semelhança de *voilà*, em que *là* e *ci* são muitas vezes intercambiáveis, *there* e *here* também são intercambiáveis nas expressões acima, sem alteração semântica. O mesmo ocorre com ‘lá vai’ diretivo em que ‘lá’ pode ser substituído por ‘aí’.

2.4.1.4 Resumo das diferenças entre ‘lá’ tópico, modal e diretivo

Depois de detalharmos as diferenças entre, primeiramente, ‘lá’ tópico e ‘lá’ modal, e, posteriormente, entre ‘lá’ modal e diretivo, vejamos, no quadro 1, um resumo dos testes sintáticos utilizados e das respostas oferecidas a cada um desses testes. No quadro 2, encontra-se um resumo das propriedades de ‘lá’ tópico, modal e diretivo que se comprovaram a partir desses testes.

Quadro 1: Testes que diferenciam ‘lá’ tópico, modal e diretivo

	Diretivo	Modal	Tópico
	Lá vai a chave.	Lá vai você com piada.	Lá vai o ônibus.
Substituição de ‘lá vai’ por verbo no imperativo	SIM Pegue/Receba/Tome a chave.	NÃO ≠Pegue/Receba/Tome você com piada.	NÃO ≠Pegue/Receba/Tome o ônibus.
Substituição de ‘lá’ por ‘aí’	SIM Aí vai a chave.	NÃO ≠Aí vai você com piada.	NÃO ≠Aí vai o ônibus.
Compatibilidade com o item <i>wh</i>	NÃO ≠Onde lá vai a	SIM Onde lá vai você com	NÃO *Onde vai o ônibus

¹¹⁸ Disponível em: <<http://www.ldoceonline.com/dictionary/here>>. Acesso em: 15 mar. 2011.

'onde'	chave?	piada?	lá?
Compatibilidade com <i>question tag</i>	NÃO ≠Lá vai a chave. Não vai?	SIM Lá vai você com piada de novo. Não vai?	SIM Lá vai o ônibus, não vai?
Compatibilidade com interrogativa	NÃO ≠Lá vai a chave?	SIM Lá vai você com piada de novo?	SIM E então, lá vai o ônibus?
Alçamento do DP à posição pré-verbal	NÃO ≠A chave lá vai.	SIM Você lá vai com piada.	SIM O ônibus lá vai.

Quadro 2: Resumo das propriedades de 'lá' tópico, modal e diretivo

'Lá' tópico (Spec,TopP)	
Lá + vir	Lá + ir
[+Fonte] [+Locativo] [+Distal] [+3ª pessoa]	[+Alvo] [+Locativo] [+Distal] [+3ª pessoa]

'Lá' modal (Spec,FinP)	
Lá + vir	Lá + ir
[-Fonte] [+Locativo] [+Distal] [+3ª pessoa] [+Iminência ou +Decorrência]	[-Alvo] [+Locativo] [+Distal] [+3ª pessoa] [+Iminência ou +Decorrência]

'Lá' diretivo (Spec,ForceP)	
Lá + ir	
[+Alvo] [+Locativo] [Diluição da diferença distal x proximal] [Diluição da idéia de 3ª pessoa] [Diretivo]	

2.4.1.5 Recapitulação: ‘lá’ tópico, modal e diretivo

Nesta seção, constatamos que ‘lá’ + ‘ir’ é usado para constituir pelo menos três diferentes estruturas sintáticas, contendo cada qual seu agrupamento de feixes semânticos. Assim sendo, tentamos investir em uma análise que seja condizente com as diferenças entre essas três realizações de ‘lá’.

Em um tipo de construção com ‘lá vai’, ‘lá’ não é intercambiável com ‘aí’ e preserva valor de alvo. Assim sendo, ‘lá’ seria analisado como um tópico locativo em Spec,TopP.

Existe um outro tipo de estruturas com ‘lá vai’ em que ‘lá’ é compatível com item *wh*. Isso indica que ‘lá’ não mais preserva valor de alvo. Apesar disso, ‘lá’ preserva valor locativo de 3ª pessoa, pois permanece insubstituível por ‘aí’. Nesse caso, ‘lá vai’ apresenta um traço adicional que se alterna entre [+iminência], no modo *irrealis*, e [+decorrência], no modo *realis*. Essa diferença é marcada formalmente pela finitude do verbo principal. Isso nos leva a analisar ‘lá’ como especificador de FinP onde traços de finitude são codificados.

Finalmente, uma outra estrutura com ‘lá vai’ se assemelha a *voilà/ci*, porque pode ser substituída por um verbo no imperativo e porque ‘lá’ pode ser substituído por ‘aí’, sem alteração no conteúdo semântico da sentença. Analisamos esse ‘lá’ como Spec,ForceP, pois ele participa de uma estrutura onde se realiza um ato de fala diretivo.

2.4.2 Assertivas enfáticas

Nesta subseção, faremos uma análise de ‘lá’ em sentenças como (61B). Nossa proposta é que ‘lá’ ocupa a posição de especificador em ForceP. Neste caso, porém, Force não teria um traço [+diretivo], mas [+declarativo], pois se trata de assertivas enfáticas.

Vejamos adiante o exemplo (60B).

(60) A: _A vida não tem sentido sem trabalho e fé.

B: _**Lá** isso é verdade.

Evidência de que ‘lá’ não sustenta valor dêitico-locativo neste dado é a sua compatibilidade com “aqui” (61a). Além disso, sua posição é rigidamente pré-sentencial (61b), o que faz com que ‘lá’ ocupe a posição mais alta na hierarquia sintática, que é ForceP.

- (61) a. **Lá** isso é bem verdade **aqui** na região.
b. ≠Isso lá é bem verdade¹¹⁹.

Além da posição pré-sentencial de ‘lá’, a segunda razão para se eleger ForceP seria o fato de que ‘lá’ parece ser restrito a orações matrizes, o que pode ser uma restrição determinada pela força ilocucionária das assertivas enfáticas. Os testes abaixo parecem confirmar a incompatibilidade de ‘lá’ com condicionais (61c), subordinadas (61d), interrogativas (61e-g) e infinitivas (61h).

- (61) c. *Se lá isso é verdade, ...
d. *Eu disse que lá isso é verdade.
e. *Onde lá isso é verdade?
f. *Quando lá isso é verdade?
g. *Como lá isso é verdade?
h. *Lá isso ser verdade é a condição para o acordo.

A terceira razão para se eleger a projeção ForceP é o fato de que ‘lá’ pode coocorrer com itens de polaridade positiva (61i) e, portanto, ‘lá’ não poderia pertencer a PolP. Além disso, ‘lá’ não pode aparecer depois de tais itens (61j), corroborando mais uma vez o fato de que ‘lá’ ocupa uma posição alta, no caso, acima de PolP e, portanto, no domínio do CP.

- (61) i. Lá isso *sim* é verdade.
j. ≠Isso *sim* lá (em São Paulo) é verdade.

A quarta razão é que ‘lá’ pode coocorrer com itens topicalizados “ficamos” e focalizados “nós”. Neste caso, ‘lá’ os precede (61k).

¹¹⁹ Nesta sentença, ‘lá’ parece pertencer ao DP “[isso lá]” e não ao CP.

(61) k. Lá *ficamos NÓS* sem almoço.

Portanto, há pelo menos quatro razões que nos permitem justificar a análise de ‘lá’ como um item de ForceP, quais sejam, a posição pré-sentencial, a antecedência a itens de polaridade positiva, a possível restrição a orações matrizes e a precedência a itens topicalizados e focalizados.

Essas propriedades não são contempladas por Martins (2010), que analisa ‘lá’ como um membro de Spec,TP também em assertivas enfáticas do PE. Na perspectiva da autora, a posição pré-verbal de ‘lá’, em (61l) e em (61m), justificar-se-ia pelo movimento de ‘lá’, partindo de Spec,TP, sua posição de *merge*, para alguma projeção no domínio do CP, embora não se explicita qual posição seria esta.

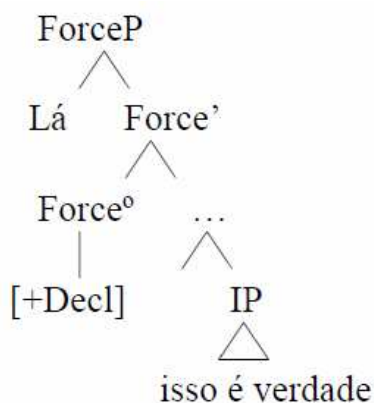
(61) l. “Lá fiquei sem almoço.” (MARTINS, 2010, p. 15).

m. “Lá conseguimos.” (MARTINS, 2010, p. 15).

Portanto, diferentemente da análise de Martins (2010) aos dados do PE, nossa análise aos dados do PB propõe que ‘lá’, nas assertivas enfáticas, ocuparia a posição de especificador em ForceP, contendo traços [+Declarativo], conforme representado na derivação abaixo.

Figura 2: ‘Lá’ em Spec,ForceP de assertivas enfáticas

(61) B: _ Lá isso é verdade.



2.4.3 Recapitulação: ‘lá’ em Spec,ForceP

Nesta seção, analisamos ‘lá’ em sentenças diretivas e em assertivas enfáticas. Argumentamos a favor de uma descrição de ‘lá’ como um item em Spec,ForceP checando traços do núcleo desta categoria.

Vimos que, em estruturas como “Lá vai (a chave)!”, contextualizadas em uma situação na qual o locutor joga a chave para seu ouvinte, ‘lá’ apresenta propriedades bastante inusitadas. Nota-se, primeiramente, uma diluição do valor distal de 3ª pessoa, dado que ‘lá’ é plenamente intercambiável com ‘aí’. Posteriormente, nota-se que a expressão “Lá vai” pode ser parafraseada por verbos no imperativo, tais como “pegue”, “receba” e “tome”.

Em uma sondagem a outras línguas, observa-se que *voilà* do francês e “*there you go*” do inglês apresentam propriedades semelhantes. Por exemplo, em “*there you go*”, *there* é intercambiável com *here* sem apresentar alterações no conteúdo semântico da expressão, que é usada quando se entrega algo a alguém. Por sua vez, *voilà* no francês, além de permitir o intercâmbio de *là* com *ci*, carrega em si um comando, isto é, um ato de fala diretivo, também presente em “Lá vai!”. Com base nestas propriedades, justificamos a análise de ‘lá’ como um especificador de ForceP contendo traço [+diretivo].

De modo semelhante, analisamos ‘lá’ em assertivas enfáticas como um item em Spec,ForceP, porém, com traço [+declarativo]. Essa análise foi justificada, dentre outras razões, pela posição pré-sentencial de ‘lá’ e pela precedência a itens em TopP, FocusP e PolP.

Em suma, vimos que ‘lá’ pode ser analisado como um especificador de ForceP com traços [+diretivo] ou [+declarativo].

CONCLUSÃO DO CAPÍTULO 2

‘LÁ’ NA PERIFERIA EXTERNA DO IP

Estudos sobre ‘lá’ sugerem que essa partícula é inserida unicamente em Spec,IP/TP, seja para satisfazer EPP, seja para atribuir ênfase aos mais diversos tipos de estruturas, tais como imperativas, questões retóricas, assertivas enfáticas, dentre outras. Esse tipo de análise gera a princípio dois problemas, o primeiro seria eleger uma outra posição que não Spec,IP/TP para alocar o sujeito sentencial, com seus traços-phi, que são originalmente atributos de I. O segundo problema seria reunir, em uma única categoria sintática Spec,IP/TP, propriedades tão diversas e atribuir a esta única categoria tal poder.

A proposta defendida aqui difere desses estudos por duas razões principais: primeiro, preserva-se Spec,IP/TP para o sujeito e, portanto, ‘lá’ não poderia estar nesta posição, dentre outras razões, por não apresentar traços-phi de concordância; segundo, capta-se, de forma unificada, as múltiplas propriedades de ‘lá’ e suas restrições posicionais. Assim sendo, inserido diretamente na posição de especificador de projeções funcionais do CP, ‘lá’ checaria traços dos núcleos de Foco, Tópico, Finitude e Força, conforme será retomado adiante.

Na primeira seção deste capítulo, propomos que ‘lá’ ocupa a posição de Spec,FocusP em dois tipos de estruturas: questões retóricas e imperativas. Nas questões retóricas, ‘lá’ pode ocupar diversas posições na linearidade da sentença, mas, hierarquicamente, sua posição é única, Spec,FocusP. Sendo assim, as diversas ordens seriam definidas pelo movimento do núcleo verbal ou da projeção máxima nominal. Vimos ainda que as questões retóricas têm a capacidade de inverter a polaridade da sentença. Por isso, uma questão de polaridade positiva é interpretada como uma assertiva negativa. Isso explica por que ‘lá’ não é um marcador de negação. A idéia de negação deriva puramente da força ilocucionária da questão retórica. Ainda na primeira seção, vimos que ‘lá’ poderia ser analisado também como Spec,FocusP de sentenças imperativas. Dentre as justificativas dadas, observamos que ‘lá’, neste caso é adjacente e pós-verbal. Como nas imperativas em geral o verbo alça para Force^o, ‘lá’ deveria estar imediatamente abaixo de ForceP, muito provavelmente em Spec,FocusP, pois ‘lá’ recebe foco entonacional e parece ser incompatível com itens focalizados.

Na segunda seção deste capítulo, propomos que ‘lá’ ocupa a posição de Spec,TopP em estruturas com verbos ‘vir’, ‘ir’ e ‘ter’. Nessas estruturas, ‘lá’ não poderia ser analisado como um expletivo em Spec,IP, como tem sido sugerido na literatura, porque não é vazio semanticamente, apresentando valor locativo, distal de 3ª pessoa, além de indicar fonte, quando ocorre com ‘vir’, e alvo, quando ocorre com ‘ir’. Sendo assim, acreditamos que a análise mais adequada de ‘lá’, neste caso, seria como um tópico, visto que ‘lá’ indica informação dada e permite que o sujeito pós-verbal alce para uma outra posição de tópico acima de ‘lá’, passando por Spec,IP, que deve estar livre para o movimento do sujeito.

Na terceira seção deste capítulo, observamos que existem outros usos de ‘lá’ com ‘ir’ e ‘vir’ nos quais ‘lá’ não parece indicar nem alvo nem fonte, vista a sua compatibilidade com item *Wh* “(de/pra) onde”. Contudo, embora se tenham perdido os valores de fonte e alvo, permanece o valor distal de 3ª pessoa, visto que ‘lá’ não é intercambiável com ‘aí’. Além disso, vimos que, nessas estruturas, aparece uma nova propriedade, isto é, a alternância entre decorrência, que opera no modo *realis*, e iminência, que opera no modo *irrealis*. Essa alternância é expressa formalmente, de um lado, por verbo no indicativo seguido ou não de gerúndio e, de outro lado, por verbo no indicativo seguido de infinitivo. Essa diferença é codificada em FinP onde se realizam os traços de finitude do verbo. Sendo assim, propomos que ‘lá’, neste caso, ocupa a posição Spec,FinP checando traços [\pm realis] deste núcleo.

Na quarta e última seção deste capítulo, propomos que ‘lá’ ocupa a posição Spec,ForceP que pode conter traços [+diretivo] ou [+declarativo]. O traço [+diretivo] aparece em estruturas como “Lá vai (a chave)!”. Neste caso, ‘lá vai’ pode ser parafraseado por um verbo no imperativo, como, por exemplo, ‘pegue’ ou ‘segure’. Além disso, ‘lá’ é livremente intercambiável com ‘aí’, o que confirma a diluição de seu valor distal de 3ª pessoa. Por sua vez, o traço [+declarativo] aparece em assertivas enfáticas com ‘lá’. O pertencimento de ‘lá’ a ForceP, neste caso, justifica-se porque, além de ‘lá’ contribuir, de alguma forma, para enfatizar a asserção feita, ‘lá’ ocupa posição pré-sentencial e antecede itens de tópico, foco e polaridade positiva, devendo, portanto, ficar na posição mais alta da hierarquia.

Em suma, a proposta defendida aqui tem pelo menos três vantagens: (i) atribui uma análise unificada às múltiplas ocorrências de ‘lá’, considerando-se sua atuação na periferia esquerda do IP; (ii) permite dar visibilidade às diversas propriedades dessa partícula; (iii) é coerente com as restrições posicionais de ‘lá’ em cada uma dessas ocorrências.

CAPÍTULO 3

‘LÁ’ NA PERIFERIA INTERNA DO IP

Este capítulo trata de estruturas com ‘lá’ que expressam negação e concessão. Argumentaremos a favor da hipótese segundo a qual ‘lá’ é inserido por *merge* em Spec,TopP interno nestas (3.2) e em Spec,FocusP interno naquelas (3.1).

3.1 ‘Lá’ em Spec,FocusP interno¹²⁰

Esta seção trata de estruturas nas quais ‘lá’ parece ser efetivamente um marcador de negação, como em (1).

- (1) a. A: Ela já fez o TOEFL?
B: Sei **lá**.

Para explicarmos esse dado, faremos inicialmente um paralelo entre ‘lá’ marcador de negação e ‘lá’ marcador de questão retórica, mostrando em que esses dois ‘lãs’ se diferem (3.1.1). Posteriormente, exploraremos a negação pós-verbal no PB (3.1.2) e os pontos de contraste e de interseção entre negação pós-verbal com ‘não’ e negação pós-verbal com ‘lá’ (3.1.3). Por último, argumentaremos a favor da análise de ‘lá’ como um marcador de negação localizado na periferia interna do IP (3.1.5), sendo contraparte de ‘não’ final localizado na periferia externa do IP (3.1.4).

3.1.1 ‘Lá’ marcador de questões retóricas *versus* ‘lá’ marcador de negação

¹²⁰ Uma versão em inglês desta seção foi publicada em Pereira (2010b). Trata-se de uma reformulação profunda do que foi publicado em Pereira (2009b).

Primeiramente, vamos nos lembrar de um exemplo de ‘lá’ em questões retóricas, repetido abaixo como (2), para que possamos distinguir dados em que ‘lá’ é realmente um marcador de negação e dados em que ‘lá’ é, ao contrário, um marcador de questões retóricas.

- (1) A: Ela já fez o TOEFL?
B: Sei **lá**.
- (2) O João (**lá**) comprou (**lá**) um carro?

A sentença (1B) difere das questões retóricas em vários aspectos. Primeiro, (1B) não é pronunciada com entonação interrogativa; segundo, ‘lá’ não pode ser pré-verbal; terceiro, ‘lá’ não é omissível, porque sua elisão impediria a interpretação negativa da sentença; e quarto, ‘lá’ não é compatível com expressões idiomáticas de polaridade negativa (1a - b). Diferentemente, o ‘lá’ de questões retóricas é compatível com tais expressões, como se observa em (2a - d).

- (1) a. *Sei lá nadica de nada.
b. *Sei lá uma ova.
- (2) a. A Maria lá tem um tostão furado?
b. A Maria lá moveu uma palha para nos ajudar?
c. A Maria lá deu um passo quando estava de castigo?
d. A Maria lá deu um pio sobre o assunto?

Então, parece que, em (1), diferentemente das questões retóricas, ‘lá’ é efetivamente um marcador de negação. Para averiguarmos a atuação de ‘lá’ como elemento de negação, faz-se necessário estabelecer uma comparação entre ‘lá’ e a negação pós-verbal no PB.

3.1.2 Negação pós-verbal

Cyrino e Biberauer (2009) analisam a negação pós-verbal no PB e propõem que ‘não’ final (4, 5) seria a mesma realização fonológica de duas categorias distintas que, conseqüentemente, ocupariam diferentes posições na estrutura sentencial. Vejamos:

[Não₁ V]

(3) a. Eu não/num comprei a casa.

[Não₁ V Não₂]

(4) a. Eu não/num comprei a casa não.

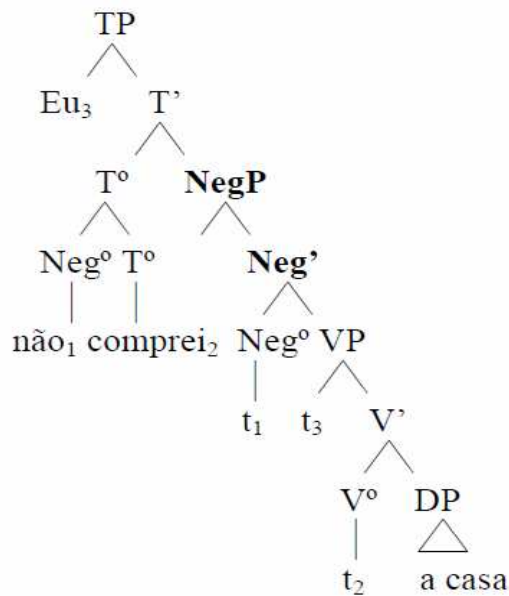
[V Não₃]

(5) a. Comprei a casa não.

(3a) exemplifica a negação “real” no PB. Em geral, a análise dada a esta partícula segue as premissas apresentadas em Pollock (1989), considerando-se a projeção de um NegP abaixo de TP. Nesse sentido, a posição pré-verbal de ‘não’₁ seria justificada por seu caráter clítico, tendo em vista sua redução fonológica a ‘num’ (VITRAL, 1999; RAMOS, 2002; SOUZA, 2007). Como clítico, ‘não’ seria movido para a posição adjunta a T°, conforme derivação abaixo:

Figura 1: A posição de ‘não’₁

(3) a. Eu não/num comprei a casa.



(4) e (5), por outro lado, reclamam uma análise diferenciada, visto que ‘não’ ocupa a posição final. Além disso, do ponto de vista semântico, enquanto ‘não’₁ desencadeia uma negação proposicional, isto é, com escopo sobre o valor de verdade da sentença, ‘não’₂ e ‘não’₃ são descritos como marcadores de negação pressuposicional¹²¹ (CYRINO; BIBERAUER, p. 2-3). Por isso, não são considerados marcadores de negação “real”.

¹²¹ De acordo com Horn (1985), a negação pressuposicional ocorre quando se cancela uma pressuposição. Por exemplo, em (i), a pressuposição segundo a qual foi difícil para John resolver o problema, que é derivada do verbo *to manage*, é cancelada. Desta forma, a negação tem escopo sobre *manage*, indicando que o problema foi resolvido, mas facilmente.

(i) “John didn’t MANAGE to solve the problem. It was quite easy for him to solve” (HORN, 1985, p. 130). Nos exemplos (4a, 5a), não há nenhuma espécie de cancelamento de pressuposição explícita.

(4) a. Eu não/num comprei a casa não.

(5) a. Comprei a casa não.

Portanto, para que se compreenda a proposta de Cyrino e Biberauer (2009), é preciso considerar um conceito mais amplo de negação pressuposicional. De acordo com Biberauer (c.p.), as autoras partem do conceito de negação pressuposicional como aquele presente, dentre outros, em Pescarini (s.d., p. 21, tradução nossa) segundo o qual a negação pressuposicional “pressupõe que alguém, no contexto comunicativo, espera que o estado de coisas negado seja verdadeiro” [“it presupposes that someone in the communicative context expects the negated event/state of affairs to be true”]. Também Poletto (2008, p. 7, tradução nossa) faz “uso da distinção entre negação padrão e negação pressuposicional, concebendo esta como marcadores negativos que podem ocorrer somente em certas condições pragmáticas relacionadas às expectativas do falante e do ouvinte” [“I will make use of the distinction between standard negation and presuppositional negation, meaning by [the latter] negative markers that can only occur under certain pragmatic conditions related to the speakers or addressee expectations”] (POLETTI, 2008, p. 7)]. Assim, a negação pressuposicional nega um pressuposto discursivo que pode não estar necessariamente explícito na sentença. Em (4/5a), por exemplo, a sentença evoca uma expectativa de alguém que acredita que a casa tenha sido comprada. Com efeito, (4/5a) pode replicar um comentário do tipo: “Você comprou a casa, né?”.

Estruturalmente, esta diferença discursiva é refletida no fato de que ‘não’₂ e ‘não’₃ não aparecem em interrogativas *Wh*, conforme exemplos abaixo:

- (3) b. O que ele num/não₁ fez? (CYRINO; BIBERAUER, p. 3).
- (4) b. *O que ele num/não₁ fez não₂? (CYRINO; BIBERAUER, p. 3).
- (5) b. *O que ele fez não₃? (CYRINO; BIBERAUER, p. 3).

Apesar das semelhanças discursivas e sintáticas entre ‘não’₂ e ‘não’₃, as autoras salientam as diferenças evidenciadas quando ‘não’ aparece sozinho e quando ‘não’ coocorre com o elemento de negação pré-verbal.

Reproduziremos adiante pelo menos quatro diferenças dentre aquelas mencionadas pelas autoras: omissibilidade, aparecimento em questões ‘sim/não’, aparecimento em encaixadas e compatibilidade com expressões idiomáticas de polaridade negativa.

Enquanto ‘não’₂ é omissível, ‘não’₃ não é:

- (4) c. Não/num comprei a casa (não₂).
- (5) c. Comprei a casa *(não₃).

Enquanto ‘não’₂ aparece em encaixadas, ‘não’₃ não aparece:

- (4) d. Ele disse que ele num/não₁ comprou a casa não₂ (CYRINO; BIBERAUER, p. 5).
- (5) d. *Ele disse que ele comprou a casa não₃ (CYRINO; BIBERAUER, p. 5).

Enquanto ‘não’₂ aparece em interrogativas ‘sim/não’, ‘não’₃ não aparece:

- (4) e. Você não/num comprou a casa não₂? (CYRINO; BIBERAUER, p. 5).
- (5) e. *Você comprou a casa não₃? (CYRINO; BIBERAUER, p. 5).

Enquanto ‘não’₂ é compatível com expressões idiomáticas de polaridade negativa, ‘não’₃ não é:

- (4) f. A: _ O João é rico.
 B: _ O que? Ele não tem um tostão furado não₂ (CYRINO; BIBERAUER, p. 5).
- (5) f. B: _ *O que? Ele tem um tostão furado não₃ (CYRINO; BIBERAUER, p. 5).

Diante destas diferenças, Cyrino e Biberauer (2009) discordam de Cavalcante (2007) para quem ‘não’₂ e ‘não’₃ ocupariam a mesma posição na sentença, que o autor rotula como *Den(ial) P(hrase)*.

Em um breve excuro sobre a proposta de Cavalcante (2007), DenP é “uma categoria específica responsável por codificar informações discursivas referentes à confirmação ou refutação de uma pressuposição anterior” (CAVALCANTE, 2007, p. 128). Assim sendo, “DenP é a categoria que aloja as profrases afirmativas e negativas (como SIM, É e NÃO) utilizadas em contextos de resposta a uma pergunta direta ou de assentimento ou denegação de uma declaração realizada anteriormente” (CAVALCANTE, 2007, p. 128), conforme os seguintes exemplos:

(6) a. **Não**, eu num fiz.

b. **No**, I don’t.

c. **No**, non l’ho fatto.

d. **Non**, je n’ai pas fait.

(CAVALCANTE, 2007, p. 122)

(7) a. **Sim/É**, eu fiz.

b. **Yes**, I did.

c. **Si**, l’ho fatto.

d. **Oui/Si**, j’ai fait.

(CAVALCANTE, 2007, p. 123)

Segundo o autor, as profrases são elementos extra-sentenciais, pois não interferem na polaridade da sentença que introduz, mas remete a um enunciado produzido anteriormente. Logo, uma oração pode ser afirmativa, mesmo sendo introduzida por ‘não’, como no exemplo (8):

(8) A: _ Vi, não tem confiança no padre?

B: _ **Não**, no padre eu tenho (CAVALCANTE, 2007, p. 121).

O autor conclui então que o ‘não’ profrase é um elemento situado fora do domínio do CP, na categoria DenP. Cavalcante (2007, p. 124) assume ainda que “o marcador pós-verbal e

a profrase negativa são o mesmo elemento e que ocorrem sob a mesma categoria sintática”. A ordem [V Não] seria resultante do movimento de todo o CP para uma outra posição extra-sentencial (TopP) mais alta que DenP. Assim sendo, tanto ‘não’₃ quanto ‘não’₂ seriam analisados de forma indistinta visto que a estrutura [Não V Não₂] suporia igualmente o movimento de todo o CP que inclui [Não V] para a posição Spec,TopP extra-sentencial.

No entanto, para Cyrino e Biberauer (2009), esta proposta não dá conta das disparidades evidenciadas na realização de ‘não’₂ e ‘não’₃, que seriam, na respectiva ordem, plena e frouxamente integrados à espinha oracional (CYRINO; BIBERAUER, 2009, p. 7). Esta hipótese resultaria na análise de ‘não’₃ no domínio do CP e de ‘não’₂ no domínio do IP, diferentemente do que propõe Cavalcante (2007).

Com efeito, Cyrino e Biberauer (2009, p. 12) prevêm que a posição de ‘não’₂, partícula de reforço da negação, seria Pol^o. ‘Não’₂ seria, então, um elemento que concorda com a negação contida no TP e, portanto, desencadeia o movimento do TP para Spec,PolP (conforme ilustrado na figura 2, derivação de (4a)). Nesse sentido, ‘não’₂ está integrado a uma estrutura que “necessariamente envolve polaridade enfática (natural em negação enfática e em contextos pressuposicionais)”¹²² (CYRINO; BIBERAUER, 2009, p. 11, tradução nossa).

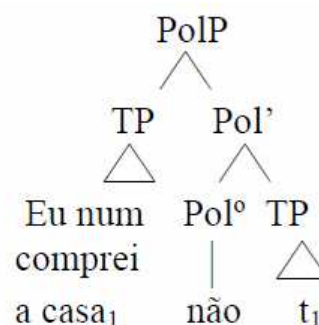
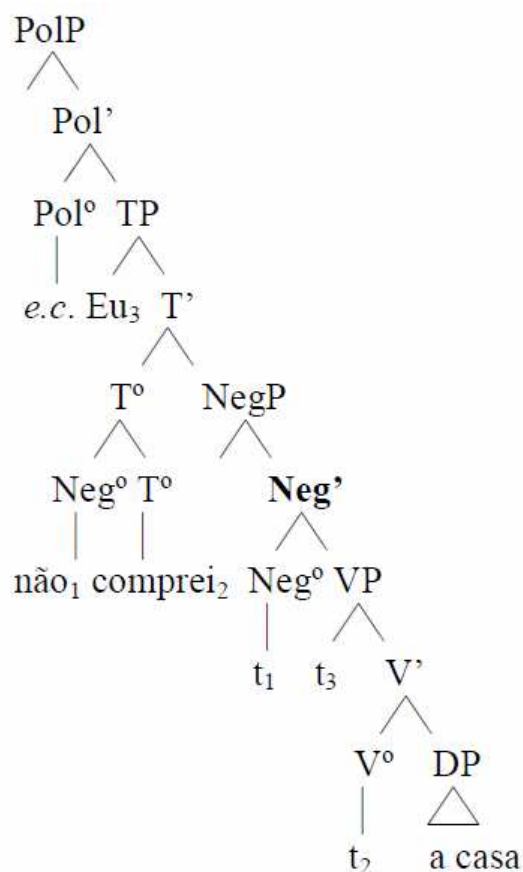
Diferentemente, em estruturas neutras como (3a), PolP seria projetado acima de TP, mas seu núcleo não seria realizado fonologicamente (CYRINO; BIBERAUER, 2009, p. 11), conforme ilustrado na derivação deste exemplo.

Figura 2: A posição de ‘não’₂

¹²² “necessarily involve polarity emphasis (natural in emphatic negation and presuppositional contexts)” (CYRINO; BIBERAUER, 2009, p. 11).

(3) a. Eu não/num comprei a casa.
[Nã_{o1} V]

(4) a. Eu não/num comprei a casa não.
[Nã_{o1} V Nã_{o2}]



No entanto, as autoras não propõem uma hipótese de derivação para 'não'₃, explicitando apenas que 'não'₂ e 'não'₃ seriam inseridos em posições sintáticas distintas (CYRINO; BIBERAUER, 2009, p. 12).

Apesar de não proporem uma posição para a análise de 'não'₃, as autoras sugerem que, por um lado, 'não'₂ seria derivado do 'não' profrase (4gB), que é realizado como *so* no inglês em estruturas com *not ...so* (4gB'). Por outro lado, 'não'₃ seria derivado do 'não' anafórico de respostas curtas, que podem ser constituídas apenas por 'não' (5gC), realizado por *no* no inglês (5gC'), ou por verbo + 'não' (5gB).

(4) g. A: João vai comprar a casa? (CYRINO; BIBERAUER, 2009, p. 11).

B: Acho que [nã_o] (CYRINO; BIBERAUER, 2009, p. 11).

B': *I don't think so.*

- (5) g. A: Você tem muitas dúvidas? (CYRINO; BIBERAUER, 2009, p. 9).
 B: [Tenho **não**] (CYRINO; BIBERAUER, 2009, p. 10).
 C: Não. (CYRINO; BIBERAUER, 2009, p. 10).
 C': *No*.

Portanto, o “uso de não₃ reflete o fato de que variedades nordestinas do PB se nutriram da negação Focus (NO) como fonte para expressar essa forma particular de negação”¹²³ (CYRINO; BIBERAUER, 2009, p. 14, tradução nossa).

De acordo com Poletto (2008, p. 4 - 5, tradução nossa), elementos localizados em Neg₄ (como ‘no’ no italiano, exemplo (9)) “correspondem ao mesmo morfema que é usado para a negação pro-sentencial; [...] são localizados no final da oração; [...] são sempre especificadores, e eles geralmente apresentam foco entonacional [...]”¹²⁴. Esta é a razão por que estão localizados em Spec,FocusP.

- (9) “L’a mangià no” (POLETTO, 2008, p. 5).
he has eaten not (POLETTO, 2008, p. 5)
 ‘Comeu não’.

Também de acordo com Ramos (2002), estruturas como “bateu no poste não”, “sozinho não” e “antigamente não” levam a crer que “NEG pós-verbal nega em bloco algo que foi dito, independentemente de ser verbo, adjetivo ou advérbio” (RAMOS, 2002, p. 166). Em outras palavras, ‘não₃’ tem escopo sobre o constituinte/bloco prévio.

Seguindo todos estes apontamentos oferecidos acima, é possível sugerir que ‘não’₃ seja um item focal com escopo sobre a oração. Nesse sentido, poderia estar localizado em FocusP na periferia esquerda do IP. Duas razões justificariam esta análise, quais sejam, a incompatibilidade de ‘não’₃ com interrogativas *Wh* (conforme mostrado em (5b), repetido abaixo) e com constituinte focalizado (como mostrado em (10)):

¹²³ “Use of não₃ reflects the fact that northern varieties of BP have drawn on the Focus negation (NO) source in order to express this particular form of negation” (CYRINO; BIBERAUER, 2009, p. 14).

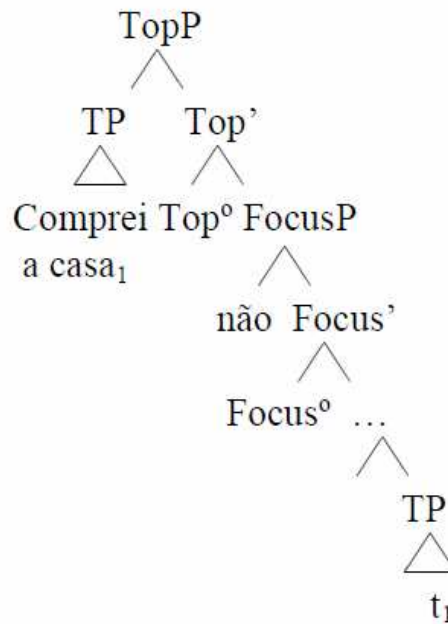
¹²⁴ “correspond to the same morpheme that is used for pro-sentence negation; [...] are located at the end of the clause; [...] are always specifiers, and they generally bear focus stress [...]” (POLETTO, 2008, p. 4 - 5).

- (5) b. *O que ele fez não₃? (CYRINO; BIBERAUER, p. 3).
 (10) a. *EU que vi não (CAVALCANTE, 2007, p. 141).
 b. *ONTEM que eu fui não (CAVALCANTE, 2007, p. 141).

Se isto for verdade, a posição [V Não] seria justificada pelo movimento de TP para Spec,TopP logo acima de FocusP, como derivação de (5a) na figura (3) abaixo.

Figura 3: A posição de não₃

- (5) a. Comprei a casa não.
 [V Não₃]



Assim sendo, é importante ressaltar que esta derivação seria mais econômica e menos custosa do que aquela proposta por Cavalcante (2007), visto que não seria preciso gerar duas categorias, DenP e TopP, ambas fora de CP, para dar conta da posição final de 'não'₃.

Em suma, apesar das divergências entre as análises, pôde-se observar que o 'não' pós-verbal (seja ele 'não'₂ ou não'₃) situa-se acima de TP, geralmente na área do CP, dado seu caráter de negação pressuposicional.

Como ‘lá’ também parece ser um elemento de negação pressuposicional, estabeleceremos um paralelo entre as propriedades de ‘não’ e ‘lá’ pós-verbais.

3.1.3 Um paralelo entre ‘lá’ pós-verbal e ‘não’ final

Nesta subseção, vamos apontar as semelhanças e diferenças entre, primeiro, ‘não’₃ e ‘lá’ e, segundo, ‘não’₂ e ‘lá’. Na relação entre ‘não’₃ e ‘lá’, observa-se que ambos não permitem omissibilidade nem coocorrência com expressões idiomáticas de polaridade negativa. Contudo, diferem no critério de adjacência ao verbo. Por sua vez, ‘lá’ compartilha com ‘não’₂ a possibilidade de aparecer em encaixadas. A seguir, apresentaremos os exemplos e as implicações que essas correlações resultam para a análise de ‘lá’ negativo.

‘Lá’ (1Ba) compartilha de duas restrições aplicadas a ‘não’₃, quais sejam, ‘lá’ não é omissível (1Bb) e não é compatível com expressões idiomáticas de polaridade negativa (1Bc).

- (1) A: Você sabe se ela já fez o TOEFL?
B: a. Sei **lá** [**neg**].
b. Sei [**aff**].
c. *Sei lá nada de nada.

Além disso, ‘lá’ não só é incompatível com expressões de polaridade negativa (3Bc), mas também com *NPIs* (itens de polaridade negativa) (1Bd), incompatibilidade esta que não se dá com ‘não’₃ (5h).

- (1) B: d. *Eu sei **lá** nada disso.
(5) h. Sei nada disso **não**₃.

‘Lá’ difere de ‘não’₃ também porque, enquanto ‘lá’ é adjacente ao verbo (1e), ‘não’₃ pode ocupar a posição final (5i’), pós-complemento.

- (1) e. Sei **lá** se ela já fez o TOEFL.

- e'. *Sei se ela já fez o TOEFL lá.
- (5) i. Sei **não**₃ se ela já fez esse teste.
i'. Sei se ela já fez esse teste **não**₃.

As duas primeiras propriedades referidas, isto é, a não omissibilidade e a incompatibilidade com expressões idiomáticas de polaridade negativa sugerem que a presença de 'lá' tem a ver com a polaridade negativa da sentença. Por sua vez, a última propriedade referida, isto é, adjacência ao verbo sugere que 'lá' ocuparia uma posição mais baixa que aquela ocupada por 'não'₃ na estrutura sentencial.

Apesar de se assemelhar a 'não'₃ no que se refere à omissibilidade e à incompatibilidade com expressões idiomáticas de negação, 'lá' compartilha com 'não'₂ a possibilidade de aparecer em encaixadas.

- (1) f. Eu disse francamente que eu sei lá inglês/que importa-me¹²⁵ lá o inglês.
(5) h. Eu disse francamente que eu não sei inglês não₂.

Esta propriedade sugere que 'lá' se situa abaixo do domínio do CP, mais especificamente, bem abaixo de ForceP cujo núcleo é 'que' em (1f). A tarefa agora é saber que posição seria esta.

3.1.4 A posição de 'lá' negativo

¹²⁵ Nunes (2007) observa o "triangulismo" (i) abaixo e sugere uma explicação para o fato de se admitir ênclise apesar do sistema proclítico do PB. Para o autor, "o segundo clítico forma uma unidade fonológica com o advérbio e não com o verbo." (NUNES, 2007, p. 27). Dessa forma, a sequência "me lá" teria sido reanalisada "como uma única palavra".

(i) "Que me importa me-lá!" (NUNES, 2007, p. 27).

Sendo assim, a ênclise em (1f) não seria imprópria como pode parecer. No meu dialeto, a ênclise na expressão "importa-me lá" é bem mais natural que a próclise. Por isso, eu diria que a sentença (iii) é plenamente aceitável na minha intuição, o que contrasta com a intuição de Nunes (2007, p. 27) para quem "As duas sentenças são aceitáveis e variantes uma da outra no PE, enquanto só a primeira [(ii)] é aceitável em PB".

(ii) "Que me importa!" (NUNES, 2007, p. 27).

(iii) "Importa-me lá!" (NUNES, 2007, p. 27).

Uma primeira hipótese seria considerar que ‘lá’ ocupa a mesma posição de ‘não’₂ (Pol^o, de acordo com análise de Cyrino e Biberauer (2009)) e que o verbo teria movido para Spec,PolP. Contudo, como já salientamos, ‘não’₂, assim como ‘não’₃, aparecem em posição pós-complemento, o que não ocorre com ‘lá’, que estaria em uma posição ainda mais baixa que aquela onde ‘não’₂ está alojado (PolP).

Além disso, não teríamos argumentos para defender que ‘lá’ tem estatuto de X^o da mesma forma que não há argumentos por parte de Cyrino e Biberauer (2009) para defender que ‘não’₂ tem estatuto de X^o (plausível para ‘não’₁, redutível a ‘num’, mas bastante incerto para ‘não’₂). De qualquer forma, mesmo que ‘lá’ fosse analisado em Spec,PolP, como XP e não como X^o, esta ainda assim seria uma opção inviável, pois a ordem agramatical [*lá sei], com ‘lá’ em Spec,PolP e ‘sei’ em Pol^o (ou em I^o) não estaria impedida. Portanto, ‘lá’ parece ocupar uma posição mais baixa que PolP.

Ora, se ‘lá’ não faz parte da periferia (externa) do IP, restam-nos duas opções: primeira, o NegP, imediatamente abaixo de TP; e segunda, a periferia (interna) do IP.

Entendemos que NegP é a categoria onde se checam os traços da negação “real”, isto é, da negação proposicional. No PB, enquanto Neg^o seria o lugar destinado para ‘não’/‘num’, Spec,NegP seria destinado para quantificadores como ‘ninguém’ em “Ninguém conseguirá passar no vestibular” (VITRAL, 1999). Também em francês, Neg^o seria o espaço para ‘ne’ e Spec,NegP para ‘pas’. Parece sugestivo então que ‘lá’ esteja ocupando a mesma posição de ‘pas’ no francês.

Contudo, é importante observar que ‘pas’ era um reforço da negação real, que se gramaticalizou como uma categoria de NegP. Sendo assim, ‘pas’ ainda coocorre com ‘ne’, o núcleo de Neg^o. Este não seria o caso de ‘lá’, pois ‘lá’ não coocorre com ‘não’₁ (1g).

(1) g. ***Não** sei **lá** inglês.

Portanto, em sentenças nas quais ‘lá’ apresenta valor de negação, não há projeção de NegP, com exceção de expressões fixas como “não sei o que lá”¹²⁶. Essa expressão é usada

¹²⁶ Trata-se possivelmente de retenções de uma fase na qual ‘lá’ ainda era compatível com ‘não’. Há registros no século XIX disso: “Eu não sei **lá** se é frio ou se é quente. O que sei é que...” (MARTINS, 2009, p. 19).

geralmente em posições nominais tais como argumento interno (11a) e externo (11b) e também como complemento de P° (11c).

- (11) a. [Não sei o que lá] fez barulho à noite.
b. A Maria comprou chinelo, calça, blusa e mais [não sei o que lá].
c. O Tobias latiu com [não sei o que lá] que estava passando na rua.

Por isso, “não sei o que lá” é menos uma oração que uma expressão nominal e, portanto, não é um contra-argumento para a incompatibilidade entre ‘lá’ e ‘não₁’, exemplificada in (1g).

Além disso, é importante observar que, entre V e *pas*, é possível a intervenção de advérbios baixos como *dejà* (12a) e *toujour* (12b).

- (12) a. “Il ne **mangeait** *dejà pas* de fruits ou de legumes crus!”¹²⁷.
Ele NEG. comia já NEG. PART. frutas ou PART. legumes crus.
‘Ele já não comia frutas ou legumes crus’.
b. “Mon fils a 2 ans il ne **mange** *toujours pas* seul”¹²⁸.
Meu filho tem 2 anos ele NEG. come sempre NEG sozinho.
‘Meu filho tem 2 anos e não come sozinho sempre’.

Ao contrário de *pas*, ‘lá’ deve ser adjacente ao verbo, permitindo a intervenção apenas de clíticos:

- (1) h. Importa-me lá o casamento dele.
h’. *Importa já lá o casamento dele.

Assim sendo, ‘lá’ ocuparia uma posição mais baixa que NegP e mais próxima de VP, dada a adjacência entre V e ‘lá’. Por isso, não é possível a intervenção de um advérbio de VP.

¹²⁷ <www.nosbebesarrivent.org/viewtopic.php?t=1201&sid... - >. Acesso em: 16 mar. 2010.

¹²⁸ <http://forum.doctissimo.fr/nutrition/alimentation-enfant/mange-seul-sujet_147271_1.htm>. Acesso em: 16 mar. 2010.

Recapitulando, se ‘lá’ não está no domínio do CP nem em NegP, resta-nos a periferia do v/VP que parece ser adequada para a análise de ‘lá’ marcador de negação.

De acordo com Belletti (2003), as posições disponíveis na periferia baixa são FocusP e TopP. Essas posições são evidenciadas quando ativadas em construções com inversão livre (FI) do sujeito, como no exemplo (13B) abaixo:

- (13) A: _ Você parece mais interessada na pensão que na separação.
B: _ Importa-me a separação (não estou interessada no dinheiro dele).

Assim, em (13B), ‘a separação’ seria realizada em uma categoria funcional da área interna do IP. Um teste usado por Belletti (2003) para atestar a posição baixa do sujeito pós-verbal é a sua posição em relação a advérbios baixos. Como se observa em (14c), “a separação” parece estar em uma posição mais baixa que aquela onde “mal” está localizado.

- (14) a. Mal me importa a separação, estou interessada na pensão.
b. ?Importa-me mal a separação, estou interessada na pensão.
c. *Importa-me a separação mal, estou interessada na pensão.

Suponhamos então que (15B) responda à interpelação em (15A):

- (15) A: Você parece ressentir a separação.
B: Importa-me lá a separação, estou cuidando da minha vida.

Em (15B), ‘a separação’ é informação compartilhada, dada, e, portanto, tópica. Por isso, ‘a separação’ poderia ser analisada como Spec,TopP na periferia baixa. Ao contrário, ‘lá’, do ponto de vista fonológico, é pronunciado com ênfase entonacional e, do ponto de vista interpretativo, determina a polaridade negativa da sentença. Por isso, ‘lá’ poderia ser analisado como Spec,FocusP na periferia baixa.

3.1.5 Um paralelo entre ‘lá’ e ‘não’₃: as posições de foco interno e externo

(15B) não é uma negação neutra, mas pressuposicional, que refuta o pressuposto (segundo o qual o interlocutor lamenta o divórcio) de um enunciado produzido anteriormente (15A). Esse tipo de negação se evidencia em (15Ba) pela possibilidade de paráfrase com ‘nem’:

(15) B: Importa-me lá a separação, estou cuidando da minha vida.

B: a. Nem me importa a separação.

Em relação a ‘não’₃, nota-se também um paralelo com o advérbio ‘nada’¹²⁹ em posição final (16Bb):

(16) A: Você estudou pra prova, não estudou?

B: a. Estudei não.

b. Estudei nada.

c. Não, eu não estudei.

A negação com ‘nada’ final (16Bb) e com ‘não’₃ (16Ba) traz à tona o pressuposto de que era necessário ter estudado. Estruturalmente, este pressuposto é topicalizado como informação dada, sendo o IP movido para TopP. Por sua vez, a partícula ‘nada’ usada para denegar, por ser entendida como informação focal e enfática, é possivelmente gerada em FocusP, como ocorre com ‘não’₃.

¹²⁹ Refiro-me aqui a ‘nada’ final (IBb) que contrasta nitidamente com ‘nada’ pós-verbal (IBa):

(I) A: Você estou muito pra prova?

B: a. Eu *(não) estudei nada.

b. Estudei nada.

Em (IBa), a negação enfática incide sobre o valor de verdade da sentença. Trata-se de uma negação proposicional. Nesse sentido, ‘nada’ é um NPI que deve estar sob c-comando de ‘não’₁. Diferentemente, ‘nada’ em (IBb) não é c-comandado por ‘não’. Além disso, ‘nada’ assim como ‘não’₃ parece ocupar a periferia alta do IP, dada sua posição final (IIB) e seu uso para efeitos de negação pressuposicional.

(II) A: Você leu o livro pra prova de hoje?

B: Li o livro nada. Fui pra balada no final de semana.

Assim, ‘nada’ final seria apenas homônimo ao ‘nada’ NPI, apresentando distribuição sintática e função semântica diferenciadas.

Então, enquanto ‘lá’ pode ser parafraseado por ‘nem’, ‘não’₃ pode ser parafraseado por ‘nada’. As parafrases com esses advérbios consistem em diferentes modos de se fazer uma negação pressuposicional.

Ainda em relação ao paralelo entre ‘não’₃ and ‘lá’, (16Bd) e (11) não apresentam projeção de NegP, como atestado abaixo:

(16) B: d. **Não* estudei **não**₃.

(1) l. **Não* sei **lá**.

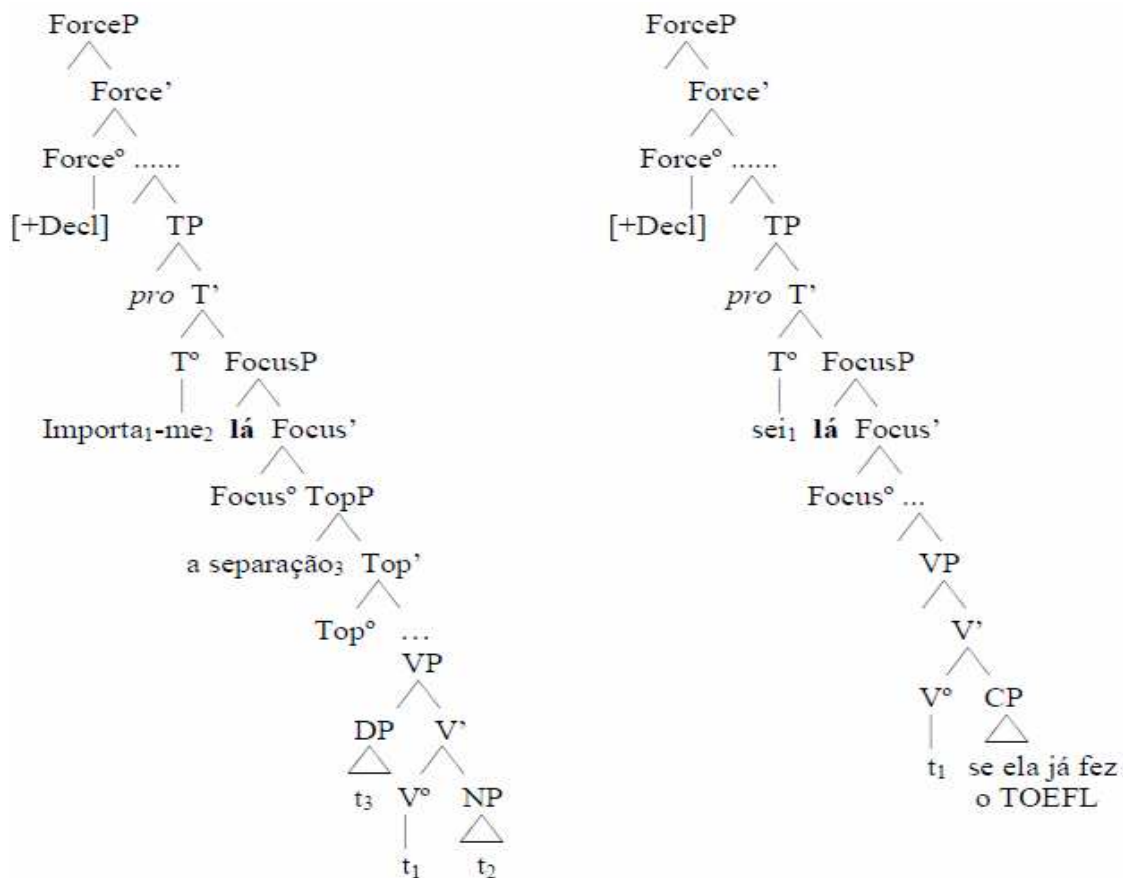
Neste aspecto, ‘lá’ se assemelha mais uma vez a ‘não’₃, visto que ambos têm realização independente de ‘não’₁.

Em suma, a ênfase entonacional, a expressão da negação, a independência em relação a ‘não’₁ e a incompatibilidade com expressões idiomáticas de negação levam-nos a crer que ‘lá’ seria a contraparte de ‘não’₃ na periferia interna, ocupando a posição Spec,FocusP, como nas seguintes derivações da figura 4.

Figura 4: ‘Lá’ em Spec,FocusP interno

(15) B: Importa-me lá a separação.

(1) B: Sei **lá** (se ela já fez o TOEFL).



Vale ressaltar, finalmente, que as ocorrências de 'lá' como marcador de negação apresentam restrições lexicais e também pessoais. Nesse sentido, aparentemente, apenas alguns verbos psicológicos como 'saber' e 'importar', se não os únicos, permitiriam este tipo de construção. Além disso, a ocorrência de 'lá' negativo, com o verbo 'saber', parece se restringir à primeira pessoa e, em alguns casos, à 3ª pessoa + 'se'.

Vejam, por exemplo, uma comparação entre (17a) e (17b).

- (17) a. Sei lá de onde ele veio.
 b. *A Maria sabe lá de onde ele veio.

(17b) é agramatical simplesmente devido a uma alteração na categoria de pessoa. Contudo, quando se trata de 3ª pessoa, com indeterminação do sujeito, a sentença se torna gramatical (17c). Da mesma forma, com entonação interrogativa, a sentença também se torna

gramatical (17d), embora ‘lá’, neste caso, não seja mais um marcador de negação, mas possivelmente de questão retórica, podendo ser pré-verbal ou omitido (17d).

- (17) c. Sabe-se lá de onde ele veio.
d. Por acaso, a Maria (lá) sabe (lá) de onde ele veio?

Essas restrições presentes nas ocorrências de ‘lá’ marcador de negação, principalmente a restrição lexical, levam-nos a contrapor nossa análise ao trabalho de Martins (2010).

3.1.6 Uma discussão da proposta de Martins (2010)

Martins (2010) apresenta os dados (18) e (19) do PE nos quais construções com o item ‘lá’ expressariam negação. Notemos que, na análise da autora, não se observam restrições do ponto de vista do léxico ou de pessoa. Assim sendo, ‘lá’ seria um marcador de negação em sentenças tanto com primeira (18, 19, 20aB, 20b) quanto com terceira pessoa com sujeito determinado (20c). Além disso, ‘lá’ marcador de negação não ocorreria apenas com verbos como ‘saber’ (19a) e ‘importar’, mas também ‘gostar’ (18), ‘estar’ (20aB), ‘ter’ (20b), ‘perder’ (20c), etc.

- (18) “Não gosto **lá** muito disso” (MARTINS, 2010, p. 13).
(19) a. “_Quem foi? _Eu sei **lá**” (MARTINS, 2010, p. 12).
(20) a. A: “Tu estás um pouco preocupado, não estás?” (MARTINS, 2010, p. 2).
B: “Eu estou **lá** um pouco preocupado. Estou morto de preocupação” (MARTINS, 2010, p. 2).
b. “Tive **lá** uma sorte do diabo” (MARTINS, 2010, p. 5).
c. “O meu irmão perdia **lá** uma oportunidade destas” (MARTINS, 2010, p. 23).

Como se pode observar, essas sentenças contêm construções do tipo [Não V Lá] e [V Lá]. Em (18), segundo Martins (2009), ‘lá’ funciona como um NPI e, em (19) e (20), como um marcador de negação metalinguística. Detalharemos, respectivamente, nas seções (3.1) e (3.2),

a análise atribuída pela autora a estes dados. Nosso propósito é avaliar a adequação dessa análise ao PB.

3.1.6.1 ‘Lá’ e a negação no PE

Adiante, avaliaremos a análise de Martins (2010) oferecida para dados como (18).

3.1.6.1.1 ‘Lá’ como NPI?

Martins (2010, p. 13) sugere que ‘lá’ em (18) é um item de polaridade negativa. Entretanto, observa-se que ‘lá’ pode ocorrer sem ‘não’, como em (21b), o que seria argumento para dizer que ‘lá’ não é um item de polaridade negativa no PB, já que, diferentemente de NPIs (21a), ‘lá’ pode aparecer sem ‘não’.

- (21) a. Ela tem [lá todas as suas dificuldades em jogos]¹³⁰.
b. O João *(não) tem nenhuma dificuldade em jogos.

No capítulo 4, apresentamos uma proposta de análise de sentenças como as que aparecem em (18). Nossa proposta é que ‘lá’ seria um marcador enfático do elemento que ele precede, isto é, de quantificadores. Sendo assim, ‘lá’ não seria um NPI, mas um constituinte do sintagma quantificador.

3.1.6.1.2 ‘Lá’ como marcador de negação metalinguística?

De acordo com Horn (1985), há diversos tipos de negação metalinguística que consiste basicamente em um “dispositivo para fazer objeção a uma fala prévia em qualquer base –

¹³⁰ Ilari et al. (1990, p. 72) registram o dado “Ele tem lá seus defeitos” e ressaltam a dificuldade de se analisarem exemplos como esse e outros em que ‘lá’ não é um advérbio de lugar.

incluindo sua implicatura convencional ou conversacional, sua morfologia, seu estilo ou registro, sua realização fonética”¹³¹ (HORN, 1985, p. 121).

Um exemplo de negação metalinguística é (22b), contraparte de (22a). (22b) deixa a implicatura convencional veiculada por *manage* (22c) intocada. Diferentemente, a negação em (23) cancela essa implicatura.

- (22) a. “John managed to solve the problem” (HORN, 1985, p. 129).
‘John conseguiu resolver o problema’.
b. “John didn't manage to solve the problem” (HORN, 1985, p. 129).
‘John não conseguiu resolver o problema’.
c. “It was difficult for John to solve the problem” (HORN, 1985, p. 129).
‘Foi difícil para John resolver o problema’.

- (23) “John didn't MANAGE to solve the problem ...
‘John não CONSEGUIU resolver o problema ...
it was quite easy for him to solve’.
foi bem fácil para ele resolver’.
he was given the answer” (HORN, 1985, p. 130).
a resposta lhe foi dada’.

Neste caso, portanto, a negação metalinguística nega a palavra *manage* e, conseqüentemente, o pressuposto veiculado por este verbo.

Há ainda outros tipos de negação metalinguística, que têm escopo sobre uma pronúncia ou um registro de fala, como nos exemplos em (24).

- (24) a. “Now, Cindy, dear, Grandma would like you to speak a bit more like a lady: Phydeaux didn't ‘shit the rug’, he {defecated / pooped / had a BM} on the carpet” (HORN, 1985, p. 133)

¹³¹ “There are many different types of metalinguistic negation which is basically “a device for objecting to a previous utterance on any grounds whatever – including its conventional or conversational implicata, its morphology, its style or register, or its phonetic realization” (HORN, 1985, p. 121).

‘Agora, Cindy querida, a vovó queria que você falasse um pouco mais como moça educada: Phydeaux não ‘cagou’, ele {defecou, fez as necessidades} no carpete’.

b. “Grandma isn't ‘feeling lousy’, Johnny, she's indisposed” (HORN, 1985, p. 133)

‘A vovó não está ‘arregaçada’, Johnny, ela está indisposta’.

c. “We didn't {‘have intercourse’ / ‘make love’} – we fucked” (HORN, 1985, p. 133).

‘A gente não {‘teve relação íntima’/‘fez amor’} – a gente trepou’.

Por isso, a negação metalinguística, também conhecida como contraditória ou marcada, não pode ser analisada em termos de verdade. Segundo Horn (1985, p. 144), ela nega não a verdade de uma proposição, mas a “plausibilidade”/“assertividade” (*assertability*) de uma fala, isto é, a possibilidade de assegurar, certificar ou garantir uma fala da forma como foi proferida.

Em (25), ‘lá’ seria um marcador de negação metalinguística na visão de Martins (2010), pois tem, sob seu escopo, o “item escalar” (HORN, 1985, p. 139) ‘um pouco’, considerado inapropriado pelo falante.

(25) A: Tu estás um pouco preocupado, não estás?

B: Eu estou **lá** um pouco preocupado. Estou morto de preocupação (MARTINS, 2010, p. 2).

Por isso, a sentença negativa (25B), que funciona como réplica a uma pergunta, é seguida por uma retificação. Sendo assim, ao contrário do que ocorreria com a negação descritiva, o conteúdo proposicional segundo o qual alguém estava preocupado é inalterado. Essa seria, portanto, uma justificativa para a descrição de ‘lá’ como marcador de negação metalinguística.

Contudo, sentenças como (25B), se pronunciadas no PB, recebem entonação interrogativa (25B’), isto é, precisam da entonação interrogativa para receber algum tipo de interpretação negativa.

(25) B: Eu estou **lá** um pouco preocupado. Estou morto de preocupação (MARTINS, 2009, p. 3).

B': Eu (lá) estou (lá) um pouco preocupado? Estou morto de preocupação.

Isso indica que 'lá' (25B') não pode ser analisado no PB como um marcador de negação, mas sim um marcador de questão retórica. A interpretação negativa se dá por meio da força ilocucionária de uma questão retórica. Por isso, no PB, 'lá' pode ser omitido e a interpretação negativa da sentença ainda assim se mantém com a pronúncia de interrogativa. Além disso, outra diferença é que 'lá' no PB, em sentenças como (25B'), pode aparecer também anteposto ao verbo. De acordo com Martins (2010, p. 7, tradução nossa) "os marcadores de negação metalinguística *lá/cá* [...] ocorrem invariavelmente em posição pós-verbal"¹³², como em (25B).

Como o contexto discursivo é determinante na identificação da negação metalinguística, existe uma tentativa, por parte de Martins (2010), de listar dispositivos sintáticos para se identificar o uso de 'lá' em ambientes de negação metalinguística. No entanto, esses testes não parecem ser decisivos. Por exemplo, um deles é a subordinação. Martins (2010, p. 22) explica que a negação metalinguística é excluída de domínios encaixados (26b).

- (26) a. O Pedro disse lá que não vendeu o carro (MARTINS, 2010, p. 6).
b. *O Pedro disse que vendeu **lá** o carro (MARTINS, 2010, p. 6).

Esse teste, no entanto, não parece ser decisivo para o dado (19), repetido abaixo, que também é considerado um marcador de negação metalinguística pela autora, mas é aceitável em encaixadas (27), pelo menos no PB.

(19) "Quem foi? Eu sei lá [...]" (MARTINS, 2010, p. 12).

- (27) A: Disse que não sei quem foi.
B: **Disse que** [sei **lá** quem foi].

Outro teste usado por Martins (2010) para comprovar o uso de 'lá' como marcador de negação metalinguística é a compatibilidade de 'lá' com item de polaridade positiva. A autora

¹³² "The metalinguistic negation markers *lá/cá* [...] invariably occur in post-verbal position" (MARTINS, 2010, p. 7).

explica que a negação comum não aceita item de polaridade positiva (28b, 29b), enquanto a negação com 'lá' aceita (28c, 29c).

- (28) a. “Tiveste uma sorte do diabo” (MARTINS, 2010, p. 5).
b. “*Não tiveste uma sorte do diabo” (MARTINS, 2010, p. 5).
c. “Tiveste lá uma sorte do diabo” (Em resposta a (28a)) (MARTINS, 2010, p. 5).
- (29) a. “Ele é um nadador e peras” (MARTINS, 2010, p. 4).
b. “*Ele não é um nadador e peras” (MARTINS, 2010, p. 4).
c. “Ele é lá um nadador e pêras” (Em resposta a (29a)) (MARTINS, 2010, p. 5).

No PB, 'lá' em negativas é incompatível com item de polaridade positiva, como se pode observar em (30).

- (30) a. *Sei lá pra caramba!
b. *Sei lá pra chuchu!
c. *Sei lá pra burro!

Além da falha nos testes mencionadas, outro problema em se caracterizar 'lá' em (19) como um marcador de negação metalinguística é que a sentença “sei lá” não parece se tratar de negação metalinguística propriamente, de acordo com o conceito definido por Horn (1985, p. 121). Em outras palavras, com a resposta “sei lá”, em (19), não se está fazendo objeção a uma fala prévia, como ocorre em (23) ou em (24). Em (19), não se nega uma implicatura, um registro, um estilo, uma pronúncia fonética, uma palavra, nada. O falante pode estar simplesmente informando ao ouvinte que não sabe quem foi. Não fica claro, portanto, por que 'lá' poderia ser considerado um marcador de negação metalinguística neste caso¹³³.

Sendo assim, parece-nos mais razoável tratar 'lá' como um elemento que expressa negação em dados como (19), e não necessariamente negação metalinguística.

¹³³ Pode ser que haja uma negação pressuposicional se pensarmos que se nega uma expectativa do interlocutor de que o falante saiba quem foi, mas isso não implicaria em uma negação metalinguística, visto que nenhum elemento linguístico estaria sendo negado, mas apenas uma expectativa pragmática do ouvinte. Ainda assim, haveria de se considerar um conceito de negação pressuposicional mais amplo, como aquele definido por Pescarini (s.d.).

Em suma, de todas as estruturas apontadas por Martins (2010) em que ‘lá’ seria analisado como marcador de negação, apenas um deles (19) mereceria esta descrição. Nos outros casos, ‘lá’ seria, na nossa opinião, um marcador de questão retórica (25B) e um marcador de quantificação (18), não sendo apropriada, portanto, a análise de lá como negação em nenhum destes dois casos.

3.1.6.2 A posição de ‘lá’ marcador de negação segundo Martins (2010)

De acordo com Martins (2010),

Spec,TP não é a posição de sujeito no português europeu, mas uma posição *Utterance-Time (UT-T)* [...] Isto permite que locativos dêiticos sejam inseridos em Spec,TP sinalizando *UT-T*, mas preservando o significado locativo deles; locativos não-argumentais são inseridos por *merge* diretamente em Spec,TP a fim de dar visibilidade ao falante em em *UT-T* com o resultado interpretativo de ênfase. Esse valor enfático dos dêitico-locativos *cá/lá* (que se correlaciona com o esvaziamento semântico do significado locativo) é atestado no português europeu do século XVI em declarativas e em imperativas. O uso enfático de *lá/cá* também é encontrado em questões retóricas que oferecem uma ligação natural sintática e pragmática com a negação metalinguística. O movimento de *lá/cá* de Spec,TP para posições funcionais mais altas na periferia esquerda da sentença deriva questões retóricas e negação metalinguística em declarativas. Nesses casos, o significado enfático dado pelo *lá/cá* não argumental é preservado enquanto outros significados são acrescentados (MARTINS, 2010, p. 2 - 3, tradução nossa)¹³⁴.

Desta citação, pode-se retirar três dados principais: primeiro, o ‘lá’ marcador de negação teria sido derivado de seu uso como elemento de questão retórica, que, por sua vez, é derivado de ‘lá’ em seu uso enfático; segundo, ‘lá’ marcador de negação é inserido por *merge*

¹³⁴ “Spec,TP is not the subject position in EP but an Utterance-Time (UT-T) position [...] This allows deictic locatives to be merged in Spec,TP, signaling UT-T but preserving their locative meaning; non-argumental locatives can be directly merged in Spec,TP in order to give visibility to the speaker at UT-T with the interpretive result of emphasis. This emphatic value of the deictic locatives *cá/lá* (which correlates with bleaching of the locative meaning) is attested in European Portuguese from the sixteen century, in declarative and imperative clauses. The emphatic use of *lá/cá* is also found in rhetorical questions, which offer the natural pragmatic and syntactic link with metalinguistic negation. Movement of *lá/cá* from Spec,TP to higher functional positions in the left-periphery of the sentence derives rhetorical questions and metalinguistic negation declaratives, in which the basic emphatic meaning contributed by non-argumental *lá/cá* is preserved while further meaning is added”. (MARTINS, 2010, p. 2 - 3).

pela possibilidade de omissão e pela posição pré ou pós-verbal, além do pertencimento a uma sentença com entonação interrogativa. Por sua vez, o segundo não ocorre em interrogativas, não pode ser omitido e é estritamente pós-verbal. Assim, o ‘lá’ marcador de negação, se omitido, altera a polaridade da sentença. O ‘lá’ das retóricas não marca negação, sendo este resultado da polaridade reversa das questões retóricas. Por isso, pode ser omitido, sem promover alteração na polaridade da sentença.

Posteriormente, procedemos a uma pesquisa sobre a negação pós-verbal no PB. Vimos que ‘lá’ negativo apresenta propriedades comuns ao ‘não’₃ final, dentre elas: incompatibilidade com expressão de polaridade negativa, independência do ‘não’₁ (pré-verbal), não omissibilidade, posição pós-verbal e veiculação de uma negação pressuposicional. Contudo, ‘lá’ é adjacente ao verbo, não podendo ocupar a posição pós-complemento, como ocorre com ‘não’₃. Por isso, concluímos que ‘lá’ estaria em uma posição mais baixa que ‘não’₃. Propomos que ‘lá’ seria a contraparte de ‘não’₃, porém, na periferia interna ocupando a posição de especificador em Spec,FocusP, devido, dentre outros, à sua adjacência ao verbo e ao seu foco entonacional.

Para arrematar, mencionamos que essa proposta se diferencia daquela defendida por Martins (2010) para quem ‘lá’ seria inserido em Spec,TP e depois movido para uma posição na periferia alta. Mostramos que a proposta defendida aqui tem as vantagens de: elucidar as restrições – que são não apenas posicionais, mas também lexicais e pessoais – nas ocorrências de ‘lá’ negativo, pontuar as diferenças entre ‘lá’ marcador de negação e de questão retórica, evitar movimentos desnecessários do verbo e auferir uma hipótese sobre a projeção funcional a que ‘lá’ pertenceria, qual seja, Spec,FocusP interno.

3.2 ‘Lá’ em Spec,TopP interno

Nesta seção, analisamos ‘lá’ em estruturas como (1). Propomos que ‘lá’ ocupa a posição de especificador em uma categoria de tópico interna.

(1) “Que ela seja paqueta ainda vai lá. Agora, sair com o Romário ...” (MARTELOTTA; RÊGO, 1996, p. 246).

A consideração da periferia interna nesse caso se deve ao fato de que ‘lá’ em ‘vai lá’ parece atuar no mesmo domínio de ‘bem’ que é um advérbio pré-VP, isto é, localizado no entorno do VP. Com efeito, no italiano, *va bene* permite o estabelecimento de um paralelo com ‘vai lá’ no PB.

Assim sendo, nesta seção, descrevemos as propriedades de ‘vai lá’ em (1) e apresentamos nossa hipótese de análise, além de fazermos uma breve comparação entre ‘vai lá’ e *va bene* do italiano.

3.2.1 Propriedades e análise

Atentemo-nos agora para (1a, b).

(1) a. “Que ela seja paqueta ainda vai lá. Agora, sair com o Romário ...” (MARTELOTTA; RÊGO, 1996, p. 246).

b. Ser paqueta ainda vai lá. Agora, sair com o Romário ...

Em (1a), a expressão ‘vai lá’ tem como sujeito uma oração subordinada no subjuntivo com complementizador ‘que’. Em (1b), ‘vai lá’ tem como sujeito uma oração subordinada reduzida de infinitivo.

Além disso, ‘vai lá’ não significa necessariamente a ação ou o movimento de ‘ir’ a algum lugar. Segundo Martelotta & Rego (1996, p. 247), “a expressão ‘vai lá’ dá uma idéia de

que um determinado fato chega a um ponto que se aceita como passável (vai lá)”. Trata-se, em outros termos, de um valor concessivo.

Assim sendo, (1a) pode receber uma leitura como aquela dada em (1c).

(1) c. Que ela seja paqueta ainda passa bem. Agora, sair com o Romário ...

Vale notar que, no italiano, a expressão *va bene* pode ser usada com o mesmo valor concessivo de ‘vai lá’, em (1a). Vejamos, por exemplo, a relação entre (1a) e (1d).

(1) a. “Que ela seja paqueta ainda vai lá. Agora, sair com o Romário ...” (MARTELOTTA; RÊGO, 1996, p. 246).

d. “Che non lavori va bene, ma che nemmeno studi non è accettabile”¹³⁶.

‘Que não trabalhe vai lá, mas que nem mesmo estude não é aceitável’.

Em (1a), a idéia de concessão é veiculada a partir do verbo ‘ir’ mais locativo ‘lá’. Diferentemente, essa mesma idéia é veiculada em (1d) pelo verbo *ire* mais o advérbio de modo *bene*.

Portanto, pela posição pós-verbal de ‘lá’ e pela sua relação com advérbios de modo como ‘bem’, é possível sugerir que ‘lá’, em (1a, b), seja analisado como um item pertencente ao domínio esquerdo do VP.

De acordo com Cinque (1999, p. 13), advérbios baixos ocupam a posição pré-VP. Vejamos, por exemplo, os dados em (2a, b).

(2) a. Sei bem o quanto você quis essa oportunidade.

b. Bem sei o quanto você quis essa oportunidade.

As diferentes ordenações de ‘bem’, sendo pós-verbal, em (2a), e pré-verbal, em (2b), é justificada porque, em (2a) e não em (2b), o verbo teria alçado do domínio do VP ao domínio do IP, enquanto ‘bem’ continuaria na mesma posição pré-VP apesar de aparecer em ordenações diferentes nos dados em (2).

¹³⁶ Agradeço à Maria Teresa Porto por este dado.

Nossa hipótese é que, assim como advérbios baixos, ‘lá’ ocuparia uma posição no domínio pré-VP. Contudo, diferentemente de ‘bem’, em (1c) e em (2), ‘lá’ não carrega valor semântico de modo/maneira e não funciona de modo autônomo. Por exemplo, enquanto ‘bem’ é capaz de responder à pergunta (3a), ‘lá’ não é.

- (3) a. E então, como vai a idéia de ser paqueta?
b. _ Bem.
c. _ *Lá.

Por isso, ‘lá’ não pode ser analisado simplesmente como um AdvP baixo. Sua função está, de alguma forma, ligada à periferia interna.

Notemos que as estruturas em (1a, b) permitem inversão da posição do sujeito da sentença, como em (1e).

- (1) e. (Ainda) vai lá ser paqueta. Agora, sair com o Romário...

Segundo Belletti (2003, p. 21), em estruturas com inversão do sujeito, o sujeito invertido é, de modo geral, analisado como foco interno. Esse parece ser o caso da oração subjetiva em (1f). Em (1f), teríamos um foco contrastivo visto que “ser paqueta” e “ser Maria Chuteira” estão sendo contrastados.

- (1) f. (Ainda) vai lá ser paqueta, mas não “Maria Chuteira”.

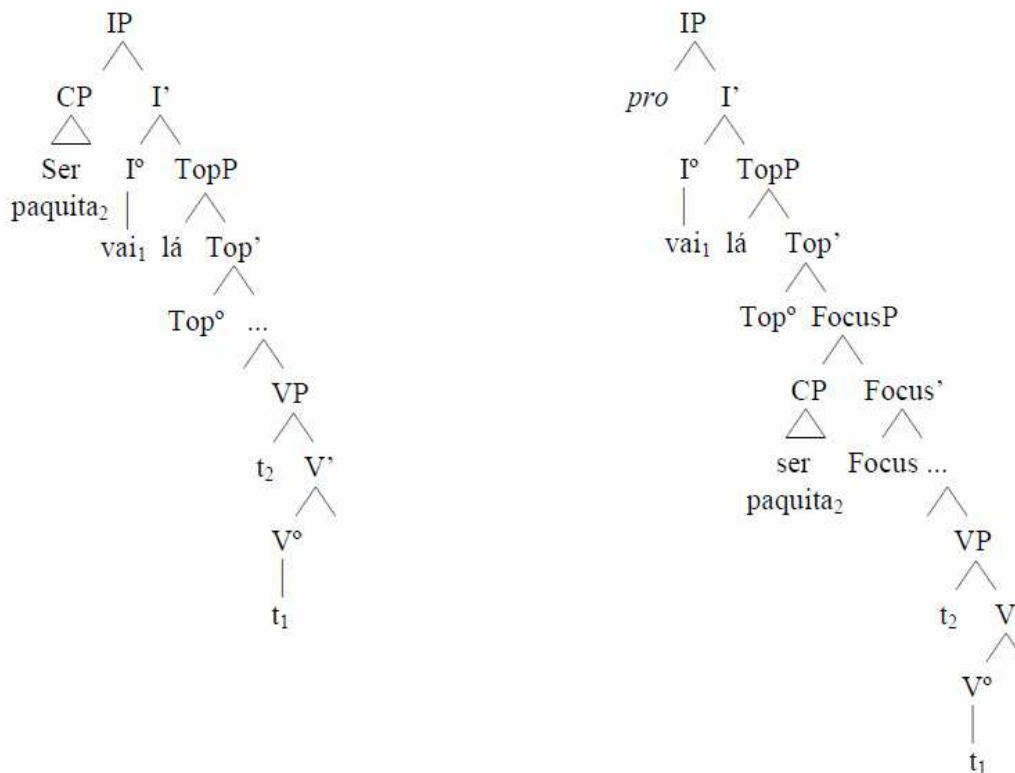
Assim sendo, se o sujeito vem a ocupar a posição Spec,FocusP, na periferia interna, a posição que sobra para ‘lá’ seria Spec,TopP. Como vimos no teste de pergunta e resposta em (3), ‘lá’ tem conteúdo pouco informativo, isto é, não traz informação nova. Por isso, não responde à pergunta (3a). Ao contrário, ‘lá’ parece possuir conteúdo dado, pois sendo um dêitico de 3ª pessoa, aponta para um certo domínio referencial que é compartilhado pelos interlocutores. Não que ‘lá’ indique necessariamente uma localização espacial, mas pelo menos uma localização discursiva. Dessa forma, ser paqueta “vai lá” (passa) nos critérios de

moralidade concebidos pelo falante. Esses critérios seriam, portanto, o domínio discursivo onde ‘lá’ se ancora.

Em suma, embora ainda não se possa definir, com precisão, qual seria a posição de ‘lá’ em (1a, b), é possível pelo menos justificar a sua pertinência à periferia interna. Assim, são excluídas as análises de ‘lá’ como advérbio pré-VP ou como Spec,FocusP e sugerida sua análise como Spec,TopP, conforme derivação de (1b) e (1f) abaixo.

Figura 1: ‘Lá’ em Spec,TopP interno

(1) b. Ser paquita (ainda¹³⁷) vai lá. Agora, ... (1) f. (Ainda) vai lá ser paquita, mas não ...



¹³⁷ ‘Ainda’ é um advérbio aspectual (cf. *still*, Cinque (1999, p. 95)). Por isso, estaria situado no domínio do IP. Para evitar complexidade nas derivações da figura (1), não representamos a posição do AdvP ‘ainda’ que, possivelmente, estaria abaixo de TP e acima de TopP interno, da seguinte maneira:

- (i) Ser paquita ainda vai lá: [TP ser paquita₂ [AspP ainda [Asp° vai₁ [TopP lá [VP t₂ [V° t₁]]]]]].
- (ii) Ainda vai lá ser paquita: [TP pro [AspP ainda [Asp° vai₁ [TopP lá [FocusP ser paquita₂ [VP t₂ [V° t₁]]]]]]].

CONCLUSÃO DO CAPÍTULO 3

‘LÁ’ NA PERIFERIA INTERNA DO IP

Este capítulo tratou de estruturas com ‘lá’ que expressam negação e concessão. Argumentamos a favor da hipótese segundo a qual, no primeiro caso, ‘lá’ seria inserido por *merge* em Spec,FocusP, enquanto que, no segundo caso, ‘lá’ estaria em Spec,TopP interno.

De modo geral, a consideração da análise de ‘lá’ na periferia interna se justifica porque, nos dados apresentados neste capítulo, ‘lá’ é rigidamente pós-verbal e, portanto, deveria ocupar uma posição abaixo de I° para onde o verbo se move.

A posição de Foco interno parece elegível para o ‘lá’ marcador de negação, por ser realizado com enfoque entonacional. Além disso, ‘lá’ se distribui de modo muito semelhante ao ‘não₃’ final, por ser independente do ‘não₁’ pré-verbal, por rejeitar expressões de polaridade negativa, por determinar a polaridade negativa da sentença e por produzir efeitos de negação pressuposicional. Porém, enquanto ‘não₃’ pode aparecer em posição pós-complemento, ‘lá’ deve ser adjacente ao verbo. Isso nos levou a propor que ‘lá’ marcador de negação seria a contraparte de ‘não₃’. Enquanto este estaria na posição de Foco da periferia alta, aquele estaria na posição de Foco da periferia baixa.

Por sua vez, a posição de Tópico interno parece elegível para o ‘lá’ na expressão de concessão porque este ‘lá’ veicula informação dada. Em “ser paqueta vai lá”, embora ‘lá’ não aponte necessariamente para uma localização espacial, ele aponta para um domínio discursivo de expectativas ou conceitos morais compartilhados pelos interlocutores. Além disso, ao contrário de advérbios de modo, que podem aparecer isolados em respostas, ‘lá’ em estruturas concessivas não responde a perguntas isoladamente, o que é uma característica também de tópico. No mais, ‘lá’ não poderia ocupar a posição de foco interno, visto que este tipo de sentença admite inversão da oração subjetiva com foco contrastivo. Neste caso, a posição de foco seria destinada à subordinada subjetiva.

Em suma, consideramos que dois usos de ‘lá’ em estruturas que expressam negação e concessão poderiam ser analisados como especificadores funcionais de categorias na periferia interna do IP.

CAPÍTULO 4

‘LÁ’ NA PERIFERIA DO NP: O DOMÍNIO DO DP

Este capítulo trata de estruturas com ‘lá’ pós e pré-nominal. Argumentamos que ‘lá’ ocupa a posição de especificador em projeções SpP (*Specificity Phrase*) e QP (*Quantifier Phrase*) na configuração do DP, conforme análises feitas, respectivamente, nas seções 4.1 e 4.2. Em decorrência da análise apresentada em 4.2, na qual ‘lá’ faz parte de um predicativo com núcleo Q, abordaremos, em 4.3, ocorrências em que ‘lá’ ocupa a posição de especificador em outras estruturas predicativas encabeçadas por D, P, N, A e Adv.

4.1 ‘Lá’ em Spec,SpP¹³⁸

Esta seção descreve e analisa estruturas contendo ‘lá’ pós-nominal no português brasileiro como aquelas em (2).

(1) O moço (que está) lá é meu neto.

(2) a. “eu tinha [um colega meu **lá**] que ele trabalhava com negócio de obra” (ALMEIDA; CARNEIRO, 2008, p. 4).

b. “Aí eu fico assistindo [...] É um desenho, que [o menino **lá**] gosta muito de esporte, não de jogar, sabe?” (ALKMIN; CHAVES, 2009, p. 3, entrevista 49 A.L.).

c. “tinha [aquela mulher **lá**] que veio aqui... éh: comé que chama?” (ALKMIN; CHAVES, 2009, p. 13, entrevista 53 R.X.S.).

d. “quando eu acabo o dever, é, eu vejo [desenho **lá**], eu vejo é as [...] que trabalham lá na Ulfí” (ALKMIN; CHAVES, 2009, p. 3, entrevista 49 A.L.).

e. “brincu de casinha, pegu [umas panelinha véia **lá**], pegu e brinco” (ALKMIN; CHAVES, 2009, p. 12, entrevista 47 sem id.).

¹³⁸ Uma versão parcial desta seção foi publicada em PEREIRA (2011a), sem ainda lidar com a projeção SpP (*Specificity Phrase*), e em PEREIRA (2011b), onde se aborda essa categoria.

Em (1), ‘lá’ é um locativo e indica que o moço está em um espaço distante do falante e do ouvinte no momento em que esse enunciado foi proferido. Portanto, ‘lá’ em (1) é plenamente um dêitico locativo. Diferentemente, ‘lá’ em (2) não é dêitico locativo e, portanto, não sinaliza que ‘um colega meu’, ‘o menino’, ‘aquela mulher’, ‘desenho’ e ‘umas panelinha véia’ estão distantes, do ponto de vista espacial, do falante e do ouvinte. Ao contrário, trata-se de um uso especializado de ‘lá’ sinalizando que o falante não quer ou não pode identificar a entidade à qual ele se refere.¹³⁹

Considerando-se esses fatos, esta seção se organiza em três unidades, conforme distribuição apresentada adiante.

A primeira unidade (4.1.1) delimita as propriedades sintáticas e semânticas de ‘lá’ não locativo, sendo subdividida em cinco subseções, quais sejam: a primeira contrasta ‘lá’ não locativo pós-nominal com ‘lá’ locativo pós-nominal; a segunda estabelece uma comparação entre ‘lá’ não locativo e ‘qualquer’ pós-nominal, considerado um operador de identificação vaga (MÓIA, 1992); a terceira compara ‘lá’ não locativo com *this* indefinido do inglês (MARCHANT, 1994); a quarta compara ‘lá’ não locativo com partículas e artigos de várias línguas que apresentam formas dedicadas especialmente para sinalizar NPs como sendo específicos (LYONS, 1999); e a quinta compara ‘lá’ e ‘aí’ pós-nominal, considerado um marcador de especificidade (TAVARES, 2001). A partir disso, propomos que ‘lá’ pode ser analisado como um elemento de especificidade, que é inserido por *merge* em Spec de uma projeção funcional no domínio do DP.

Por sua vez, a segunda unidade (4.1.2) apresenta a proposta de Cinque (2005)¹⁴⁰ segundo a qual o NP se move, como projeção máxima e não como núcleo, na estrutura do DP. Essa proposta será útil para explicar a variação na posição de ‘lá’, que pode anteceder ou suceder modificadores pós-nominais.

Para finalizar, a terceira unidade (4.1.3) contém duas subseções. A primeira apresenta a análise proposta por Guillemin (2007) para *la* no crioulo mauritano segundo a qual este item faria parte de uma projeção funcional rotulada como *Specificity Phrase* (SpP), isto é, um

¹³⁹ Para Martellota e Rêgo (1996, p. 245, grifo nosso), ‘lá’ sinaliza que “o falante não quer ou não pode especificar o substantivo a que se refere”. Há uma incorreção neste termo, pois o referente é **específico**, apenas não é **identificado** apropriadamente.

¹⁴⁰ Agradeço ao Prof. Ian Roberts, à Prof^a. Cristina Guardiano e a um parecerista anônimo de *The 1st Fall Meeting on Formal Linguistics* por chamarem minha atenção, respectivamente, para Cinque (2005), Lyons (1999) e ‘this’ indefinido.

sintagma de especificidade. A segunda subseção veicula nossa hipótese de análise de ‘lá’ no PB como sendo inserido por *merge* em Spec,SpP, uma projeção com traços de especificidade, localizada imediatamente acima de NP e abaixo de todos os outros modificadores.

4.1.1 Propriedades sintáticas e semânticas de estruturas contendo ‘lá’ pós-nominal

Para depreendermos as propriedades sintáticas e semânticas de ‘lá’ pós-nominal não locativo, estabelecemos uma comparação entre esse elemento e estruturas contendo: ‘lá’ locativo, ‘qualquer’ pós-nominal, *this* indefinido, partículas marcadoras de especificidade e ‘aí’ pós-nominal.

4.1.1.1 ‘Lá’ locativo *versus* ‘lá’ não locativo

Em linhas muito gerais, o emprego de locativos na estrutura do NP ocorre da seguinte maneira no PB:

- (3) a. Este ... aqui
- b. Esse ... aí/aqui
- c. Aquele ... lá

Portanto, a ocorrência de ‘lá’ dêitico locativo no NP, quando se dá com demonstrativos pré-nominais, parece se restringir à presença do demonstrativo de terceira pessoa, como em (4c). Logo, ‘lá’ locativo não pode coocorrer com ‘este’ (demonstrativo de 1ª pessoa) (4a) nem com ‘esse’ (demonstrativo de 2ª pessoa) (4b).

- (4) a. *Este lápis lá é meu.
- b. *Esse lápis lá é seu.
- c. Aquele menino lá é meu neto.

Apesar disso, nota-se que ‘lá’ pode coocorrer com o demonstrativo de 2ª pessoa na seguinte situação (5).

(5) a. “o Bastos, ao que parece morava, ainda no tempo da noiva viva [...] com uma mulher. E assim com esta continuou, pouco ligando. Bem. **Essa mulher lá** um dia teve ciúmes”.¹⁴¹

b.

Seu Lunga tava assistindo televisão quando aparece a Mãe Diná em um programa [...] Daí Seu Lunga diz: ‘Quero ver se ela adivinha mesmo as coisas...’ Pega o número dela e depois de um dia liga:

– Alô – diz Seu Lunga.

– Pois não, quem fala? – Pergunta a Mãe Diná.

– **Essa mulher lá** adivinha nada! – E desliga o telefone¹⁴².

Também o demonstrativo de 1ª pessoa parece razoável em uma possível paráfrase de (5a) formulada em (5a’).

(5) a’. ... o Bastos, ao que parece morava, ainda no tempo da noiva viva [...] com uma mulher. E assim com esta continuou, pouco ligando. Bem. **Esta** mulher lá um dia teve ciúmes.

Claramente, a incompatibilidade de ‘lá’ com ‘esse’ e ‘este’ em (4a, b) e a compatibilidade entre esses itens em (5) evidenciam que ‘lá’ não recebe interpretação locativa em (5). Do contrário, (5) seria agramatical.

Além disso, outra diferença a ser apontada é que ‘lá’ locativo não pode coocorrer com NP nu (4d), restrição que não se aplica a ‘lá’ não locativo, como mostrado em (2d), repetido abaixo.

(4) d. *Menino lá é meu neto.

(2) d. “quando eu acabo o dever , é , eu vejo [desenho **lá**]” (ALKMIN; CHAVES, 2009, p. 3, entrevista 49 A.L.).

¹⁴¹LISPECTOR, C. *Um caso complicado*. 1994. Disponível em: <www.laderzi.com/claricelispector/umcasocomplicado.htm>. Acesso em: 29 jun. 2010.

¹⁴² Disponível em: <<http://abnercaetano.jimdo.com/humor/seu-lunga/>>. Acesso em: 29 jun. 2010. Trata-se de um blog que apresenta textos de autoria desconhecida, com o pseudônimo Rouxinol do Rinaré, sobre um personagem chamado Seu Lunga.

Da mesma maneira, a interpretação locativa de ‘lá’ também não é viável nas estruturas em (2a, b), em que ‘lá’ coocorre com artigo indefinido e artigo definido.

(2) a. [Artigo indefinido N lá]: “eu tinha [um colega meu lá]” (ALMEIDA; CARNEIRO, 2008, p. 4, CD1).

b. [Artigo definido N lá]: “É um desenho, que [o menino **lá**] gosta muito de esporte” (ALKMIN; CHAVES, 2009, p. 3, entrevista 49 A.L.).

No entanto, a interpretação locativa de ‘lá’ nessas estruturas seria viável, se houvesse uma clara indicação de lugar, como em (6), mas esse não é o caso de (2).

- (6) a. eu tinha um colega meu **lá** *em Perdões* ...
b. o menino **lá** *na cidade* gosta muito de esporte ...
c. eu vejo desenho **lá** *na sala* ...

Apesar dessa possibilidade, é preciso sublinhar que, em (6), ‘lá’ simplesmente não faz parte da estrutura do DP. Em (6a), ‘lá’ faria parte do IP encabeçado por ‘tinha’ e possivelmente ocuparia uma posição adjunta¹⁴³ ao IP; em (6b), ‘lá’ faria parte do VP e possivelmente seria um predicativo locativo de ‘estar’, verbo elíptico que pertence a uma relativa reduzida e subordinada ao NP (“o menino (que está) lá”); por fim, em (6c), ‘lá’ faria parte do IP encabeçado por ‘vejo’ e possivelmente ocuparia uma posição adjunta ao IP. Disso, conclui-se que, quando ‘lá’ pós-nominal recebe interpretação locativa, ele não pertence à estrutura do DP e não é um especificador funcional.

Sendo assim, não haveria problemas para se distinguirem (7a) e (7b) do ponto de vista sintático, apesar de, à primeira vista, parecerem ser a mesma estrutura.

¹⁴³ Notemos que, em (6), ‘lá’ pode ocupar diferentes posições na sentença, como nos revelam os dados abaixo:

- (6) a. eu tinha um colega meu **lá** (em Perdões)
a’. eu tinha **lá** (em Perdões) um colega meu
a’’. **lá** (em Perdões) eu tinha um colega meu

Por dispor de uma ordenação relativamente livre, ‘lá’ em (6) não é um “AdvP propriamente dito”, mas um “item circunstancial”. Sendo assim, não pode ser analisado como um especificador funcional.

- (7) a. [Aquele menino lá] é meu neto.
b. “tinha [aquela mulher lá] que veio aqui... éh: comé que chama?” (ALKMIN; CHAVES, 2009, p. 13, entrevista 53 R.X.S.).

Em (7a), ‘lá’ ocuparia uma posição baixa na estrutura nominal já que faria parte de uma relativa reduzida e subordinada ao NP: “Aquele menino (que está) lá”. Por sua vez, ‘lá’ em (7b) ocuparia uma posição mais alta, acima do NP, mas bem baixa na estrutura no DP, conforme esboço¹⁴⁴ delineado na figura 1:

Figura 1: A posição hierárquica de ‘lá’ locativo e de ‘lá’ não locativo

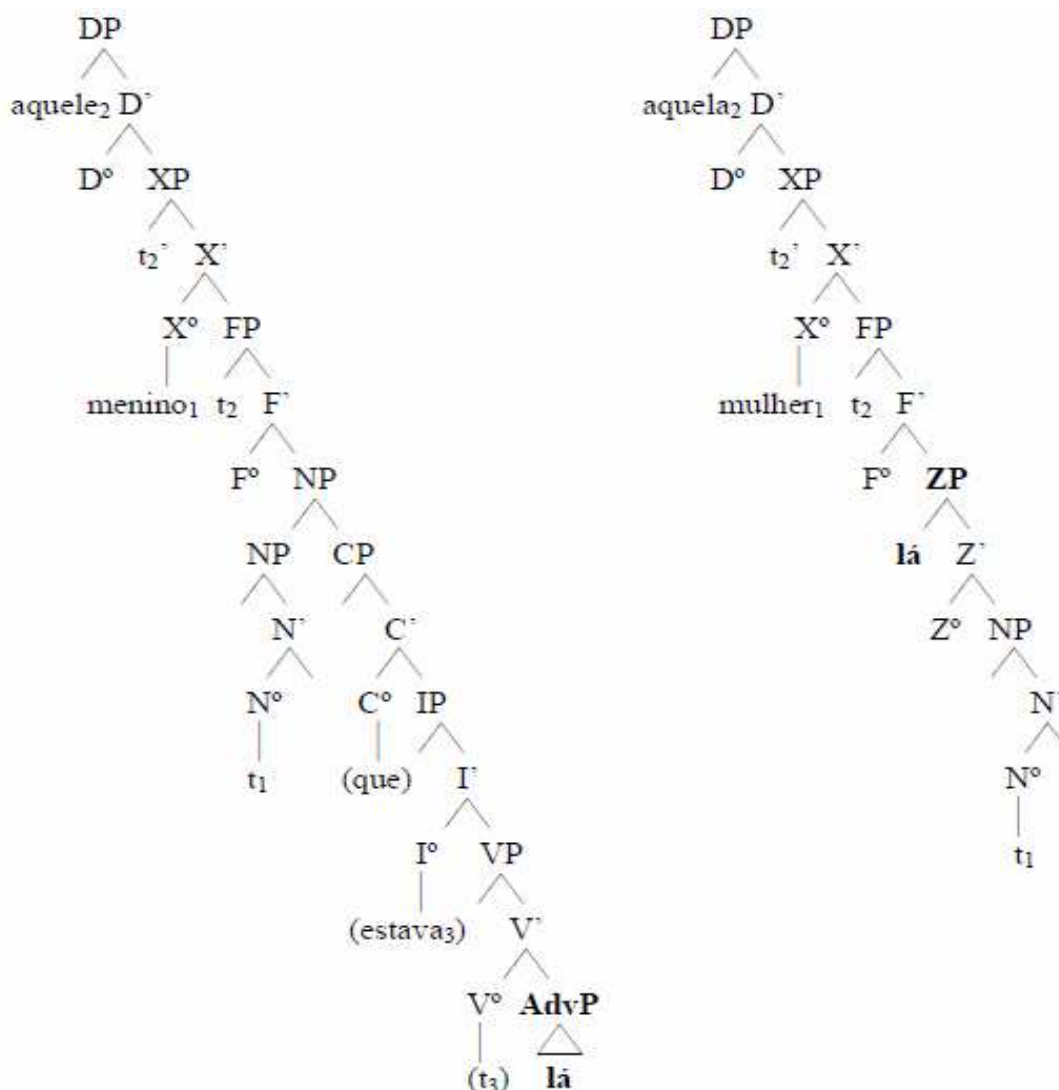
‘Lá’ locativo

(7) a. “aquele menino lá”

‘Lá’ não locativo

(7) b. “aquela mulher lá”

¹⁴⁴ A derivação em (7b) é provisória e receberá outra interpretação com base na proposta de Cinque (2005) a ser explorada adiante. Por enquanto, no entanto, há de se explicar que o esboço delineado se baseia na proposta de Brugé (2002) para quem N se move para X°, que é o núcleo de uma projeção situada abaixo do DP e acima dos modificadores. Ainda de acordo com Brugé (2002), os demonstrativos são inseridos por *merge* em Spec,FP e movidos, posteriormente, para Spec,DP. Por último, a notação ZP também é utilizada provisoriamente para indicar que, até o momento, não sabemos exatamente a que categoria ‘lá’ não locativo pertence.



Assim, do ponto de vista sintático, 'lá' locativo e 'lá' não locativo se distinguem claramente pelas suas diferentes posições na estrutura hierárquica. Do ponto de vista semântico, porém, somente o contexto discursivo seria capaz de determinar qual a interpretação adequada de 'lá' em (7a), que é um locativo, e em (7b), que não é um locativo.

Em suma, vimos nessa seção que, enquanto 'lá' pós-nominal locativo apresenta restrições quanto a coocorrer com demonstrativos de 1ª ('este') e de 2ª pessoa ('esse') e com NP nu, 'lá' pós-nominal não locativo é compatível com todos esses itens. Além disso, vimos que, embora possam coocorrer com demonstrativo de 3ª pessoa ('aquele') e com artigo indefinido, 'lá' locativo e 'lá' não locativo ocupam posições diferenciadas. Enquanto o

primeiro pertence à estrutura do VP/IP, seja como adjunto adverbial ou como predicativo, o segundo pertence à estrutura do DP. Em outras palavras, na estrutura [aquele N lá], há projeção de uma oração reduzida com verbo elíptico, diante da interpretação locativa, mas não há projeção dessa oração, diante da interpretação não-locativa. Portanto, ‘lá’ pós-nominal não locativo é apenas homófono de ‘lá’ pós-nominal locativo, mas se trata de categorias diferentes.

4.1.1.2 ‘Lá’ não locativo e ‘qualquer’ pós-nominal

‘Lá’ e ‘qualquer’ pós-nominais apresentam semelhanças do ponto de vista semântico e do ponto de vista distribucional, mas também apresentam diferenças. Para explicitá-las, precisamos antes recorrer a Mória (1992, p. 38), que faz uma análise de ‘qualquer’ em sentenças como (8).

- (8) a. “Houve um terremoto num país **qualquer** da Ásia”.
- b. “Houve uma pessoa **qualquer** que me disse que o Paulo ia chegar amanhã, mas não me recordo de quem foi”.

De acordo com Mória (1992, p.38, grifos nossos),

Para compreender o papel do operador *qualquer* nos exemplos apresentados, há que considerar [...] dois aspectos semânticos das estruturas nominais em que este operador está integrado: (i) o valor de **quantificação**, que considerarei ser de tipo cardinal (singular, dada a presença das formas singulares *um* e *qualquer*); (ii) o valor suplementar introduzido pela expressão *qualquer*, que parece ser [...] **um valor de identificação vaga**.

Além disso, para o autor,

Nestas frases, os sintagmas nominais em que ocorre a expressão *qualquer* têm um valor próximo do de certos sintagmas nominais em que ocorrem as expressões *um certo*, *um dado* ou *um determinado* [...] Consideremos, por exemplo, a frase [(8a)]. Através de uma frase como esta, o enunciador refere a ocorrência de um terremoto num, e apenas um, país da Ásia - um país concreto, determinado, aliás, que pode ser, por exemplo, o Afeganistão. Note-se que, sintomaticamente, o sentido do sintagma nominal *um país qualquer* na frase em análise pode ser parafraseado por uma expressão

introduzida por um quantificador característico das descrições definidas (*o*): *o país x (que eu não sei designar)*. Este valor de quantificação cardinal (singular) acompanha, nos sintagmas em análise, um outro valor que distingue estas estruturas. O enunciador da frase [(8a)] refere-se a um país concreto, determinado, mas que, no momento da enunciação, não sabe com precisão identificar ou designar (daí não usar um nome próprio, mas um nome comum acompanhado de *qualquer*). Trata-se [...] de um valor de identificação vaga - específico do operador *qualquer* - correspondente a um estado de informação parcial do falante. É de notar que a aplicação do operador *qualquer* (ou *certo*, em exemplos equivalentes) a um núcleo nominal tem, nestes casos, um efeito maximamente restritivo [...] já que a expressão complexa [N qualquer] (ou [*certo* N]) remete sempre para uma única entidade do conjunto denotado por N. (MÓIA, 1992, p. 38).

Uma primeira semelhança entre ‘lá’ e ‘qualquer’ é que ‘lá’ pode receber a mesma paráfrase proposta por Mória (1992, p. 38) para ‘qualquer’.

- (7) a. “Houve um terremoto num país qualquer da Ásia”.
b. ... no país *x* da Ásia que eu não sei/quero identificar/designar...
- (8) a. “eu tinha [um colega meu lá] que ele trabalhava com negócio de obra” (ALMEIDA; CARNEIRO, 2008, p. 4, CD1).
b. ... o colega meu *x* que eu não sei/quero identificar/designar ...

Essa paráfrase indica que (i) o falante tem em mente uma entidade específica no momento de fala, do que resulta o uso do artigo definido, (ii) mas não pode ou não deseja identificá-la. Trata-se, portanto, de quantificação e vagueza na referência, conforme justificado adiante.

Quanto à noção de quantificação, apenas uma única entidade ou um subgrupo de entidades é delimitado na referência. Por exemplo, em (2a-c), apenas uma entidade está sendo referida (um colega, o menino, aquela mulher), e, em (2d, e), um subgrupo de entidades (umas certas panelinhas velhas ou certo(s) desenho(s) animado(s)) está sendo referido.

Quanto à noção de identificação vaga, tanto ‘lá’ não locativo quanto ‘qualquer’ rejeitam nomes próprios.¹⁴⁵

¹⁴⁵ Parece que existem situações nas quais ‘lá’ não rejeitaria nome próprio, por exemplo, “Aquele João lá é preguiçoso”. A seção 4.1.1.5 intitulada “‘Lá’ e ‘aí’ marcadores de especificidade” trata desta questão, estabelecendo uma diferença entre ‘lá’ específico marcador de identificação vaga e ‘lá’ específico modificador depreciativo.

- (9) a. Vi um ator qualquer da novela das 8 no shopping.
 a'. *Vi o Márcio Garcia qualquer da novela das 8 no shopping.
 b. Vi o ator lá que sempre assiste TV na sala de espera do aeroporto.
 b'. *Vi o Márcio Garcia lá que sempre assiste TV na sala de espera do aeroporto.

‘Lá’ (2) e ‘qualquer’ (8) se assemelham ainda na distribuição sintática, sendo ambos pós-nominais. Além disso, por um lado, ‘lá’ e ‘qualquer’ podem anteceder ou suceder adjetivos, possessivos e genitivos compostos por NPs nus, sem deixar de se referirem ao N núcleo, conforme exemplos em (10).

(10)

	‘qualquer’	‘lá’
a. adjetivos	Aconteceu um terremoto num país (qualquer) asiático (qualquer).	“pegu umas panelinha (lá) véia (lá)”.
b. possessivos	Aconteceu tumulto em uma aula (qualquer) minha (qualquer).	“Eu tinha um colega (lá) meu (lá)”.
c. genitivo sem determinante	Ele usou uma panela (qualquer) de ferro (qualquer) do armário velho.	Ele usou uma panela (lá) de ferro (lá).

Por outro lado, ‘lá’ e ‘qualquer’, se pospostos a genitivo composto por N mais determinante e a complemento nominal, deixam de se referir ao N núcleo, conforme exemplos em (11).

(11)

	‘lá’	‘qualquer’
Genitivo com determinante	a. Comprei [um livro lá] da COPEC. b. Comprei um livro [da COPEC] lá (locativo).	c. Comprei [um livro qualquer] da COPEC. d. *Comprei um livro [da COPEC] qualquer].
Complemento	e. [Uma reação lá] ao comentário	g. [Uma reação qualquer] ao

nominal	gerou tumulto na reunião. f. Uma reação [ao comentário lá] gerou tumulto na reunião.	comentário gerou tumulto na reunião. h. *Uma reação [ao comentário qualquer] gerou tumulto na reunião.
---------	--	---

Contudo, ‘lá’ e ‘qualquer’ diferem no aspecto em que ‘qualquer’ deve coocorrer apenas com artigo indefinido, enquanto ‘lá’ pode coocorrer não apenas com artigo indefinido, mas também com artigo definido, demonstrativo e NP nu, conforme paralelo em (12).

(12)

	‘lá’	‘qualquer’
Art. indefinido	“eu tinha [um colega meu lá] que ele trabalhava ...”.	Comprei [um livro qualquer] do Paulo Coelho. Não me lembro o nome exatamente.
Art. definido	“Aí eu fico assistindo [...] É um desenho que [o menino lá] gosta muito de esporte”.	*Comprei [o livro qualquer] do Paulo Coelho.
Demonstrativo	“tinha [aquela mulher lá] que veio aqui... éh: comé que chama?”.	*Comprei [aquele livro qualquer] do Paulo Coelho.
NP nu	“quando eu acabo o dever , é , eu vejo [desenho lá]”.	* quando eu acabo o dever, eu vejo [desenho qualquer].

Além disso, ‘lá’ e ‘qualquer’ podem coocorrer. Assim, como ‘lá’ pode suceder ou anteceder modificadores, ‘lá’ pode suceder ‘qualquer’, em (13a), ou antecê-lo, em (13b).

(13) a. “poh tem um amigo meu de infância, que foi numa livraria comigo, e mais um amigo nosso. Então, um dos meus amigos tava a fim de comprar [um livro **qualquer lá**], mas eu não me lembro o título”.¹⁴⁶

b. Então, um dos meus amigos tava a fim de comprar [um livro **lá qualquer**], mas eu não me lembro o título.

Finalmente, é interessante notar as diferenças funcionais entre ‘qualquer’ pré-nominal e ‘qualquer’ pós-nominal nas sentenças abaixo:

(14) a. Qualquer doce com coco me agrada. Pode ser trufa, cocada pura, cocada com maracujá, doce de leite com coco, doce de abóbora com coco, chocolate Prestígio, uhm!

b. Todo doce com coco me agrada. Pode ser trufa, cocada pura, cocada com maracujá, doce de leite com coco, doce de abóbora com coco, chocolate prestígio, uhm!

(15) a. A Maria experimentou um doce qualquer da Vimilk e agora só compra dessa marca.

b. A Maria experimentou um certo doce da Vimilk e agora só compra dessa marca.

(16) a. A Maria comeu um doce qualquer em uma parada de beira de estrada e passou mal durante o resto da viagem.

b. A Maria comeu um doce ruim/de má qualidade em uma parada de beira de estrada e passou mal durante o resto da viagem.

Segundo tipologia proposta por Móia (1992), ‘lá’ é um **quantificador universal** em (14), podendo ser parafraseado por ‘todo’, um **operador de identificação vaga** em (15), podendo ser parafraseado por ‘certo’, e um **modificador adjetival pejorativo** em (16), podendo ser parafraseado por ‘ruim/de má qualidade’.

Assumiremos que ‘qualquer’, em posição pré-nominal, seja núcleo de uma projeção funcional QP, visto que se trata de um quantificador universal. Diferentemente, ‘lá’ em posição pós-nominal parece atuar como um modificador adjetival e, conseqüentemente, ocuparia a posição de especificador funcional.

¹⁴⁶ HENRY. Odeio gente assim cara. UOL. Fórum UOL jogos. Vale tudo. 19 mar. 2010. Disponível em: <http://forum.jogos.uol.com.br/ODEIO-GENTE-ASSIM-CARA%C2%B4%7B+Fanaticos_t_732581>. Acesso em: 29 jun. 2010.

Com base nas estruturas (17 - 19), observa-se que ‘lá’ pode substituir ‘qualquer’ quando este é pós-nominal (18, 19). Contudo, ‘lá’ não pode substituir ‘qualquer’ quando este é pré-nominal¹⁴⁷ (17). Isso se deve ao fato de que ‘lá’ seria intercambiável com ‘qualquer’ apenas quando este ocupasse a posição de especificador, rejeitando assim a posição de núcleo.

- (17) a. Qualquer doce com coco me agrada.
b. *Lá doce com coco me agrada.
- (18) a. A Maria experimentou um doce qualquer da Vimilk e agora só compra dessa marca.
b. A Maria experimentou um doce lá da Vimilk e agora só compra dessa marca.
- (19) a. A Maria comeu um doce qualquer em uma parada de beira de estrada e passou mal.
b. A Maria comeu um doce lá em uma parada de beira de estrada e passou mal.

Em suma, as semelhanças entre ‘lá’ e ‘qualquer’ são basicamente a possibilidade de receberem a mesma paráfrase, a posição pós-nominal e a possibilidade de preceder e suceder modificadores pós-nominais. As diferenças residem no fato de que ‘qualquer’ pode ocorrer com apenas um tipo de determinante pré-nominal, qual seja, artigo indefinido, enquanto ‘lá’ pode ocorrer com vários tipos de determinantes ou mesmo com NP nu. Além disso, a comparação entre a distribuição de ‘qualquer’ e de ‘lá’ corrobora a análise de ‘lá’ pós-nominal não locativo como especificador funcional em vez de núcleo.

4.1.1.3 ‘Lá’ não locativo e *this* indefinido específico

Marchant (1994) explica que *this N* (‘este N’, ‘esta N’) pode ter diferentes usos no inglês que envolvem dêixis: espacial (20), discursiva anafórica (21) e emocional (22).

- (20) a. A: “**This** house is always dark and cold.” (MARCHANT, 1994, p. 10).
‘Esta casa é sempre escura e fria’.
B: “Cold. It is freezing in here” (MARCHANT, 1994, p. 10).

¹⁴⁷ Agradeço à Prof^a. Jânia Ramos por observar que ‘lá’ é intercambiável com ‘qualquer’ pós-nominal, mas não com ‘qualquer’ pré-nominal. A conclusão sugerida para explicar esse fato e os exemplos dados são de minha responsabilidade.

‘Fria? É gelado aqui’.

b. A: “Ok, which one is it, the blue one?, the blue?” (MARCHANT, 1994, p. 11).

‘Ok, qual destas? A azul? Seria esta?’

B: “It was **this** one” (MARCHANT, 1994, p. 11).

‘Foi esta’.

(21) “Death and suicide were the main topic in convicted killer Gary Mark Gilmore’s conversations with his girlfriend Nicole Barret in the weekend preceding suicide attempts by both. Nicole confided **these** conversations to me” (MARCHANT, 1994, p. 14).

‘Morte e suicídio foram os principais tópicos nas conversas do assassino sentenciado Gary Mark com sua namorada Nicole Barret no final de semana anterior às tentativas de suicídio de ambos. Nicole confidenciou essas conversas a mim’.

(22) a. “There is **this** scene in, what was that movie, The Adventures, **this** lady – she wanted an escort man, you know, to take her places, you know, what do they call them, not gigolos, no, no-no, uh boy” (MARCHANT, 1994, p. 17).

‘Tem uma¹⁴⁸ cena em – qual era mesmo o nome do filme? – *The adventures*, uma senhora, ela queria um homem para escoltá-la, sabe, para levá-la nos lugares, sabe, de que eles são chamados? Não gigolôs, não, não, uh garoto’.

b. “The drinking fountain in across from my cell and it is really funny the way some of these guys drink water. **This** one dude sucks up the water for 2 or 3 minutes at a time! He ‘bout got in a fight cause of it yesterday”. (MARCHANT, 1994, p. 19).

‘A fonte de tomar água atrás da minha cela e é realmente engraçado o modo como alguns desses caras tomam água. Um certo almofadinha toma água durante 2 a 3 minutos de uma vez só! Ele quase entrou numa briga por causa disso ontem’.

Em (20a), ‘this house’ se refere à casa onde os participantes estão no momento de fala. Portanto, não há necessidade de um gesto indicativo para a identificação do referente. Em

¹⁴⁸ A tradução de *this* por artigo indefinido (22a) ou por ‘certo’ (22b) se justifica porque, segundo Marchant (1994, p.18), ‘this’ indefinido pode ser substituído, em alguns casos, por artigo indefinido com interpretação específica [“the fact that ‘(a)n’ has a specific use provides us with a test for indefinite ‘this’” (MARCHANT, 1994, p.18)] ou pelo pronome indefinido ‘certo’ [“if the word ‘particular’ or ‘certain’ can be inserted before the noun without changing the intended meaning, then the use is specific” (MARCHANT, 1994, p.18)]. Além disso, acreditamos que uma outra tradução apropriada para ‘this scene’ (22a), ‘this lady’ (22a), ‘this one dude’ (22b) e ‘this man’ (24) seria, respectivamente, “uma cena lá”, “a mulher lá”, “um almofadinha lá” e “um homem lá”, segundo correlação entre ‘lá’ e ‘this’ que será abordada adiante.

(20b), diferentemente, esse gesto é necessário para a identificação da entidade referida ‘this one’ entre as outras que se encaixam na descrição, isto é, o falante deve “oferecer alguma indicação física de qual taça *this one* se refere, talvez o falante segure e levante a taça para o ouvinte vê-la”¹⁴⁹ (MARCHANT, 1994, p. 10, tradução nossa). Portanto, em (20), as ocorrências de *this* são classificadas como dêixis espacial.

Em (21), a dêixis é do tipo textual ou discursiva visto que *these conversations* correfer-se anaforicamente ao sintagma *convicted killer Gary Mark Gilmore’s conversations with his girlfriend Nicole Barret in the weekend preceding suicide attempts by both*.

Por último, (22) são exemplos de dêixis emocional, como rotulado pela autora. Trata-se de uma classificação bastante fluida para abarcar os usos de *this* e outros demonstrativos que não são nem espaço-temporais e nem textuais e que, em geral, não contribuem para a determinação da referência, podendo ser elididos. Além disso, essa nomenclatura justificar-se-ia porque, “assim como *this* espacial é usado para objetos próximos do falante, o uso emocional de ‘this’ também comunica um sentido de proximidade”¹⁵⁰ (MARCHANT, 1994, p. 16, tradução nossa). No entanto, é preciso destacar que, para Ionin (2006, p. 179), “o significado que *this_{ref}*¹⁵¹ carrega não é simplesmente uma extensão de seu uso dêitico demonstrativo”.¹⁵²

De acordo com Marchant (1994), *this* indefinido (22) pode ser identificado, no mínimo, de duas maneiras: (i) quando ‘this’ pode ser substituído por artigo indefinido, o que se aplica a (22a): ‘a scene’ and ‘a lady’, ou (ii) quando ‘this’, seguido de numeral, pode ser elidido sem alterar o significado da sentença, o que se aplica a (22b): ‘(this) one dude’.

Quanto à elisão, de acordo com Marchant (1994), quando ‘this’ indefinido coocorre com numeral, ele “não contribui com informações necessárias para que o destinatário identifique o referente no sentido em que, tanto na versão original, quanto na versão em que

¹⁴⁹ “k must provide some physical indication of which cup this one refers to, perhaps by holding it out to M to see” (MARCHANT, 1994, p. 10).

¹⁵⁰ “Like spacial ‘this’ which is used for objects that are close at hand, emotional uses of ‘this’ also communicate a sense of closeness” (MARCHANT, 1994, p. 16).

¹⁵¹ “I will use the term referential ‘this’ (or ‘this’_{ref}) to denote referential indefinite ‘this’, as distinct from the standard deictic use of ‘this’” (IONIN, 2006, p. 177).

¹⁵² “the meaning carried by ‘this’_{ref} is not simply an extension of the deictic use of the demonstrative” (IONIN, 2006, p. 179).

this é apagado, o destinatário deve construir uma representação nova”¹⁵³ (MARCHANT, 1994, p. 19) do referente introduzido.¹⁵⁴

Por sua vez, quanto à possibilidade de substituição por artigo indefinido, “diferentemente do artigo indefinido, *this* indefinido é necessariamente específico, isto é, o falante deve ter um indivíduo específico em mente para usar *this* indefinido de modo apropriado.”¹⁵⁵ (MARCHANT, 1994, p. 17-18, tradução nossa). Em (22a), por exemplo, dentre as várias cenas e personagens do filme mencionado, o falante se refere a uma cena específica e uma personagem específica. O mesmo ocorre quando o falante se refere ao garoto que toma água.

Com base nessa descrição, é interessante notar as semelhanças entre ‘lá’ não locativo e *this* indefinido. Inicialmente, *this* seria um demonstrativo indicador de local próximo do falante, enquanto ‘lá’ seria um advérbio indicador de local distante do falante. No entanto, ambos deixam de atuar como dêiticos locativos nos exemplos (22) e (2), respectivamente, e passam a ter um uso “vago” ou “indefinido” na identificação do referente. Além disso, ambos são operadores de especificidade, isto é, indicam que o falante tem em mente uma entidade específica ao se referir a ela.

Sinalizamos a palavra “indefinido” entre aspas porque, como foi mostrado por Marchant (1994), nem todos os usos de *this* indefinido podem realmente ser substituídos por artigo indefinido *a(n)*, por exemplo, quando *this* é seguido por numeral (22b). Além disso, como foi mostrado na comparação de ‘lá’ com ‘qualquer’ (8), a correta paráfrase de DPs contendo ‘lá’ não locativo não seria com artigo indefinido, ao contrário, seria com artigo definido.

De acordo com Marchant (1994), a diferença entre uma expressão indefinida e uma expressão definida é que, enquanto a primeira se abre a uma classe de entidades, a segunda se

¹⁵³ “it contributes no information needed by the addressee to identify the referent in the sense that, in both the original and the deleted version, the addressee must construct a new representation” (MARCHANT, 1994, p. 19).

¹⁵⁴ Um outro exemplo que esclarece tais afirmações é (22c).

(22) c. “These two guys are gonna help move the piano” (MARCHANT, 1994, p. 19).

‘(Estes) dois caras vão ajudar a mover o piano’.

De acordo com a autora, se *these* for entendido como definido, a sua elisão transforma o NP em indefinido. Contudo, se *these* for entendido como indefinido, o NP permanece indefinido depois da elisão. Portanto, a presença ou ausência de *this* indefinido, quando seguido de numeral, não contribui para a identificação do referente, sendo que o ouvinte terá de construir uma representação para o referente de *two guys*.

¹⁵⁵ “Unlike the indefinite article, indefinite ‘this’ is necessarily specific, which is to say, the speaker must have a particular individual in mind in order to use it felicitously” (MARCHANT, 1994, p. 17-18).

refere a um membro específico (ou subconjunto) de uma classe de entidades. Portanto, expressões genéricas como ‘gatos’, em “Gatos são mamíferos”, são não específicas porque se referem a uma classe e não a um membro.

Também artigos indefinidos são não específicos quando permitem que qualquer entidade pertencente à descrição dada inclua-se no que foi referido. Por exemplo, em *Johanna wants to catch a fish and eat it* (A Joana quer pegar um peixe e comê-lo) (MARCHANT, 1994, p. 18), qualquer peixe satisfaria seu desejo igualmente.

Nas palavras de Marchant (1994),

A(n) e *the* diferem entre si no modo como eles delimitam o conjunto de referentes possíveis: *the* sinaliza que o ouvinte deve isolar uma entidade singular que se insere na descrição, enquanto *a(n)* sinaliza que pode haver mais de uma entidade que se insere na descrição [...]. (MARCHANT, 1994, p. 21, tradução nossa).¹⁵⁶

Nesse ponto da discussão, seria importante pensar em que medida a noção de quantificação está envolvida no uso de *this* indefinido e ‘lá’ não locativo. Ao fazer uso de *this*, o falante tem em mente uma única entidade ou um subgrupo específico de entidades. O mesmo se aplica a ‘lá’. Portanto, a noção de especificidade acarretaria um valor de quantificação, visto que um único referente ou um conjunto específico de referentes é delimitado em uma classe.

Em resumo, ‘lá’ se assemelha a *this* indefinido específico – *specific indefinite* (HEIM, 1988, p. 220) – basicamente pelo fato de que ambos indicam que o falante se refere a uma entidade específica, embora não a identifique.

4.1.1.4 ‘Lá’ não locativo e o conceito de especificidade

De acordo com Lyons (1999, p. 165), sentenças como *I bought a car* (Eu comprei um carro) e *Pass me a book* (Me passe um livro) se assemelham porque, em nenhuma das duas, o

¹⁵⁶ “‘A(n)’ and ‘the’ differ in how they limit the set of possible referents: ‘the’ signals that the addressee can isolate a unique entity that fits the description, whereas ‘a(n)’ signals that there may be more than one entity that fits the description” (MARCHANT, 1994, p. 21).

referente pode ser identificado pelo ouvinte, mas também diferem entre si, porque, enquanto a primeira refere-se a algo específico para o falante, a segunda não.

Da mesma forma, enquanto, em (23a), o falante tem um referente específico em mente para o DP *a colleague of mine*, em (23b), não há nenhum referente específico em mente para o mesmo DP. Assim, NPs indefinidos podem ser específicos ou não-específicos.

(23) a. *Sarah wants to talk to a colleague of mine – Jane Brown, who is very famous.* (IONIN, 2006, p. 182).

‘Sarah quer falar com uma colega minha – Jane Brown, que é muito famosa’.

b. *Sarah wants to talk to a colleague of mine – any colleague will do.* (IONIN, 2006, p. 182).

‘Sarah quer falar com uma colega minha – pode ser qualquer uma’.

This indefinido, segundo Lyons (1999), constitui-se como uma alternativa para o artigo indefinido, no inglês coloquial. Assim, *this* coloquial (*colloquial ‘this’*) ou *this* indefinido é uma maneira de se indicar a leitura específica de um NP, conforme visto nos exemplos (22) e no exemplo (24) adiante.

(24) “I was walking to work yesterday morning, when **this** man came up to me and asked if I was a news announcer.” (LYONS, 1999, p. 176).

‘Eu estava caminhando para o trabalho ontem pela manhã, quando um homem me abordou e perguntou se eu era um anunciante de notícias’.

This indefinido é um elemento de especificidade, fenômeno que se manifesta em outras línguas, por meio de artigos e partículas dedicadas especialmente a isso, como é o caso das línguas samoá, maori, sango e turco, exemplificadas por Lyons (1999).

Assim, o autor chama atenção para

[...] o fenômeno no qual uma língua codifica algo que parece definitude, mas não é exatamente. Uma categoria assim codificada é expressa tipicamente por uma partícula que contém características posicionais e morfo-fonológicas de um artigo. Essa categoria é ou distinta de definitude, embora cruze essa definição, ou mais ampla e, como tal, inclui definitude. A categoria em

questão corresponde em parte ao conceito de **especificidade**.¹⁵⁷ (LYONS, 1999, p. 57, tradução nossa).

De acordo com Lyons (1999), na língua samoana, *le* é um artigo específico e *se* é um artigo não-específico. Entretanto, *se* (25) “é também usado quando há um referente particular, mas a identidade dele ou não é conhecida plenamente pelo falante ou é considerada irrelevante e desinteressante”¹⁵⁸ (LYONS, 1999, p. 58, tradução nossa).

(25) “Sa fesili mai se tamaitai pó-o ai l-o ma tama”
PAST ask DIR ART lady WH PRT who ART POSS 1EXCDU¹⁵⁹ father
A lady asked us who our father was (LYONS, 1999, p. 58).
‘Uma senhora nos perguntou quem era nosso pai’.

Semelhantemente, na língua maori (26), o item *teetahi* (composto por *te* e *tahi* ‘one’, plural *eetahi*) é indefinido específico e se diferencia de *te* artigo definido e de *he* indefinido não específico.

(26) “kei-te maatakitaki a Mere ... i eetahi koti”
TNS-ASP gaze ART Mere OBJ ART coat
Mere ... is looking at some coats (LYONS, 1999, p. 59).
‘Mere está olhando para alguns casacos’.

No sango (27), por sua vez, a partícula pós-nominal *ní* “combina definido com indefinido específico contrastando com indefinido não específico”.¹⁶⁰ (LYONS, 1999, p. 60, tradução nossa).

¹⁵⁷ “the phenomenon of a language encoding something which resembles definiteness, but not very closely. A category is expressed, typically by a particle with the positional and morphophonological characteristics of an article, which is either distinct from definiteness yet cuts across it, or is broader than, and inclusive of, definiteness. The category in question corresponds in part to the concept of specificity” (LYONS, 1999, p. 57).

¹⁵⁸ It is also used where there is a particular referent but the identity of this is either not known exactly to the speaker or considered unimportant or uninteresting (LYONS, 1999, p. 58).

¹⁵⁹ DIR=direção; PRT=partícula; 1EXC=primeira pessoa exclusiva; DU=número dual; TNS=tempo; ASP=aspecto.

¹⁶⁰ “ní [...] combines definite with specific indefinite, contrasting with non-specific indefinite” (LYONS, 1998, p. 60).

- (27) “Auto afáa mebéni méréngé ní”.
Car had-killed certain child ART
A car had killed a child (LYONS, 1999, p. 59).
‘Um carro matou uma criança’.

No turco, o artigo cardinal *bir*, limitado essencialmente a NPs indefinidos específicos, tende a ser omitido quando a identidade do referente não é importante (LYONS, 1999, p.178). Coincidentemente, no inglês, o demonstrativo indefinido pode ser omitido quando é seguido de numeral (MARCHANT, 1994) e também, no português, ‘lá’ não locativo pode ser omitido em qualquer uma das suas ocorrências em (2).

A partir dos exemplos analisados, Lyons (1999) conclui que a noção de especificidade abarca “casos nos quais o falante pode estar na situação de identificar o referente do sintagma nominal e escolhe tratar a identidade desse referente como significativa ou não.”¹⁶¹ (LYONS, 1999, p.178, tradução nossa). Visto que esse é o papel admitido por ‘lá’ pós-nominal, acreditamos que ‘lá’ pode ser analisado como um operador de especificidade na estrutura do DP no PB.

Para sustentar essa hipótese, além das semelhanças semânticas apresentadas acima entre ‘lá’ e itens marcadores de especificidade, há de se destacar a incompatibilidade de ‘lá’ com contextos genéricos (28).

- (28) *Gatos lá são mamíferos.

Em suma, ‘lá’, à semelhança das partículas indefinidas específicas, parece atuar como um operador de especificidade, pois ocorre em estruturas nominais que delimitam um referente (ou subgrupo de referentes) em uma classe. Além disso, ‘lá’ parece atuar como um operador de identificação vaga, à semelhança de ‘qualquer’, visto que a identificação do referente é tratada como dispensável.

¹⁶¹ “embrace instances where the speaker may be in a position to identify the referent of the noun phrase but chooses to treat its identity as significant or not” (LYONS, 1998, p. 178).

4.1.1.5 ‘Lá’ e ‘aí’ marcadores de especificidade

Segundo Tavares (2001), uma sentença como (29a) é ambígua, pois ‘aí’ pode ser um

dêitico locativo que aponta para um ponto no espaço próximo ao ouvinte [...] Podemos ter ainda um *aí* modificador, que parece fornecer ao sintagma nominal (SN) um traço [+específico], isto é, o SN referir-se-ia a um menino que, embora indefinido, seria específico. Neste caso, o menino não estaria sendo apontado, podendo, inclusive, não estar presente no contexto. (TAVARES, 2001, p. 209-210).

- (29) a. Eu falei com um menino aí. (TAVARES, 2001, p. 210)
b. Eu falei com um certo menino. (TAVARES, 2001, p. 210)

Esta leitura de ‘aí’ seria semelhante à de ‘certo’ em (29b):

SNs indefinidos com *aí* e *certo* são marcados para a especificidade: não referem-se a qualquer elemento, mas sim a um elemento específico. Em contraste, SNs indefinidos sem *aí* ou *certo* não são marcados para a especificidade, podendo ser entendidos como mais ou menos específicos. (TAVARES, 2001, p. 213).

Por exemplo, consideremos as sentenças abaixo retiradas de Tavares (2001, p. 212):

- (30) a. “A Cátia deve vencer uma atleta aí se quiser ser a primeira do ranking”.
b. “A Cátia deve vencer uma certa atleta se quiser ser a primeira do ranking”.
c. “A Cátia deve vencer uma atleta se quiser ser a primeira do ranking”.

A interpretação das sentenças [(30a/b)] é de que Cátia deve vencer uma atleta específica. Já a sentença [(30c)], em que temos um SN indefinido sem adjetivo de especificidade, nada informa acerca da especificidade da atleta, sendo possível a interpretação de que, se Cátia vencer qualquer atleta, será a primeira do *ranking*. (TAVARES, 2001, p. 213).

As propriedades sintáticas e semânticas de ‘aí’ marcador de especificidade sinalizadas por Tavares (2001) foram:

(i) Estruturas com ‘aí’ específico barram a leitura genérica. Assim, enquanto (31a) “pode ter leitura genérica, isto é, *sendo x um gato, x (caracteristicamente) come carne [...]* [(31b/c)] só permitem leitura específica” (TAVARES, 2001, p. 214):

- (31) a. “Um gato come carne” (TAVARES, 2001, p. 213).
b. “Um gato aí come carne” (TAVARES, 2001, p. 213).
c. “Um certo gato come carne” (TAVARES, 2001, p. 213);

(ii) ‘aí’ é rigidamente pós-nominal (32):

- (32) “*Eu falei com um aí menino” (TAVARES, 2001, p. 216);

(iii) é possível o uso de ‘aí’ posposto a um adjetivo (33):

- (33) “Eu comprei um casaco azul aí” (TAVARES, 2001, p. 215);

(iv) ‘aí’ coocorre com numeral (34a) e com pronomes indefinidos ‘algum (-ns)’ (34b):

- (34) a. “Nicole falou com dois homens aí que disseram que tu não vinhas” (TAVARES, 2001, p. 215).
b. “Nicole falou com alguns homens aí que disseram que tu não vinhas” (TAVARES, 2001, p. 215);

(v) ‘aí’ não coocorre com SNs definidos: “o uso do ‘aí’ em SNs definidos induz à leitura dêitica” (35a, b) (TAVARES, 2001, p. 216):

- (35) a. “*Camila falou com o menino aí que disse que tu não vinhas” (TAVARES, 2001, p. 216).
b. “*Eu comprei este livro aí que a Manoela indicou” (TAVARES, 2001, p. 216).

Como se vê, ‘lá’ compartilha com ‘aí’ todas as características listadas acima, com exceção de (v), pois ‘lá’ pode ocorrer em DPs definidos, tanto com artigo definido quanto com pronome demonstrativo ‘este’, sem passar a ter valor dêitico, como mostraram os exemplos (2b) e (5a’), repetidos abaixo.

- (2) b. “É um desenho que o menino **lá** gosta muito de esporte”.
- (5) a’. “Esta mulher **lá** um dia teve ciúmes”.

Isso significa que, apesar de ambos serem marcadores de especificidade, ‘aí’ atua em ambientes sintáticos mais restritos que ‘lá’. Além da comparação entre as propriedades de ‘aí’ e ‘lá’, é preciso ressaltar que esses dois itens não coocorrem, muito possivelmente porque estariam disputando a mesma posição funcional.

- (36) *Eu tinha [um colega meu **lá aí**] que ele trabalhava com negócio de obra.

Além dessas propriedades, segundo Tavares (2001), as estruturas com ‘aí’ específico podem veicular dois tipos diferentes de implicaturas: (i) a identidade do referente é conhecida, e (ii) o referente é de pouco valor ou insignificante.

Quanto à implicatura (i), pode-se “inferir que o falante conhece a identidade do que é referido no SN indefinido específico, não desejando, porém, fornecer mais detalhes acerca dela” (TAVARES, 2001, p. 221), com em (37).

- (37) “Pois é, Pedro. Eu pedi para uma pessoa aí me trazer o trabalho o mais rápido possível e até agora nada” (TAVARES, 2001, p. 220).

Neste caso, a afirmação pode ser uma “indireta” para uma 3ª pessoa provavelmente presente. No entanto, “Uma propriedade das implicaturas é que elas são canceláveis [...] uma vez que não integram o conteúdo semântico das expressões linguísticas” (TAVARES, 2001, p. 225). Portanto, a implicatura (i) segundo a qual a identidade do referente é conhecida pode ser cancelada, como exemplificado em (37a).

(37) a. Pois é, Pedro. Eu pedi para uma pessoa aí me trazer o trabalho o mais rápido possível e até agora nada. O problema é que nem me lembro a quem pedi.

Quanto a (ii), o falante não esclarece a identidade do referente deixando a entender que isso se deve ao fato de “ser o referente do SN alguém ou algo insignificante ou cuja identidade não vem ao caso para o ouvinte” (TAVARES, 2001, p. 227).

(38) A minha irmã contratou um arquiteto aí para projetar a casa e só teve dor de cabeça. (TAVARES, 2001, p. 227).

Neste caso, infere-se que se trata de um arquiteto qualquer, “incompetente, de baixa qualidade” (TAVARES, 2001, p. 228). Contudo, pode-se cancelar tal implicatura (38a).

(38) a. A minha irmã contratou um arquiteto aí para projetar a casa e só teve dor de cabeça. Apesar de o serviço ter sido excelente, os gastos foram exorbitantes.

Notemos que sintagmas com ‘lá’ marcador de especificidade também podem veicular as implicaturas de identidade conhecida que não é explicitada e de depreciação do referente, como visto, respectivamente, em (39) e (40).

(39) Pois é, Pedro. Eu pedi pra um funcionário lá me trazer o trabalho o mais rápido possível e até agora nada.

(40) A minha irmã contratou um arquiteto lá para projetar a casa e só teve dor de cabeça.

Segundo Tavares (2001), a implicatura de insignificância do referente ocorre concomitantemente à implicatura da identidade conhecida, mas irrelevante para o falante:

outras implicaturas além das de conhecimento de identidade [...] estão em jogo no emprego de *aí* e de *certo* especificadores, sobrepondo-se a estas: implicaturas referentes ao motivo de o falante não esclarecer mais acerca da pessoa ou coisa a que se refere. (TAVARES, 2001, p. 226).

Portanto, a idéia de insignificância seria concomitante à idéia de não explicitação da identidade do referente, visto que a insignificância seria o motivo da não explicitação. Esta sobreposição de implicaturas pode não se dar com ‘lá’, pois existem estruturas nas quais ‘lá’ pode indicar depreciação, mas coocorre inclusive com nome próprio. Portanto, o referente seria depreciado, mas a identidade seria explicitada, como ocorre no exemplo adiante:

(41) Aquele João lá não é de confiança.

Essa diferença entre ‘lá’ e ‘aí’ resulta principalmente do fato de que este não ocorre em SNs definidos. Por isso, ‘aí’ seria incompatível com nome próprio, que é um NP caracteristicamente [+definido] (42a), a não ser que o nome próprio esteja sendo usado como nome comum (42b).

(42) a. ≠O João aí não é de confiança (‘Aí’ perde o traço de especificidade, passa a ser locativo).

b. A esposa dele é uma Amélia aí dessas que só ficam nas atividades domésticas.

Além disso, embora haja sentenças em que ‘lá’ marcador de especificidade é compatível com nome próprio (41), haverá outras em que não é. Em (9b’), repetido abaixo, ‘lá’ rejeita nomes próprios.

(9) b. Vi o artista lá que sempre assiste TV na sala de espera do aeroporto.

b’. *Vi o Márcio Garcia lá que sempre assiste TV na sala de espera do aeroporto.

(9b) é usado justamente para caracterizar a identidade do referente como dispensável para os propósitos comunicativos. Portanto, a inserção do nome próprio é rejeitada nesse caso. Em (41), diferentemente, ‘lá’ não demarcaria que a identificação do referente é dispensável, mas sim que o referente em si é irrelevante ou de pouco valor.

Logo, é preciso distinguir o ‘lá’ específico e marcador de identificação vaga (9b) do ‘lá’ específico e modificador depreciativo (41). Este é compatível com nome próprio, pois a

identidade do referente pode ser explicitada; aquele é incompatível com nome próprio, pois é usado justamente para caracterizar a identidade do referente como dispensável.

Em suma, a comparação entre ‘aí’ e ‘lá’ traz dois resultados importantes. Primeiro, corrobora a análise de ‘lá’ como um item marcador de especificidade, pois ‘lá’ e ‘aí’, que compartilham muitas propriedades sintáticas e semânticas, parecem disputar a mesma posição sintática. Segundo, torna visível o contraste entre ‘lá’ específico e marcador de identificação vaga, que seria semelhante a ‘aí’ específico, e ‘lá’ específico e modificador depreciativo, que diferiria do ‘aí’ específico, pois é compatível com nome próprio.

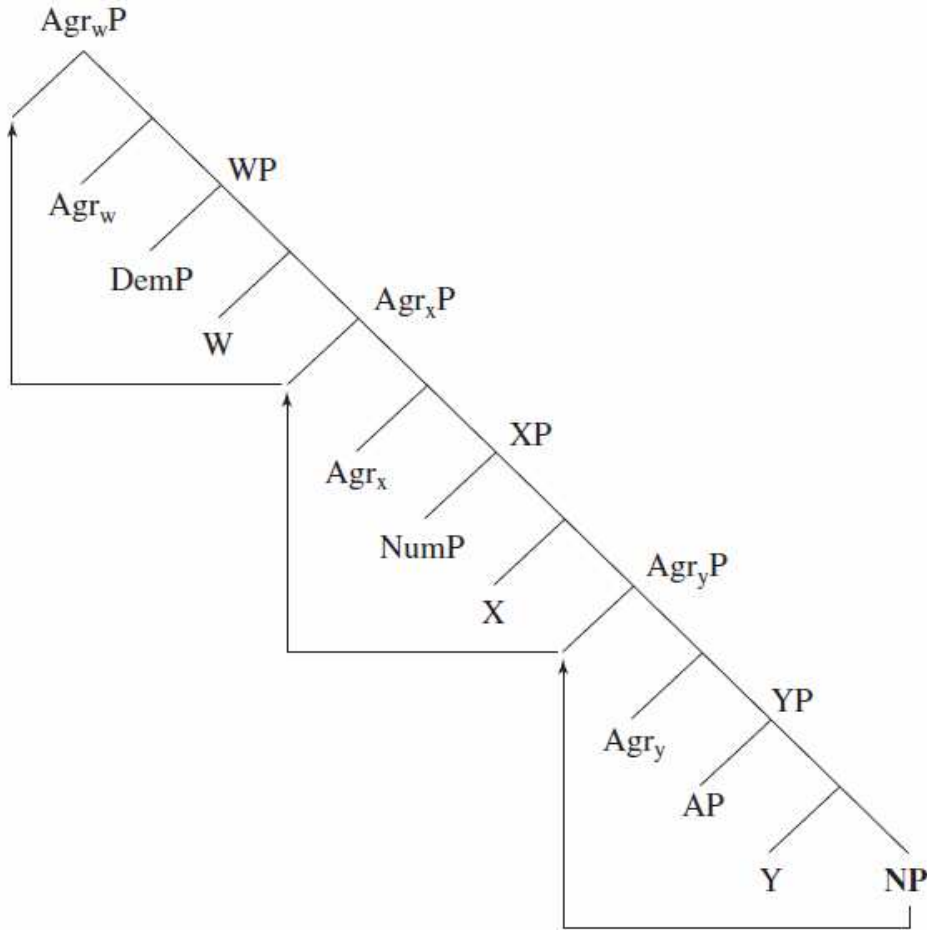
4.1.2 A posição do NP e de XPs modificadores na configuração do DP

Tendo abordado as propriedades semânticas e sintáticas de ‘lá’ pós-nominal nas sentenças (2), podemos explorar, nesta seção, os instrumentos necessários para um tratamento formal desses dados.

No estudo da sintaxe dos advérbios, Cinque (1999) propõe que advérbios são inseridos por *merge* na posição de especificador de diferentes categorias funcionais e, assim sendo, checam traços do núcleo destas categorias. Nesse sentido, para o autor, AdvPs são ordenados de modo rígido em respeito à hierarquia universal de categorias funcionais que constituem a estrutura sentencial, tais como modalidade, modo, aspecto, tempo, negação, etc.

A estrutura nominal, assim como a estrutura sentencial, também disponibiliza uma hierarquia de projeções funcionais, que é determinada pela Gramática Universal. De acordo com Cinque (2005), os modificadores são gerados em uma ordem fixa pré-nominal, qual seja, Dem > Num > A > N. Assim, as diferentes ordens atestadas nas línguas resultam do movimento da projeção máxima NP (e não do núcleo) para posições de Spec em categorias funcionais (AgrP) geradas acima dos modificadores, conforme mostrado na figura 2.

Figura 2: A cartografia do DP e o alçamento do NP



CINQUE (2005, p. 317)

As categorias AgrP, geradas acima de cada projeção funcional, são justificadas por Cinque (2005, p.325-326, tradução nossa) da seguinte maneira:

Suponhamos que cada sintagma (aquele contendo um Sintagma Adjetival, outro contendo o Sintagma de Número, outro contendo o Sintagma Demonstrativo, etc.) precise ser dotado com um traço nominal para ser licenciado (i.e., para ser contado como parte da projeção estendida do NP) e que isso possa ser realizado inserindo, por *merge*, acima dele um núcleo Agr(eement) cujo Spec, em última instância, venha a ter esse traço nominal.¹⁶²

¹⁶² “Suppose that each phrase (the one containing an Adjective Phrase, the one containing the Number Phrase, the one containing the Demonstrative Phrase, etc.) needs to be endowed with a nominal feature to be licensed (i.e., to

Assim, o licenciamento desse traço que caracteriza o item como pertencente à estrutura nominal pode se dar simplesmente a partir do *merge* de Agr ou a partir do movimento do NP para Spec,AgrP. O movimento, por sua vez, pode decorrer de duas formas: o NP pode alçar sozinho ou conjugado com um XP, em *pied-piping*.¹⁶³ O primeiro tipo justifica as ordens (43a - c), enquanto o segundo justifica as ordens (43d - f), havendo ainda outras ordens possíveis.

- (43) a. Dem Num N A
 b. Dem N Num A
 c. N Dem Num A
 d. A N Dem Num
 e. N A Dem Num
 f. Dem A N Num

Em (43a), o NP alça acima de um nó, em (43b), acima de dois nós e, em (43c), acima de três nós, sem *pied-piping*. Diferentemente, em (43d), o NP alça juntamente com o nó AP em *pied-piping* [AP [NP]]; em (43e), o NP alça inicialmente para Spec,Agr_yP acima de AP e então, por *pied-piping*, [NP [AP]] alçam para Spec,Agr_xP, acima de NumP, e, posteriormente, para Spec,Agr_wP, acima de DemP; por fim, em (43f), por *pied-piping*, [AP [NP]] alçam para Agr_xP acima de NumP. Trata-se de um alçamento parcial que cruza apenas NumP.

Resumindo, a variação na ordem dos modificadores na estrutura do DP é explicada a partir do movimento do NP, como projeção máxima, para Spec,AgrP. Além disso, cada categoria é licenciada por um AgrP como indicativo de pertencimento à estrutura nominal.

4.1.3 Análise formal de ‘lá’ operador de especificidade

count as part of the extended projection of NP), and that this can be brought about by merging above it an Agr(eement) head whose Spec ultimately comes to have such a nominal feature” (CINQUE, 2005, p. 325-326).

¹⁶³ *Pied-piping* refere-se ao movimento de uma categoria que arrasta outra(s) consigo. De acordo com Radford (2004, p. 212, tradução nossa), “a metáfora *pied-piping* foi cunhada por Ross (1967) com base em um conto de fadas tradicional no qual o *pied-piper* (flautista), na vila de Hamelin, atraiu um grupo de crianças, fazendo-as segui-lo para fora da vila infestada de ratos, ao tocar sua flauta”. Versão original: “The **pied-piping** metaphor was coined by Ross (1967), based on a traditional fairy story in which the pied-piper in the village of Hamelin enticed a group of children to follow him out of a rat-infested village by playing his pipe” (RADFORD, 2004, p. 212).

Nesta seção, atemo-nos à análise de ‘lá’ como Spec,SpP. Para isso, abordamos inicialmente o tratamento dado por Guillemin (2007) para *la* pós-nominal no crioulo mauritano. Posteriormente, com base nessa análise, apresentamos a derivação de pelo menos uma das sentenças em (2) do PB contendo o advérbio¹⁶⁴ ‘lá’.

4.1.3.1 A partícula ‘la’ no crioulo mauritano

Guillemin (2007) argumenta que a partícula ‘lá’, que pode ser pós-nominal ou pós-oracional no crioulo mauritano (CM), é um marcador de especificidade em NPs definidos.

De acordo com Guillemin (2007),

Em estágios iniciais da criouliização, os artigos definidos do francês e os determinantes partitivos se incorporaram a um grande número de nomes que eles modificavam, deixando o crioulo emergente sem os meios de expressar os contrastes de (in)definitude e singular *vs* plural¹⁶⁵ (GUILLEMIN, 2007, p. 64, tradução nossa).

Os determinantes em francês que servem para marcar esses contrastes semânticos foram reconhecidos como parte integrante dos nomes que eles modificavam, como se observa nos exemplos abaixo:

¹⁶⁴ Um parecerista anônimo da *ALFA: Revista de Linguística* observa que “o uso do termo ‘advérbio’ é restrito a modificadores verbais ou adjetivais; se ‘lá’ está relacionado com o DP/NP, a designação ‘advérbio’ é um tanto imprópria”. Entretanto, a observação feita não nos parece pertinente. Cinque (1999, p. 28) distingue advérbios propriamente ditos de itens adverbiais ou circunstanciais. A primeira classe é composta por AdvPs, como ‘já’, sempre, frequentemente, etc., que checam traços dos núcleos de categorias funcionais, na posição de especificador. A segunda classe é composta por itens adverbiais indicadores de circunstância (tempo, lugar, razão, etc.) e ocupam a posição de adjunto. Esta classe é realizada tipicamente por itens que não são advérbios, mas NPs nus ou PPs, tais como, ‘amanhã’, ‘na cozinha’, ‘por três horas’, etc. Outra diferença é que os advérbios propriamente ditos ocupam posição rígida enquanto os circunstanciais são mais flexíveis. Diante do que foi exposto, a análise aventada nesta tese contrasta duas diferentes realizações de ‘lá’. Em uma delas, ‘lá’ seria um item circunstancial indicador de lugar (“Vi o menino lá (no refeitório)”) e, portanto, faria parte da classe dos itens circunstanciais. Em outra realização, ‘lá’ seria um marcador de especificidade (“umas panelinha véia lá”) em Spec de uma categoria funcional e, portanto, faria parte da classe dos advérbios propriamente ditos. Nesse sentido, não há impropriedade na utilização do termo ‘advérbio’. Aliás, ao contrário do que sugere o parecerista, são os itens circunstanciais que atuam como “modificadores verbais” e não os advérbios propriamente ditos. Estes atuam exatamente no domínio funcional do CP e do DP.

¹⁶⁵ “Early in the stages of creolization, the French definite articles and partitive determiners incorporated into a large number of the nouns that they modified, leaving the emergent creole without the means of expressing the contrasts of (in)definiteness and singular vs. plural” (GUILLEMIN, 2007, p. 64).

- (44) a. *Le coeur* (o coração) > *leker* (coração)
 b. *L'idée* (a ideia) > *lide* (ideia)
 c. *Des/les animaux* (animais/os animais) > *zanimu* (animais)
 d. *De l'huile* (algum óleo) > *dilwil* (óleo) (GUILLEMIN, 2007, p. 64)

Assim, enquanto o francês representa singular [-def] com *une*, plural [-def] com *des*, singular [+def] com *la/le* e plural [+def] com *les*, o crioulo não disporia de determinantes gerando interpretações ambíguas, conforme representado no quadro abaixo, uma versão adaptada daquele apresentado em Guillemín (2007, p. 65).

Traços	Francês	Português	Crioulo mauritano
singular [-def]	<i>une table</i>	uma mesa	<i>latab</i>
plural [-def.]	<i>des table</i>	mesas	
singular [+def]	<i>La table</i>	a mesa	
plural [+def]	<i>les tables</i>	as mesas	

Devido a este problema, novos itens funcionais emergiram no crioulo mauritano, a saber: o determinante singular indefinido ‘enn’, derivado do francês ‘un/une’; o demonstrativo ‘sa’, derivado do francês ‘ce/ces’, porém sem especificação de número; o marcador de plural ‘bann’, derivado do francês ‘bande’ (bando, grupo); e o marcador de especificidade ‘la’ que pode ter sido derivado tanto do demonstrativo de reforço em ‘ce ... là’ quanto do locativo adverbial. Diferentemente dos determinantes em francês, *la* no crioulo não é especificado por número e não é pré-nominal.

O marcador de especificidade *lá* no crioulo mauritano pode ocorrer tanto com nomes contáveis no singular (45a) e no plural (45b) quanto com nomes não contáveis (45c). Porém, restringe-se a nomes definidos, como nos seguintes exemplos:

- (45) a. “Problem la poze dan enn leta miltileng ...”
 problem SP pose in a state multilingual (GUILLEMIN, 1997, p. 76)
 ‘Aquele problema surge em um estado plurilíngue’.

b. “enn fwa bann zanfan –la mor, fer zot leve aswar ...”

one PL child SP dead make 3PL get up night (GUILLEMIN, 1997, p. 76)

‘Um vez que essas crianças morrem, (ela) os acorda à noite’.

c. “Dilo la ti tied”.

Water SP PST warm (GUILLEMIN, 1997, p. 76)

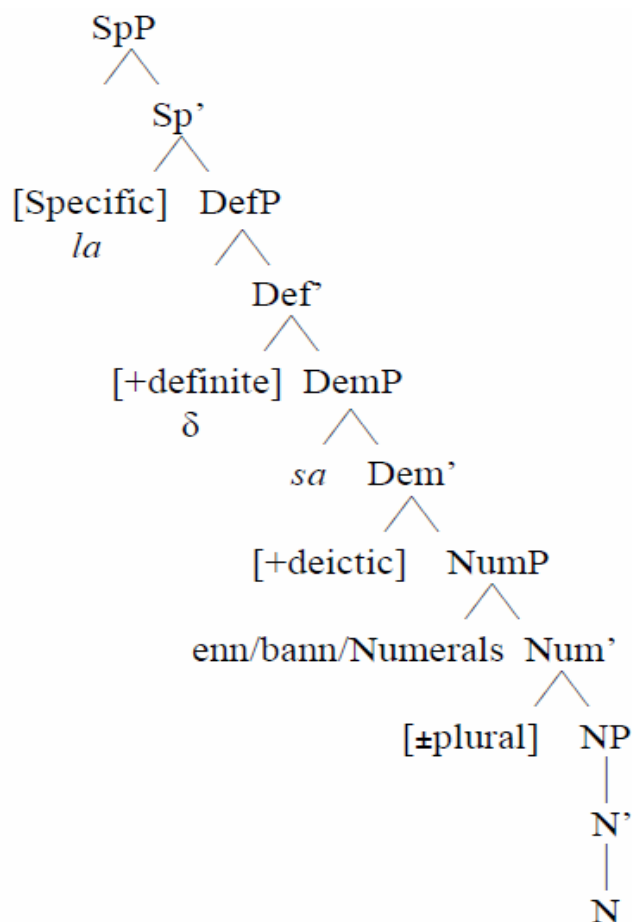
‘A/aquela água estava morna’.

De acordo com Guillemín (1997), pode-se traduzir N+*la* por demonstrativo ou por artigo definido, sinalizando que se trata de um referente ancorado em um objeto já introduzido, isto é, que possui um antecedente no discurso. Sendo assim, “não é possível usar ‘*la*’ de forma independente para introduzir um novo referente discursivo”¹⁶⁶ (GUILLEMIN, 2007, p. 77, tradução nossa). Além disso, *la* é incompatível com itens nominais em contextos genéricos.

Quanto à estrutura sintática, Guillemín (1997, p. 86) afirma que o crioulo mauritano possui uma estrutura do NP altamente articulada cujas projeções funcionais abarcam traços semânticos de definitude, especificidade, número, etc., conforme representação abaixo.

Figura 3: ‘*La*’ em SpP no crioulo mauritano

¹⁶⁶ “It is not possible to use *la* on its own to introduce a new discourse referent” (GUILLEMIN, 2007, p. 77).



GUILLEMIN (2007, p. 86)

Com base no que foi exposto, nota-se que, embora o uso de *la* no crioulo mauritano não seja exatamente o mesmo que ‘lá’ no PB, visto que aquele está restrito a DPs indefinidos, há muitos pontos a serem destacados na análise de Guillemin (2007). O primeiro ponto obviamente é a noção de especificidade abordada pela autora e o segundo é o fato de ser justamente a partícula *la*, derivada de um locativo, um marcador de especificidade no crioulo mauritano. Como foi pertinentemente observado pela autora, este é um uso diferenciado do francês, em que o *là* pode ser uma partícula de reforço (BERNSTEIN, 1997) do pronome demonstrativo ou um locativo, mas não um marcador de especificidade.

Além disso, esse marcador de especificidade no crioulo mauritano é pós-nominal, mesma posição ocupada por ‘lá’ no PB. Nesse sentido, o PB se diferencia das línguas românicas em geral, pois parece ser a única língua que utiliza um advérbio, *a priori* locativo, com uma função totalmente diferenciada desta. Não é de conhecimento que, nas línguas

românicas, um locativo tenha se transformado em marcador de especificidade. Sendo assim, o uso de ‘lá’ exemplificado em (2) não parece se evidenciar nem mesmo no português europeu.¹⁶⁷

Finalmente, Guillemin (2007) oferece a primeira análise formal de um operador de especificidade que define uma posição e uma categoria funcional dedicada especialmente para esse marcador. Dadas as peculiaridades do uso de ‘lá’ pós-nominal no PB e suas semelhanças com *la* pós-nominal no crioulo, consideraremos que ‘lá’ pertence à categoria SpP, um sintagma de especificidade, conforme proposto por Guillemin (2007). A diferença seria que, diferentemente do crioulo mauritano, ‘lá’ no PB não ocuparia a posição de núcleo, mas de especificador, como mostraram os testes aplicados na relação entre ‘lá’ não locativo e ‘qualquer’ pós-nominal (cf. seção 4.1.1.2).

4.1.3.2 ‘Lá’ operador de especificidade em Spec,SpP

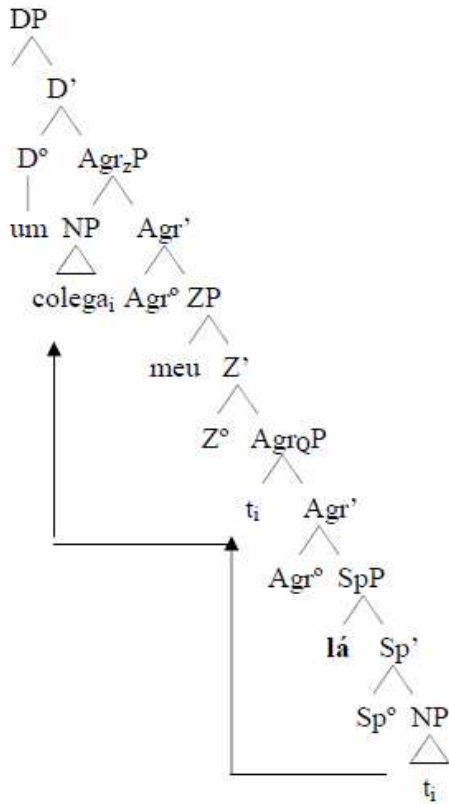
De acordo com o que foi exposto nas seções anteriores, ‘lá’ pós-nominal seria inserido por *merge* em uma projeção funcional (SpP) baixa na estrutura do DP. Essa posição seria, provavelmente, a primeira localizada acima do NP e abaixo dos modificadores. Isso explicaria, portanto, por que ‘lá’ pode estar posposto a modificadores. Além disso, a posição pós-nominal de ‘lá’ seria explicada pelo movimento do NP (CINQUE, 2005) para SpecAgrzP, conforme derivação de (2a) em (46). Por sua vez, a possibilidade de ‘lá’ anteceder modificadores pós-nominais seria explicada, a partir da proposta de Cinque (2005), pelo movimento do NP juntamente com ‘lá’ por *pied-piping*, conforme derivação em (47).¹⁶⁸

¹⁶⁷ Não disponho de um levantamento exaustivo a esse respeito, mas perguntei informalmente a linguistas e também a leigos, todos falantes de PE, no Porto e em Lisboa, se eles teriam o uso de ‘lá’ pós-nominal, com o sentido exemplificado em (2). A resposta foi negativa por parte de todos eles.

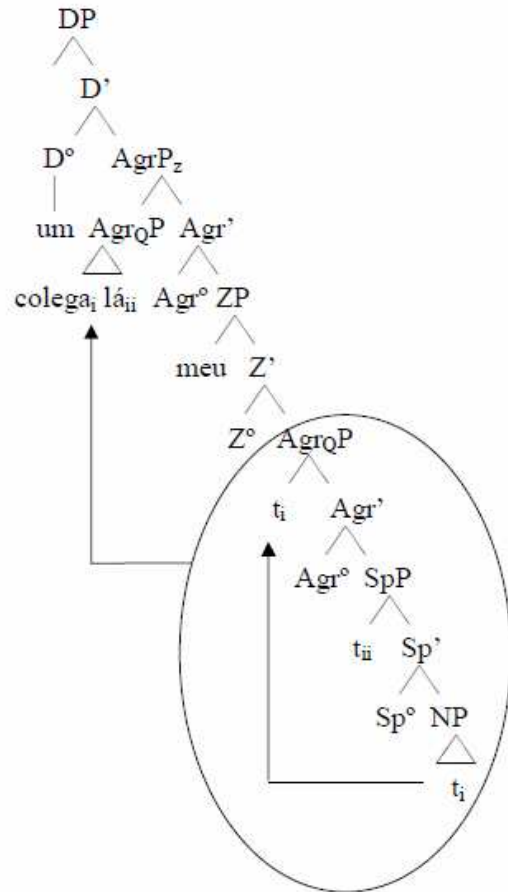
¹⁶⁸ A proposta de derivação em (26) e (27) reformula drasticamente a hipótese de análise apresentada em Pereira (2009c).

Figura 4: ‘Lá’ em Spec,SpP na cartografia do DP

(46) “um colega meu lá”



(47) “um colega lá meu”



4.1.4 Recapitulação: ‘lá’ em Spec,SpP

Para descrever e analisar as propriedades sintáticas e semânticas de ‘lá’ pós-nominal não locativo, exploramos as relações que podem ser estabelecidas entre esse item e estruturas com: ‘lá’ locativo pós-nominal, ‘qualquer’ pós-nominal, *this* indefinido específico e partículas de diferentes línguas que servem para fazer referência a entidades específicas cuja identidade não é considerada relevante pelo falante.

Na relação com ‘lá’ locativo pós-nominal, uma primeira diferença é semântica e refere-se ao fato de que ‘lá’ locativo é dêitico, enquanto ‘lá’ não locativo não sustenta valor dêitico;

ao contrário, adquire um valor especializado. Sintaticamente, ‘lá’ locativo é agramatical com pronome demonstrativo de segunda e de primeira pessoa, com artigo indefinido e com NP nu. Diferentemente, ‘lá’ não locativo pós-nominal não apresenta tais restrições. Outra diferença é que, enquanto ‘lá’ locativo faz parte da estrutura oracional (VP/IP), seja como predicativo ou como adjunto circunstancial, ‘lá’ não locativo faz parte da estrutura do DP como especificador funcional.

Na relação com ‘qualquer’ pós-nominal, tanto ‘qualquer’ quanto ‘lá’ não locativo podem receber a mesma paráfrase, qual seja, “a entidade x que o falante não sabe/quer identificar”. Por isso, ambos são aparentemente incompatíveis com nome próprio, já que se prestam a produzir o efeito de identificação vaga do referente. Outra semelhança semântica entre estruturas com ‘lá’ e ‘qualquer’ é a noção de quantificação. Na estrutura nominal com ‘qualquer’, seleciona-se um único referente em uma classe, enquanto que, na estrutura nominal com ‘lá’, pode-se selecionar um único referente ou um subgrupo específico de referentes em uma classe. Por isso, explica-se a incompatibilidade de ‘lá’ com contextos genéricos. Do ponto de vista sintático, uma semelhança é que ambos podem preceder ou suceder modificadores, tais como possessivos, adjetivos e genitivos. Entretanto, ambos são diferentes sintaticamente no aspecto em que ‘qualquer’ só pode ocorrer com NP precedido por artigo indefinido, enquanto ‘lá’ apresenta uma distribuição bem mais ampla, podendo ocorrer com diferentes tipos de determinantes.

Na relação com *this* indefinido específico, tanto ‘lá’ quanto *this* são usados quando o falante tem em mente exatamente a entidade que está sendo referida, mas não a identifica. Por sua vez, uma primeira diferença entre esses itens é que *this* só é omissível quando seguido de numeral, enquanto ‘lá’ pós-nominal não locativo parece ser sempre omissível. Outra diferença é que, enquanto *this* recebe paráfrase com artigo indefinido – por isso, o nome *indefinite this* –, a paráfrase mais apropriada para NPs contendo ‘lá’ é com artigo definido. Além disso, *this* é pré-nominal e não coocorre com artigos, pois *this* já é um determinante. Por sua vez, ‘lá’ é pós-nominal e coocorre com diferentes determinantes em posição pré-nominal, inclusive com artigo definido, o que inviabiliza a paráfrase com artigo indefinido.

Na relação com partículas indicadoras de especificidade, exploramos esse conceito que, segundo Lyons (1999), consiste no fenômeno segundo o qual o falante tem em mente um certo referente, mas também pode escolher não identificá-lo, quando a sua identificação é

dispensável. Muitas línguas, segundo o autor, possuem partículas ou artigos dedicados especialmente a veicular essa noção, é o caso de *se* em samoa, *teetahi* em maori, *bir* no turco, etc. No inglês, não existem tais artigos ou partículas, nem mesmo no português, mas ambas as línguas utilizam, respectivamente, um demonstrativo e um locativo para esse fim.¹⁶⁹ Sendo usados para essa finalidade, esses itens perdem valor dêitico e adquirem um valor especializado.

Diferentemente do inglês, em que *this* não perde seu estatuto de determinante, isto é, ocupa a mesma posição estrutural (Spec,DP), no português, parece que ‘lá’, além de adquirir um valor semântico diferenciado, passa a atuar sintaticamente de modo bastante distinto de ‘lá’ pós-nominal locativo. Portanto, enquanto ‘lá’ locativo seria parte do VP/IP, ‘lá’ não locativo seria parte do DP. Tratar-se-ia de palavras homófonas, mas completamente diferentes do ponto de vista estrutural e semântico.

Sobre a razão da aquisição desse uso especializado, teóricos da gramaticalização explicam que a mudança se deve a um processo de metáfora em que o conteúdo semântico do item transita de dêixis espacial a dêixis emocional. Assim, *this*, demonstrativo indicador de proximidade espacial, especializar-se-ia em um *this* indicador de proximidade afetiva, no sentido em que “o ouvinte é instruído a encontrar o referente no mundo do falante, mas não no mundo compartilhado por falante e ouvinte”¹⁷⁰ (MACLARAN,1982 apud IONIN, 2006, p. 179, tradução nossa).

Da mesma forma, ‘lá’ locativo, indicador de distância espacial, especializar-se-ia em um ‘lá’ indicador de distância emocional, “no sentido de que expressa um afastamento ou desinteresse do falante” (MARTELOTTA; RÊGO, 1996, p.244), isto é, “o falante utiliza a partícula lá para caracterizar o substantivo como algo que existe, mas a respeito do qual não quer, não pode ou não considera relevante fazer comentários” (MARTELOTTA; RÊGO, 1996, p.244).

No entanto, esse uso especializado de ‘lá’, bem como de *this*, não parece ser simplesmente uma extensão de seu uso dêitico. Se fosse, seria esperado que locativos e demonstrativos se transformassem em marcadores de especificidade de uma forma mais generalizada nas línguas. Com efeito, Ionin (2006) ressalta, com base em Lyons (1999), que

¹⁶⁹ Também os pronomes ‘certo’ no PB e ‘certain’ no inglês exerceriam esta função.

¹⁷⁰ “The hearer is being instructed that the referent is to be found in the speaker’s world, not in the shared world of speaker and hearer”. (MACLARAN, 1982 apud IONIN, 2006, p. 179).

apenas no inglês e no alemão (*dieser*) um pronome demonstrativo pode favorecer leitura indefinida. Da mesma forma, não é de nosso conhecimento que línguas românicas estejam usando locativos como marcadores de especificidade, além do PB.

Portanto, a noção de metáfora espacial > emocional, além de ser circular, pouco contribui na análise e esclarecimento das propriedades sintáticas e semânticas desses itens como marcadores de especificidade.

Por último, a comparação entre ‘aí’ e ‘lá’ pós-nominais corrobora a análise de ‘lá’ como um item marcador de especificidade, pois parecem disputar a mesma posição sintática e função semântica.

Diante do exposto, nossa hipótese é que ‘lá’ é um operador de especificidade e situa-se em Spec de uma projeção funcional chamada SpP, conforme estudo de Guillemain (2007) sobre *la* pós-nominal no crioulo mauritano. Essa projeção no PB estaria localizada imediatamente acima do NP e abaixo dos modificadores.

4.2 ‘Lá’ em Spec,QP

Esta seção trata de ‘lá’ pré-nominal que pode coocorrer com intensificadores (4.2.1) e quantificadores universais (4.2.2).

4.2.1 Intensificadores

Vejamos os dados em (1):

- (1) a. Eu não tenho [lá tanto talento em esportes].
b. Ela tem [lá (todas as) suas dificuldades em Sintaxe].

Na sentença negativa (1a), o falante atenua alguma característica (‘talento’) intensificada em um discurso prévio. Por isso, ‘não’ tem escopo sobre o quantificador ‘tanto’ e não sobre o conteúdo proposicional da sentença.

Na sentença afirmativa (1b), o falante reafirma alguma característica (‘dificuldades’) já intensificada em um discurso prévio. Por isso, é possível depreender a existência de uma categoria quantificadora, mesmo que ela não seja expressa por um núcleo foneticamente realizado.

Assim sendo, mesmo que o núcleo quantificador não seja expresso, o que também acontece com as negativas (2a) e (2b) abaixo, ‘lá’ ocorreria a fim de possivelmente assegurar a checagem de traços de quantificação em Spec,QP.

- (2) a. Eu não tenho lá (todo) este luxo de casa.
b. Ela não é lá (tanto) uma Brastemp, mas serve.

De acordo com Giusti (1991, p. 443, tradução nossa), “Q é um núcleo funcional [...] que seleciona um sintagma nominal definido (DP), como em *todos os garotos*, ou um

sintagma nominal indefinido (NP), como em *muitos garotos*¹⁷¹. Sendo assim, pode-se entender que ‘tanto’ em (1a) é inserido por ‘merge’ em uma categoria funcional QP que tem um NP (“talento em esportes”) como complemento e ‘lá’ como especificador, pois ‘lá’ precede o quantificador ‘tanto’.

Além de sua posição antecedendo um quantificador, alguns testes de constituência, como a pronominalização (3a, b) e a topicalização (4a, b) mostram que ‘lá’ não se separa de Q. Por isso, confirma-se que ‘lá’ seria um componente de QP na estrutura do NP e não um componente da oração.

PRONOMINALIZAÇÃO

- (3) a. Eu não tenho [isso].
b. *Eu não tenho lá isso.

TOPICALIZAÇÃO

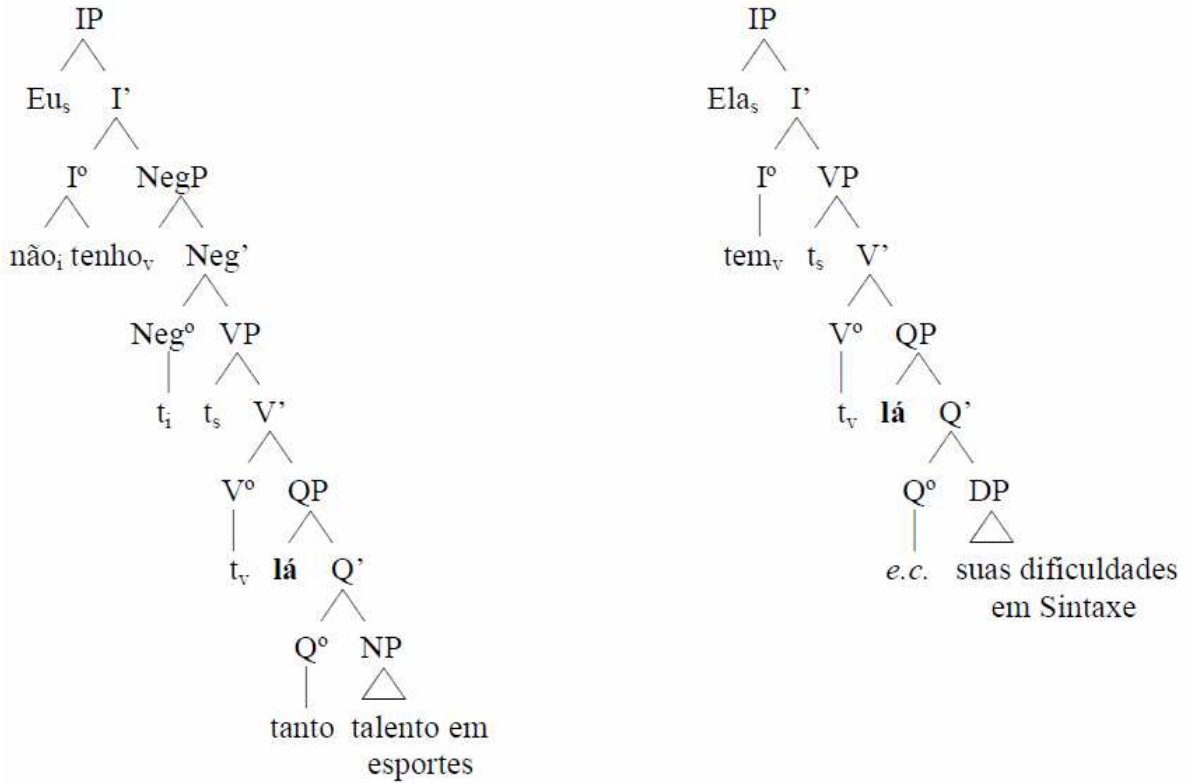
- (4) a. Lá tanto dinheiro, eu não tenho.
b. *Tanto dinheiro, eu não tenho lá.

Sendo assim, em (1a), Q^o teria ‘tanto’ como núcleo, que selecionaria o NP ‘talento em jogos’ como seu complemento. Por sua vez, em (1b), Q^o teria uma categoria vazia como núcleo, que selecionaria o NP ‘suas dificuldades em Sintaxe’ como complemento, conforme derivação abaixo.

¹⁷¹ *Q is a functional head [...] that selects a definite nominal (DP), as in all the boys, or an indefinite nominal (NP), as in many boys (GIUSTI, 1991, p. 443).*

Figura 1: ‘Lá’ pré-nominal em Spec,QP intensificador

(1) a. Eu não tenho lá tanto talento em esportes. (1) b. Ela tem lá suas dificuldades em Sintaxe.



Finalmente, é importante mencionar outras duas propriedades destas estruturas: ‘lá’ pode ser omitido e enfatizado pela entonação.

- (1) a'. Eu não tenho (**lá**) tanto talento em jogos.
 b'. Ela tem (**lá**) suas dificuldades em Sintaxe.

Portanto, ‘lá’ em (1) compartilharia com o ‘lá’ de questões retóricas essas duas propriedades. Contudo, apesar disso, eles diferem profundamente um do outro: primeiro, enquanto ‘lá’ em (1) pertence ao DP, ‘lá’ em questões retóricas pertence ao CP; segundo, lá em questões retóricas pode ser pré-verbal, o que não ocorre com (1), como se observa em (1c); terceiro, ‘lá’ não é compatível com interrogativas, como se observa em (1d).

- (1) c. *Eu não **lá** tenho tanto dinheiro¹⁷².
d. *Eu não tenho **lá** tanto dinheiro?

Ao contrário do que se propõe aqui, Martins (2010, p. 13) sugere que ‘lá’ em (5), paralelo a ‘lá’ do PB em (1a), seria um item de polaridade negativa.

- (5) “Não gosto **lá** muito disso” (MARTINS, 2010, p. 13).

No entanto, observa-se que ‘lá’ pode ocorrer também em sentenças afirmativas (6c), o que seria argumento para defender que esse advérbio não é um item de polaridade negativa em (6b), pois, diferentemente de NPIs (6a), ‘lá’ pode aparecer sem ‘não’ (6c).

- (6) a. O João *(não) tem nenhuma dificuldade em jogos.
b. Eu não tenho [lá tanto talento em esportes].
c. Ela tem [lá (todas as) suas dificuldades em Sintaxe].

Em suma, argumentamos contra propostas que defendem a análise de ‘lá’ como item de polaridade negativa em sentenças como (1a). Alegamos que ‘lá’ checaria traços de quantificação na posição de especificador funcional de um QP visto que precede intensificadores como ‘muito’ e ‘tanto’.

4.2.2 Quantificadores universais

Vejamos agora o dado em (7):

- (7) Seja [**lá** qualquer pessoa que for], receba com educação.

¹⁷² Claramente, estas sentenças seriam gramaticais se ‘lá’ recebesse leitura locativa e contrastiva:

- (1) c’. Eu não lá (em casa) tenho tanto dinheiro, mas aqui (no banco).
d’. Eu não tenho lá (em casa) tanto dinheiro?

Em (7), ‘lá’ precede ‘qualquer’, que é um quantificador universal, núcleo de QP. Este núcleo Q selecionaria o NP ‘pessoa que for’ como seu complemento. Nossa proposta é que ‘lá’ ocuparia a posição de especificador do QP “lá qualquer pessoa que for”. Este sintagma complexo se caracteriza como um predicativo, visto que sucede o verbo copulativo ‘ser’ no subjuntivo. Sendo assim, ‘lá’ faria parte do predicativo e não do predicado.

Por isso, na presença de ‘lá’, o item predicativo não pode sofrer elipse (8Ab). Ao contrário, na ausência de ‘lá’, a elipse pode ocorrer (8Aa). Sendo assim, ‘lá’ pertenceria ao domínio do predicativo pós-cópula.

- (8) A: _ Seja lá qualquer pessoa que for, comporte-se.
B: _ Mesmo se for um palhaço?
A: a. _ Que seja [e.c.i]. Comporte-se.
b. _ *Que seja lá. Comporte-se.

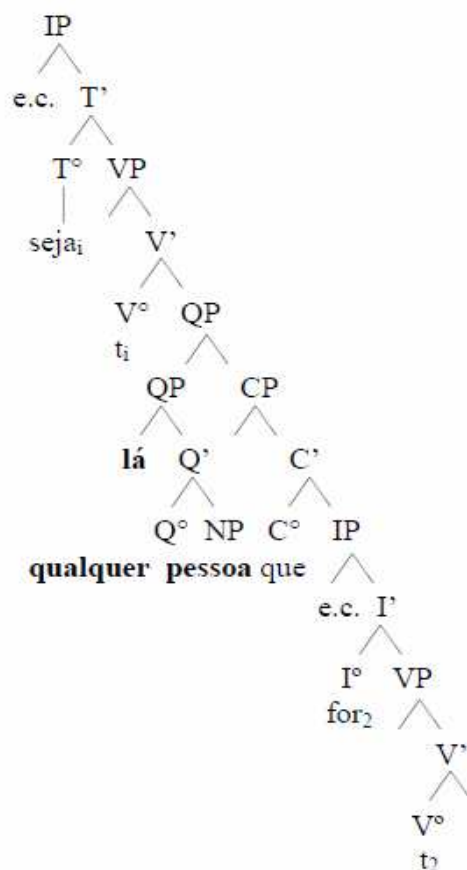
Assim, sendo parte de um QP em (7), ‘lá’ apresenta propriedades distribucionais semelhantes ao ‘lá’ das estruturas com intensificadores, como em (1a), retomado abaixo com o número (9).

- (7) Seja [**lá qualquer** pessoa que for], receba com educação.
(9) Eu não tenho [**lá tanto** talento em esportes].

Em (9), ‘lá’ é inserido em uma projeção QP que contém traços de intensidade e que é alta, pois ‘lá’ antecede o núcleo nominal e também o quantificador ‘tanto’. Em (7), ‘lá’ é inserido igualmente em uma projeção QP alta, que contém, porém, traços de quantificação universal. Vejamos a derivação proposta para o dado (7) abaixo:

Figura 2: ‘Lá’ pré-nominal em Spec,QP universal

- (7) Seja [**lá** qualquer pessoa que for] ...



4.2.3 Recapitulação: 'lá' em Spec,QP

Com base na discussão desenvolvida acima, observamos que 'lá' pode preceder intensificadores, como 'tanto', e quantificadores universais, como 'qualquer'. Por isso, sugerimos que, neste caso, uma análise apropriada seria considerar que 'lá' ocupa a posição de especificador funcional de uma categoria QP.

Essa hipótese parece se confirmar com os intensificadores, pois, diante de diagnósticos como a topicalização e a pronominalização do QP, 'lá' não se separa, sendo também movido na topicalização e encapsulado na pronominalização. A hipótese também se confirma com 'qualquer' nas estruturas com 'seja' pois, na presença de 'lá', o item predicativo não pode ser omitido, o que revela seu pertencimento ao item quantificador pós-cópula.

4.3 ‘Lá’ em estruturas predicativas

Vimos, na seção anterior, que ‘lá’ ocupa a posição Spec,QP em uma estrutura predicativa, conforme exemplo (7), retomado abaixo como (1a). Além disso, os exemplos 1 (a - g) mostram que ‘lá’ pode participar de uma estrutura predicativa contendo núcleos os mais diversos, tais como Q, D, N, Adv, P e A, conforme tabela 1.

- (1) a. Seja lá qualquer pessoa que for, comporte-se.
 b. Seja lá um palhaço, comporte-se.
 c. Seja lá que pessoa/qual livro for, aceite.
 d. Seja lá quem for, aceite.
 e. Seja lá como/onde for, aceite.
 f. Seja lá por que razão/de que direção for, prossiga.
 g. Seja lá bonito como for, não compre.

Tabela 1: Composição das estruturas predicativas com ‘lá’

QP	DP (artigo)	DP (pronome)	NP (pronome)	AdvP	PP	AP
(1a)	(1b)	(1c)	(1d)	(1e)	(1f)	(1g)
Qualquer pessoa	um palhaço	que pessoa qual livro	quem	como onde	por que razão de que direção	bonito

Assim sendo, podemos sugerir que ‘lá’ ocupa a posição de Spec,DP em (1b, c), Spec,NP em (1d), Spec,AdvP em (1e), Spec,PP em (1f) e finalmente Spec,AP, em (1g), conforme derivações propostas abaixo. Essas derivações, com exceção de (1b), são provisórias¹⁷³, pois apresentam alguns problemas metodológicos, como será explicado na seção seguinte.

¹⁷³ Apresentaremos, na seção 4.3.2, uma proposta de reformulação dessas derivações, mas será necessário antes partir de um entendimento destas primeiras para que se possa compreender posteriormente a sugestão de reformulação.

Figura 1: 'Lá' em Spec,DP

(1) b. Seja lá um palhaço, comporte-se.

(1) c. Seja lá que pessoa/qual livro for, aceite.

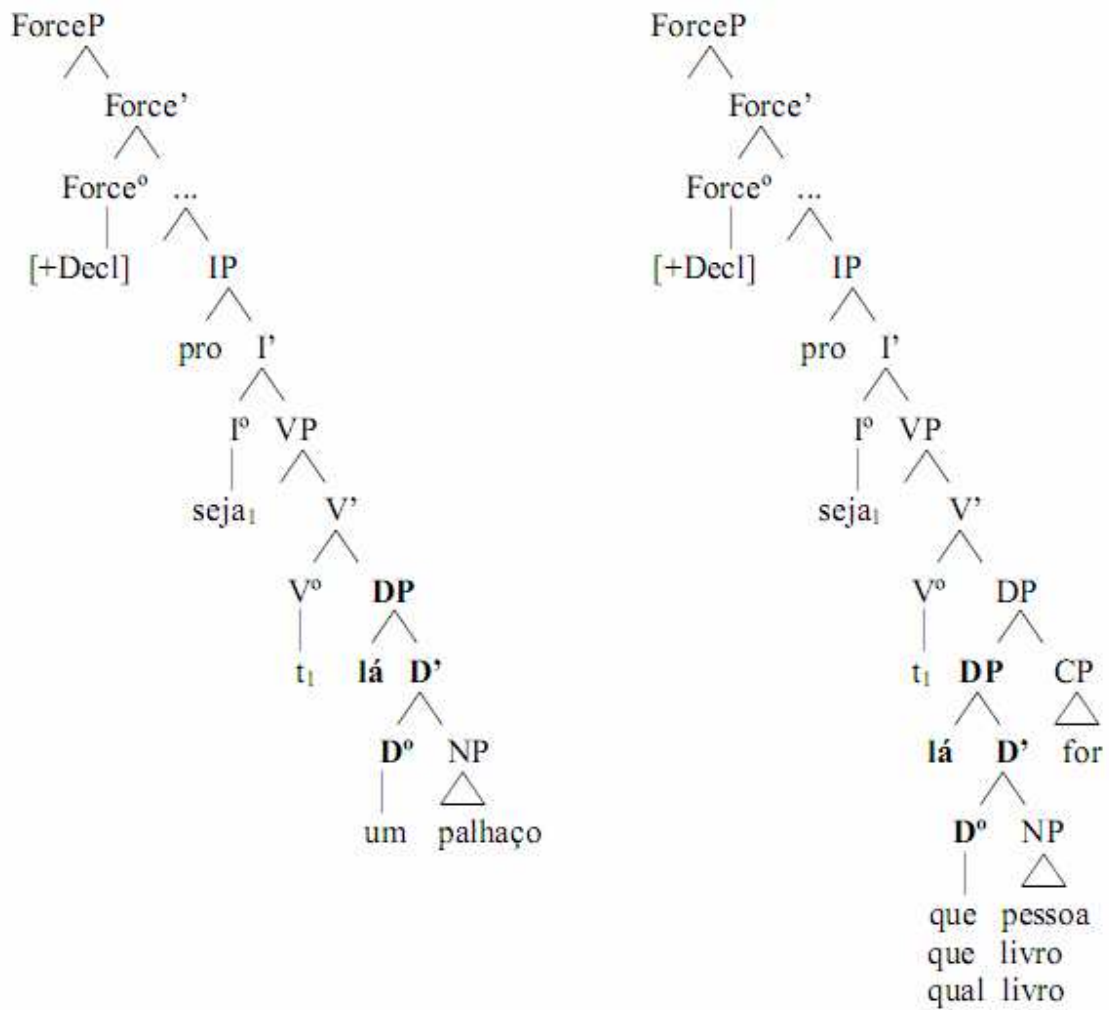


Figura 2: 'Lá' em Spec,NP e em Spec,AdvP

(1) d. Seja lá quem for, aceite.

(1) e. Seja lá como/onde for, aceite.

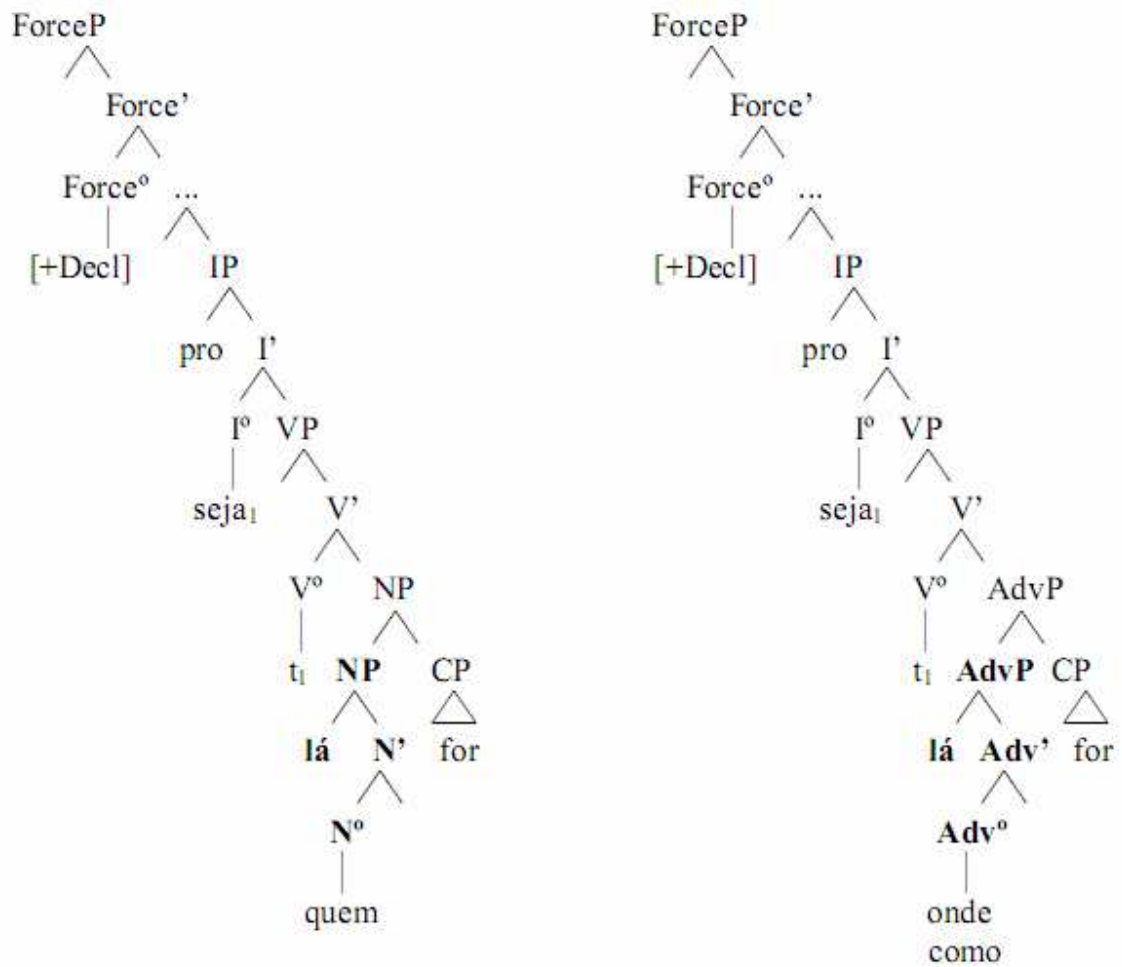
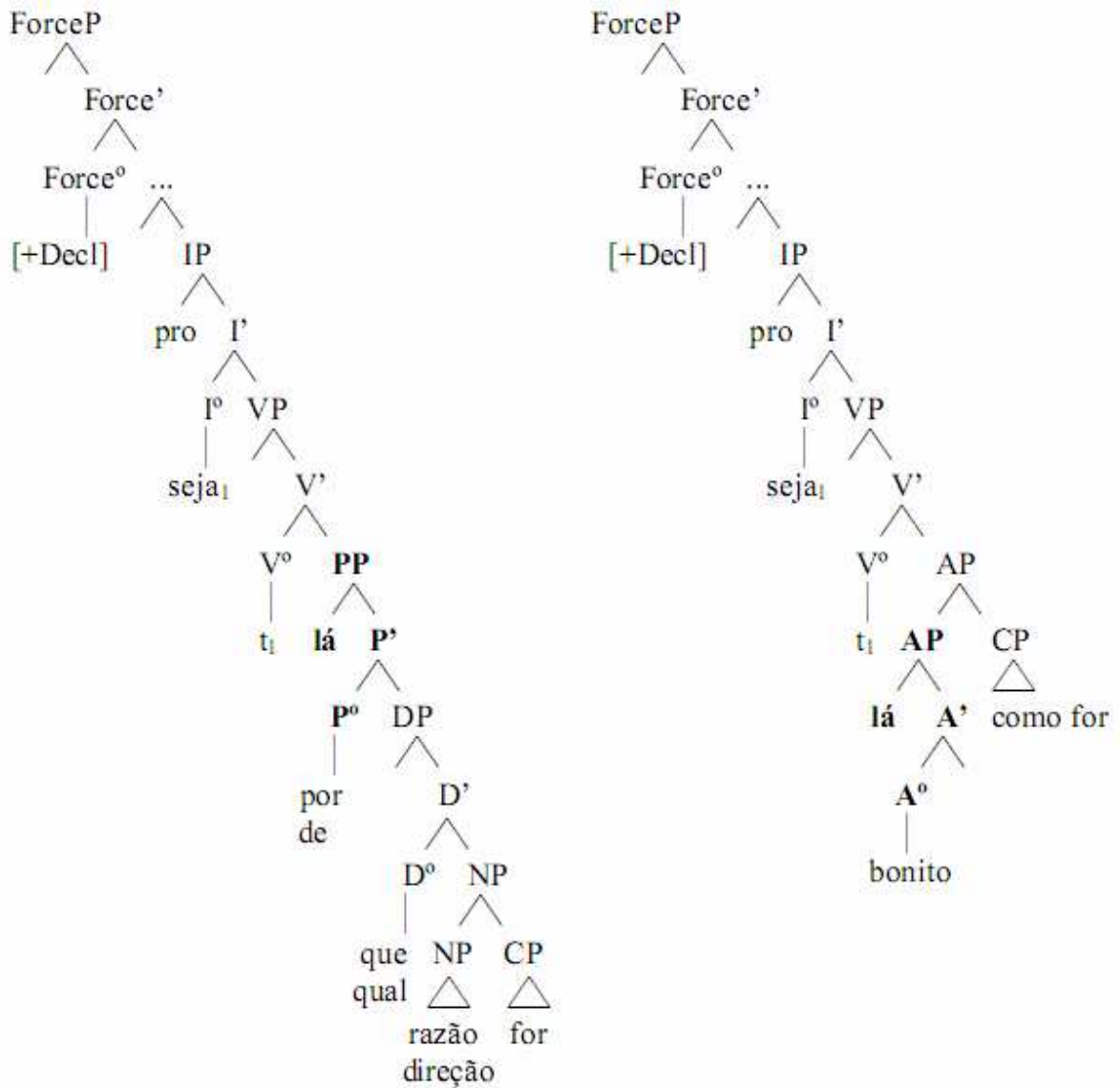


Figura 3: 'Lá' em Spec,PP e em Spec,AP

(1) f. Seja lá por que razão/de que direção (1) g. Seja lá bonito como for, não compre.
for, prossiga.



4.3.1 Especificador em categorias lexicais?

As configurações que acabamos de apresentar podem suscitar um questionamento quanto à coerência da proposta geral desta tese. Como defendido até então, sugerimos que 'lá' ocupa a posição de especificador em categorias funcionais. Contudo, quando se admite que 'lá' ocupa a posição de Spec em NP, por exemplo, ele não estaria no especificador de uma projeção funcional, mas de uma categoria lexical, que, de acordo com Raposo (1992), não possui especificador.

Segundo Raposo (1992, p. 214 - 215), com base em Fukui & Speas, as categorias lexicais apresentam as seguintes propriedades:

- (i) não possuem especificador, projetando assim somente x' ;
- (ii) formam classes abertas, com um número ilimitado de elementos;
- (iii) têm, em geral, um valor semântico;
- (iv) são suscetíveis de serem analisadas nos traços [+/-N] [+/-V].

Com base nessa definição, boa parte dos núcleos das estruturas predicativas analisadas acima seriam categorias lexicais, tais como N [+N, -V], A [+N, +V] e P [-N, -V]. Por isso, não poderiam projetar a posição de especificador. Contudo, como explicaremos na próxima seção, todos os NPs, APs e PPs nos dados em (1a, b-g) constituem na verdade itens *wh* e, portanto, categorias funcionais, o que viabilizaria a análise feita. Em outras palavras, sendo estes NPs, APs e PPs constituintes de itens *wh*, eles têm estatuto funcional e não lexical.

Portanto, para evitar esse dilema entre categoria funcional e lexical ou, mais que isso, para sugerir uma análise unificada das estruturas em (1), vamos propor uma outra derivação para elas, com exceção de (1b), conforme será justificado adiante.

4.3.2 'Lá' em Spec,ForceP [+condicional] no domínio do CP

Antes de partirmos para esta outra proposta de derivação, devemos ressaltar que as estruturas predicativas apontadas em (1), com exceção de (1b), que tem D como núcleo, são componentes de um item *wh* complexo no PB composto por **X + 'ser' no subjuntivo**, sendo

que X pode ser NPs, PPs, APs, QPs, AdvPs, etc. Por isso, sugerimos, na seção anterior que, no final das contas, esse X é funcional.

Uma clara evidência disso é que, no inglês, as estruturas ‘quem for’, ‘o que for’, ‘por que for’, ‘como for’, ‘onde for’ e ‘bonito como for’ seriam traduzidas por itens *wh*, respectivamente, *whoever*, *whatever* ou *whichever*, *no matter the reason why*, *however*, *wherever* e *how beautiful*. Além disso, até mesmo (1g), que tem como núcleo um adjetivo “bonito como for”, pode ser parafraseada por (1g’) que contém um item *wh* (‘quão bonito’) no próprio português, porém, em estilo mais literário.

Uma outra evidência do estatuto *wh* desses NPs, APs, PPs e AdvPs é que as estruturas em (1) podem atuar como respostas a perguntas com itens *wh*, como mostrado nos pares abaixo.

- (1) c. A: Que pessoa/que livro devo aceitar?
B: Seja lá que pessoa/qual livro for, aceite.
- d. A: Quem eu devo cumprimentar?
B: Seja lá quem for, cumprimente.
- e. A: Como/onde devo ir?
B: Seja lá como/onde for, vá.
- f. A: Por que/de que direção devo prosseguir?
B: Seja lá por que razão/de que direção for, prossiga.
- g. Seja lá bonito como for, não compre.
- g’. Seja lá quão bonito for, não compre.

Reconhecendo o valor *wh* desses itens, as estruturas acima já podem receber uma reformulação. Nesta reformulação, os PPs, APs, DPs e AdvPs são gerados internamente ao IP/VP, seja como complemento de VP seja como adjunto de IP, e alçam para Spec,FocusP, no domínio do CP.

Assim sendo, as orações subordinadas predicativas em (1) teriam um paralelo, por exemplo, com a oração subordinada em (2a). Em (2a), “quem ele é” é uma subordinada substantiva objetiva direta. Neste caso, temos uma interrogativa indireta em que o alçamento

do item *wh* parece obrigatório. Isso é diferente das interrogativas diretas (3a, b), em que o alçamento é opcional no português.

- (2) a. Diga quem_i ele é t_i.
- b. *Diga ele é quem.
- (3) a. Quem_i ele é t_i?
- b. Ele é quem?

Em acordo com (2) e em contraste com (3), o alçamento do item *wh* é obrigatório em (1), como atestado em (4).

- (4) a. *Seja lá que for qualquer pessoa, comporte-se.
- c. *Seja lá for que pessoa/qual livro, aceite.
- d. *Seja lá for quem, cumprimente.
- e. *Seja lá for como/onde, vá.
- f. *Seja lá for por que razão/de que direção, prossiga.
- g. *Seja lá for bonito como, não compre.
- g'. *Seja lá for quão bonito, não compre.

A subordinada em (2a) tem, em Force^o, o traço [+interrogativa]. Este não seria o caso da subordinada em (1), pois, apesar de haver movimento *Wh*, o traço de Force parece ser [+condicional]. Concentremo-nos, por exemplo, em (1d):

- (1) d. Seja lá quem for, cumprimente.

Em (1d), as orações principal ‘seja’ e encaixada ‘quem for’ juntas podem ser parafraseadas por orações condicionais com ‘se’, da seguinte maneira (5):

- (5) a. Se for a Maria, cumprimente.
- b. Se for o João, cumprimente.
- c. Se for a Cláudia, cumprimente.

d. Se for a faxineira, cumprimente.

Etc.

‘Se’, em geral, situa-se em Force^o, informando que o tipo da sentença é adverbial condicional. A estrutura ‘lá quem for’ não tem ‘se’, mas também é condicional, o que resulta na projeção de Force^o com núcleo [condicional]. Isso se deve ao fato de que ‘seja’ e ‘for’ estão no modo subjuntivo, próprio de situações hipotéticas.

Nossa hipótese é que, nesta reformulação dos diagramas propostos para (1), ‘lá’ não estaria mais no domínio das categorias NP, AP, AdvP, PP, etc., mas na posição de Spec,ForceP. Isso se deve ao fato de que ‘lá’ precede os itens *wh*. Estes alçariam do domínio do IP/VP a Spec,FocusP. Como ‘lá’ os precede, ‘lá’ estaria localizado em uma posição imediatamente acima de FocusP. Portanto, ‘lá’ seria inserido diretamente em Spec,ForceP, no domínio do CP das estruturas predicativas (1a, c-g).

O mesmo não ocorreria com (1b).

(1) b. Seja lá um palhaço, comporte-se.

Em (1b), ‘um palhaço’ não é um item *wh*. Portanto, para (1b), não há reformulação na análise admitida anteriormente. ‘Lá’ seria inserido em Spec,DP e faria, de fato, parte do domínio do DP, em uma projeção funcional.

Por sua vez, (1a) admitiria duas análises.

(1) a. Seja lá qualquer pessoa que for, comporte-se.

A análise de ‘lá’ em Spec,QP, como admitida na seção anterior, não apresenta problemas, pois ‘qualquer’ é um item funcional na qualidade de quantificador universal. Além disso, “qualquer pessoa” seria também um item *wh* como “whoever” do inglês e, portanto, também se encaixaria na análise proposta nesta seção, que considera o movimento do item *wh* para Spec,FocusP e a inserção de ‘lá’ em Spec,ForceP [+condicional].

Nas estruturas predicativas (1c-g), no entanto, uma reformulação da análise forneceria um tratamento mais adequado e condizente com a proposta geral deste trabalho segundo a qual

‘lá’ é especificador de projeções funcionais. Além disso, uma reformulação proporcionaria um tratamento mais unificado, generalizante e abrangente, já que sintagmas de diferentes naturezas (AP, PP, AdvP, NP, QP, etc.) seriam considerados como itens *wh* movidos a uma posição de foco. Desta maneira, ‘lá’ não ocuparia a posição de especificador de sintagmas lexicais de tão diversas naturezas, mas de Force. Portanto, a análise acomodaria os diferentes sintagmas (em Spec,FocusP) e atribuiria uma única projeção funcional para ‘lá’ (ForceP), em vez de situá-lo em várias projeções categoriais na mesma estrutura predicativa.

Dessa forma, trazemos adiante uma derivação unificada dos dados (1a, c-g), na qual os itens *wh* constituídos por categorias diversas como APs, AdvPs, PPs, NPs e DPs seriam movidos do domínio do IP/VP para Spec,FocusP. Por sua vez, ‘lá’, que os precede, seria inserido em Spec,ForceP.

Vejam os abaixo o paralelo entre as derivações até então apresentadas e a versão reformulada^{174, 175} de cada uma delas.

¹⁷⁴ A reformulação, apesar de retratar bem o caráter *wh* dos itens AP, DP, NP e AdvP em questão, ainda parece apresentar uma falha. Em geral, Force^o é o lugar do complementizador ‘que’. Nas estruturas em questão, o ‘que’, se expresso foneticamente, por exemplo, em “Seja lá quem/qualquer pessoa que for”, teria de ser alocado em Focus^o, como representado na segunda coluna da figura 4.

¹⁷⁵ A inserção de *e.c.* na posição de Spec,IP e Spec,VP da subordinada se justifica porque as estruturas “seja lá qualquer pessoa que for”, “seja lá quem for”, “seja lá onde for”, “seja lá como for”, etc. se constituem com um sujeito nulo nesta posição, que pode ser inclusive pronominalizado ou nominalizado, como em “Seja lá quem *ele* for” ou “seja lá quem *o João* for”.

Figura 4: 'Lá' em Spec,QP versus 'lá' em Spec,ForceP [+condicional]
com QP em Spec,FocusP

(1) a. Seja lá qualquer pessoa que for, comporte-se.

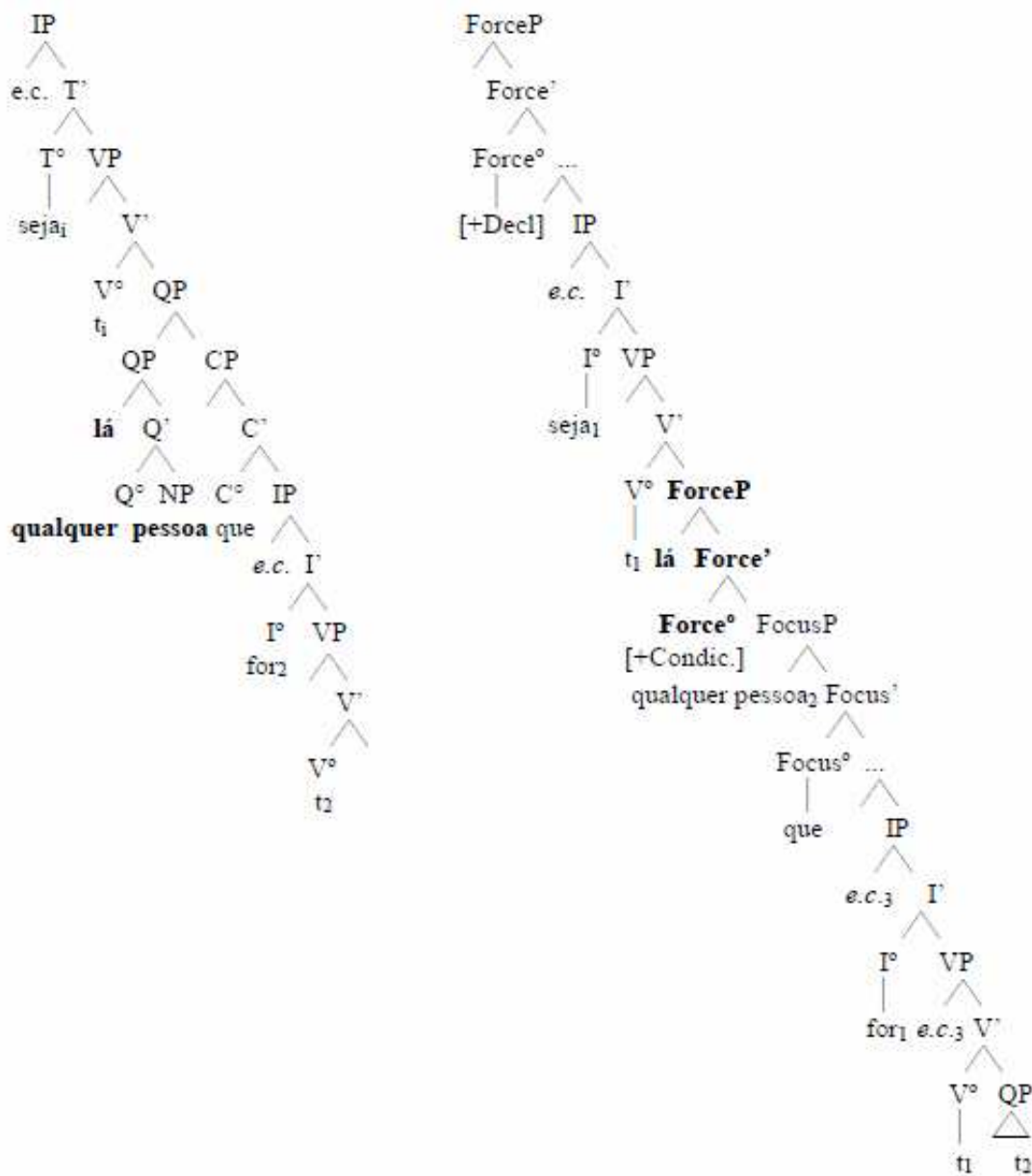


Figura 5: ‘Lá’ em Spec,DP versus ‘lá’ em Spec,ForceP [+condicional]
com DP em Spec,FocusP

(1) c. Seja lá que pessoa/qual livro for, aceite.

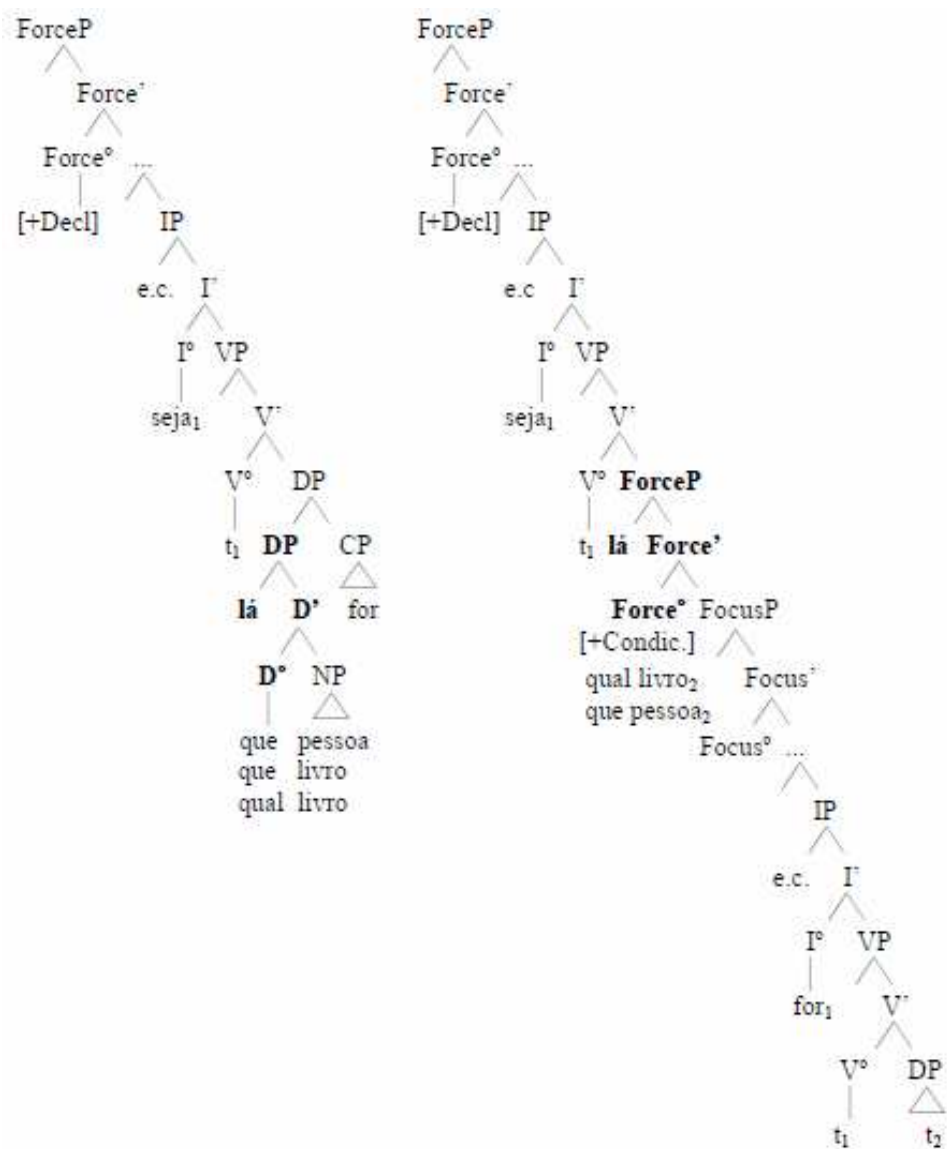


Figura 6: ‘Lá’ em Spec,NP versus ‘lá’ em Spec,ForceP [+condicional]
com NP em Spec,FocusP

(1) d. Seja lá quem for, cumprimente.

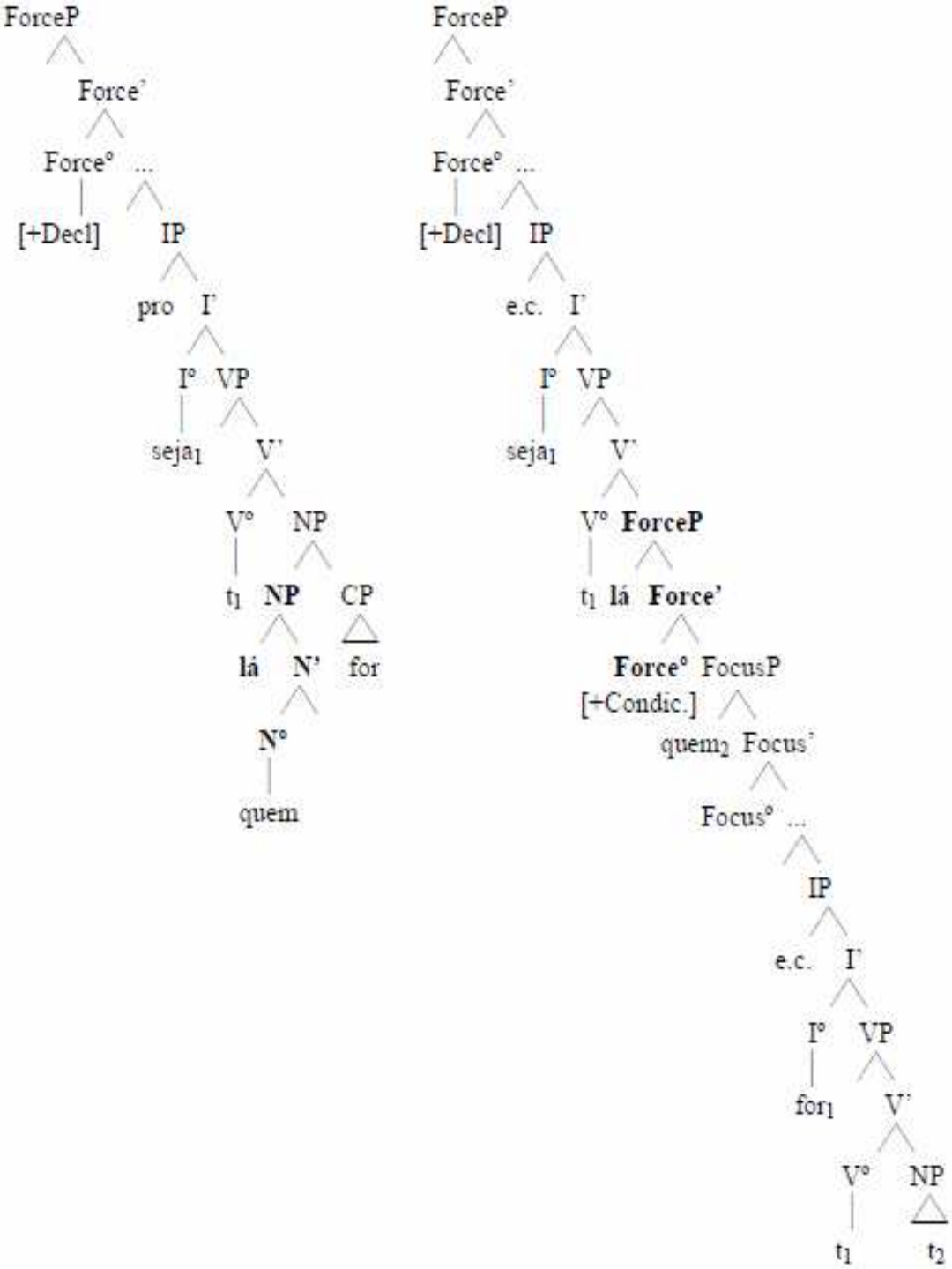


Figura 8: 'Lá' em Spec,PP versus 'lá' em Spec,ForceP [+condicional] com PP em Spec,FocusP

(1) f. Seja lá por que razão/de que direção for, prossiga.

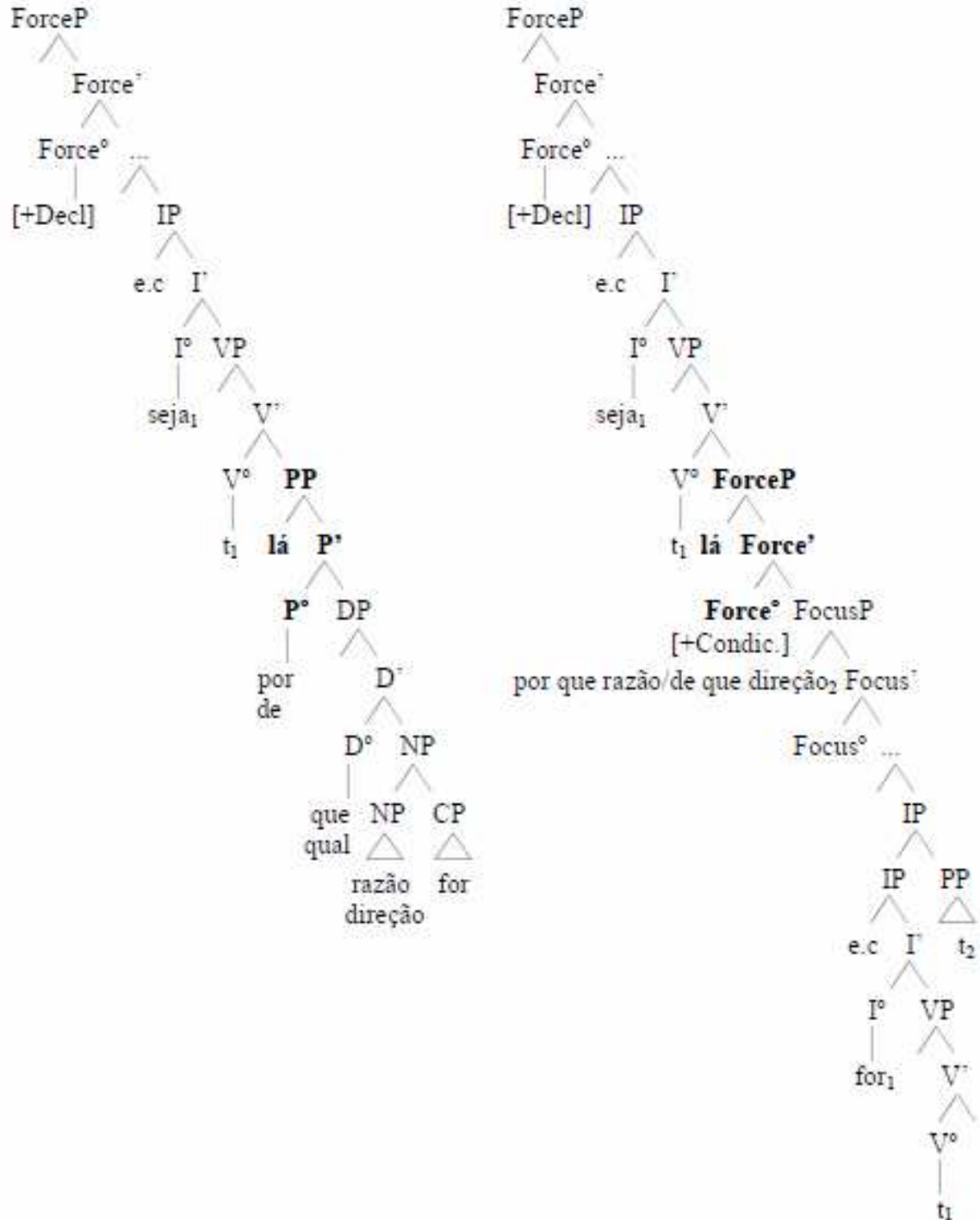
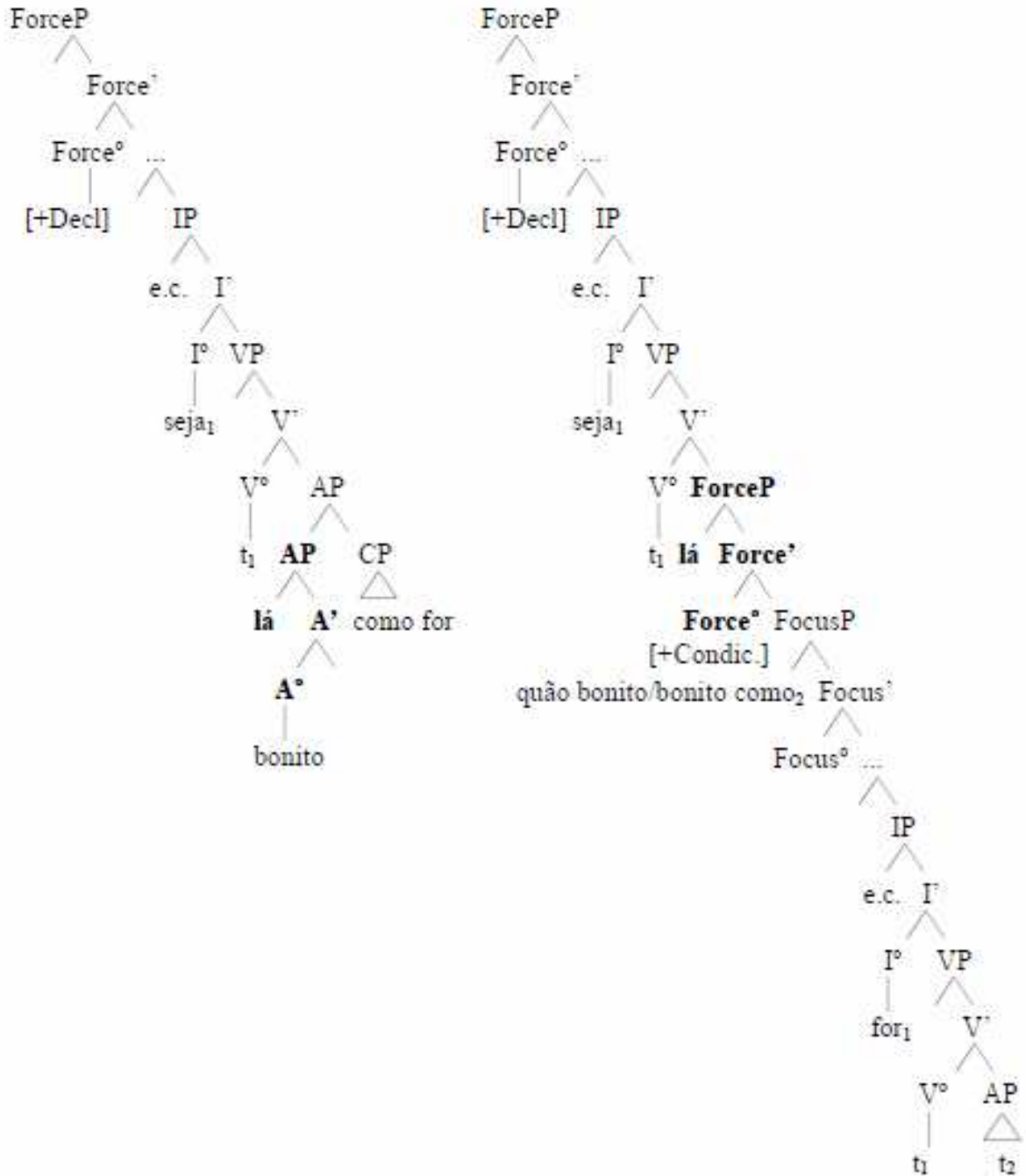


Figura 9: 'Lá' em Spec,AP versus 'lá' em Spec,ForceP [+condicional]
com AP em Spec,FocusP

(1) g. Seja lá bonito como for, não compre.



4.3.3 Recapitulação: ‘lá’ em estruturas predicativas

Observamos, nesta seção, que há pelo menos duas análises possíveis para as estruturas com *seja lá x for*, sendo que *x* pode ser um AP, NP, AdvP, PP, DP ou QP.

Uma análise possível seria aquela que alocaria ‘lá’ na posição de especificador de cada uma destas categorias. Como discutimos, essa alternativa poderia gerar um problema, pois categorias lexicais não projetam especificadores funcionais. A saída para esse problema seria argumentar que essas categorias são constitutivas de itens *wh*. Uma evidência disso é que todo o agrupamento *seja lá x for* seria traduzido no inglês por palavras *wh*, tais como *whatever* e *whoever*. Por isso, seria permitida a análise de ‘lá’ na posição de especificador de cada uma destas categorias.

Apesar dessa possibilidade, apresentamos uma outra análise que parece mais adequada por se configurar de modo unificado e generalizante. Como itens *wh*, ‘qualquer pessoa’, ‘quem’, ‘por que razão’, ‘onde’, ‘como’, dentre outros podem se mover para Spec,FocusP no domínio do CP.

Com essa análise, atribuiríamos a mesma posição sintática para essas categorias, que são de naturezas diversas e constituem a estrutura predicativa pós-cópula em questão, isto é, a estrutura predicativa que sucede ‘seja’. Por sua vez, ‘lá’ estaria em ForceP, projeção acima de FocusP. Force^o teria traços [+condicionais], visto que *seja lá x for* pode ser parafraseada por uma oração condicional com ‘se’.

Essa reformulação aloca boa parte dos dados com ‘lá’ em (1) no domínio do CP, que foi tratado no capítulo 2 “‘Lá’ na periferia externa do IP”. Contudo, achamos por bem tratar esses dados neste capítulo, primeiro, porque a segunda análise proposta não inviabiliza a primeira e não a substitui, no caso de (1b), por exemplo. Segundo, porque, ao tratarmos de estruturas predicativas, estamos tratando, sobretudo, de itens com natureza nominal e pronominal e, portanto, itens do domínio do DP, que, no final da derivação, se movem para uma posição no domínio do CP, enquanto ‘lá’ seria inserido diretamente neste domínio.

CONCLUSÃO DO CAPÍTULO 4

‘LÁ’ NA PERIFERIA DO NP

Neste capítulo, observamos que, sendo pós ou pré-nominal, ‘lá’ pertenceria a projeções funcionais constitutivas da cartografia do DP.

Assim sendo, ‘lá’ pós-nominal é inserido em uma projeção SpP que contém traços de especificidade e que está situada em uma posição baixa na estrutura do DP, pois ‘lá’ é rigidamente pós-nominal e, além disso, pode suceder modificadores. Há de se ressaltar ainda que a projeção SpP veicula traços de quantificação, porque os dados com ‘lá’ específico apresentam restrição quanto a contextos genéricos, podendo referir-se a um certo referente (‘colega’) ou a um subgrupo de referentes (‘panelinhas velhas’), mas não a uma classe.

Em análise aos dados com ‘lá’ pré-nominal, propomos que, ao preceder um intensificador, ‘lá’ é inserido em uma projeção QP que contém traços de intensidade e que é alta, pois ‘lá’ antecede o núcleo nominal e também o intensificador. Ao preceder um quantificador, ‘lá’ é inserido igualmente em uma projeção QP alta, que contém, porém, traços de quantificação universal.

Finalmente, a análise da estrutura “seja lá qualquer pessoa que for”, na qual o constituinte pós-cópula é um predicativo, levou-nos a investigar a realização de ‘lá’ em outras estruturas predicativas, com núcleos variados, que, além de um QP, englobariam DPs, NPs, APs, AdvPs e PPs. Propomos inicialmente que ‘lá’ seria o especificador de cada uma dessas categorias. Essa análise apresentava algumas falhas potenciais, visto que ‘lá’ estaria em Spec de projeções lexicais e não funcionais. Para evitar esse problema, esclarecemos que os itens em questão são, na verdade, itens *wh*. Essa constatação nos levou a propor uma derivação mais abrangente, visto que o item *wh* seria movido na subordinada para Spec,FocusP. ‘Lá’ precede esse item. Portanto, ‘lá’ estaria em Spec,ForceP da subordinada predicativa. Neste caso, ‘lá’ faria parte, de fato, do domínio do CP e não do domínio do DP. Contudo, era necessário situar as estruturas predicativas neste capítulo para que se pudessem compreender os desdobramentos desta última derivação sugerida.

CONCLUSÃO

Esta tese se ocupou em dar um tratamento formal a sentenças com ‘lá’ no português brasileiro. Seguindo a proposta cartográfica (CINQUE; RIZZI, 2008) de mapeamento das categorias sintáticas, o trabalho permitiu identificar e dar visibilidade a projeções funcionais da periferia esquerda no PB. Dessa forma, produzimos uma análise que tentou “sintaticizar” (CINQUE; RIZZI, 2008, p. 52), isto é, identificar, formalizar e analisar as propriedades sintáticas desse advérbio.

Em geral, ‘lá’ tem sido descrito como um item “gramaticalizado” (GRECO; VITRAL, 1999) ou “discursivizado” (MARTELOTTA; REGO, 1996) que sinalizaria uma perspectiva emocional de distanciamento por parte do falante. Descrições como essas, apesar de demonstrarem uma intuição discursiva coerente com os dados, propõem rótulos amplos ou “coringas” (“modalizador”, “indeterminador”, “expletivo”, etc.) que não contribuem para um esclarecimento efetivo do que é ‘lá’, de que posição ele ocupa no arcabouço arbóreo e de qual papel ele exerce na sintaxe.

A presente tese, por outro lado, buscou trazer contribuições mais objetivas para o estudo do fenômeno, dentre outras razões: por catalogar, se não todas, pelo menos grande parte das diferentes realizações de ‘lá’ no PB, por esmiuçá-las descritiva e analiticamente e por oferecer uma aplicação sistemática da teoria dos especificadores funcionais e do projeto cartográfico aos dados analisados.

Na teoria dos especificadores funcionais, os AdvPs “propriamente ditos” (em oposição aos itens circunstanciais) são analisados como especificadores. Isso se deve ao fato de que os AdvPs apresentam uma ordenação rígida na estrutura sentencial que, por sua vez, coincide com a ordenação dos núcleos de categorias funcionais. Nas palavras de Cinque (1999, p. v, tradução nossa), “diferentes classes de AdvPs entram em uma relação Spec-núcleo transparente com os diferentes núcleos funcionais da oração”¹⁷⁶. Como ‘lá’ no PB apresenta ordenação rígida e restrições compatíveis com determinadas projeções funcionais, partimos do pressuposto segundo o qual esse advérbio ocuparia a posição de especificador.

¹⁷⁶ “different classes of AdvPs enter into a transparent Spec/head relation with the different functional heads of the clause” (CINQUE, 1999, p. v).

No projeto cartográfico, objetiva-se “delinear mapas os mais precisos e detalhados possíveis das configurações sintáticas”¹⁷⁷ (CINQUE; RIZZI, 2008, p. 49, tradução nossa). Desse modo, esse projeto se articula com o programa minimalista (CHOMSKY, 1995) na medida em que, enquanto este trata das operações básicas envolvidas na geração de arranjos sintáticos, aquele trata do mapeamento desses arranjos hierarquicamente construídos. Dessa forma, ao contrário do que se pode pensar, minimalismo e cartografia não são incompatíveis, mas complementares, uma vez que “uma operação recursiva muito simples pode originar uma estrutura muito rica e complexa”¹⁷⁸ (CINQUE; RIZZI, 2008, p. 49, tradução nossa).

Nesse sentido, adota-se “uma interpretação de C-T-v-V como um código simplificado de estruturas cartográficas mais complexas [...] nas quais C, T, and v são tomados como ‘abreviaturas’ para zonas complexas”¹⁷⁹ (CINQUE; RIZZI, 2008, p. 49, tradução nossa). Com base nesse pressuposto, desenvolvemos uma análise de ‘lá’ nas diversas projeções funcionais que constituem os domínios periféricos do IP, VP e NP.

O resultado final a que chegamos pode ser visualizado esquematicamente no quadro seguinte:

O advérbio ‘lá’ nas três periferias esquerdas do PB	
O domínio do CP	
Spec,FocusP	<p><i>Questões retóricas</i></p> <p>(1) O João (lá) comprou (lá) um carro?</p> <hr/> <p><i>Imperativas</i></p> <p>(2) Calma lá! Você não pode me acusar assim.</p>
Spec,TopP	<p><i>Construções inacusativas e existenciais</i></p> <p>(3) a. Lá vem o Sílvio Santos. b. Lá vai o ônibus. c. “Lá tinha um trem lá” (BUTHERS, 2009, p. 76).</p>

¹⁷⁷ “the attempt to draw maps as precise and detailed as possible of syntactic configurations” (CINQUE; RIZZI, 2008, p. 49).

¹⁷⁸ “a very simple recursive operation can give rise to a very rich and complex structure” (CINQUE; RIZZI, 2008, p. 49).

¹⁷⁹ “an interpretation of C-T-v-V as a shorthand for more complex cartographic structures [...] with C, T, and v taken as ‘abbreviations’ standing for complex zones.” (CINQUE; RIZZI, 2008, p. 49).

Spec,FinP	<p><i>Construções com valor de decorrência ou iminência</i></p> <p>(4) a. “Embrulhados assim, os ovos têm proteção suficiente para aguentar os trancos que lá vão <i>tomando</i> na cangalha” (programa Globo Rural, 19 de setembro de 2010).</p> <p>b. Eu lá ia <i>tomar</i> café, quando derramei tudo.</p>
Spec,ForceP	<p><i>Diretivas [Força diretiva]</i></p> <p>(5) A chave! Lá vai.</p>
	<p><i>Assertivas enfáticas [Força assertiva]</i></p> <p>(6) A: _A vida não tem sentido sem trabalho e fé. B: _Lá isso é verdade.</p>
	<p><i>Estruturas predicativas complexas [Força condicional]</i></p> <p>(7) Seja [lá que livro for], você precisa ler mais.</p>
A periferia interna	
Spec,FocusP	<p><i>Negação</i></p> <p>(8) “Eu sei lá como, mas ele apareceu na casa da minha mãe” (novela <i>Morde e Assopra</i>, Rede Globo, junho de 2011).</p>
Spec,TopP	<p><i>Concessão</i></p> <p>(9) a. “Que ela seja paqueta ainda vai lá. Agora, sair com o Romário ...” (MARTELOTTA; RÊGO, 1996, p. 246).</p>
O domínio do DP	
Spec,SpP	<p><i>Marcação de especificidade e identificação vaga</i></p> <p>(10) “eu tinha [um colega meu lá] que ele trabalhava com negócio de obra” (ALMEIDA; CARNEIRO, 2008, p. 4).</p>
Spec,QP	<p><i>Estruturas com quantificação</i></p> <p>(11) a. Eu não tenho [lá tanto talento em esportes]. b. Seja [lá qualquer pessoa que for], comporte-se bem.</p>

Esse resultado partiu de um estudo criterioso das diversas propriedades de ‘lá’ em diferentes ambientes sintáticos.

Dentre essas propriedades, consideramos as suas restrições posicionais. Observou-se que, na maior parte dos dados, ‘lá’ é pré-verbal, como em (1) opcionalmente, em (3 - 6) obrigatoriamente e em (7), precedendo o verbo ‘for’ na oração subordinada da qual faz parte.

Em (2), diferentemente, ‘lá’ é pós-verbal, mas isso se dá por causa do movimento do verbo a Force, em sentenças imperativas. Consequentemente, no processo de derivação de (2), ‘lá’ originalmente ocupa uma posição pré-verbal.

Sendo assim, as sentenças de (1) a (7) revelaram que ‘lá’ deveria ser analisado em uma posição mais alta que IP/TP para onde o verbo se move. Por isso, ficou claro que ‘lá’ ocuparia posições altas na hierarquia sintática.

Acrescido a isso, devido ao fato de ‘lá’ comportar elementos característicos de interface, tais como foco entonacional, força ilocucionária e informação dada/tópica, concluiu-se que seria necessária uma análise desse advérbio na periferia esquerda do IP, isto é, no domínio do CP.

Por extensão, sua ordem rigidamente pós-verbal nos dados de (8) a (9) nos levou a acreditar que, nestes casos, ‘lá’ ocuparia posições baixas na hierarquia sintática, mais especificamente, na periferia do vP.

Outro fato interessante é o pertencimento de ‘lá’ à estrutura nominal. Observou-se que ‘lá’ pode ser pré-nominal, como em (11), e também pós-nominal, como em (10). Neste caso, N teria sido movido para uma projeção funcional mais alta, deixando ‘lá’ para trás, embora este ocupe originalmente uma posição mais alta que N na derivação. Por isso, ‘lá’s’ pré e pós-nominais ocupariam projeções na periferia esquerda do NP, isto é, no domínio do DP.

Resta ressaltar que, com exceção de (8), ‘lá’ é um elemento opcional e pode ser omitido, sem causar alteração no conteúdo proposicional das sentenças em que ocorre. Assim, se ‘lá’ for omitido nas sentenças acima, pode-se perder algum tipo de ênfase ou efeito discursivo, mas a proposição se mantém. Diferentemente, em (8), com a omissão de ‘lá’, a sentença passa de negativa “eu sei lá como” a afirmativa “eu sei como”, alterando completamente a significação veiculada.

Em suma, a proposta desenvolvida (i) atribui uma análise unificada às múltiplas ocorrências de ‘lá’, acomodando-as nas periferias; (ii) dá visibilidade às restrições posicionais de ‘lá’ e às suas propriedades de interface; e (iii) é coerente na aplicação da teoria dos especificadores funcionais (CINQUE, 1999) tendo em vista a rigidez na ordenação de ‘lá’ e a

compatibilidade desta ordem com a hierarquia das projeções funcionais periféricas. Além disso, a proposta (iv) elucidada, a partir das diversas projeções ocupadas por 'lá', uma tentativa de sondagem e mapeamento da periferia esquerda no PB, que merece mais investigações. Por último, (v) o trabalho configura-se como uma amostra das muitas pesquisas que ainda devem ser desenvolvidas sobre a sintaxe dos advérbios no PB.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABOH, Enoch; CORVER, Norbert; DYAKONOVA, Marina; KOPPEN, Marjo van. DP-internal information structure: some introductory remarks. *Lingua*, n. 120, v. 4, p. 782 - 801, 2010.

ALKMIN, Mônica; CHAVES, Elaine. *Corpus de Mariana*. Transcrições concedidas por NUPEVAR. Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais, 2009.

ALMEIDA, Norma; CARNEIRO, Zenaide (Org.). *Coleção amostras da língua falada no semiárido baiano*. CD1: Amostras da língua falada na zona rural de Anselino da Fonseca (Piemonte da Diamantina). Feira de Santana: Universidade Estadual de Feira de Santana, 2008.

AUSTIN, John. *How to do things with words*. 2. ed. Oxford: Oxford University Press, 1988.

AVELAR, Juanito. Inversão locativa e sintaxe de concordância no português brasileiro. *Matraga*, Rio de Janeiro, v. 16, n.24, jan./jun., p. 232 - 252, 2009.

AVELAR, Juanito; CYRINO, Sonia. Locativos preposicionados em posição de sujeito: uma possível contribuição das línguas Bantu à sintaxe do português brasileiro. *Revista de Estudos Linguísticos da Universidade do Porto*, Porto, v. 3, p. 55 - 75, 2008.

BELLETTI, Adriana. Aspects of the low IP area. In: RIZZI, Luigi. *The structure of CP and IP: The cartography of syntactic structures*. Oxford, New York: Oxford University Press, 2004. v. 2, p. 16 - 51.

BENINCÀ, Paola; POLLETO, Cecilia. Topic, Focus, and V2: defining the CP sublayers. In: RIZZI, Luigi. *The structure of CP and IP: The cartography of syntactic structures*. Oxford, New York: Oxford University Press, 2004. v. 2, p. 52 - 75.

BERGEN, Benjamin; PLAUCHÉ, Madelaine. The convergent evolution of radial constructions: French and English deictics and existentials. *Cognitive Linguistics*, v. 16, n.1, p.

1 – 42, 2005. Disponível em: [<http://www2.hawaii.edu/~bergen/papers/bergenplauche.pdf>]. Acesso em: 15 mar. 2011.

_____. Voilà voilà: Extensions of deictic constructions in French. In: Cienki, Alan; Luka, Barbara; Smith, Michael (Eds.). *Conceptual and Discourse Factors in Linguistic Structure*, 2001, p. 1 - 18. Disponível em: [<http://www.icsi.berkeley.edu/~bbergen/CSDL4paper.PDF>]. Acesso em: 12 mar. 2011.

BERNSTEIN, Judy. Demonstratives and reinforcers in Romance and Germanic languages. *Lingua*, 102, p. 87 - 113, 1997.

BIBERAUER, Theresa; HOLMBERG, Anders; ROBERTS, Ian; SHEEHAN, Michelle. *Parametric Variation: Null Subjects in Minimalist Theory*. Cambridge University Press: Cambridge, 2010.

BRUGÈ, Laura. The positions of demonstratives in the extended nominal projection. In: CINQUE, Guglielmo (Ed.). *Functional structure in DP and IP: the cartography of syntactic structures*. Oxford: Oxford University Press, 2002. v.1, p.15-53.

BUTHERS, Christiane. *Emergência da ordem [XP V (DP)] no PB Contemporâneo e o Parâmetro do Sujeito Nulo: uma abordagem minimalista*. 2009. 164 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2009.

CARRILHO, Ernestina. Construções de expletivo visível em português europeu (não-padrão). In: CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGUÍSTICA: LÉXICO E GRAMÁTICA. *Anais...* Lugo, 2000. 7 f. Disponível em: <http://www.clul.ul.pt/equipa/ecarrilho/ernestina_carrilho_2000b.pdf>. Acesso em: 29 out. 2008.

CAVALCANTE, Rerisson. *A negação pós-verbal no português brasileiro: análise descritiva e teórica de dialetos rurais de afro-descendentes*. 2007. 161 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2007.

CHOMSKY, Noam. *O Programa Minimalista*. Tradução de Eduardo Raposo. Lisboa: Caminho, 1999. Título original: *The Minimalist Program*.

_____. *The Minimalist Program*. Cambridge, Mass.: MIT Press, 1995.

CINQUE, Guglielmo. *Adverbs and Functional Heads: A Cross-Linguistic Perspective*. New York: Oxford University Press, 1999.

_____. Deriving Greenberg's Universal 20 and its exceptions. *Linguistic Inquiry*, Massachusetts, v. 6, n.3, p.315 - 332, 2005.

_____. On the Evidence for Partial N-movement in the Romance DP. In: CINQUE, Guglielmo ; KOSTER, Jan ; POLLOCK, Jean-Yves (Eds.). *Paths Towards Universal Grammar: Studies in Honor of Richard S. Kayne*. Washington: Georgetown University Press, 1994. p. 85 - 110.

CINQUE, Guglielmo; RIZZI, Luigi. The cartography of syntactic structures. *CISCL Working Papers*, Siena, v. 2, p. 42 - 58, 2008.

COENE, Martine; D'HULST, Yves. Introduction. In: _____ (Eds). *From NP to DP: the syntax and semantics of noun phrases*. Amsterdam, Philadelphia: J. Benjamins Pub, 2003. v. 1, p. 1 – 33.

CYRINO, Sônia; BIBERAUER, Theresa. Appearances are deceptive: Jespersen's cycle from the perspective of the Romania Nova and Romance-based Creoles. In: GOING ROMANCE, 23. Nice, 2009. 19 fls. (handout).

DUARTE, Maria Eugênia. *A perda do princípio "evite pronome" no português brasileiro*. 1995. 161 f. Tese (Doutorado em Linguística). Campinas: Universidade Estadual de Campinas, 1995.

ERNST, T. On the role of semantics in a theory of adverb syntax. *Lingua*, n.117, p. 1008 - 1033, 2007.

GIUSTI, Giuliana. Is there a FocusP and a TopicP in the Noun Phrase structure? *Working Papers in Linguistics*, Venice, v.6, n.2, p. 105-128, 1996.

_____. The categorial status of quantified nominals. *Linguistische Berichte: Forschung, Information, Diskussion*. Opladen, n. 136, p. 438 - 454, 1991.

GRECO, Daniele; VITRAL, Lorenzo. *O advérbio 'lá' e a noção de gramaticalização*. 1999. 15 p. Monografia (Iniciação Científica) - Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 1999.

GRENOBLE, Lenore; RILEY, Matthew. The role of deictics in discourse coherence: French *voici/voilà* and Russian *vot/von*. *Journal of Pragmatics*, n. 25, p. 819 - 838, 1996.

GUARIGLIA, Rinaldo. O lugar-comum no texto argumentativo escolar: o consenso e a polêmica. *Estudos Lingüísticos*, São Paulo, 37, v.3, p. 121-130, set./dez. 2008.

GUILLEMIN, Diana. Definiteness and specificity in Mauritian Creole: a syntactic and semantic overview. In: BAKER, Philip and FON SING, Guillaume (Eds.). *The making of Mauritian Creole*. London: Battlebridge Publications, 2007. p. 63-91.

HAEGEMAN, Liliane. DP-periphery and clausal periphery: possessor doubling in West Flemish. In: ADGER, David; CAT, Cécile de; TSOULAS, George. *Peripheries: syntactic edges and their effects*. Dordrecht, Boston, London: Kluwer Academic Publishers, 2004. p. 211-240.

HAN, Chung-Hye. Deriving the interpretation of rhetorical questions. In: WEST COAST CONFERENCE ON FORMAL LINGUISTICS, 16, 1998. *Proceedings...* Stanford: Center for the Study of Language and Information, 1998, p. 237-253.

HEIM, Irene. *The semantics of definite and indefinite Noun Phrases*. New York: Garland Publishing, 1988.

HOLMBERG, Anders; NAYUDU, Aarti; SHEEHAN, Michelle. Three partial null-subject languages: a comparison of Brazilian Portuguese, Finish and Marathi. *Studia Linguistica*, v. 63, n. 1, p. 59 - 97, 2009.

HOLMBERG, Anders. Scandinavian Stylistic Fronting: How any category can become an expletive. *Linguistic Inquiry*, Massachusetts, v. 31, n. 3, p. 445 - 483, 2000.

HORN, Laurence. Metalinguistic negation and pragmatic ambiguity. *Language*, 61, p. 121-174, 1985.

HOUAISS, Antônio. *Dicionário eletrônico Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

ILARI, Rodolfo et al. Considerações sobre a ordem dos advérbios. In: CASTILHO, Ataliba (Org.). *Gramática do português falado*. Campinas: UNICAMP/FAPESP, 1990. v. 1. p. 63 - 141.

IONIN, Tania. *This is definitely specific: specificity and definiteness in article systems*. *Natural Language Semantics*, n. 14, p.175-234, 2006.

KEMPCHINSKY, Paula. Locative inversion, PP topicalization and the EPP. In: SATTERFIELD, Teresa; TORTORA, Cristina; CRESTI, Diana. (Eds). *Current issues in Romance Languages*. Amsterdam: John Benjamins, 2002. p. 145 - 159.

LAENZLINGER, C. A feature-based theory of adverb syntax. GG@G (Generative Grammar in Geneva), n. 3, 2002, p. 67-105. Disponível em: <<http://www.unige.ch/lettres/linge/syntaxe/journal/Volume3/laenzlingerGG@G.pdf>>. Acesso em: 06 dez. 2008.

LAKA, Itziar. The Σ Projection. In: _____. *On the syntax of negation*. New York: Garland Publishing, 1994. p. 63 - 103.

LANDAU, Idan. LF quirkiness is LF locative inversion. In: _____. *The locative syntax of experiencers*. Cambridge, Massachusetts: MIT Press, 2010. p. 117 - 131.

LEVIN, Beth; HOVAV, Malka. The problem of locative inversion. In: _____. *Unaccusativity: at the syntax-lexical semantics interface*. Cambridge, Massachusetts: the MIT Press, 1995. Cap. 6, p. 215 - 277.

LYONS, Christopher. *Definiteness*. Cambridge: Cambridge University Press, 1999.

MARCHANT, Alison. *Indefinite 'this' and the givenness hierarchy*. 1994. 77 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Simon Fraser University, British Columbia, 1994.

MARTELOTTA, Mário; RÊGO, Lana. Gramaticalização de *lá*. In: MARTELOTTA, M.; VOTRE, S.; CEZARIO, M. *Gramaticalização no português do Brasil: uma abordagem funcional*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996. p. 237-250.

MARTINS, A. Deictic locatives, emphasis and metalinguistic negation. In: GALVES, Charlotte et al. (Eds). *Diachronic Syntax: Parameter Theory and Dynamics of Change*. Oxford University Press, 2010. (No prelo).

MATTOS E SILVA, Rosa Virgínia. *Estruturas trecentistas: Elementos para uma gramática do português arcaico*. Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda, 1989.

MÓIA, Telmo. Aspectos da semântica do operador *qualquer*. *Cadernos de Semântica*, Lisboa, n. 5, p.1-46, 1992.

MORIN, Yves-Charles. On the two French subjectless verbs *voici* and *voilà*. *Language*, Baltimore, 61, n. 4, p. 777 - 820, 1985.

NAGASE, Erika. *A inversão locativa no português brasileiro*. 2007. 88 f. Dissertação (Mestrado em Linguística). São Paulo: Universidade de São Paulo, 2007.

NASCIMENTO, Milton; KATO, Mary. O estatuto dos nominais pós-verbais dos verbos inacusativos. *Revista de Estudos da Linguagem*, Belo Horizonte, v.1, n.3, p. 31-74, jan./jun. 1995.

NUNES, Jairo. Triangulismos e a sintaxe do português brasileiro. In: CASTILHO, Ataliba; KATO, Mary. *Descrição, história e aquisição do português brasileiro*. Campinas: Pontes, 2007. p. 25 - 34.

PEREIRA, Bruna. A polivalência de 'lá': evidências para a teoria dos especificadores funcionais. *Estudos Lingüísticos*. Ribeirão Preto, v.39, n. 1, p. 354 – 369, 2010a. Disponível em: < http://www.gel.org.br/estudoslinguisticos/volumes/39/v2/EL_V39N1_27.pdf>. Acesso em: 08 abr. 2011.

_____. A posição de 'lá' como marcador de negação no PB: um contraste com dados do PE. *Revista Língua & Literatura*, Frederico Westphalen, n. 17, p. 235 - 260, 2009b. Disponível em: <http://www.fw.uri.br/publicacoes/linguaeliteratura/artigos/n17_12.pdf>. Acesso em: 02 maio 2011.

_____. A posição de 'lá' na projeção nominal: contribuições para o mapeamento da estrutura funcional. *Soletras*, São Gonçalo (UERJ), v. 17, p. 52 - 63, 2009c. Disponível em: <<http://www.filologia.org.br/soletras/17sup/05.pdf>>. Acesso em: 05 out. 2009.

_____. 'Lá' no português brasileiro: mapeando a periferia do IP. ENCONTRO NACIONAL DA ASSOCIAÇÃO PORTUGUESA DE LINGUÍSTICA (ENAPL), 26, 2010. *Anais...* Porto: Universidade do Porto, 2011d, p. 1 - 15. (No prelo)

_____. 'Lá' pós-nominal na cartografia do DP: questões sobre especificidade e identificação. *ALFA: Revista de Linguística*, 55 (1), p. 83 - 111, 2011a. Disponível em: <<http://seer.fclar.unesp.br/alfa/article/viewFile/4169/3767>>. Acesso em: 14 jun. 2011.

_____. Post-nominal 'lá' in the DP-structure: a specificity marker. In: CUMMINS, Chris; ELDER, Chi-Hé; GODARD, Thomas; MACLEOD, Morgan; SCHMIDT, Elaine; WALKDEN, George. (Orgs). CAMBRIDGE POSTGRADUATE CONFERENCE IN LANGUAGE RESEARCH, 6, 2010. *Proceedings...* Cambridge: University of Cambridge, 2011b. p. 119 - 131. Disponível em < <http://www.srcf.ucam.org/camling/proceedings.html>>. Acesso em: 26 mai. 2011.

_____. Spec,TopP *versus* Spec,IP: os limites de uma análise de 'lá' como sujeito expletivo. *Letras de Hoje*, Porto Alegre, 45 (4), p. 71 - 78, 2010b. Disponível em: <<http://revistaseletronicas.pucrs.br/fale/ojs/index.php/fale/article/viewFile/6718/6071>>. Acesso em: 29 mar. 2011.

_____. The three left peripheries: bases for a cartographic study of Brazilian Portuguese 'lá'. *Fórum Linguístico* (UFSC), Florianópolis, v. 7, n. 1, p. 1 - 29, 2010c. Disponível em: <<http://periodicos.ufsc.br/index.php/forum/article/view/14119/17099>>. Acesso em: 25 fev. 2011.

_____. *There you go!* Considerações sobre a sintaxe de ‘lá vai’ e ‘lá vem’. CONGRESO INTERNACIONAL DE LA ASOCIACIÓN DE LINGÜÍSTICA Y FILOLOGÍA DE LA AMÉRICA LATINA (ALFAL), 16, 2011. *Actas...* Madri: Universidad de Alcalá de Henares, 2011c. p. 1 - 10. (CD-ROM)

PESCARINI, Diego. ‘Presuppositional’ negation, modality, and the {addresse}. *Padua Working Papers in Linguistics*, n.3. p. 22 - 28. Disponível em: <http://www.maldura.unipd.it/ddlcs/working/PWPL3_pescarini.pdf>. Acesso em: 27 mai. 2011.

PILATI, Eloisa. Explicação dos fatos e apresentação da proposta teórica da tese. In: _____. *Aspectos sintáticos e semânticos das orações com ordem Verbo-Sujeito no português do Brasil*. 2006. 242 f. Tese (Doutorado em Linguística). Brasília: Universidade de Brasília, 2006. Cap. 3, p. 151 - 231.

PLATZACK, Christer; ROSENGREN, Inger. On the subject of imperatives: a minimalist account of the imperative clause. *The Journal of Comparative Germanic Linguistics*, Netherlands, v. 1, n. 2, p. 177 - 224, 1998.

POLETTI, Cecilia. On negation splitting and doubling. In: NORMS WORKSHOP ON NEGATION. Oslo, 2008. 16 p. (*handout*).

POLLOCK, Jean-Yves. Verb movement, universal grammar and the structure of IP. *Linguistic Inquiry*, Massachusetts, n. 20, p. 365 - 424, 1989.

RADFORD, Andrew. *Minimalist syntax: exploring the structure of English*. Cambridge: Cambridge University Press, 2004.

RAMOS, Jânia. A alternância entre “não” e “num” no dialeto mineiro: um caso de mudança lingüística. In: COHEN, Maria Antonieta; RAMOS, Jânia (Orgs). *Dialeto mineiro e outras falas: estudos de variação e mudança lingüística*. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, 2002. p. 155 - 167.

RAPOSO, Eduardo. Apresentação: Da teoria de Princípios e Parâmetros ao Programa Minimalista: algumas ideias-chave. In: CHOMSKY, Noam. *O programa Minimalista*. Tradução de Eduardo Paiva Raposo. Lisboa: Caminho, 1999. p. 15 - 37.

_____. *Teoria da Gramática: a Faculdade da Linguagem*. Caminho: Lisboa, 1992. p. 209 - 216.

RIZZI, Luigi. The fine structure of the left periphery. In: HAEGEMAN, Liliane (Ed.). *Elements of grammar: handbook of generative syntax*. Dordrecht, Boston, London: Kluwer Academic Publishers, 1997, p. 281 - 337.

_____. On the position “Int(errogative)” in the left periphery of the clause. In: CINQUE, Guglielmo; SALVI, Giampaolo (Eds.). *Current studies in Italian syntax: essays offered to Lorenzo Renzi*. Amsterdam: Elsevier, 2001. p. 287 - 296.

ROBERTS, Ian. Curso presencial *Introduction to Minimalism*. Handout do dia 27 de janeiro de 2010, Lecture Block, Sidgwick Site, University of Cambridge. p. 1 - 11.

ROBERTS, Ian; HOLMBERG, Anders. Introduction: parameters in minimalist theory. In: BIBERAUER, Theresa; HOLMBERG, Anders; ROBERTS, Ian; SHEEHAN, Michelle. *Parametric Variation: Null Subjects in Minimalist Theory*. Cambridge University Press: Cambridge, 2010. p. 1-57.

SANCHÉZ LANCIS, Carlos. The Evolutions of The Old Spanish Adverbs *ende* and *y*: A Case of Grammaticalization. *Catalan Working Papers in Linguistics*, Barcelona, v. 9, p. 101-118, 2001.

SCHERRE, Marta; CARDOSO, Daisy; LUNGUINHO, Marcus; SALLES, Heloísa. Reflexões sobre o imperativo em português. *DELTA*, 23: esp., p. 193 - 241, 2007.

SEARLE, John. Os atos de fala e a lingüística recente. In: _____. *Expressão e significado: estudos da teoria dos atos de fala*. Tradução de Ana Cecília Camargo e Ana Luíza Garcia. Martins Fontes: São Paulo, 2002. Cap. 7, p. 251 - 277.

SHEEHAN, Michelle. Null expletives/locatives. In: _____. *The EPP and Null Subjects in Romance*. 2007. 318 fls. Tese (Doutorado em Linguística) - Newcastle University, Newcastle, 2007. p. 234 - 256. Disponível em: <<http://people.pwf.cam.ac.uk/mtb23/NSP/Sheehan%20dissertation.html>>. Acesso em: 13 jul 2010.

SILVA, Gustavo. Teoria dos Atos de Fala. *Cadernos do CNLF* (CiFEFil), v. 1, p. 259-263, 2005. Disponível em: <<http://www.filologia.org.br/viiiifelin/41.htm>>. Acesso em: 31 mar. 11.

SOUZA, LÍlian. *Formas reduzidas de itens negativos no português brasileiro*. 2007. 113 f. Dissertação (Mestrado em Linguística). Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais, 2007.

SVENONIUS, Peter. Introduction. In: _____ (Ed). *Subjects, Expletives and the EPP*. Oxford University Press: Oxford, 2002. p. 3 - 27.

TAVARES, Maria. *Um especificador aí*. *DELTA*, São Paulo, v.17, n.2, p. 209-235, 2001. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-44502001000200002&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 27 mar. 11.

VITRAL, Lorenzo. A negação: teoria da checagem e mudança linguística. *DELTA*, v. 15, n. 1, p. 57 - 84, 1999.